

JOHN POLLOCK

Vida

O APÓSTOLO



JOHN POLLOCK

O

APÓSTOLO



ISBN 85-7367-186-6

Categoria: Biografia

Este livro foi publicado em inglês com o título
The Apostle

© 1969 por John Pollock

© 1989 por Editora Vida

1ª impressão, 1990

2ª impressão, 1991

3ª impressão, 1994

4ª impressão, 1996

5ª impressão, 1998

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Rua Júlio de Castilho, 280
03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (011) 6096-6833

Impresso no Brasil, na Imprensa da Fé

Índice

Prefácio

PRIMEIRA PARTE: SEGURA CASACA E VIRA-CASACA

Mapa: Primeiras Viagens de Paulo

1. Da Terra das Tendas Negras
2. Estêvão
3. A Estrada de Damasco
4. Um Homem Surpreso
5. Arábia e Além
6. Os Anos Ocultos

SEGUNDA PARTE: SEMPRE UM POUCO MAIS LONGE

Mapa: Primeira Grande Viagem

7. A Nova Era
8. A Ilha de Afrodite
9. Entrando na Galácia
10. Progresso e Perseguição
11. Apedrejado
12. "Resisti-lhe face a face"
13. Prezados Idiotas da Galácia
14. Novo Começo
15. Por Toda a Europa
16. Chicoteado em Filipos
17. Expulso de Tessalônica
18. O Fugitivo
19. Riso em Atenas

TERCEIRA PARTE: UM APÓSTOLO NÃO ARROGANTE

Mapa: Segunda Viagem Missionária

20. A Cidade de Amor Incontido
21. A Casa de Gaio
22. A Decisão de Gálio
23. Ataque em Éfeso
24. O Nome
25. A Carta Mais Feliz
26. "O Maior Destes. . ."
27. Aflição na Ásia
28. Um Tratado Para Roma

QUARTA PARTE: NA ESTRADA ÓSTIA

Mapa: Terceira e Quarta Viagens

29. Encarando o Futuro
30. Motim em Jerusalém
31. A Câmara de Torturas
32. Rei, Rainha e Governador
33. O Naufrágio
34. A Capital do Mundo
35. Os Anos de Liberdade
36. Nenhum Tipo de Morte

Notas

Contracapa

Prefácio

Uma das figuras mais mencionadas na história, cujos escritos são lidos por milhões todos os dias, é pouco conhecida, como pessoa, desta geração. O nome do apóstolo Paulo é conhecido de todos os cristãos, da maioria dos judeus e dos muçulmanos; é citado, argumentado, atacado e defendido. Contudo, até mesmo aqueles que regularmente lêem as suas aventuras, têm uma ideia pequena de qual era a aparência dele — como eu mesmo descobri quando meu editor sugeriu que eu escrevesse a vida de Paulo.

Assim, achei que não seria impertinência de um biógrafo que tem tido a imensa satisfação de se aproximar daqueles a respeito dos quais tem escrito e tratar a Paulo da mesma maneira que tratei a outras biografias: aceitar o Novo Testamento como havia aceitado as caixas de cartas e documentos que compunham o material informativo dos meus outros assuntos, usá-los do mesmo modo, e ver o que aconteceria. O biógrafo adquire uma espécie de instinto, e não foi preciso muito tempo para que me atingisse a credibilidade inescapável, a pessoa genuína que emergia dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas, como um todo. Um personagem convincente, com uma história totalmente crível, embora espantosa, começava a me controlar e descobri cada vez mais emoção na aproximação do coração do homem. Conheço a Bíblia desde a infância. Mas agora eu via a Paulo como que pela primeira vez: seus motivos, alvos e prioridades; o que lhe era importante e o que lhe era indiferente; sua atitude para com os erros no momento em que os reconhecia. E aquilo pelo qual ele estava disposto a dar a vida.

Comecei a compreender a visão que seus contemporâneos tinham dele. Desde então tem existido muitas opiniões. Nietzsche chamou-o de "um dos homens mais ambiciosos, cuja superstição só foi igualada por sua astúcia; um homem muito torturado e do qual se deve ter muita pena, uma pessoa extremamente desagradável a si mesma e aos outros". Farrar retratou-o como altamente superior, desdenhando as fraquezas mortais acima das paixões ordinárias, um santo em frio mármore. Basil Mathews transformou-o em um crente musculoso, um herói infantil. Nenhum desses Paulos, nem *O Apóstolo* do excelente romance de Sholem Asch, se parecia com o homem a quem eu começava a conhecer.

Como todos aqueles que decidem escrever sobre o apóstolo Paulo, examinei o volume sempre crescente dos livros eruditos a seu respeito e acerca da sua formação, mas uma vez que escrevo para os leitores médios, não deixei que a narrativa se pesasse com os argumentos que me levaram às conclusões tiradas dessa leitura. Quanto às lacunas na vida de Paulo, procurei não introduzir nada que não pudesse ser deduzido da evidência, e meu alvo foi a inferência em vez da conjetura. Há muita diferença entre inferência e conjetura, e a imaginação não deve vaguear a expensas da autenticidade.

Paulo viveu cerca de sessenta e seis gerações atrás — um passado duas vezes mais distante do que a Conquista dos Normandos. Mais do que nunca, ele possui um interesse atual. Teólogos radicais recentes têm atraído a atenção da imprensa popular por serem emocionantes. Paulo é muito mais radical e emocionante. Quero tornar a ele e a sua espantosa história refrescantemente vivos àqueles para quem ele não passa de um homem que escreveu o "Capítulo do Amor"; e para aqueles que o lêem com frequência, quer sejam protestantes, católicos, ortodoxos, quer judeus, por quem ele teve um amor tão inquebrantável.

Ao terminar de escrever, senti-me um tanto como se estivesse me aproximando do cume de uma alta montanha. Percebemos outras estradas, percebemos quão pouco conhecemos do terreno. No topo temos uma grande vista — da montanha e do mundo que a cerca.

Mas não atingi o cume. Logo abaixo do topo há fendas intransponíveis. Homem algum hoje na terra tem a mesma vista que Paulo teve.

Rose Ash, Devonshire
John Pollock

PRIMEIRA PARTE

*Segura Casaca e
Vira-Casaca*



Capítulo 1

Da Terra das Tendas Negras

Os juízes saltaram dos seus assentos, uivando de raiva.

O Corredor das Pedras Polidas, cenário de graves debates e julgamentos históricos, reverberava com o rugir da multidão em cuja mente rodopiava o linchamento. Não se contendo, a multidão invadiu o recinto, lançou mão do jovem réu e arrastou-o ao Pátio dos Sacerdotes, banhado por forte luz solar. Descendo mais degraus através desse largo espaço aberto e atravessando pátio após pátio, a enlouquecida multidão que crescia com transeuntes, adoradores e comerciantes empurrou a Estêvão para fora do templo e pelas ruas da Cidade Santa.

Ele não fora condenado à morte, e ainda que tivesse sido, a sentença não poderia ser executada sem a confirmação das autoridades romanas. Embora a pena de morte devesse ser precedida de solene ritual que assegurasse justiça até o fim, não era esse o processo que ia na mente dos juízes e da turba. Saíram pela porta norte rumo à Rocha da Execução, "duas vezes a altura de um homem". Ao chegar a esse local, deveriam solenemente despir o réu e em seguida atirá-lo abaixo a fim de lhe quebrar o pescoço ou, pelo menos, deixá-lo fora de si, para que a morte por apedrejamento não fosse tão dolorosa. Em vez disso, empurraram a Estêvão assim como estava. A roupa amor-teceu-lhe a queda e ele se levantou tonto, mas totalmente consciente.

A multidão, com o choque, voltou às formalidades legais. Como num apedrejamento judicial os acusadores deviam lançar as primeiras pedras, estes foram à frente, tiraram as capas e, olhando ao redor, procuravam alguém que as guardasse. Um jovem advogado, esbaforido da corrida pelas ruas da cidade, deu um passo à frente. Reconheceram nele um fariseu da Cilícia, na Ásia Menor, por nome Saulo entre os judeus e Paulo entre os gregos e os romanos.

Paulo dava sua aprovação à medida que cada testemunha apanhava uma pedra, erguia-a acima da cabeça e a atirava para ferir e aleijar o homem lá embaixo. Então Paulo ouviu a voz de Estêvão. Em dor, mas com clareza, ele falava como se a alguém invisível, mas próximo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito".

Choveram as pedras enquanto a multidão se apressava a completar o que as testemunhas haviam iniciado. O sangue esguichava dos cortes e ferimentos de Estêvão. Tentando dominar a dor, ele se ajoelhou em oração. Paulo não podia deixar de ouvir as palavras que saíam com volume espantoso de alguém a morrer: "Senhor, não lhes imputes este pecado."

A próxima pedra tombou-o ao chão. O mártir perdera a consciência. A multidão continuou a apedrejá-lo.

Paulo nasceu numa cidade situada entre as montanhas e o mar. É provável que o ano tenha sido 1 d.C, mas os detalhes originais do local do seu nascimento são escassos. A indicá-lo, temos a reivindicação do próprio apóstolo: "Eu sou judeu de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia. . . Da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus".

Tarso era a principal cidade da fértil planície da Cilícia, no extremo Sudoeste da Ásia Menor. O mar distava dezenove quilômetros, ao sul. As montanhas do Tauro curvavam-se num grande arco cerca de 40 quilômetros para o interior, aproxi-mando-se do mar no lado oeste e marcando ao norte gargantas e penhascos que se elevavam como fortalezas diante das ne-vascas. Um panorama magnífico para a infância, especialmente no inverno, quando os picos sem nuvens eram recobertos de neve branca e suave.

O rio Cnido, estreito, rápido e de águas muito claras, a não ser quando chovia nas montanhas, atravessava a cidade e ia cair no porto artificial, obra-prima da engenharia do mundo antigo. Aí Cleópatra, uns 40 anos antes do nascimento de Paulo, aportara a fim de se encontrar com Antônio. Tarso se admirara dos remos de prata, de uma chalupa de ouro batido e de velas cor de púrpura "tão perfumadas que os ventos por elas se apaixonaram". Na primavera, quando a navegação recomeçava e nas passagens das montanhas a neve se derretia, os escravos descarregavam mercadorias vindas do Oriente. A cidade se enchia de ruídos, aromas e sinais de prosperidade. As caravanas rumo ao norte, depois de passarem pelos portões da Cilícia — uma brecha na rocha de cerca de três metros de largura, e que era outra antiga maravilha da antiga engenharia de Tarso — seguiam a estrada romana que transpunha as montanhas.

Tarso era uma fusão de civilizações em paz sob o governo de Roma: cilicianos nativos e hititas cujos ancestrais haviam dominado a Ásia Menor; gregos de pele clara; assírios e persas, e macedônios que vieram com Alexandre, o Grande, em sua marcha contra a Índia. Depois de formado o império de Alexandre, quando Tarso se tornou parte do reino dos selêucidas que governaram da Síria, Antíoco IV, por volta de 170 a.C, introduziu na cidade uma colônia de judeus. Estes, além de direitos e privilégios, possuíam a determinação de nunca dar seus filhos em casamento aos que não pertencessem à sua fé e ao seu sangue, aos quais chamavam de gentios, "nações" ou "gregos". É provável que os ancestrais de Paulo estivessem entre esses judeus que, por sua vez, devem ter saído da obscura cidade de Giscala, na Galileia.

É possível que o pai de Paulo tenha sido um mestre na arte de fabricar tendas, e trabalhasse, como os outros artesãos, em couro e *cilicium*. O pano era tecido dos longos pêlos de bodes pretos que pastavam, como ainda hoje o fazem, nas encostas do Tauro. As tendas negras de Tarso eram usadas por caravanas, nômades e exércitos provenientes de toda a Ásia Menor e da Síria.

Da mãe de Paulo nada se sabe. Ele jamais a menciona, talvez por haver ela falecido quando ele era criança ou por alguma outra causa. Ou simplesmente porque não teve a oportunidade de mencioná-la. Ele tinha pelo menos uma irmã. Nasceram num lar rico — seu pai era um cidadão ou burguês de Tarso, e numa reforma quinze anos antes a classe de cidadão havia sido removida de todas as famílias que não possuísem certa fortuna ou propriedades consideráveis. Além disso, a família detinha a cobiçada posição de cidadania romana. Nessa época o *civis ro-manus* era raramente concedido, a não ser por causa de serviços prestados ou por bom dinheiro. Quer o avô de Paulo tenha ajudado a Pompeu ou a Cícero quando Roma era governada pela Cilícia, quer seu pai houvesse comprado a cidadania, essa posição conferia distinção local e privilégios hereditários, os quais cada membro podia reivindicar onde quer que se encontrasse em todo o império.

Significava também que Paulo possuía um nome latino completo composto de três palavras (por exemplo: Gaius Julius Caesar). As duas primeiras eram nomes comuns a todas as famílias (no caso de César, Gaius Julius). Estas, porém, se perderam com o tempo, pois a história da vida de Paulo foi escrita pela primeira vez por um seu colega grego. E grego nenhum conseguia entender os nomes latinos. O terceiro nome, chamado *cognomen*, era Paulus. Por ocasião do ritual da circuncisão, no oitavo dia de vida, ele também havia recebido um nome judaico: "Saul". Este foi escolhido ou por causa do seu significado, "pedido", ou em honra do benjamita mais famoso de toda a história, o rei Saul.

Saulo era o nome usado em casa, ressaltando que a herança judaica lhe era a coisa mais importante nos seus primeiros anos. Os gentios estavam em toda a parte, as colunas dos templos pagãos dominavam o mercado. Atenas e Roma, Babilônia e Nínive haviam combinado fundar a cidade de Tarso, e Paulo, sabendo ou não, era filho desse mundo helênico-oriental. Embora a perspectiva grega da vida influenciasse muitos judeus por todo o Mediterrâneo, essa influência parecia remota na juventude de Paulo em virtude de seus pais serem fariseus, membros do partido judaico nacionalista mais fervoroso e mais estrito em sua obediência à lei

de Moisés.

Esses fariseus procuravam proteger seus filhos da contaminação. Desestimulavam a amizade com crianças gentias. Desprezavam as ideias gregas. Embora Paulo, desde a infância, falasse grego, a *língua franca* de então, e tivesse conhecimento de latim, em casa a família falava o aramaico, a língua da Judeia, derivada do hebraico.

Consideravam Jerusalém como hoje o islã considera Meca. Seus privilégios de pessoas livres e de cidadãos romanos nada eram diante da honra de serem israelitas, o povo da promessa, o único povo a quem o Deus vivo havia revelado sua glória e seus planos.

A escola anexa à sinagoga de Tarso não ensinava nada mais que o texto hebraico da sagrada lei. Cada aluno a repetia em coro com o guardador da sinagoga, o *hazzan*, até que as vogais, o acento e o ritmo se tornassem precisos. Paulo aprendeu a escrever os caracteres hebraicos em papiro e, desta forma, pouco a pouco formou seus próprios rolos das Escrituras. É provável que seu pai o tenha presenteado com outro conjunto de rolos em velo: a tradução grega do Antigo Testamento conhecida como Septuaginta, lida aos sábados nas sinagogas. Aos treze anos de idade, Paulo já havia dominado a história judaica, a poesia dos salmos e a majestosa literatura dos profetas. Com seu ouvido treinado até à exatidão e seu cérebro rápido, ele podia reter o que ouvia tão instantânea e fielmente quanto uma mente fotográfica moderna pode reter a página impressa. Ele estava preparado para a escola superior.

Tarso tinha sua própria universidade, tornada famosa por causa de estudantes locais como Athenodorus, tutor e confidente do imperador Augusto, e o igualmente eminente Nestor. Esses ilustres mestres, em sua velhice, haviam retornado a Tarso e eram cidadãos honrados na infância de Paulo. Mas um fariseu severo não deixava seu filho enredar-se pela filosofia moral pagã. Assim, é provável que no ano em que Augusto morreu, 14 d.C, Paulo, ainda adolescente, tenha sido enviado, por mar, à Palestina, e tenha subido os montes na direção de Jerusalém.

Durante os seguintes seis anos ele se sentou aos pés de Ga-maliel, neto do mestre supremo Hillel que, alguns anos antes, falecera com mais de cem anos de idade. Sob o frágil e gentil Gamaliel, em contraste com os líderes da escola rival de Shamaí, Paulo aprendeu a dissecar um texto até revelar dezenas de possíveis significados. Gerações de rabis haviam obscurecido o sentido original mediante o acréscimo de camadas de tradição, todas com o fim de proteger o israelita da menor quebra da lei e, illogicamente, ajudá-lo a evitar as suas inconveniências. Paulo aprendeu a debater no estilo pergunta-e-resposta, conhecido no mundo antigo como "diatribe". Aprendeu também a fazer uma exposição, pois o rabi, além de advogado de acusação ou de defesa dos que quebravam a lei sagrada, era também pregador.

Paulo excedeu a seus contemporâneos. Sua mente poderosa poderia levá-lo a ocupar um lugar no Sinédrio, no Corredor das Pedras Polidas, e torná-lo um "governador dos judeus". Por ser o estado judaico uma teocracia em que as mesmas pessoas exerciam funções religiosas e civis, os setenta e um membros do Sinédrio eram igualmente juízes, senadores e mestres espirituais. O tribunal tomava decisões supremas em todos os assuntos religiosos e dentro da pequena liberdade de se governarem a si mesmos permitida pelo romanos. Alguns dos membros do tribunal procediam do sacerdócio hereditário. Outros eram advogados e rabis.

Antes de chegar a ser mestre em Israel, Paulo teve de aprender uma profissão, como todos os judeus, porque, em teoria, nenhum rabi recebia pagamento, mas sustentava-se a si mesmo. Portanto, Paulo deixou Jerusalém no início dos seus vinte anos. Tivesse ele permanecido aí durante o ministério de Jesus de Nazaré, certamente teria argumentado com ele, à semelhança dos outros fariseus. Nos anos posteriores ele se referiu com frequência à morte de Jesus por crucificação, mas jamais confessou-se sua testemunha ocular.¹

É provável que Paulo tenha retornado a Tarso e trabalhado no negócio da família, a fabricação de tendas, seguindo sua antiga rotina: inverno e primavera em Tarso, e quando a planície ficava quente e doentia, ele se dirigia à cidade de veraneio nas encostas do Tauro. Em

Tarso ele teria ensinado na sinagoga. Uma de suas cartas sugere que ele tinha forte inclinação missionária. Onde quer que os judeus adoravam, os simpatizantes gentios eram admitidos como "tementes a Deus". Fariseus como Paulo instavam a que os tementes a Deus se fizessem prosélitos, judeus completos: deviam submeter-se ao simples mas doloroso ritual da circuncisão, e então honrar as exigências cerimoniais e pessoais da lei em todo o seu rigor. O fardo podia ser pesado, mas a recompensa era grande, pois ganhariam o favor de Deus.

Era natural que o pai de Paulo se deleitasse nesse filho que lhe havia seguido os passos de fariseu, e que possuía força intelectual capaz de o elevar aos mais importantes cargos em Israel.²

Logo depois de seu trigésimo aniversário Paulo voltou a Jerusalém — com ou sem uma esposa. É quase certo que ele se tenha casado. Os judeus raramente permaneciam solteiros, e a paternidade era um dos requisitos dos candidatos ao Sinédrio. Entretanto, a sua esposa jamais entra na história. Talvez ele tenha perdido não somente a esposa, mas também um filho único, pois nos anos subsequentes ele se mostrou impaciente com o gênero feminino, embora individualmente tratasse com gentileza as mulheres e tivesse grande compreensão do casamento. Estes fatos negam que ele tenha sido misógamo. Além disso, ele praticamente adotou um jovem como se desejasse substituir o filho.

É bem provável que sua esposa e família tenham voltado com ele. Em Jerusalém, podiam desincumbir-se das obrigações mais complicadas e mais dignas da lei, e demonstrar zelo onde este seria notado. Paulo também podia combater o movimento lançado por Jesus de Nazaré. Tarso deve ter recebido ecos dos ensinamentos e das reivindicações do novo profeta e dos estranhos relatos de milagres, e até mesmo da notícia de que ele havia ressurgido dentre os mortos.

Capítulo 2

Estêvão

Comparada aos terraços de mármore e de ouro do Templo, a sinagoga de Jerusalém, à qual assistiam os judeus da Cilícia, era pequena, austera e fria, apesar do sol de verão. Os homens se assentavam em bancos de pedra dispostos ao longo das paredes, sob as colunas de apoio às galerias das mulheres. Os anciãos ficavam de frente para a congregação. Perto deles, ao lado do candelabro de sete velas e da arca coberta por um véu e contendo os rolos da lei, estava a pequena plataforma. Aqui os convidados dos anciãos liam a Lei em voz alta e a explicavam. Paulo aceitava o convite para falar nas sinagogas como coisa muito normal.

Mas como em Jerusalém não faltavam candidatos, o apóstolo tinha de ouvir mais do que falar. Um daqueles a quem ele ouviu era discípulo de Jesus.

É provável que Estêvão e Paulo tivessem quase a mesma idade. A palavra grega traduzida por "jovem", com a qual o historiador Lucas introduz o apóstolo, indica pessoa do sexo masculino entre a juventude e os quarenta anos de idade. Desconhecemos o local do nascimento de Estêvão. Sabemos, porém, que ele falava o grego tão fluentemente quanto o aramaico. Ambos os homens eram ágeis pensadores, possuíam mentes poderosas e amavam a controvérsia. Não nos resta nenhuma tradição referente ao porte físico de Estêvão.

Segundo se acredita, Paulo era baixo; seu porte, porém, era tal que ele sobressaía em qualquer multidão. Possuía rosto um tanto oval e sobrancelhas cerradas. Por causa da boa vida que levava, talvez fosse gordo. Ele devia usar barbas, já que os judeus desprezavam o costume romano de se barbear. E sua barba preta juntamente com seu vestuário de bainha azul, mais o talismã preso a um turbante, mostravam seu orgulho de ser fariseu. Ao andar pelos pátios do Templo ele revelava a arrogância inevitável de um homem cujos ancestrais e ações o tornaram importante. Ele praticava fielmente o interminável ciclo de purificações rituais de pratos e xícaras e de sua própria pessoa. Ele guardava os jejuns semanais — entre o nascer e o pôr-do-sol — e repetia as orações diárias na progressão e número exatos. Ele sabia o que lhe era devido: saudações respeitadas, grande precedência, lugar proeminente na sinagoga.

A carreira legal e a preparação para o céu consumiam-lhe os dias. Não lhe sobrava tempo para os pobres, aleijados e desprezados da sociedade. Bem no fundo do seu caráter corria um veio de compaixão, mas ele acreditava que os bons deviam man-ter-se à distância dos maus. Paulo teria apoiado o fariseu que, vendo Jesus permitir que uma prostituta lhe lavasse os pés com as lágrimas e os ungesse com bálsamo, achava ser isto prova de que o homem não podia ser profeta. O quadro imortal que Jesus pintou do fariseu e do publicano (coletor de impostos) orando no Templo, ter-se-ia ajustado a Paulo. Como aquele fariseu, Paulo estava seguro de merecer o favor de Deus. Ele desprezava os outros e podia ter orado, como aquele, dizendo: "Deus, agradeço-te não ser como os outros homens, extorsionários, injustos, adúlteros ou até mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana, dou o dízimo de tudo o que possuo."

Estêvão, por outro lado, passava grande parte do seu tempo distribuindo alimento e víveres às viúvas.

Nos dois anos seguintes à execução de Jesus, a cidade santa se enchera daqueles que acreditavam que Jesus ressurgira dentre os mortos. A maioria era pobre e humilde. Muitos viviam em grupos comuns e todos partilhavam os seus recursos. Quando os discípulos de fala grega reclamaram que suas viúvas estavam sendo negligenciadas, Estêvão e seis outros foram escolhidos para fazer a distribuição rotineira.

Paulo perturbava-se pelo fato de um homem do calibre acadêmico de Estêvão se rebaixar a preocupações sociais, e se irritava porque, enquanto seus próprios assuntos o absorviam, Estêvão andava ao redor distribuindo felicidade. Os homens respeitavam a Paulo, mas o temiam; respeitavam a Estêvão, e o amavam. Quando Estêvão pregava Paulo não podia deixar de perceber o abismo entre eles: Estêvão sempre levava as Escrituras na direção de Jesus de Nazaré como libertador ou Messias (ou Cristo, quando Estêvão usava a palavra grega), a quem todos os judeus aguardavam. Além disso, provava a sua mensagem citando a evidência de testemunhas oculares. Por mais incrível que parecesse, o cadáver tinha voltado à vida e saído do sepulcro. Eles haviam falado com Jesus em lugares diferentes nas seis semanas que se seguiram à sua execução. Estêvão não dizia ser testemunha ocular, mas tinha certeza de que Jesus estava vivo e afirmava tê-lo visto.

Paulo achava tolos os argumentos de Estêvão. O Cristo ainda não tinha vindo, e o caminho para Deus estava fixado para sempre: era preciso que o homem pertencesse à nação judaica, o povo escolhido de Deus, e tentasse obedecer a todos os detalhes da Lei. Quando pecasse, o perdão dependeria da matança ritual de animais dia após dia, ano após ano no Templo. Paulo não podia engolir a ideia apresentada por Estêvão de que a morte de um jovem, mediante uma forma de punição comum e degradante, pudesse apagar pecados. Quanto à alegada ressurreição, ele tinha pena daqueles que estreitavam sua vida seguindo após um Messias morto.

Conhecendo a sua própria bondade, ele não tinha nenhuma preocupação pessoal. Reconhecia, porém, que as ideias de Estêvão eram perigosas. Gamaliel aconselhara tolerância; Simão e os outros discípulos de Jesus adoravam no Templo e continuavam a obedecer à Lei. Mas Paulo via, assim como Estêvão, que o antigo e o novo eram incompatíveis. O homem era salvo ou pelo sacrifício do Templo em obediência à Lei, ou pela fé em Jesus. O antigo deve destruir o novo ou por ele ser destruído.

Paulo dedicou-se a demolir o argumento de Estêvão através do método clássico da disputa pública. Os bancos da sinagoga estavam repletos; os graves anciãos ouviam.

Paulo e os que o apoiavam argumentavam com base na lei. Já que Jesus fora pregado num madeiro, ele devia ter morrido sob a maldição de Deus e não podia ser o Cristo. Paulo se desfez da ressurreição usando a explicação aceita: os discípulos roubaram o corpo. A alternativa de que a ressurreição era um símbolo ou mito pelo qual os crentes expressavam a sobrevivência espiritual e o triunfo de Jesus,³ não lhe entrava na cabeça. O túmulo estava vazio. Tivessem as autoridades judaicas tido conhecimento de que o corpo de Jesus se encontrava no sepulcro, teriam-no retirado e exposto a fraude.

Estêvão, em resposta, mostrou que Moisés e os profetas, Davi e os salmos predisseram que o Cristo, quando viesse, não se apresentaria como um conquistador, mas permitiria ser ferido, zombado e assassinado; e que se levantaria dentre os mortos. Estêvão contou de novo a história daquela Páscoa de dois anos antes, por ocasião da morte de Jesus, e terminou, uma vez mais, citando a evidência ocular de que Jesus fora visto vivo depois da morte.

Estêvão ganhou o debate. A congregação votou-lhe as honras, e alguns perguntaram como se podiam tornar crentes em Jesus. Possivelmente nessa ocasião Paulo e seus amigos tiveram, pela primeira vez, a sensação de que não lutavam apenas contra Estêvão, mas também contra uma força que não podiam entender. Diz Lucas: "Não podiam suportar a sabedoria e o espírito com que ele falava."

A reação de Paulo à derrota, a julgar pelas reminiscências espalhadas em suas cartas, foi muito parecida com a dos fariseus aos quais Jesus repreendeu: "Começaram a pressioná-lo a fim de provocá-lo a falar muitas coisas, tentando apanhá-lo em algo que ele dissesse." Paulo fez o oposto do conselho que, na velhice, teria dado: "O servo do Senhor não deve ser briguento, mas amável a todos, corrigindo seus oponentes com gentileza". E perseguiu a Estêvão com espírito de vingança, levantando inimizade, dissensão e inveja, insultando a Jesus. Paulo não poupou seu temperamento impetuoso nem seu sarcasmo, componentes

fortes do seu caráter. Estêvão não retaliou. As qualidades dele das quais os homens se lembravam eram força e encanto; ele podia demonstrar indignação e desprezo, mas os guardava para uso mais positivo.

O partido de Paulo tinha arma mais forte que o insulto. Se pudessem torcer as palavras de Estêvão, fazendo-as parecer blasfêmia, poderiam silenciá-lo para sempre, mediante processo legal. Deram início a esse processo. E o próprio Paulo, anos mais tarde, sofreria com a mesma estratégia que usaram — tortuosa e indireta. Não foram à casa do sumo sacerdote fazer uma reclamação formal. Em vez disso, houve muito movimento nas vielas mais estreitas da cidade. Logo depois, incidentes aparentemente espontâneos expuseram as atividades de Estêvão aos olhos do público. Suas reuniões foram violentamente interrompidas até que anciãos e escribas, os quais não haviam ainda encontrado tempo para ouvi-lo, descobriram que era urgente suprimi-lo.

Levaram guardas do Templo, prenderam-no e o conduziram à presença do Sinédrio enquanto Paulo e seus colegas cilicianos permaneceram nos bastidores.

Os setenta e um juízes se assentavam em grandes bancos que se curvavam em ambos os lados do lugar do Presidente, na Sala das Pedras Polidas. Em cada ponta, um secretário escrevia em papiro, tentando seguir o discurso de Estêvão. De frente para os juízes e atrás do prisioneiro estavam os servos do tribunal, os advogados, os mestres e os candidatos ao Sinédrio.

Paulo se encontrava sentado em seu meio, tendo a atenção tomada pelas palavras do oponente. Estêvão tinha como que enfeitiçado o tribunal, desde o Presidente, em seu manto de sumo sacerdote e peitoral de jóias, até ao mais jovem advogado. A atenção deles estava presa à expressão do rosto de Estêvão, uma mistura de serenidade e autoridade incomuns num homem cuja vida estava em julgamento, e à compreensão que ele demonstrava da história judaica enquanto entregava, impro-visedamente, uma análise de mestre em resposta às acusações que lhe haviam sido feitas. Paulo jamais se esqueceu do tema daquele discurso, e o usaria em circunstâncias muito diferentes numa terra distante. Uma frase, "o Altíssimo não habita em lugar feito por mãos de homens", gravou-se de tal modo na sua memória que emergiu bem mais tarde quando ele falava abaixo do Partenon em Atenas.

Continuando Estêvão a falar, o ambiente mudou. A admiração deu lugar à perturbação. Recordações incômodas saídas de outro julgamento no mesmo salão dois anos antes, e do corpo executado que não fora encontrado. De súbito Estêvão percebeu que seus juízes não o ouviriam até o fim. Lançando a cautela aos ventos, ele os acusou na cara de hipócritas obstinados e de traidores e assassinos de seu Messias.

Os eruditos juízes rosaram furiosos. A reação do prisioneiro foi igualmente espantosa. Ignorou a ira deles. Levantou a cabeça e fixou os olhos acima e além deles. Eles mal podiam acreditar no que ouviam quando esse jovem entusiasta a quem procuravam condenar por blasfêmia clamou ver a Deus, e que no lugar de honra ao seu lado estava "o Filho do homem" — expressão que todos sabiam referir-se ao falecido Jesus de Nazaré.

Assim teve início a pressa adoidada que culminou com um cadáver arrojado numa poça de sangue abaixo da Rocha da Execução. Não foi por acaso que as testemunhas lançaram suas vestes "aos pés de um jovem chamado Saulo". Conheciam a responsabilidade dele. Ele, porém, não atirou uma única pedra. Ele observava e aprovava — e ouviu Estêvão clamar: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" "Senhor, não lhes imputes este pecado." E a ágil mente de Paulo viu e repudiou a essência dessa oração. "Senhor, não lhes imputes este pecado", significava, no ensino de Estêvão: "Senhor, tomaste sobre ti mesmo o pecado deles. Que eles creiam em ti, que te conheçam e que te amem."

Durante o restante do verão em que Estêvão foi morto (provavelmente 31 d.C.) e por todo o inverno seguinte as autoridades judaicas, tendo Paulo como principal agente, deram início a uma repressão sistemática.

Ele atacou como um animal, rasgando sua presa. Não era a triste eficiência de um

oficial obedecendo a ordens desagradáveis. Seu coração, bem como sua mente, estavam engajados com a precisão de um inquisidor que desmascara a traição. Seu ímpeto chegou ao ponto de reduzir uma comunidade vigorosa de âmbito urbano à impotência e pôr seus líderes em fuga ou em esconderijos. Ele foi de casa em casa. Então realizou interrogatórios nas sinagogas durante as reuniões. Todo suspeito, homem ou mulher, tinha de se pôr de pé na presença dos anciãos enquanto Paulo, como representante do sumo sacerdote, lhes ordenava que amaldiçoassem a Jesus. Se se recusassem, seriam formalmente acusados, mas tinham o direito antigo de usar em sua defesa a fórmula: "Tenho algo a argumentar em favor de minha absolvição."

Assim, Paulo ouviu as histórias e as crenças de muitos daqueles que chamavam a Jesus de "Senhor". Muitos haviam estado com Jesus em Jerusalém ou tinham ido à Galileia a fim de encontrá-lo, e estes repetiam as suas palavras. Repetidamente, as mesmas frases, as mesmas parábolas eram apresentadas ao tribunal da sinagoga. Paulo não se surpreendia com a exatidão dessas histórias, uma vez que todos os rabis insistiam em que seus discípulos aprendessem os seus ditos com perfeição, até mesmo reproduzindo a tonalidade de sua voz. E os ditos, quer Paulo desejasse quer não, foram imediatamente armazenados na biblioteca em expansão de seu arguto cérebro.⁴

Alguns dos nazarenos defendiam sua devoção relatando a influência de Jesus sobre seus corpos, como o cego de nascença a quem o Senhor curara, que teria respondido a Paulo de modo tão insolente quanto respondera aos indignados fariseus depois do milagre. Alguns tinham visto Jesus cambalear na direção do Gólgota e tinham-no observado morrer. Muitos insistiam tê-lo visto vivo depois de morto, não como fantasma, mas real — a despeito da surra que lhe havia arrancado a pele e desnudado as costas, e o choque, a exaustão e a exposição à crucificação romana com seu término inevitável por sufocação, se a morte não chegasse primeiro. A maioria dos acusados, contudo, não reivindicava ser testemunhas oculares, mas convertidos daqueles que o eram, particularmente de Simão chamado Pedro ou "Pedra".

Veza após veza, um discípulo tímido e sem grande influência, de educação medíocre e sem graças sociais, era atirado na presença do tribunal. Depois de algumas frases o homem se transformava: começava a falar claramente, com firme convicção. Era quase como se alguém lhe estivesse dizendo o que falar.

Alguns presos afirmavam que certamente alguém lhes dizia o que falar. Esquecidos da ira de Paulo, tiravam oportunas citações dos incontáveis ditos de Jesus, os quais haviam decorado: "Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e as autoridades, não vos preocupeis quanto ao modo por que respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de falar. Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer." "Este será um tempo de dar--lhes testemunho. . . Dar-vos-ei uma boca de sabedoria, a que nenhum dos vossos adversários será capaz de resistir ou contradizer."

Paulo podia rir-se disso.

Atirou-os nos calabouços. Um ou dois talvez tenham sido apedrejados. Paulo parece sugerir tal coisa ("Quando eram mortos, eu dava o meu voto contra eles"), mas os romanos limitavam estritamente os direitos judaicos à pena capital. A maioria era punida por meio de espancamento público, as "quarenta chicotadas menos uma" que não eram nada agradáveis para os de estômago fraco. A coragem de alguns desmoronava. Prestes a ser chicoteados, ou depois de algumas pancadas, ou quando forçados a observar a tortura da esposa ou do marido, gritavam a maldição contra Jesus, como Paulo exigia.

Ele permanecia impassível enquanto homens e mulheres saíam cambaleando com as costas inchadas e ensanguentadas. Ele permanecia igualmente impassível com a recusa de homens em ser humilhados por causa de uma surra na presença dos seus vizinhos. Diz-se que os judeus espancados na sinagoga quase morriam de vergonha, mas estes pareciam contentes, e alguns diziam estar orando por aqueles que os maltratavam e perseguiam.

Para o final do inverno chegaram notícias de que os seguidores de Jesus fugidos de

Jerusalém não se deixaram intimidar, mas propagavam as suas doutrinas aonde quer que fossem — em Samaria, com êxito impressionante, e no Norte, na direção de Damasco; no país dos fenícios além das montanhas do Líbano, e até mesmo no além-mar. Paulo foi furioso à presença do sumo sacerdote. "Respirando ainda ameaças e morte" como descreve o seu primeiro biógrafo, ele pediu cartas para as sinagogas, autorizando-o a prender homens e mulheres que seguissem o "caminho" e trazê-los amarrados para Jerusalém.

Como primeiro objetivo, ele sugeriu Damasco. Embora a disciplina do Sinédrio se estendesse aos judeus de todos os lugares, os romanos não gostavam de perturbações. Mas Damasco, embora cidade romana, possuía duas grandes comunidades que contavam com certa medida de autogoverno: os árabes leais ao rei nabateu que vivia em sua capital de rocha em Petra, e os judeus. É provável que Paulo pretendesse perseguir e castigar os cristãos da Fenícia e depois os de Antioquia, a grande capital romana da Síria. Ele tinha toda uma vida pela frente.

Ele partiu na primavera, assim que as viagens tiveram início, à primeira luz da manhã, sob a forte luminosidade dos montes da Judeia. Deve ter ido de jumento ou, de acordo com a imaginação de Miquelângelo, a cavalo, embora o pequeno bando pudesse ter levado um camelo para carregar a bagagem. Teriam passado perto do local em que Estêvão fora assassinado. Se tomaram a estrada que atravessava Samaria, passaram por montes pedregosos acarpetados de variadas flores primaveris, e no segundo dia tiveram um breve vislumbre das neves distantes do monte Hermom que domina a estrada para Damasco. No quarto ou no quinto dia chegaram ao mar da Galileia onde as próprias pedras das encostas clamavam. O local estava tão repleto de recordações de Jesus que ninguém podia passar por estas paragens sem ser intimamente tocado. Paulo teria encontrado aqui mais pessoas do que em Jerusalém as quais juravam ter visto a Jesus vivo de novo, com cicatrizes nas mãos e nos pés.

Paulo atravessou o Jordão usando a ponte romana e subiu as escarpas desnudas onde, séculos mais tarde, as armas sírias bombardeariam os *kibbutzim* judaicos até que aquelas fossem destruídas na Guerra dos Seis Dias. Agora ele tinha conhecimento do que Jesus havia feito e dito, até mesmo da tonalidade da sua voz, da sua aparência e caráter, este homem que era quase da mesma idade de Paulo.

Paulo jamais sugere que à medida que a sua pequena caravana avistou o monte Hermom ele tenha pesado os fatores a favor e contra Jesus. Este fora um impostor blasfemo e estava morto.

Capítulo 3

A Estrada de Damasco

O último dia da viagem deixava para trás o Hermom, cujos cumes, ainda sob a neve, erguiam-se acima dos montes marrons recobertos de flores brancas. Mas a montanha já não parecia particularmente alta porque eles estavam perto demais para ver o pico, e o planalto de Damasco encontra-se a uma altitude de mais de 600 metros.

À frente deles, ao pé de um monte desnudo e escarpado, estava o verde do oásis. Eles, porém, além de não perceberem, por causa da distância, o rio, os edifícios e as árvores — oliveiras, vinhedos, figueiras e amendoeiras em flor — estavam encorajados a prosseguir adiante até ao fim da jornada, em vez de pararem, como em outras ocasiões, antes do meio-dia. O meio-dia primaveril não causaria insolação. Paulo e seu grupo continuaram a caminhar. Um homem, na retaguarda, conduzia os burros ligados por uma corda. A estrada estava vazia. De vez em quando avistavam ovelhas ou bodes apascentados por um menino a brandir o estilingue, ou enxergavam um pedaço de terra onde, atrás do arado, um homem guiava o seu boi com uma longa vara com ponta de ferro.

O céu estava claro e azul. A memória de Paulo enfatiza que não havia nem tempestade nem vento forte, como sugerem os que buscam uma explicação natural para o acontecimento. Ele não estava perto de um colapso nervoso nem prestes a sofrer um ataque epiléptico; ele nem mesmo tinha pressa.

"Quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim. . . uma luz mais brilhante do que o sol, brilhando ao meu redor e ao redor de meus companheiros de viagem."

Todos eles caíram por terra, apavorados com o fenómeno.

Não se tratava de apenas um relâmpago, mas de luz terrível e inexplicável. Parece que Paulo permaneceu prostrado, enquanto seus companheiros se levantaram cambaleando. Para ele somente, a intensidade da luz aumentou.

Paulo ouviu uma voz, ao mesmo tempo calma e autoritária, dizer-lhe em aramaico: "Saulo, Saulo, por que me persegues?"

Ele levantou os olhos. No centro da luz que o impedia de ver ao derredor, ele encarou um homem de mais ou menos a sua idade. Paulo não podia acreditar no que ouvia e via. Todas as suas convicções, intelecto, treinamento, reputação e auto-estima exigiam que Jesus não estivesse vivo novamente. Assim, procurando ganhar tempo, ele replicou: "Quem és, Senhor?" A expressão de tratamento podia não significar nada mais que "Excelência".

"Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas, levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer."

Então ele soube. Em um segundo, que mais pareceu uma eternidade, Paulo viu as feridas nas mãos e nos pés de Jesus, viu-lhe o rosto e compreendeu que estava vendo ao Senhor, vivo, como Estêvão e outros haviam dito, e que Jesus amava não apenas aos que Paulo perseguia, mas também ao próprio Paulo: "Dura coisa é recalcitares contra os agulhões." Nem uma palavra de reprovação.

Paulo jamais admitira a si mesmo sentir as pontadas de um agulhão ao enfurecer-se contra Estêvão e seus discípulos. Mas agora, instantaneamente, se conscientizava de que estivera lutando contra Jesus. E lutando contra si mesmo, contra sua consciência, sua falta de poder, contra as trevas e o caos de sua alma. Deus pairou sobre este caos e o levou ao momento de nova criação. Só faltava o consentimento de Paulo.

Paulo se quebrou.

Ele tremia e não estava em condições de pesar os prós e os contras para a mudança de ideias. Sabia apenas ter ouvido uma voz e visto o Senhor, e que nada mais importava a não ser descobrir a sua vontade e obedecer a ela.

"Que farei, Senhor?"

Aqui ele usa o mesmo tratamento de antes, mas toda a obediência e adoração, e todo o amor no céu e na terra entraram nessa única palavra "Senhor". Naquele momento ele se sentia totalmente perdoado, totalmente amado. Em suas próprias palavras: "Porque Deus que disse: Das trevas resplandecerá luz — ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo."

"Levanta-te", ouviu ele, "e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer." Ele havia confiado. Agora tinha de obedecer — a uma primeira ordem humilhante, quase trivial.

Ao se pôr de pé, estava cego. Estendeu a mão aos companheiros, agora ainda mais espantados ouvindo Paulo responder ao inaudível, os quais o conduziram. Os animais de carga e de montaria alcançaram a pequena caravana que se dirigia a Damasco em maravilhado silêncio.

Paulo entrou cegamente no desconhecido. Mas ele não se encontrava em trevas, e sim em luz. "Não podia ver por causa do brilho dessa luz." Embora o azul do céu, a poeira vermelha da estrada e o verde do oásis desaparecessem, pouca falta faziam. A luz lhe infundia os olhos cegos e a mente. Andando, em obediência a esse primeiro mandamento de seu novo Mestre, Paulo fez a primeira grande descoberta: Jesus permanecia a seu lado, não na forma de um corpo crucificado e ressurreto, mas como alguém invisível, contudo presente.

Passaram pelo mau cheiro do caravançaraí, calmo no início da tarde, e entraram na cidade pela Rua Direita, espaçosa e cheia de colunas, que dividia a cidade ao meio. Esta rua também estava relativamente calma, pois as lojas e estandes ainda estavam fechados para a sesta do meio-dia, e as janelas das casas, por causa do sol, permaneciam cerradas. Chegaram à casa de um damasceno chamado Judas, provavelmente um rico mercador judeu, hospedeiro digno de um representante do Sinédrio. Os anciãos da sinagoga deviam estar à espera de Paulo, pois até os nazarenos sabiam que ele estava a caminho a fim de persegui-los. Ambos os grupos o perderam de vista. A escolta o entregou e desapareceu. Ele não pediu nada a Judas, a não ser o quarto de hóspede — recusando até mesmo a comida — e estar a sós.

O tempo perdeu o significado. Ele ouviu a trombeta vespertina, o cantar dos galos na manhã seguinte e o ruído de carroças no calçamento. Ouviu os gritos dos comerciantes anunciando seus produtos, percebeu o murmúrio distante de barganha-dores, e o relinchar ocasional de um burro. Então, a calma do meio-dia. Paulo passou o tempo deitado, totalmente desperto, a não ser por uma ou duas horas de sono, ou ajoelhado ao lado da cama. Ele não queria companhia humana, mas desejava estar a sós com o Senhor Jesus, como agora o chamava. Logo ele se esqueceu da fome e da sede. Sua personalidade toda estava em mudança. Ao permitir que a luz de Cristo iluminasse os recessos de sua alma, ele estava sendo virado do avesso.

"Saulo, Saulo, por que me persegues?" Agora ele podia responder a essa pergunta com as palavras do Salmo de Davi: "Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade: segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. . . Contra ti, contra ti somente pequei."

Paulo se sentia imundo e nojento. Ele poderia ter usado as palavras das *Confissões* de Agostinho: "Tu me colocaste perante o meu rosto para que eu pudesse ver quão vil era, quão distorcido e impuro e manchado e cheio de úlceras. Vi a mim mesmo e fiquei horrorizado." Segundo o padrão da desumanidade do homem para com o homem — a repressão romana das duas rebeliões judaicas, ou do massacre de Nero aos cristãos depois do incêndio de Roma, ou da "solução final" de Hitler — a perseguição de Paulo era ninharia. Mas o assassinio sempre é absoluto à consciência despertada do assassino. Nem foi somente assassinio e crueldade. Ele havia blasfemado, insultado e perseguido ao Senhor, cuja resposta fora

procurá-lo e mostrar-lhe o amor que ultrapassava tudo o que Paulo antes conhecia. Quanto mais ele, em cegueira, se banhava nesse amor, à medida que as horas passavam velozes, tanto mais ele se quebrava ante a enormidade de seus feitos.

Ele supunha que estivesse servindo a Deus, que estivesse caindo na graça divina. Ele havia disposto seus padrões de bondade, tinha-se comparado com os outros e visto que era bom. Mas agora, em contraste com Jesus cujo Espírito lhe invadia, ele sabia que sua pureza não passava de contrafação do inexpressivamente Puro, suas boas ações nada mais eram que uma paródia da Bondade. Ele havia sido mental e espiritualmente hostil a Deus, embora o tivesse honrado com os lábios. Ele se ocupara do mal, embora praticasse seus ritos religiosos. Ele se isolara totalmente, arrastando-se para tão longe quanto pudesse da luz cegante que era Deus.

Contudo, Jesus o havia apanhado. Paulo, desse dia em diante, citaria esse fato entre as provas indiscutíveis da ressurreição, não importando o quanto os homens pudessem zombar dele ou chamá-lo de mentiroso. Deus, de maneira incrível, havia levantado do sepulcro o corpo amassado de Jesus de modo que ele estava vivo e aparecera a Paulo, não com o propósito de o humilhar ou destruir, ou vingar o sangue dos perseguidos, mas para salvar o perseguidor e sobrepujá-lo com amor e perdão. Paulo sabia, do fundo do coração, que Jesus era o Messias, o Cristo, o Salvador do mundo. Esta não era uma conclusão tirada da lógica fria, embora essa um dia haveria de chegar. Ia além do intelecto. Ele sabia porque conhecia a Jesus.

E, conhecendo a Jesus, ele compreendia o que tinha acontecido na cruz.

Paulo, em seu orgulho e conhecimento, tinha rejeitado a Jesus porque homem algum poderia ser pendurado no madeiro a menos que tivesse sido amaldiçoado. Agora, à medida que enfrentava o seu pecado, ele via, com uma intuição irresistível, que Jesus deveras sofrera uma maldição sobre a cruz, mas não a dele; era a maldição de Paulo e de todos os homens. Cada hora passada em cegueira na casa de Judas, cada dia do restante de sua vida, revelaria um pouco mais da largura, do comprimento, da altura e da profundidade das boas novas, mas o coração estava seguro delas, agora e para sempre: o amor de Cristo, "o Filho de Deus que me amou e a si mesmo se deu por mim". Paulo podia, instantaneamente, ser tratado como alguém que jamais pecou, ser recebido com amor e confiança. Quanto mais ele olhava com olhos cegos para o brilho da luz, tanto mais distinto se apresentava o fato revelado naquele instante na estrada de Damasco: o perdão era uma dádiva, inteira e perfeita, porque era o próprio Cristo. Não podia ser merecido. Mérito humano algum podia superar o pecado humano; mas, ao possuir a Cristo, Paulo tinha tudo.

Na casa de Judas, ele podia ter gritado o que escreveria no futuro: "Enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho". "O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou. . . Cristo em vós". "Para mim, o viver é Cristo!" Ele já sentia o impulso de orar. Não apenas as orações formais da gloriosa liturgia judaica, mas a conversação de um filho com seu Pai. Ao falar com Jesus, ele falava com o Pai, ao adorar o Pai, ele conversava com o Filho. Ele contou ao Senhor tudo o que lhe ia no coração. Ele intercedeu com urgência por aqueles que havia perseguido, especialmente pelos que forçara a blasfemar; pelos nazarenos de Damasco que o aguardavam com temor; por seus amigos judeus e por seus superiores.

Com a oração, veio a fome das palavras de Jesus. Como uma ovelha recém-nascida que, mesmo antes de conseguir pôr-se de pé procura instintivamente o peito da mãe, Paulo tinha fome do conhecimento de tudo o que Jesus havia dito e feito. Até à sua conversão ele havia sido indiferente às palavras de Cristo. Desde o instante em que disse: "Que farei, Senhor?" ele aceitou a sua autoridade, e agora era de importância transcendental saber o que Jesus tinha ordenado, prometido, prevenido e predito; conhecer a atitude do Mestre para com aqueles que o odiavam e para com os que o amavam, saber tudo o que ele ensinou a respeito do Pai e de si mesmo, seus veredictos em todos os assuntos do comportamento e destino humanos.

Paulo possuía ainda outro anseio: espalhar esta grande descoberta. Contudo, ele tinha

de esperar. O mandamento do Mestre fora: "Entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer." Esperando, ele ouviu a trombeta vespertina, o cantar dos galos e o ruído de carroças e novamente a trombeta vespertina. Finalmente, na calma da terceira aurora, enquanto orava, recebeu a revelação do que viria a seguir.

Capítulo 4

Um Homem Surpreso

No quarto de uma pequena casa da rua chamada Direita um judeu de meia-idade estava deitado entre dormindo e acordado.

Ananias, honrado membro da comunidade judaica de Damasco e também seguidor de Jesus Cristo, não se surpreendeu nem hesitou ao ouviu uma voz chamar o seu nome: "Ananias!"

"Eis-me aqui, Senhor."

"Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando, e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impõe-lhe as mãos, para que recuperasse a vista."

Ananias ficou espantado. Seu Senhor devia ter-se enganado. É provável que Ananias tenha assistido a pequenas reuniões dos nazarenos que, com a notícia de que Saulo, o Perseguidor, se aproximava, oraram pedindo que o Senhor os livrasse, aparentemente, sem esperar que sua oração fosse atendida.

"Senhor", respondeu Ananias, "de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome."

Disse a voz: "Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido". O Senhor, a seguir, confirmou e ampliou o seu mandamento.

Com isso, Ananias levantou-se e foi.

Caminhando apressado pela viela e desviando-se dos carregadores de água que voltavam do rio, no momento em que o sol despontava nos penhascos do norte, ele quase gritava: "Aleluia!" Então o braço do Senhor não se encolhera. Ele o havia estendido para curar, e o lobo se deitaria com o cordeiro como na antiga profecia. E ele, o obscuro Ananias, de quem jamais se ouviu falar nem antes nem depois, fora escolhido para batizar a Saulo, o primeiro exemplo de um padrão histórico, segundo o qual os grandes embaixadores de Cristo, por mais preparados que sejam de outros modos, são levados à sua vocação por intermédio de insignificantes agentes. Agostinho ouve a voz de uma criança repetir: "Apanha e lê!" João Wesley escuta um moraviano anónimo ler algo de Lutero; D. L. Moody, embrulhando sapatos numa loja, faz uma pausa para atender às palavras de seu professor de escola dominical; Charles Haddon Spurgeon, procurando abrigar-se de uma tempestade de neve, ouve o sermão pregado por um operário do púlpito de um pastor que, por causa da neve, não pôde comparecer.

Ananias, levado imediatamente à presença de Paulo, permaneceu em pé ao lado da cama.

Ele via um rosto que passara de profundo sofrimento à paz. A pele se enrugava onde a boa vida de fariseu tinha sido esgotada pelo jejum; podiam-se ainda perceber as rugas feitas pela crueldade; a barba era irregular e os olhos fixos. Contudo, era um rosto descontraído, como se Paulo tivesse visto o pior e já não o temesse, tivesse olhado o melhor e soubesse que estava sendo reconstruído em seu molde.

Ananias pôs as mãos na cabeça de Paulo.

"Saulo, irmão", começou ele (e engoliu em seco ao chamar o assassino dos seus amigos de "irmão", mas a alegria trouxe a hesitação), "o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo."

Naquele instante umas como que escamas caíram dos olhos de Paulo. Ele viu Ananias. E o viu claramente. George Matheson, pregador escocês e escritor de hinos (1842-1906), pensava que Paulo tivesse ficado semi-cego pelo resto da vida, que o efeito daqueles três dias jamais o tivesse deixado. Mas temos exemplos de Paulo haver fixado os olhos no seu oponente, ou comandado a atenção de um auditório com o olhar, algo impossível aos quase cegos. Paulo recuperou a vista instantânea e completamente.

Ananias desincumbiu-se do restante das suas ordens: "O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca, porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido." Paulo ouviria mais, disse ele, diretamente do Senhor Jesus, que lhe daria um vislumbre da dureza e da dor à medida que se aventurassem juntos, não só aos filhos de Israel, grandes e pequenos, escravos e reis — mas também a "todos os homens", a quem o fariseu Saulo desprezara e rejeitara.

A seguir, Ananias proferiu mais palavras, entregues como se da parte do próprio Jesus: "Envio-te para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim."

O alcance e a implicação dessa comissão deixou Paulo sem fala.

Disse mais Ananias: "Por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele."

Ananias ajudou-o a deixar a cama. Normalmente os seguidores do Caminho, como João Batista, batizavam por imersão num rio ou numa corrente de águas, mas Paulo estava fraco depois de seu prolongado jejum. É provável que se tenham encaminhado para o *atrium*, o jardim do pátio da casa de Judas onde havia uma fonte; ou Paulo, com sua vontade férrea, pode ter insistido em caminhar, apoiado em Ananias, os oitenta metros até o rio Abana, fora do muro norte da cidade.⁵

Nunca as árvores pareceram tão frescas como os damas-queiros e pessegueiros, nem a água tão clara como a do Abana. A pedra cor de creme do muro da cidade e dos portões devolvia o brilho do sol, sob um céu azul. Paulo, embora advertido de que viriam tempestades, nessa ocasião podia tornar suas as palavras do Salmo 19: "Os céus proclamam a glória de Deus. . . o sol. . . se regozija como herói, a percorrer o seu caminho."

Paulo sentia bem-estar, descontração de toda a tensão, agudeza de percepção e paz mental. Andando pela rua Direita, que, como todas as ruas orientais era uma miscelânea de cores, barulhos e movimentos, ou entrando no bazar de especiarias ou na rua dos trabalhadores em metal, ele estava apaixonado com a humanidade toda. Damasco, por ser uma cidade de fronteira, atraía tipos variados: árabes, judeus, partos com seus chapéus cónicos, e soldados romanos. Paulo sabia ter sido enviado a todos — e a seu próprio povo, os judeus, porque até mesmo eles, com exceção dos que tinham visto a Jesus, possuíam somente um vislumbre da aparência de Deus.

Naquela noite, em companhia de Ananias, Paulo ficou conhecendo o pequeno grupo de nazarenos. Se alguns fugitivos de Jerusalém estavam entre eles — o que é possível — foi um momento de grande emoção quando os que haviam sido chicoteados sob as ordens de Paulo lhe deram o beijo da paz e, como prova de sua união uns com os outros e com Jesus, partilharam com ele o pão e o vinho, símbolos do corpo e do sangue do Senhor, como o próprio Senhor ensinara na noite em que foi traído.

Um incidente ainda mais extraordinário ocorreu no sábado seguinte na sinagoga mais importante de Damasco. Os anciãos e a congregação não faziam ideia da conversão de Paulo. Ele não a revelara nem mesmo ajudas. Eles meramente supunham haver-se ele recuperado da indisposição e estar pronto para a obra a respeito da qual fofocaram desde o anúncio da sua vinda. Os membros mais severos, ao sentar-se, expressaram satisfação pia de que a heresia seria apagada; os cruéis tiveram uma expectativa prazerosa de possível derramamento de

sangue. Os nazarenos, contudo, que sabiam que as coisas correriam de modo diferente, estavam orando enquanto o *hazwn* acompanhava Paulo, ainda vestido como fariseu e trajando uma veste de barras azuis, tendo no turbante um talismã de couro, até à plataforma e lhe entregava o rolo da Lei.

Ele leu a passagem designada e devolveu o rolo. No instante de pausa, antes de começar a falar, ele se maravilhou da estratégia divina mediante a qual, nos séculos passados, levantaram-se sinagogas em incontáveis cidades gentias — prontas para o dia em que, sob a sua liderança, se transformariam nos baluartes de uma grande cruzada para Jesus Cristo! Como ele tinha visto a verdade, certamente que eles também a veriam. Ele e eles haviam sido separados para espalhar as boas novas de Jesus Cristo entre os gentios. E começariam em Damasco.

Então ele proclamou: "Jesus é o Filho de Deus." Paulo atacou com a mesma veemência e paixão que caracterizaram sua perseguição. As palavras tropeçavam uma nas outras enquanto ele contava como o Senhor lhe aparecera, que o Senhor estava vivo e que os amava. E a reação não foi nada parecida com a que ele esperava. Os adoradores ficaram espantados e horrorizados. Longe de se convencerem, ficaram com raiva. Esse vira-casaca, recebido como representante do sumo sacerdote, se declarava representante de Jesus.

Paulo se surpreendeu. Nos dias que se seguiram ele se sentiu como Moisés que "pensou que seus patrícios compreenderiam que Deus lhes estava oferecendo libertação por seu intermédio, mas não compreenderam." Ainda mais, sua impaciência com os nazarenos aumentou. Ele se reunia com eles todas as noites, mas poucos tinham recordações de Jesus. Possuíam vários dos seus ditos, os quais haviam sido repetidos por aqueles que o tinham conhecido, mas isso não satisfazia a Paulo. Ele tinha fome de evidência de primeira mão. Contudo, não podia voltar a Jerusalém. Ainda que os apóstolos, que haviam conhecido a Jesus melhor do que ninguém, confiassem nele imediatamente, Paulo não devia arriscar-se a cair nas garras de um sumo sacerdote enfurecido, que se encarregaria de fazê-lo desaparecer mediante o estrangulamento ou prisão perpétua.

De noite, na casa de Judas ou talvez agora na casa de Ananias, ele se revirava na cama, frustrado. E a glória dos dias de cegueira estava a desvanecer. Finalmente, ele disse ao Senhor que deixaria tudo nas suas mãos. A paz voltou. Nenhuma voz ou luz revelou o próximo passo, somente a convicção crescente de que devia sair sozinho, não levando nada a não ser os rolos das Escrituras. Não era dos apóstolos que Paulo necessitava, mas de Jesus somente; não de uma cidade, mas do deserto.

O passo seguinte foi fácil. Damasco era o ponto final de uma das grandes rotas de especiarias que vinham do país da mirra e do incenso, ao sul da Arábia, e da Ponta da África. As caravanas de camelos voltavam trazendo moedas e mercadorias do mundo romano. O filho de um importante comerciante não teve dificuldade alguma em conseguir passagem.

Capítulo 5

Arábia e Além

Em algum lugar da Arábia vivia o primeiro convertido de Paulo, provavelmente um jovem beduíno no deserto de penhascos e "wadis" entre o Sinai e o grande deserto de areia. É inconcebível que Paulo pudesse ter reprimido a descoberta do amor de Deus pelo mundo; antes, ele deve ter partilhado a meditação diária todas as noites ao redor da fogueira, aprendendo a simplificar a mensagem para rudes e analfabetos condutores de camelos.

A pregação não era o propósito primário de Paulo. Ele foi à Arábia para aprender — com o Cristo ressurreto. Assim como ele dizia ter visto o Senhor na estrada de Damasco, da mesma forma ele dizia ter aprendido diretamente com ele: "o mistério me foi dado a conhecer através de revelação", e jamais cessou de se maravilhar de que Deus, para esse fim, tivesse escolhido um ex-perseguidor, menor que o menor de todos os santos. Não foi meramente uma questão de ouvir uma voz, quer lhe falasse ao coração quer à mente, mas uma intensa aplicação mental. A vontade e as emoções haviam sido capturadas por Cristo na estrada de Damasco. Na Arábia, também os pensamentos de Paulo foram apreendidos.

Os meses se transformaram em anos. Vieram as estações, as tempestades de inverno, a primavera quando o deserto recendia com o perfume das flores, o forno do pico do verão. Agora ele estava magro e fisicamente disposto, seu rosto queimado pelo sol. Então, no terceiro ano de sua conversão, ele estava pronto.

A sequência dos acontecimentos é vaga, o mais provável é que ele tenha caminhado até a capital árabe nabatéia, Petra, através do despenhadeiro familiar aos turistas do século vinte, e aproveitado a primeira oportunidade para pregar a Cristo na sinagoga da colônia judaica. (Jumulto levou o rei Aretas, que odiava os judeus, a ordenar a prisão do perturbador. Paulo fugiu de Petra tendo a cabeça como prêmio, sinal para que ele deixasse a Arábia. Ele tinha de voltar à vida normal, como Moisés emergiu do deserto a fim de apresentar a Faraó as exigências de Deus, como o próprio Senhor saiu do deserto e entrou nas sinagogas com a mensagem: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.")

Paulo, agora nos seus quarenta anos, partiu para o norte a fim de assumir a liderança da grande cruzada na qual as sinagogas judaicas haveriam de se transformar nos postos avançados da mensagem de Cristo. Jerusalém ainda lhe estava fechada, pois ele não podia esperar a confiança dos apóstolos até que provasse a si mesmo, nem tinha certeza de que eles compreendiam que os gentios, assim como os judeus, deviam ouvir falar de Cristo. Portanto, ele se juntou à rota da caravana e marchou para o norte com as especiarias e o ouro. Dias antes de avistar Damasco, o monte Hermom acenou-lhe através do planalto desértico em direção do lugar em que Jesus lhe aparecera na estrada.

É pouco provável que Damasco se houvesse esquecido da conversão de Paulo, embora muitos pudessem tê-la relegado a algo passageiro, como o breve brilho de um cometa no céu. É possível que Ananias tivesse voltado à sua política gentil e um tanto nervosa de coexistência pacífica. Os discípulos o receberam imediatamente, e no sábado seguinte Paulo entrou na sinagoga a fim de exercer o direito que tinha de expor as Escrituras. E, como Estêvão, ele reduziu os judeus à confusão mediante provas de que Jesus era o Cristo. Aqueles que se lembravam de sua visita anterior ficaram espantados de seu crescimento na compreensão e convicção.

Lucas diz que a força de Paulo aumentou mais e mais. Ele não atacou os judeus incrédulos, nem demonstrou a amargura de um renegado para com ex-amigos que se

recusavam a se converter, pois pode ter faltado um elemento importante no início da sua pregação: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei." Estas palavras, escritas vinte anos mais tarde, podem conter um eco autobiográfico.

Entretanto, ele fez discípulos. E foram eles que vieram ao seu auxílio quando os judeus fizeram planos para assassiná-lo.

A trama foi concebida com a artimanha oriental, pois os anciãos locais arriscavam-se à crucificação se tentassem matar alguém dentro da cidade. Quando um viajante de Petra mencionou haver um mandado de prisão contra Paulo, encontraram a solução. O etnarca nomeado pelo rei Aretas sob seu tratado com os romanos de proteger e punir os árabes de Damasco não extraditaria um homem procurado a não ser sob a acusação capital, nem prendê-lo-ia dentro dos muros por uma ofensa cometida fora, mas suas tropas patrulhavam os portões, vigiando os súditos do rei árabe ao entrarem e ao saírem. Por um suborno, ele deu ordens de capturar a Paulo, levá-lo para longe e cortar-lhe a garganta.

Paulo ficou sabendo da trama através de um simpaticante judeu ou árabe, ou porque segredo nenhum é seguro em Damasco. Seus discípulos o levaram, de noite, a uma família de amigos que moravam numa casa particular sobre o muro da cidade, cujas janelas se projetavam por cima do muro uns três metros acima do chão. Encontraram uma cesta de peixe, um saco grande e informe que foi enrolado em torno do corpo de Paulo de modo que nenhum observador casual pudesse notar, na escuridão, que ocultava um homem. De madrugada, abai-xaram-no ao chão.

Procurando o caminho através de hortas e pomares, na direção da estrada, longe da vista da patrulha, a humilhação de Paulo estava completa. A cruzada na qual se engajara tão gloriosamente tinha chegado a uma parada abrupta; o líder nomeado já era um fugitivo. Logo ele se conscientizou de que não estava a sós. Os sofrimentos e provações acerca dos quais fora avisado tiveram início, mas ele escapara. Ele também tivera a promessa da presença infalível de Jesus. Uma frase que, como o tema de uma sinfonia, se repetiria muitas vezes por toda a sua vida, ressoa na história de Paulo daquela noite: "Perseguido, mas não abandonado".

À medida que seu espírito revivia ele não pôde deixar de perceber a ironia de que o poderoso Paulo, que originalmente entrara em Damasco com toda a panóplia de representante do sumo sacerdote, deixasse a cidade numa cesta de peixe, com a ajuda do próprio povo a que viera ferir.

Paulo decidiu cumprir o seu desejo de fazer amizade com Pedro e aprender tudo o que pudesse acerca de Jesus. Ele retrçou sua jornada anterior através da Síria, Galileia e Judeia, até que uma vez mais, descendo o monte Scopus, entrou em Jerusalém.

Com uma humildade que se contrastava com suas atitudes anteriores em Jerusalém, e nem sempre muito evidente no futuro, ele não procurou imediatamente os apóstolos, mas foi a uma reunião dos discípulos de Cristo. E ficou espantado ao descobrir que eles o evitavam. "Todos, porém, o temiam", escreve Lucas, "não acreditando que ele fosse discípulo." Alguns haviam sofrido terrivelmente nas mãos dele, e embora o tivessem perdoado, sua chegada inesperada os deixava nervosos. O relato da sua conversão fora seguido de longo silêncio. Suas atividades recentes em Damasco tinham sido breves demais para que as novas chegassem a Jerusalém, e ele deixara a cidade com tanta pressa que não levava carta de recomendação. Ele podia ser um espião.

Por algumas horas ou dias parecia que ele tinha sido rejeitado por seus ex-amigos e inimigos; um pária, solitário, com nada a não ser as promessas de Cristo e a presença do Espírito.

Salvou-o o homem que mais tarde se tornaria, por algum tempo, seu companheiro mais íntimo. José Barnabé era um cipriota. Procedentes de famílias ricas, embora de tribos dife-

rentes, os dois podem ter-se conhecido antes. Barnabé era generoso e muito querido, um homem de presença dominadora, mas de modos gentis. Seus dons, mais de aconselhamento que de pregação, habilitam-no a discernir a fé genuína e fortalecê-la, daí o apelido aramaico que os apóstolos lhe deram: "filho da consolação". Barnabé levou Paulo a um lado, ouviu toda a sua história e soube que era verdadeira.

Barnabé era tio ou primo do jovem João Marcos, que tinha um relacionamento especial com Simão Pedro, como aprendiz espiritual ou assistente. Através de Marcos e de Maria, sua mãe, e por causa de suas próprias qualidades, ele contava com a atenção de Pedro. Pedro tampouco hesitou em agir baseado no que Barnabé lhe disse. Com o seu modo impulsivo e caloroso, ele e a esposa convidaram Paulo a ficar em sua casa e imediatamente abriram seus corações e recordações a ele. Pedro tinha a idade de Paulo, mas sua formação e seu caráter eram muito diferentes. Um pescador rude com um forte e rústico sotaque galileu, ele sabia ler, como a maioria dos camponeses judaicos da época, e depois de três anos com Jesus tinha bom conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento. Faltava-lhe uma educação mais alta ou o brilho mental de Paulo.

Se Paulo havia perseguido a Cristo por intermédio dos seus discípulos, Pedro o havia negado, e não sentia superioridade alguma, embora eleja levasse as cicatrizes de um espancamento por amor a Cristo, enquanto que Paulo, até onde se sabe, estivesse ileso. Ambos haviam sido transformados pelo Cristo res-surreto, e este era o laço que resistiria às tensões da diferença e, nos anos futuros, da disputa.

Paulo gastou grande parte dos próximos quinze dias ouvindo a Pedro e questionando-o. A atitude dele pode ser deduzida da atitude semelhante, no século seguinte, do jovem Irineu, o futuro teólogo, assentado aos pés do velho Policarpo, que tinha conhecido o apóstolo João. "Policarpo", escreve Irineu, "descrevia sua conversa com João e com o restante dos que tinham visto ao Senhor, e relatava as suas palavras. Todas as coisas que tinha ouvido deles acerca do Senhor, e acerca dos seus milagres, e acerca da sua pregação, Policarpo, tendo-as recebido de testemunhas oculares da vida do Verbo, relatava totalmente de acordo com as Escrituras. A esses discursos eu costumava ouvir na época com atenção pela misericórdia de Deus que me foi concedida, anotando-os, não no papel, mas no coração; e, pela graça de Deus, constantemente medito neles com toda a fidelidade."

Como Irineu dá a entender, a Igreja Primitiva tinha um compromisso estrito de ensinar em nome de Jesus Cristo. Esse compromisso provinha acuradamente de "testemunhas oculares da vida do Verbo", aqueles que tinham conhecido a Jesus pessoalmente, e devia ser "totalmente de acordo com as Escrituras", que, para Paulo e Pedro, eram o Antigo Testamento. O próprio Paulo refere-se a esse compromisso, ao comentar aos Coríntios: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim."

Paulo, além de haver cavado profundamente nas Escrituras quando na Arábia, invocava sua experiência na estrada de Damasco como prova de ser ele testemunha ocular da ressurreição, possuindo, assim, a autoridade de apóstolo. Mas esses quinze dias com Pedro proveram o fundamento essencial do conhecimento da "vida do Verbo". Pedro havia sido convencido pelo caráter, ações e discursos de Jesus durante um longo período antes que ele revelasse ser quem era. Paulo queria a evidência de que Jesus realmente tinha levado uma vida sem pecado, e ouvir de como o amor e a pureza foram demonstrados nessa vida humana, a qual ele cria ser a única completa revelação do próprio Deus. Ele queria conseguir tanto quanto pudesse dos ditos de Jesus.

Que a Igreja Primitiva possuía um cabedal enorme das palavras e ações de Cristo, muito maior do que o que Paulo pudesse absorver em duas semanas, reflete-se nas palavras

de encerramento do Evangelho de João: "Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos." Paulo podia confiar na exatidão de tudo o que Pedro relatava, porque embora escritores e oradores das terras helénicas já tivessem desenvolvido a arte de parafrasear e ampliar as palavras de outra pessoa, os judeus tinham uma atitude rígida para com a santidade da citação real, um horror de mexer com a tradição. O discípulo não podia misturar suas próprias ideias com aquelas que ele apresentava como do seu mestre.

O que Paulo recebia sempre que questionava os que haviam conhecido ao Senhor, ele o transmitiria. Ele gastou muitas horas ensinando em Antioquia, Corinto, Éfeso — aonde quer que as suas viagens o levassem. O fato de que suas cartas nunca citaram diretamente as palavras de Cristo — sua única citação ocorre num discurso no livro dos Atos, aos anciãos de Éfeso — não é indicação de ignorância. Ele precisava de todo o espaço limitado do rolo de papiro para tratar das situações específicas que provocaram a carta, e os seus leitores já conheciam as palavras de Cristo através do ensino oral, às quais ele faz várias alusões.

Assim como o seu escrito deve ter despertado ecos de seus discursos, da mesma forma as epístolas contêm ecos dos Evangelhos. A parte dos fatos básicos da vida, morte e ressurreição do Senhor, é provável que Paulo tenha contado aos convertidos, por exemplo, as parábolas da boa semente (ecoada em suas palavras acerca da mordomia de Deus, aos coríntios) e da casa construída sobre a rocha. Ele chegou bem perto de repetir numa epístola a afirmativa do Senhor acerca da impureza, e das coisas indignas que procedem do coração do homem.⁶ Ao escrever que os cristãos filipenses brilhavam "como luz no mundo, transmitindo a palavra da vida", eles se teriam lembrado das palavras do Senhor: "Vós sois a luz do mundo. .. Deixai que brilhe a vossa luz. . ." ⁷ Paulo repete o ensino de Cristo acerca do amor ao próximo, fala de mordomos fiéis e de como os trabalhadores são dignos do seu salário. Ele fala do novo nascimento, e fala da mansidão, gentileza, graça e humildade de Cristo.

Tudo isso teria saído em grande medida das conversas dele com Pedro, as quais se tornaram num fator vital de preparação. Em anos posteriores, quando ele pregou com certeza dogmática de que o evangelho tinha uma reivindicação urgente sobre todos os seres humanos até ao final dos tempos, um ouvinte podia ter gritado: "Paulo, como podes ter a certeza?" Paulo teria respondido referindo-se não à experiência da estrada de Damasco e às revelações da Arábia, ao Antigo Testamento e à prova particular do crente — o Espírito Santo guardando o seu coração — mas à carreira e caráter de Jesus. Sejam imitadores de Deus, pleitearia ele. Tenham a mesma mente, andem dignos dele; andem, como Cristo, em amor.

Paulo, mediante a recordação desta visita, diz não ter encontrado nenhum dos outros apóstolos, "a não ser Tiago, o irmão do Senhor", que, embora não fosse um dos doze, e tenha levado mais tempo para crer em Jesus, tinha chegado a ser líder da igreja de Jerusalém. Parece que ele não contou a estes dois a sua comissão especial de pregar aos gentios em todos os lugares, quer adorassem na sinagoga quer não. Pedro ainda não tinha compreendido, nem mesmo em parte, a ordem de Jesus de fazer discípulos de todas as nações, pois a visão do telhado de Jope, na qual ele argumentou com o Senhor e a seguir batizou o prosélito centurião italiano, estava ainda no futuro. Tiago estava firmemente desposado com a lei mosaica juntamente com sua fé em Jesus Cristo.

Paulo pode ter-se precavido, depois de detectar as sementes de dissensão entre si e Tiago, ou considerado desnecessário, na ocasião, levantar questões duvidosas, já que nessa época ele pretendia trabalhar com as sinagogas no além-mar e estimular as congregações, levando-as a pregar aos gentios. Além disso, ele viera a Jerusalém a fim de ouvir, e não ensinar àqueles que "estavam em Cristo antes de mim".

Embora ele tenha gasto muitas horas a sós com Pedro em sua casa ou em passeios em conversas profundas, no monte das Oliveiras ou nos pátios do templo, onde Pedro podia citar os sermões de Jesus e descrever os milagres no lugar em que ocorreram, Paulo nunca se sentiria feliz na inatividade. Agora totalmente aceito pelos discípulos, ele "estava com eles em

Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor." Ele não teve oportunidade de viajar pelo interior da Judeia, encontrar-se com discípulos nas cidades espalhadas, mas "ouviam somente dizer: Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora procurava destruir. E glorificavam a Deus a meu respeito."

Paulo não limitou sua pregação aos círculos em que não tinha um passado comprometedor. Ele foi às sinagogas dos judeus de fala grega, seus antigos refúgios, e iniciou onde Estêvão terminara, usando os próprios métodos com os quais Estêvão o havia enfurecido quatro anos antes; e, cômico de que outro Saulo perseguidor podia estar a ouvi-lo, ele falou e argumentou. E uma vez mais provocou dissensão: o homem que ansiava ser o agente da reconciliação parecia perturbar os homens aonde quer que fosse.

É possível que a dissensão tenha perturbado os discípulos, porque estes, entre a partida de Paulo respirando ameaças e morte e a sua volta pregando ousadamente no nome do Senhor, haviam recuperado a paz e a força numérica. Quando Jerusalém ficou quase quente demais para retê-lo, respiraram aliviados.

Uma vez mais surgiu um complô para assassiná-lo. Uma vez mais ele soube da notícia e foi apressadamente tirado do perigo. Desta vez levaram-no até à costa e enviaram-no a Tarso.

Damasco. Jerusalém. Sua cruzada havia novamente chegado a uma parada abrupta. Mas ele deixou Jerusalém com a segurança de que não seria esquecido. Barnabé conhecia tudo acerca da dedicação de Paulo de evangelizar os gentios. Chegado o tempo apropriado, Barnabé o encontraria.⁸

Capítulo 6

Os Anos Ocultos

Os melhores anos da vida de Paulo estavam-se esvaindo entre as montanhas do Tauro e o mar, o que não lhe era fácil suportar.

A preocupação profunda do apóstolo era que todos os homens, em todos os lugares, ouvissem e cressem; contudo, no fim de seus trinta anos e começo dos quarenta, quando o homem se aproxima da época mais produtiva da sua vida, Paulo sai da história. Não podemos, com certeza, juntar os pedaços da história desta última grande lacuna em sua vida. A evidência fragmentária sugere um esboço que deve, contudo, ser qualificado de "é possível", ou "talvez".

Ele se juntou à família em Tarso. Seus pais haviam servido a Deus com consciência clara do único modo que conheciam, através da guarda da lei. Ele começou a falar-lhes acerca de Jesus, que havia cumprido a lei, e seu conselho não foi bem recebido. A tensão entre pai e filho, compreensivelmente alta desde a volta de Paulo com a carreira arruinada, agravou-se ainda mais quando ele parou de se vestir como fariseu, ou de observar as leis cerimoniais. A lei moral fundamental era mais absoluta do que nunca, mas não as injunções mosaicas.

Parece que ele não exibiu essa liberdade. Ele estabeleceu o princípio, mediante o qual se conformou com os modos da família e dos vizinhos, desde que isso ajudasse ao seu propósito supremo: "Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei." Ele se tornou "tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho."

A determinação de ganhar os gentios foi o que mais enraiveceu a sua família, não menos do que o fato de ele ter saído do seu gueto espiritual e explorado os modos gentios.

Até à juventude, a mente de Paulo esteve fechada, pois cada preconceito da sua formação era como um desinfetante contra as ideias pagãs.⁹ Mas agora ele tinha uma resposta ainda mais satisfatória ao quebra-cabeça das lutas e do destino humano. Aos olhos de quem seguia a Luz do mundo, o paganismo, no melhor de sua filosofia, era como uma vela bruxuleante. Esse paganismo não passava de idolatria misturada com licenciosidade, especialmente em Tarso, onde a homossexualidade, pela qual a cidade era notória, entrelaçava-se com a religião local.

Certos eruditos do século vinte argumentaram que Paulo foi altamente influenciado pelas ideias pagãs, especialmente pelos "mistérios" do Oriente e dos cultos de fertilidade aos deuses. Tais cultos, baseados no que ocorria no inverno e na primavera, eram prestados a divindades que "morriam" e "ressurgiam". Porém, a fim de fazer que Paulo tomasse emprestadas essas ideias, os eruditos, além de dependerem de fontes posteriores ao tempo do apóstolo, tiveram de rejeitar a evidência de que o paganismo posterior tenha imitado os traços cristãos. O auditório mais altamente educado de Paulo, em Atenas, certamente teria reconhecido qualquer paralelo pagão se esse existisse. Esse auditório, contudo, riu-se de Paulo quando este falou de um homem que realmente ressurgiu dos mortos.

O conselho de Paulo aos convertidos ao longo de toda a sua carreira foi: "Deixem a idolatria". Entretanto, o ódio aos ídolos reforçava seu amor pelos idólatras, e o homem que antes se conservava à distância dos gentios, agora ouvia os seus problemas, temores e tentações. Gostava de assistir aos seus jogos. Velho demais para competir no atletismo, ele

talvez se juntasse a um grupo de calistenia perto do rio, despindo-se normalmente, ou lutasse box a fim de preparar o corpo para as tarefas futuras e, por certo, fazendo amizades.

Paulo estudou a literatura grega, que, na casa de um fariseu estrito, seria desprezada ou abominada. Embora as referências diretas nas epístolas sejam escassas, ele cita Menander, Arato e o poeta cretense Epimênides. No discurso aos intelectuais de Atenas ele alude ao *Eumênides* de Esquilo, ao *Phaedo* de Platão, e faz uma paráfrase da *República* de Platão.¹⁰ Tais exemplos, que uma preservação mais completa do ensino oral de Paulo teria multiplicado, sugerem um homem de grande leitura.

O interesse de Paulo pelos gentios lançou-o no conflito com os anciãos da sinagoga de Tarso. Não se conhecem as acusações dessa sinagoga contra ele, mas ele pode ter sido disciplinado por entrar na casa de gentios, chicoteado por comer alimento proibido aos judeus — talvez aceito em refeições com amigos — ou por ter desobedecido uma ordem clara de seus superiores religiosos, ofensa pela qual Pedro e João foram chicoteados em Jerusalém. Escrevendo em 56 d.C, ele menciona ter sido punido não menos que cinco vezes pelas "quarenta chicotadas menos uma" dos judeus, das quais nem uma só está registrada nos Atos. Assim, é provável que ele tenha sido chicoteado mais de uma vez nos anos ocultos em Tarso. O flagelo tinha o propósito de corrigir um irmão, purificando-o da sua ofensa e trazendo-o de volta ao seu lugar na família da sinagoga. A alternativa era a excomunhão, ou seja, ser lançado fora de Israel, medida que Paulo desejaria evitar por ver as sinagogas como pontos de avanço em potencial para a causa de Cristo.

Em um julgamento, na presença dos anciãos e irmãos, agora ele podia reivindicar a promessa de Cristo a qual havia ridicularizado quando perseguidor: "Não vos preocupeis. .. o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer." Ele transformou a ocasião em testemunho e aguardou a sentença, sabendo que Cristo o prevenira pessoalmente, através de Ananias, de que ele haveria de sofrer.

Era dever dos juízes calcular o castigo corporal que o réu podia suportar: até trinta e nove chibatadas. O físico de Paulo era tal que ele recebeu o castigo completo.

A vista da congregação, os juízes forçaram-no a curvar-se, e a seguir o amarraram entre dois pilares. O *hazzan*, possivelmente o mesmo que lhe ensinara quando menino, solenemente rasgou-lhe a roupa das costas e pegou um chicote pesado, de seis tranças, sendo quatro de couro de vaca e duas de jumento, comprido o suficiente para atingir o umbigo por detrás e por cima. Em pé numa pedra, ele desceu o açoite com toda a força sobre os ombros de Paulo. Contaram-se treze chicotadas, enquanto alguém recitava maldições tiradas da lei: "Se não tiveres o cuidado de guardar todas as palavras desta lei, escrita neste livro, para temeres este nome glorioso e terrível, o Senhor teu Deus, então o Senhor fará terríveis as tuas pragas. . ."

Depois da décima terceira chicotada, transferiu-se o espancamento para as costas, treze num ombro e treze no outro, cortando vergões já sangrentos. Pela descrição de um espancamento narrado do romance autobiográfico *Ralph Rashleigh*, podemos imaginar a dor que ele sentiu. As primeiras doze chicotadas foram "como arame farpado cortando valas na carne, e a segunda dúzia pareceu encher essas valas com chumbo derretido. .. Sensações de dor intensa e intolerável."

O ancião responsável podia parar o suplício se o prisioneiro desmaiasse ou perdesse o controle dos intestinos, mas tal misericórdia era raramente exercida, pois o flagelador era inde-nizado se a vítima morresse. Paulo suportou até o final, provando não somente a agonia que infligira a outros, mas partilhando sua dor com Jesus.

Enquanto se recuperava na casa da família (que apesar da sua vergonha era obrigada a tratá-lo como filho) ou continuava a fazer tendas, não resta dúvida de que ele tenha reconsiderado se essa atitude era necessária. Não devia repudiar as amizades gentias, parar de ensinar a salvação através da fé e retornar ao judaísmo? Sua conclusão podia ter sido expressa nas palavras que usou anos mais tarde quando a questão se tornou mais pessoal:

"Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão."

Os anciãos procuraram novo pretexto para puni-lo, e desta vez podem ter invocado uma cláusula viciosa na lei da sinagoga, segundo a qual o réu que quebrasse duas proibições e fosse achado culpado de ambas deveria "sofrer a primeira, ser curado e então ser chicoteado novamente". Assim, duas vezes mais, totalizando três dos cinco flagelos que ele menciona, Paulo se encontrou nos pilares, e cada chicotada tornava real a verdade da advertência de Cristo aos discípulos: "Sereis odiados por causa do meu nome."

Numa época em que castigos brutais eram normais, Paulo teria escapado a muito dano psicológico, especialmente por aceitar a perseguição como pequeno preço pela recompensa de conhecer e servir a Cristo Jesus, seu Senhor. Fisicamente, ficou marcado por toda a vida. Uma evidência curiosa reforça a probabilidade de que ele foi duramente surrado em Tarso. Um documento do século dois, vindo da Ásia Menor, chamado *Atos de Paulo e Tecla*, uma história inventada por um presbítero que tentou passá-la como genuína, inclui uma descrição de Paulo que pode preservar a recordação tradicional de sua aparência durante a primeira grande viagem missionária: altura média, calvo, com um longo nariz e sobrancelhas cerradas, e de pernas tortas. É pouco provável que o jovem chamado Saulo, que corria pelas ruas antes do apedrejamento de Estêvão e sobressaía entre a multidão, tivesse pernas tortas. Contudo, essa deformação era comum aos severamente flagelados.

Quer os anciãos o tenha levado ao flagelo novamente, quer não, é grande a probabilidade de que tenha sido excomungado da sinagoga de Tarso, e que a tensão na família tenha chegado ao ponto da ruptura. A exortação de Paulo aos efésios: "Pais, não provoqueis vossos filhos à ira", pode conter a lembrança de uma briga familiar que provocou seu temperamento esquentado além do que ele podia aguentar, traindo a mansidão e gentileza de Cristo dentro dele. Quer tenha sido depois de um argumento violento, quer mediante a decisão implacável do seu pai, este o expulsou e deserdou, reduzindo-o à pobreza apostólica.

E o que teria acontecido à esposa, se ele não fosse viúvo? Em sua primeira carta aos coríntios ele diz com sua própria autoridade ("não do Senhor") que "se um irmão tem uma esposa incrédula, e ela consente em viver com ele, não a abandone. . . mas se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos não fica sujeito à servidão, nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz." Ninguém pode jamais saber se estas palavras refletem a lembrança de uma esposa amada que rejeitou a Cristo, recusou-se a juntar-se ao marido em Damasco, voltou a Tarso e finalmente o deixou.

Toda a vantagem recebida mediante o nascimento Paulo considerou perda por causa de Cristo. "Sim, deveras considero tudo como perda por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo."

Expulso de casa, do conforto e posição, Paulo desapareceu na região dos montes do Tauro e aqui, nos anos 41 a 42 d.C, possivelmente na caverna mais tarde denominada de "Caverna de São Paulo", ele teve "visões e revelações do Senhor" tão sagradas que a elas não se referiu senão cerca de catorze anos mais tarde, em termos escolhidos na terceira pessoa: "Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos foi arrebatado até ao terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe."

Diferente de São João na ilha de Patmos, o qual recebeu a ordem expressa de escrever o que viu, Paulo "ouviu coisas que não podem ser contadas, que não é lícito ao homem referir". Nas humilhações e sofrimentos dos anos vindouros, quando desanimado temporariamente e derrotado, vinha-lhe a recordação imorredoura desse vislumbre da eternidade. "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram" — ele podia animar os seus convertidos — "nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam." Ele citava Isaías, porém percebendo por meio de seus próprios sentidos que o profeta dizia a verdade, e que essa glória podia ser confrontada com o pior que lhe pudesse acontecer. "Os

sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós."

A exuberância do apóstolo, contudo, não deve chegar ao exagero. "E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza."

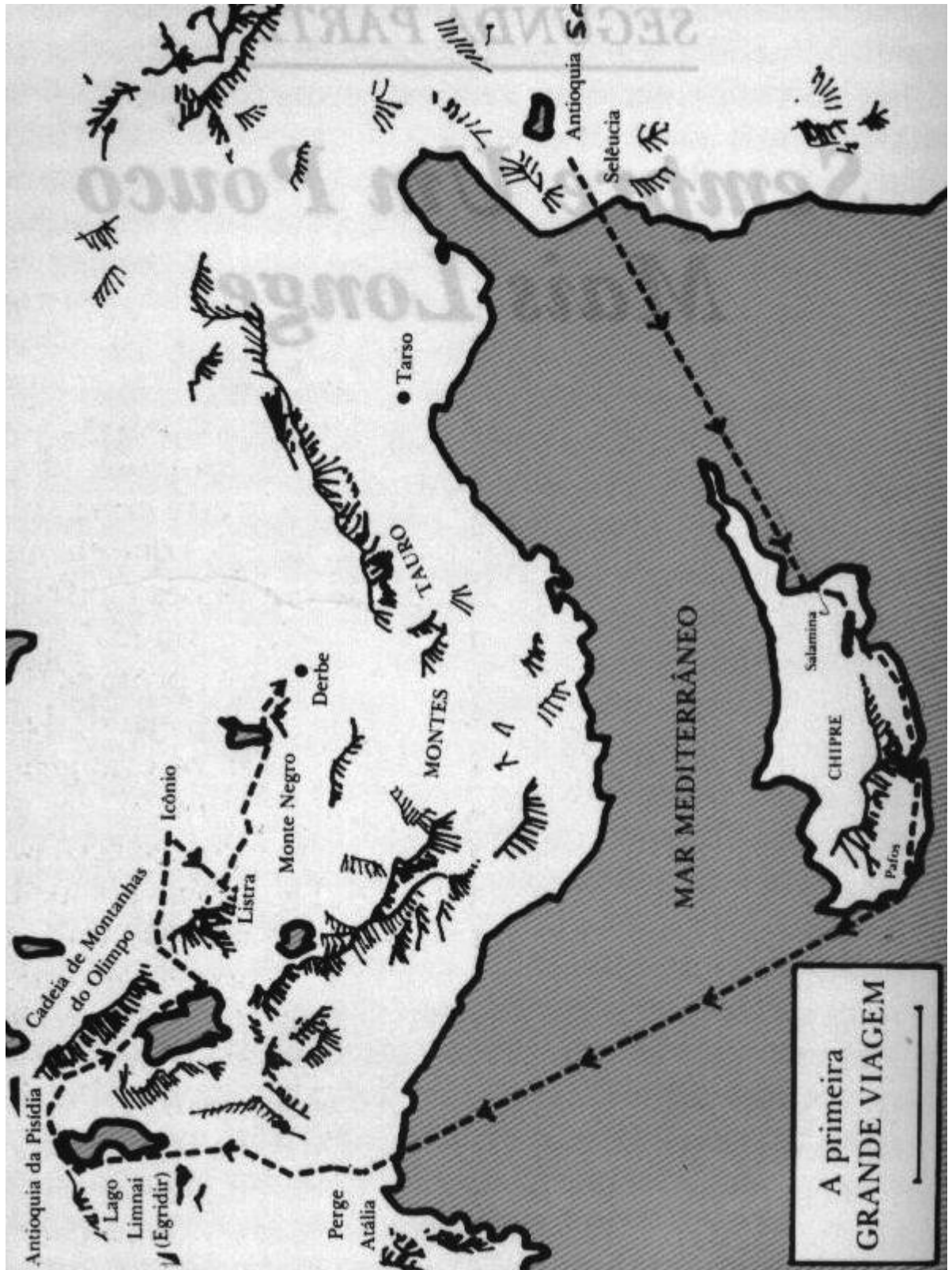
A engenhosidade de dois mil anos tem-se exercitado sobre o espinho na carne de Paulo. Alguns o consideram uma severa tentação sexual, mas ele teria zombado da ideia: o Espírito de Cristo certamente dominaria as obras da carne nesse sentido. Outros acham que ele se referia à violência da oposição. A visão mais comum e provável é "uma forte dor corporal", "um defeito físico", mas sua natureza permanece obscura. Os que dizem que as visões de Paulo resultaram de alucinações têm argumentado que ele era epilético. Outros têm procurado uma pista nas doenças deduzidas do relato, especialmente a malária, com suas lancinantes dores de cabeça, e a oftalmia. O problema pode ter surgido dos tecidos e nervos dilacerados pelos espancamentos."

Quer intermitente, quer crônico, o espinho atirou-o mais completamente sobre Cristo.

Assim, deixando a sua caverna, este homem meio calvo e de pernas tortas, com os seus quarenta e um anos de idade, fraco mas rijo, sozinho e obscuro, mas com leveza de coração, saiu para falar de Cristo.

SEGUNDA PARTE

*Sempre Um Pouco
Mais Longe*



Capítulo 7

A Nova Era

Nos vilarejos das montanhas e nas fazendas isoladas, andando por trilhas entre florestas de pinheiros e freixos, ou subindo encostas na direção das altas neves do Tauro, Paulo, ao retornar vários anos mais tarde, encontrou pequenos grupos de discípulos ainda ativos. É provável que ele também tenha ido de navio às regiões costeiras, cujas estradas de acesso eram ruins, pois os anos ocultos devem incluir três naufrágios que ele menciona ao escrever em 56 d.C. Depois de um desses naufrágios "vagueei pelo mar aberto durante uma noite e um dia".

Durante essas viagens ele trabalhava por conta própria. Sempre enfatizava a importância dos laços entre as igrejas de Jesus, onde quer que estivessem, e a unidade entre os evangelistas itinerantes e aqueles que os sustentavam. Contudo, ele permanecia isolado dos apóstolos em Jerusalém e dos avanços principais da fé. Sentia-se também solitário. Ele trabalhava melhor com um ou mais companheiros, mas parece que não tinha nenhum destes nas comunidades sertanejas. Se houve convertidos em Tarso, o livro dos Atos não os menciona. Como Cristo havia dito: "Não há profeta sem honra, a não ser no seu próprio país e entre os seus próprios parentes e os de sua própria casa".

Então Paulo ouviu dizer que um homem da Síria o procurava. Lucas dá a entender que Barnabé teve de empreender longa busca até o encontrar: "E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado. ..."

Barnabé levava notícias importantes. A fé tinha criado raízes em Antioquia, capital da Síria. Ainda mais, espalhara-se entre os gentios. Nesse ínterim Pedro tinha tido extraordinária experiência na casa de um centurião italiano de Cesaréia, prosélito judaico. Pedro, mesmo após uma ordem direta do Senhor, entrará um pouco constrangido naquela casa, e o Espírito Santo cairá sobre eles durante a pregação. Ele disse aos irmãos em Jerusalém que o criticaram por entrar numa casa gentia: "Se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" Portanto, quando as novas da conversão de muitos gentios em Antioquia chegaram aos apóstolos, estes enviaram Barnabé àquela cidade, a fim investigar a obra. Barnabé se alegrou com o que viu, e "exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor."

Barnabé que, à semelhança de Paulo não tinha esposa, fez de Antioquia o seu lar. Sob a sua direção a igreja cresceu rapidamente, e ele quis que Paulo fosse ajudá-lo.

Antioquia, a terceira maior cidade do mundo romano, ficava cerca de 25 quilômetros do mar, às margens do rio Orontes. A cidade guardava a planície estreita que se abria para o leste na direção do planalto sírio, e era protegida ao sul pelas escarpas do monte Silpius, com a cidadela no cume, e embaixo uma enorme escultura na rocha de uma cabeça humana sem rosto, popularmente tida como um *Charon* que transportava as almas mortas ao mundo subterrâneo. A cidade era magnífico exemplo de planejamento e arquitetura, testemunho da supremacia da civilização grega realçada pela paz romana. Como todas as outras capitais da época, era um amálgama de esplendor e pobreza: largas ruas ladeadas de colunatas, o palácio do Legado Imperial, templos, o hipódromo onde o romance *Ben Hur* situa a corrida de carruagens; e quilómetro após quilómetro de vielas supermovimentadas.

Os habitantes de Antioquia tinham reputação de imoderada exuberância, em parte por causa do seu humor satírico e senso vivo do ridículo mas, principalmente, pela vida sexual que até a Roma antiga achava excessiva. Oito quilómetros ao sul, na passagem para os montes, estava o extenso Bosque de Dafne, dominado por enorme estátua do deus Apolo. Nesse lugar,

centenas de prostitutas ofereciam o corpo a qualquer homem que desejasse adorar a deusa do amor. Entre as árvores e os templos também vivia uma ralé humana composta de escravos fugidos, criminosos, endividados e outros que aí iam procurar refúgio.

As vielas e os bosques de Dafne eram terrenos férteis, e na época em que Paulo chegou, a igreja de Antioquia refletia a variedade racial e social desta encruzilhada do Oriente. Ele podia começar imediatamente, pregando e falando do evangelho aos gentios nos mercados, nos lares, nos banhos públicos, nos vestiários dos ginásios de esportes e do hipódromo, sabendo que já existia uma vida eclesiástica calorosa e cheia de vigor para receber os convertidos.

Os crentes costumavam reunir-se (segundo uma antiga autoridade citada no século sexto) na rua Singnon, no distrito de Epifania, perto do Panteon, quase debaixo da escultura da cabeça de Charon. É provável que se reunissem numa casa de um irmão rico aos domingos, o dia da Ressurreição, a que chamavam Dia do Senhor, e os judeus pertencentes ao grupo já teriam assistido à sinagoga no sábado. O culto por certo se realizava em horas diferentes porque os escravos e pobres tinham de tirar tempo dos seus labores. Antioquia, que já possuía dezenas de seitas, decidiu que essa gente que tinha sua *ecclesia*, ou assembleia, e constantemente falava acerca de Jesus Cristo, não era uma espécie nova de judeus. Por isso cunhou-os de *christiani*, termo meio grego meio latino.

A igreja era rica em líderes. Além de José "Barnabé" e Paulo havia Lúcio de Cirene, de quem nada se sabe, e um aristocrata idoso chamado Manaém, colação de Herodes, o Tetrarca, que havia executado a João Batista e zombado do Senhor Jesus e que, recentemente, tinha perdido o governo.

Um líder chamado Simeão, ou Simão, de sobrenome Níger, era provavelmente negro. E a evidência pende para "Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo", o homem que chegara a Jerusalém no dia da crucificação de Cristo, cuja cruz os romanos o obrigaram a carregar. Ele fugira quando Paulo perseguia a igreja. Seu filho Rufo emigrou para Roma. Paulo, em sua carta aos romanos, muito tempo depois, manda saudações a Rufo, eleito no Senhor, igualmente à sua mãe, que também tem sido mãe para mim". Esta saudação sugere que ele encontrou um lar e afeição em Antioquia, junto àqueles a quem havia maltratado em Jerusalém.

Assim, Antioquia deu a Paulo lar, amigos e trabalho para curar as cicatrizes e as tensões da década solitária que agora tinha fim. Trouxe-o de volta à corrente principal da igreja cristã. Mas não podia passar de mera pausa. Ele tinha a certeza de não ter sido chamado para servir a uma comunidade cristã já estabelecida, ainda que de rápido crescimento, mas para ser apóstolo, enviado a proclamar as boas novas onde o nome de Jesus fosse ainda desconhecido.

O mundo todo aguardava. Ele ansiava terminar seu lento aprendizado e dar início ao trabalho de mestre construtor.

Um grupo de crentes da igreja de Jerusalém visitou a igreja de Antioquia, que os recebeu com alegria, especialmente por serem profetas que, como os do Antigo Testamento, podiam revelar a vontade de Deus acerca do presente e, ocasionalmente, do futuro. Um deles, chamado Ágabo, levantou-se no poder do Espírito e deu um aviso solene de que grande fome viria sobre todo o mundo. Os cristãos de Antioquia aceitaram essa palavra como revelação divina e resolveram ajuntar cereal enquanto o mercado permanecia normal, prontos para enviar ajuda a Jerusalém, onde as colinas não férteis seriam duramente atingidas pela seca.

Embora a maioria dos crentes fosse pobre, cada um pôs de lado o que podia, de semana em semana. Enviaram homens às terras férteis às margens do grande lago perto de Antioquia, os quais subiram o rio Orontes a fim de comprar milho, onde quer que o pudesse encontrar. A organização dessa empresa recebeu o apoio total do coração de Paulo. Conquanto sua própria obra fosse a evangelização e o ensino, ele sempre mostraria forte interesse pelas causas sociais. Ele também foi forte para forjar laços entre a igreja de Antioquia e a de Jerusalém.

No devido tempo a colheita falhou. Tácito, Suetônio e Josefo, historiadores quase

contemporâneos, registraram a falta de alimento nesse período. A severidade da fome na Judeia recebe o endosso da evidência de Josefo de que a rainha Helena, mãe de um rei gentio de além do império, comprou milho no Egito e figos em Chipre para distribuir em Jerusalém.

Provavelmente em agosto de 46 d.C, a igreja tenha nomeado Barnabé e Paulo para levar o cereal a Jerusalém. Para essa expedição de tamanho considerável, Paulo escolheu como assistente um jovem convertido por meio da sua pregação, Tito.

A escolha foi deliberada. Tito era grego de sangue puro e, portanto, incircunciso. Se Paulo pudesse levá-lo em sua companhia ao coração do judaísmo, estabeleceria o princípio de que um gentio pode ser cristão sem se tornar judeu.

Teriam levado o cereal por mar até Jope, e a partir daí nas costas de burros. Assim, no décimo primeiro ano depois de sua última visita a Jerusalém, e no décimo quarto da sua conversão, Paulo novamente podia ecoar as palavras do Salmista: "Nossos pés pisarão as tuas portas, ó Jerusalém". As portas, porém, tinham mudado. Os romanos haviam transformado a Judeia em reinado, uma vez mais sob Herodes Agripa I, sobrinho do assassino de João Batista, e esse rei tinha dado início à construção de novos muros ao norte. O local da crucificação de Jesus e da morte de Estêvão agora se encontravam dentro da cidade. Este Herodes recentemente tinha prendido a Pedro e a Tiago, irmão de João. Tiago fora executado. Pedro escapara mediante um milagre, em resposta à oração. Herodes morrera súbita e miseravelmente em Cesaréia logo antes de Barnabé e Paulo chegarem a Jerusalém.

O grupo de Antioquia entregou o alimento aos anciãos da igreja, pois os apóstolos conservaram o princípio estabelecido nos dias de Estêvão de não participarem da administração. Como os visitantes não tinham nenhuma pressa em voltar, cooperaram plenamente na distribuição do cereal aos cidadãos de Jerusalém, não somente aos judeus cristãos, mas também aos que não o eram, embora mais e mais estivessem aceitando a Jesus como seu Messias.

Paulo, porém, tinha uma tarefa particular em Jerusalém.

Ele queria examinar com Pedro e com os outros líderes o evangelho que pregava entre os gentios, para que, de alguma maneira não se encontrasse correndo em vão. Se algum detalhe das revelações que ele havia recebido, especialmente sua convicção de que os convertidos gentios não precisavam tornar-se judeus, entrasse em conflito com as palavras de Jesus e com as narrativas confirmadas das obras dele, então ele teria certeza — como todos os cristãos primitivos — de que sua mensagem era uma aberração não recebida através do Espírito de Deus.

Levando Barnabé consigo, ele procurou Pedro e fez arranjos para uma discussão confidencial, juntamente com João e Tiago, o irmão do Senhor, os quais pareciam ser as outras figuras principais.

Paulo era um pouco irritado acerca da sua posição. Ele se dizia apóstolo como eles, pois era testemunha ocular do Cristo ressurreto; havia sido comissionado pessoalmente para contar o que vira e pregar o evangelho; e fora diretamente instruído na Arábia, como eles o haviam sido na Galileia e na Judeia. Ele decidiu que nenhum líder terreno se poria entre si e o Senhor Jesus. Ficou aliviado, portanto, ao descobrir que esses três apreciaram a sua mensagem e não tentaram dar-lhe ordens. De fato, receberam-no com o maior calor, e nada encontraram contrário ao ensino e ações do Senhor Jesus quando viveram entre eles até ao dia da ascensão. O relato de Paulo do que Deus havia feito através dele era evidência clara, disseram eles, de ele ter sido designado para os gentios assim como Pedro o fora para os judeus. E não sugeriram que o jovem Tito fosse submetido à circuncisão; Paulo já tivera de ser um pouco abrupto com alguns cristãos judeus — ele duvidava da sinceridade da conversão deles e indica que eles tinham espiado Tito quando se encontrava despido — e murmuraram que um grego incircunciso não passava de meio discípulo de Jesus. Mas agora até mesmo Tiago silenciou suas reservas.

A conferência terminou com apertos de mão, boa vontade e uma política de que Paulo e

Barnabé deviam ir aos territórios gentios enquanto os outros trabalhariam na Palestina. O único pedido dos três líderes foi que Paulo, Barnabé e seus amigos gentios sempre se lembrassem dos pobres de Jerusalém, coisa que estavam ansiosos por fazer. O aprendizado havia terminado. Ele fora aceito como apóstolo.

Ele foi ao templo orar. Aqui, o idoso Simeão tinha visto o infante Jesus e oferecido seu *Nunc Dimittis*, "pois meus olhos viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel". Agora Paulo tinha sido escolhido e reconhecido como instrumento para cumprir a profecia. Sua mente e alma estavam envoltas em louvor e oração. Embora aos quarenta e quatro anos ele pudesse ser considerado um fracasso, com pouca coisa a mostrar, os anos pela frente seriam árduos, porém gloriosos.

Ele ainda acreditava, como havia acreditado ao pregar, imediatamente depois da sua conversão, que a igreja mundial seria construída sobre o fundamento das sinagogas judaicas por todo o império, cada uma transmitindo a luz de Cristo às cidades e ao interior nas terras gentias ao redor do Mediterrâneo. Parecia-lhe que a única maneira de começar era inspirar as sinagogas de fala grega em Jerusalém. Se ganhasse estes para Cristo, o restante do além-mar os seguiriam.

Paulo fizera uma tentativa nesse sentido na década passada, mas os judeus de Jerusalém haviam-se recusado a ouvi-lo porque o tinham como vira-casaca. Mas a fome lhes havia aberto os olhos e os ouvidos. Os que conheciam o seu passado de perseguidor dos seguidores de Cristo, viam-no agora como homem honrado e amável, a socorrer seus compatriotas. Portanto, o Jesus ressurreto que ele tinha visto, que o havia convertido, deve ser a verdade e o caminho. Inverteriam seu veredicto anterior e aceitariam o que ele lhes dissesse acerca de Jesus, e creriam no Senhor. O próprio fato de saberem que ele havia perseguido a fé era forte reivindicação para ser ouvido.

Então, de Jerusalém Paulo dirigiria equipes de judeus de fala grega e prosélitos até às mais longínquas regiões do império. Os convertidos gentios se juntariam a eles para levar a mensagem de Cristo ainda mais longe. Haveria um rebanho e um Pastor.

Enquanto ele meditava e orava, perdeu toda a conscientização da multidão e dos adoradores, do ruído que vinha dos pátios externos, dos cambistas e vendedores de pombos e rolas para o sacrifício. Perdeu toda a sensação de fadiga, de pé, enquanto as horas voavam. Ele tinha consciência apenas do Espírito de Jesus, o Senhor Jesus, jamais ausente, especialmente real sempre que a mente de Paulo estava livre, e agora mais obviamente presente em cada minuto que passava. Seu coração estava em fogo. Era como se a atmosfera ao seu redor se rarefizesse e o incrível e precioso calor do amor de Deus, de Cristo, queimasse a sua alma.

Então aconteceu: "Eu o vi".

Como contou a um auditório hostil anos mais tarde no mesmo lugar: "Eu o vi ali, falando comigo. Apresse-se, disse ele, e sai de Jerusalém sem demora, pois não aceitarão o seu testemunho a meu respeito."

Paulo argumentou, como Ananias e Pedro haviam argumentado. Argumentou com o Filho de Deus, que certamente devia ver que Paulo tinha de permanecer em Jerusalém, que os judeus aceitariam a palavra de um perseguidor convertido.

"Senhor", começou ele, "eles sabem que lancei na prisão aqueles que criam em ti, e chicoteei-os em cada sinagoga; e quando o sangue de Estêvão tua testemunha era derramado eu dei minha aprovação, e guardei a roupa dos que o mataram —"

"Vá! Pois eu o envio para muito longe, aos gentios."¹²

Capítulo 8

A Ilha de Afrodite

Durante todo o inverno depois da volta de Jerusalém, a sensação de um novo começo iminente apossou-se da igreja de Antioquia. Finalmente, num culto de adoração e jejum, sobreveio uma profunda convicção da vontade do Espírito Santo: "Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado." Então seguiu-se a solene imposição de mãos pelos líderes na presença de toda a igreja: os apóstolos não trabalhariam por conta própria, mas seriam representantes dos cristãos de Antioquia. O escravo mais humilde, o convertido mais recente teriam parte na empresa, falando ao Senhor a respeito deles, desejando saber do seu progresso, absorvendo as notícias que pudessem conseguir dos viajantes que cruzassem o seu caminho.

Barnabé e Paulo foram formalmente dispensados do seu ministério local. Viajaram de barco os 26 quilômetros do vale profundo e tortuoso do Orontes em direção ao mar, e contornaram o penhasco do porto de Antioquia da Selêucia, certos de terem sido comissionados por Jesus para espalhar seu evangelho, e de terem a sua promessa: "Eis que estou convosco todos os dias".

Traziam na memória as palavras dele — e possivelmente no papiro. Acompanhou-os João Marcos, parente de Barnabé, jovem de dedos curtos e sucinta maneira de falar, que tinha voltado com eles do seu lar em Jerusalém. Era subordinado deles, porém membro integrante da equipe: o vocábulo que Lucas usa para descrever a posição do jovem era empregado no mundo romano como "manuseador de documentos". Pode ser que Marcos já tivesse escrito, a pedido de Pedro, uma coleção dos ditos e feitos de Jesus, e fosse enviado pela igreja de Jerusalém com a intenção expressa de fortalecer a Barnabé e a Paulo através de leituras públicas, uma vez que deviam trabalhar entre os gentios. Ele podia adicionar inestimável testemunho ocular dos sofrimentos de Jesus se, como geralmente se acredita, ele era o jovem que o havia seguido no jardim do Getsêmani e fugido quando Jesus foi preso.

Os três missionários partiram da Selêucia nos primeiros dias da estação de navegação, nos princípios de março de 47 d.C. Chegaram com facilidade a Chipre, uma escolha preliminar óbvia, pois Barnabé era cipriota e a ilha continha uma minoria judaica substancial, grande o suficiente para levantar perigosa rebelião cerca de cinquenta anos mais tarde. Grande população de escravos também trabalhava na extração do cobre, fonte de riqueza da ilha. Os apóstolos aportaram em Salamina, o centro comercial da porção leste (perto da moderna Famagusta), onde anunciaram "a palavra de Deus, nas sinagogas judaicas".

A seguir rodearam a costa sul da ilha, parando pouco tempo em cada cidade. Se Paulo pensava que este método não era o melhor, não deu nenhum sinal ou, antes, concordou com a preferência de Barnabé, que era o líder. Para Paulo, Chipre não podia ser mais do que um prelúdio; a mensagem cristã tinha sido conhecida aí desde a chegada dos refugiados da sua perseguição quinze anos antes, ao passo que ele estava decidido a ir aonde Cristo não era conhecido. Ele tinha confiança de que o Senhor revelaria uma estratégia. Ele tinha a consciência mais forte, como mostram as suas ações, que toda a operação estava nas mãos do Senhor Jesus, que não era espectador passivo mas o comandante invisível, pronto para aproveitar as oportunidades, recuperar-se dos reveses e dispor as forças à medida que se formassem sob o seu pendão.

É possível que Barnabé duvidasse de que os gentios receberiam a Palavra; Antioquia podia ter sido um caso especial. Paulo não tinha dúvidas desse tipo. Ambos aguardavam um sinal.

Atravessaram colinas arborizadas, rodearam a baía onde, segundo Homero, Afrodite, a deusa do amor, emergiu das espumas. Evitaram o seu famoso templo no qual a prostituição, como em Dafne, tinha o valor de devoção religiosa, e desceram à cidade romana de Pafos, capital do melhor porto da costa sudeste. Logo, com grande surpresa, receberam um chamado para discursar perante a augusta presença do procônsul de Chipre, Sérgio Paulo.

O palácio do procônsul ficava um pouco acima da cidade. Enquanto Barnabé e Paulo subiam o caminho processional numa tarde de final da primavera, o sol brilhava nos deuses dourados acima do portão de granito do palácio e tocava os capacetes dos legionários, que levantavam as lanças em continência aos convidados de honra.

Antes de sair de Roma, Sérgio Paulo tinha sido curador do rio Tibre e é meticulosa a exatidão de Lucas ao chamá-lo de procônsul, uma vez que, pela teoria constitucional, Chipre pertencia ao Senado e não ao Imperador, cujos governadores provinciais eram chamados de legados. Sérgio Paulo tinha uma mente científica. Plínio, em sua *História Natural*, citou-o como autoridade. Ele também tinha gosto pela especulação e superstição, como Barnabé e Paulo perceberam, ao verem entre seu séquito um notório judeu renegado com o incongruente nome de Bar-Jesus, ou "Filho de um salvador", que se dizia profeta do Deus vivo, sendo ao mesmo tempo astrólogo, um Mago do Oriente (ou *Magus*) que se dedicava ao ocultismo e podia gabar-se do nome alternativo de Elimas, ou "Sábio".

Sentado no seu trono proconsular no espaçoso salão de audiências, uma brisa soprando levemente pelos pilares de mármore, tendo vislumbres da baía azul-celeste e da cidade branca embaixo, Sérgio Paulo queria ouvir o que os apóstolos ensinavam. Em breve, segundo uma frase do texto bem primitivo mas levemente ampliado dos Atos "Ocidentais", o procônsul "ouvia-os com muito prazer".

Iam a todo vapor, um acrescentando ao que o outro dizia, quando, abruptamente, desafiando o protocolo, Elimas os interrompeu. Ele lançou um ataque venenoso aos apóstolos e às suas novas, "procurando afastar da fé o procônsul", com todo o vigor de um homem que via sua influência prestes a desmoronar.

Paulo aguentou por alguns minutos, indignado, orando interiormente, lutando para se dominar. Então ele percebeu uma paz que lhe enchia a mente, e fogo, e teve a certeza de que o Espírito Santo havia tomado o controle da situação.

Paulo tinha um ponto de explosão baixo, um temperamento que às vezes podia explodir de exasperação extrema. Nos momentos seguintes, porém, ele se acalmava, e suas palavras mais terríveis nada deviam ao seu temperamento. Ele viu através de Elimas exatamente o que era. Viu também a urgência da situação, a luta pela alma de Sérgio Paulo. Os oficiais romanos da comitiva não se importavam com a quantidade de deuses que o homem adorasse, e haviam disfarçado um bocejo ou dois antes que a tensão súbita lhes desfez a indiferença. Mas era de suma importância para o apóstolo que Sérgio Paulo cresse em Jesus. Havia uma única verdade, e se Elimas-Bar-Jesus a pervertesse, devia ser julgado. Paulo não se importava pelo fato de estar prestes a arriscar sua própria pele, expondo aos ouvidos do poderoso protetor o charlatão, esse "filho de um salvador".

Fixando os olhos nele, Paulo disse: "Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?"

Elimas vacilou. E Paulo, totalmente em sintonia com o Senhor do Universo, sabia exatamente o que ia acontecer. Ele podia falar como profeta, predizendo o futuro imediato. Não era Paulo quem estava prestes a punir, mas Deus.

"Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo."

Imediatamente a vista de Elimas desbotou e a seguir falhou. Como Paulo na estrada de Damasco, Elimas andou à roda, procurando quem o guiasse pela mão.

No que respeita ao motivo médico do acontecido, Elimas provavelmente tenha sofrido o bloqueio de uma veia central. Se o Senhor pode abrir os olhos dos cegos, ele pode também

tocar uma veia central. Raramente se registra a intervenção no sentido de frustrar um oponente dos mensageiros do Senhor, mas esta foi para o bem último de Elimas, como Lucas sugere com a precisão dos termos que emprega: "No mesmo instante caiu sobre ele névoa e escuridade". Lucas jamais usa as palavras fora do seu contexto, e ele diz claramente que Elimas não ficou cego instantaneamente. Primeiro a luz desbotou e a seguir sobreveio a escuridade total. Esses detalhes só o próprio Elimas poderia ter fornecido, presumivelmente depois de se ter recuperado e, no mínimo, ter-se tornado amigo do historiador cristão.

Sérgio Paulo espantou-se. Acontecimento algum poderia ter convencido com mais presteza um romano de esmerada educação e acostumado com a autoridade de que o que tinha ouvido não era especulação ociosa mas verdade e poder genuínos. "Vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor". Ele sai da história, pois Lucas não estava fazendo um relato detalhado da expansão do Cristianismo. Mas no ano de 1912 o arqueólogo William Ramsay desenterrou uma inscrição em Anatólia, a qual, segundo sua perícia, demonstrava que Sérgio Paulo influenciou sua filha a tornar-se cristã, ao passo que seu filho, governador da Galácia na geração seguinte, e que provavelmente estivesse estudando em Roma na época da administração do pai em Chipre, permaneceu pagão.

Para Paulo e Barnabé o incidente era sinal de que Deus abriria a porta aos gentios. E Barnabé alegremente entregou a liderança a Paulo. Ele reconheceu que o Espírito Santo o havia moldado através da criação e do treinamento a fim de conduzi-los ao desconhecido.

Capítulo 9

Entrando na Galácia

"Paulo e seus companheiros" navegaram em direção noroeste para a costa da Panfília no continente da Ásia Menor. Agora, afinal, eram pioneiros de verdade. A Panfília ficava a oeste de qualquer território que Paulo pudesse ter alcançado nos anos ocultos, nem os cristãos aí estiveram ou foram além.

Assim, pelo fim dos seus quarenta anos, numa idade em que os homens buscam conforto e uma base firme, Paulo começou suas viagens mais difíceis. A tarefa era imensa. Contra ele estavam o pensamento contemporâneo, as grandes filosofias, as principais religiões do mundo. Seu aliado era a procura humana antiga e incessante pela verdade e segurança. No primeiro século, assim como no vigésimo, alguns eram devotos, outros supersticiosos, ainda outros francamente materialistas, embora prestassem culto de lábios aos deuses. Outros, desprezando a religião, criam apenas no Homem. Mas no íntimo, tirados os disfarces e quebradas as defesas, jaziam as mesmas ansiedades e esperanças.

O navio entrou no golfo de Atália. Deixando a estibordo uma grande montanha, e o porto de Atália abaixo de penhascos onde ribeiros, através de cachoeiras, caíam no mar, prosseguiram caminho de alguns quilômetros subindo o rio Cestro em busca de um porto menor, perto da cidade murada de Perge, um centro interiorano aninhado abaixo de sua acrópole. Paulo *não* tinha nenhuma intenção de parar. Seu impulso era prosseguir; o trabalho estava no interior, além de uma barreira de montanhas que os encarava do outro lado de uma planície estreita, mais a pique e feroz do que o leste do Tauro, perto de Tarso e mais terrível do que qualquer monte conhecido do cipriota Barnabé ou de João Marcos, que procedia da Judeia.

A esta altura Marcos volta para Jerusalém.

Paulo viu a volta dele como deserção. Tem-se especulado de várias maneiras a desculpa de Marcos. Alguns acham que Paulo tinha contraído malária e ido para as montanhas em busca de ar mais fresco e Marcos teve medo. Mas é duvidoso que ele deixasse um parente em terra estranha com um inválido. Outra suposição é a de que ele achava que, tentando alcançar os gentios, estavam indo além do que pedia sua comissão. Mas essa teoria não se encaixa no fato indisputável de que ele escreveu o seu Evangelho principalmente para os romanos. Pode ser que ele não tenha gostado da entrega da liderança de Barnabé; pode ser que ele se tenha acovardado, ou sentisse saudade do lar ou mesmo de uma esposa ou namorada. Qualquer que tenha sido a causa da sua volta, a despedida de Marcos deixou uma ferida em Paulo que levou anos para cicatrizar.

Paulo e Barnabé atravessaram a planície, onde o pó da estrada romana se levantava em nuvens sufocantes e, no dia seguinte, entraram nas montanhas através de gargantas a prumo, onde o calor se refletia da rocha cinzenta. Carruagens e carroças não subiam essas encostas. A estrada moderna faz curvas fechadas, mas os romanos estenderam a deles diretamente contra a passagem, e o suor gotejava dos caminhantes jovens e idosos. Entraram numa paisagem agreste de penhascos e pinheiros atrofiados. Na época de Paulo, entre a paz de Augusto e os problemas de Nero, as estradas romanas eram mais seguras do que em qualquer outra época, ou depois por mil anos, mas ele estava entrando numa das poucas regiões não totalmente domadas do império. Salteadores e nativos selvagens davam cabo de viajores solitários em pouco tempo; os apóstolos tiveram de se juntar a uma caravana.

Durante a noite mantinham acesa uma grande fogueira e todos dormiam ao redor dela, com os pés voltados para o calor. É provável que Paulo, na sua hora de vigia, enrolasse um

pelego nos ombros. Antes do amanhecer, levantavam acampamento, comiam azeitonas e queijo de leite de cabra e, se fizesse frio, bebiam vinho aquecido e adoçado com especiarias. (O chá só era conhecido na China, e os árabes ainda não haviam descoberto o café.) Partiam antes do nascer do sol a fim de aproveitar o frescor da manhã. Andavam devagar, com paradas ocasionais, esperando percorrer cerca de 205 quilômetros antes do meio-dia. Preparavam a refeição, dormiam à sombra, preferiam ungir o rosto com azeite em vez de lavá-lo, e não faziam nada em particular.

A jornada era lenta. Dia após dia, a grande altitude não encorajava os viajores a apressar o passo, ampliar os estádios ou, como os cavaleiros, tirar outro trecho durante a noite. O calor, as tempestades súbitas que inundavam as ravinas, o frio da noite quando os membros se endureciam e antigas cicatrizes doíam, o perigo de um ataque súbito — esta primeira viagem foi uma das mais difíceis. Ela devia estar na mente de Paulo quando se lembrou das durezas em sua segunda carta aos Coríntios, e o texto original parece ecoar o ritmo da marcha: "Em perigos de rios, em perigos de salteadores. . . em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez."

Na velhice Paulo diria: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. . . De tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece." Ele não aprendeu esse segredo de uma vez só. Pode ter havido vezes em que sua resistência chegou quase ao fim nesta jornada, ou quando, mais tarde, teve dificuldade em controlar seu temperamento por causa da ganância de estalajadeiros.

Mas com o tranquilo Barnabé ao seu lado, ele rapidamente tornou-se em bom viajor, encorajando os fracos ou temerosos do grupo, rindo-se das dificuldades. O biógrafo J. S. Howson achava que faltava a Paulo um senso de humor. Os judeus do primeiro século possuíam pouco humor natural; contudo, um homem que escreveu tanto acerca da alegria: "Regozijai-vos no Senhor", "amor, alegria, paz", "cantai com alegria no coração", "Deus, que nos dá ricamente todas as coisas para nosso deleite" — não pode ter sido triste. A alegria foi um dos produtos da conversão de Paulo.

Paulo teve épocas de depressão, até mesmo talvez de tendência à melancolia, mas ele também tirou muita coisa boa da vida.

Subiram as montanhas e entraram na grande província da Galácia, que cobria grande parte da Anatólia Central. Desceram para um altiplano mais colonizado, as caravanas se dispersaram e Paulo e Barnabé continuaram sozinhos. Assim, chegaram a um dos lagos mais lindos do mundo, chamado Limnai nos dias dos apóstolos, e Egridir hoje. Os montes à sua volta, um pico nevado à sua esquerda e outro, o monte Olimpo bem à frente, tudo constituía um cenário perfeito para o extraordinário azul--turquesa da água.

Durante três dias seguiram a trilha ao lado do lago. Sempre que os montes se afastavam, cada promontório e baía apresentava casas de fazenda e chalés cobertos de palha. Os apóstolos não tiveram dificuldade em encontrar pousada, e é provável que tenham falado de sua missão; não paravam para conversar com os viajores, pois Paulo preferia ir a um campo específico em vez de espalhar a semente pelo caminho, embora a amabilidade e a fome espiritual de seus hospedeiros, quer escravos, quer pequenos arrendatários, devem ter concedido uma pista dos espantosos acontecimentos por vir.

Finalmente atingiram um ramal da grande estrada procedente da longínqua costa oeste, e dobraram uma curva do lago até que o perderam de vista atrás dos morros. Apressando-se para chegar ao seu destino antes do Sábado, atravessaram uma garganta baixa e viram, diminuída por outra cadeia de montanhas, mas orgulhosa de seus templos e portões, a cidade e colônia de Cesaréia da Antioquia, mais comumente chamada de Antioquia da Pisídia.

Antioquia da Pisídia fora novamente fundada pelo imperador Augusto como colônia romana destinada a manter a paz nos montes. Ela ainda possuía um ar de fronteira e um

toque, por assim dizer, de Peshawar na fronteira Noroeste da Índia, nos dias do domínio britânico. Antioquia, porém, tinha proteção natural melhor que Peshawar, pois a sudoeste, abaixo do muro, que receberia o impacto de um levante tribal, estava a profunda e escarpada garganta do rio Anthios.

Poucos dos velhos e duros soldados plantados aí por Augusto permaneciam, mas seus descendentes, ao lado dos administradores do Sul da Galácia, constituíam a aristocracia que detinha a cidadania romana, os quais desprezavam os primeiros colonizadores gregos que formavam a classe média, e os nativos frígios que faziam o trabalho manual. A Antioquia da Pisídia, apesar do seu nome, ficava no distrito da Frigia, e os frígios eram conhecidos por sua grande força física e pequena capacidade mental. Eram exportados como escravos por todo o império, de modo que "frígio" era quase sinónimo de "escravo". Andando pela cidade, subindo os degraus através de magníficos arcos que comemoravam as vitórias marítimas e terrestres de Augusto, percorrendo a praça cujo nome fora dado em honra a esse imperador, e que era frontada pelo templo de mármore branco onde o imperador era adorado juntamente com o deus local, Paulo e Barnabé podiam sentir a arrogância de Roma e a amargura das orgulhosas tribos conquistadas havia menos de uma geração.

Antioquia tinha os seus judeus, cuja riqueza e indústria lhes haviam ganhado a tolerância romana pelo fato de perturbarem a economia com o seu hábito de não trabalhar durante um dia na semana. Na manhã de sábado Paulo e Barnabé entraram na sinagoga e assentaram-se no lugar dos rabis visitantes. Depois das orações e da leitura da Lei, os chefes da sinagoga enviaram o *hazzan* com uma mensagem cortês: "Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a."

Paulo se levantou. Ele percebeu imediatamente que a congregação consistia não somente de considerável número de convertidos ao judaísmo, mas também de gentios interessados, ou "tementes a Deus". Com um sinal que silenciou o murmúrio de antecipação, ele conseguiu a atenção de todos, fazendo uma abertura incomum: em vez de seguir o costume, ignorando a existência dos tementes a Deus, ele os incluiu em suas palavras: "Varões israelitas, e vós outros que também temeis a Deus, ouvi".

Ele começou com um resumo histórico muito parecido com a inesquecível defesa de Estêvão. Mas, ao passo que Estêvão não pôde passar do rei Davi antes que o ambiente ficasse tão hostil — ele mudou de assunto e começou a acusar os juízes — Paulo foi ouvido com total atenção.

Dos descendentes de Davi, disse ele: "Trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus". Ainda ouviam. Pela primeira vez no registro da sinagoga Paulo tinha um auditório favorável. Ele prosseguiu:

"Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus, a nós nos foi enviada a palavra desta salvação. Pois os que habitavam em Jerusalém, e as suas autoridades, não conhecendo a Jesus nem os ensinamentos dos profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias; e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto."

Ele deixou que a enormidade do que havia sido feito penetrasse a mente dos ouvintes.

Então, em tons altissonantes, Paulo proclamou suas fantásticas boas novas: "*Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos!*"

Ele falou acerca da ressurreição de Jesus, de suas testemunhas, de como havia sido predita. Chegando ao clímax de seu discurso, ele desfez a barreira que separava os judeus dos gentios, incluindo todos os presentes na graciosa oferta divina de perdão: "Tomai, pois, irmãos" — os tementes a Deus jamais haviam sido chamados de "irmãos" — "conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés."

Por toda a sinagoga Paulo podia ver a luz começar a brilhar nos rostos, aqui um gentio,

ali um puro judeu, acolá um prosélito. Ele insistiu com a necessidade de arrependimento pessoal e fé em Jesus, e terminou, dizendo: "Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezados, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não creereis se alguém vo-la contar."

Ao saírem eles, a congregação reuniu-se e pediu que lhe falassem mais no sábado seguinte. Judeus e prosélitos seguiram a Paulo e a Barnabé. Aquele dia e durante a semana os apóstolos se ocuparam com indivíduos e grupos e "os persuadiam a perseverar na graça de Deus".

Os gentios tementes a Deus correram para casa, quase não ousando crer que a fé em Jesus podia trazer perdão imediato e felicidade sem a necessidade da circuncisão e dos rigores da lei judaica. A notícia se espalhou imediatamente. No mercado, nos tribunais, nas tendas dos escravos da mansão do tribuno, ouviu-se a nova de que esses pregadores viajantes tinham uma mensagem que dava sentido à vida.

No sábado seguinte, quando Paulo e Barnabé chegaram à sinagoga, encontraram enorme multidão constituída mais de gentios que de judeus. Todos os lugares estavam ocupados. Veteranos e suas famílias, comerciantes gregos, escravos frígios se apertavam à porta e rua abaixo indo até à praça de Augusto. Os sacerdotes dos templos pagãos olhavam admirados o tamanho e o silêncio da multidão, que os ignorava e só tinha interesse por ouvir, se pudesse, o que os dois cristãos tinham a dizer. Só os principais da cidade e as mulheres de alta posição permaneceram indiferentes.

Na sinagoga o culto começou.

O rabi, os anciãos e os principais judeus, em vez de dar boas-vindas à maior multidão de sua época, ficaram furiosos. To-maram-se de inveja da resposta à mensagem de Paulo. O que na semana anterior receberam com respeito, agora repudiavam, e as pessoas que ali tinham ido desejosas de aprender acerca do poder e do amor de Jesus ouviram um ataque à suas reivindicações, viram seu caráter ser vilipendiado e seus mensageiros cobertos de insultos.

Paulo não se surpreendeu; eles estavam apenas dizendo o que ele já havia feito.

Ele não se importou de ser coberto de imundície verbal. Ele podia aguentar até mesmo as blasfêmias lançadas contra seu Senhor. Mas ele não ia ser amordaçado. Gentios e judeus queriam ouvir a mensagem e nenhum ancião judeu cego e auto-satisfeito haveria de impedi-los. Os dois missionários se puseram de pé com ousadia, arriscando-se a ser chicoteados por se oporem à autoridade legal, e responderam: "Cumprida que a vós outros em primeiro lugar fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. Porque o Senhor assim no-lo determinou", e Paulo citou a profecia de Isaías que Simeão tinha usado em seu cântico: "Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas por salvação até aos confins da terra."

Os apóstolos deixaram a sinagoga seguidos de todos os gentios, que se regozijavam, e de muitos judeus. Abrindo caminho entre as multidões, eles se dirigiram à praça e se postaram no plinto de uma estátua. E aí, para essa grande aglomeração de gálatas, Paulo pregou.

Ao escrever sua carta aos Gálatas, ele os lembrou dessa multidão: ". . . ante cujos olhos Jesus Cristo foi publicamente retratado como crucificado."

Capítulo 10

Progresso e Perseguição

Logo depois desse encontro, Paulo caiu doente, ou assim parece.

Em sua carta aos Gálatas ele escreve: "E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez, por causa de uma enfermidade física. E posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo não me revelastes desprezo nem desgosto; antes me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus." Ele não podia estar-se referindo àquele primeiro sermão na sinagoga, pois os anciãos jamais o teriam deixado pregar numa condição física repulsiva; eles atribuíam a enfermidade ao juízo divino. Por outro lado, Paulo não pode estar dizendo que foi a Antioquia por se ter enfermado em Perge, pois não seria objeto de desprezo nem desgosto na época em que chegasse: a extenuante marcha teria matado ou curado. É provável, portanto, que ele queira dizer que permaneceu muito mais tempo na região do que pretendia, e que por causa disso a maioria dos gálatas ouviu falar do evangelho.

Até então sua estratégia tinha sido essencialmente móbil. Em Chipre ele e Barnabé pregaram em muitos lugares, por pouco tempo. Em Antioquia da Pisídia ele foi forçado a parar. Ele esteve acamado, doente, durante várias semanas no auge do verão. A omissão dessa demora nos Atos não é conclusiva, uma vez que o propósito imediato de Lucas era recomendar o evangelho aos romanos e ele não via razão para introduzir assuntos subsidiários como enfermidade, os quais ofenderiam seus leitores. Os gálatas, porém, não foram ofendidos. Os recém-con-vertidos demonstravam interesse totalmente não romano para com o enfermo. Inundaram-lhe com amor e cuidado, desejaram arrancar os seus próprios olhos para substituir os olhos dolorosos dele. E, o tempo todo, o evangelho se espalhava.

Muitos, dentre a multidão que ouviu Paulo pregar na praça de Augusto, creram. Mostraram desejo imediato de partilhar sua descoberta, de modo que a fé em Cristo saltou de homem para homem como uma epidemia divina, não de doença, mas de saúde espiritual. Barnabé teve dificuldade em manter-se a par das coisas. Quando Paulo se recuperou o suficiente para entrar em ação, as aberturas por todo o distrito eram numerosas demais para que ele abandonasse Antioquia. Portanto, pela primeira vez, ele adotou a estratégia mediante a qual evangelizaria daí para a frente: acomodar-se num centro a fim de alcançar uma região, e alcançá-la através de convertidos.

Mesmo antes de ele poder andar, os convertidos trouxeram seus amigos ao lado da sua cama, e Gálatas provê vislumbres retrospectivos do que o apóstolo disse. Sua mensagem inteira centrava-se em Jesus Cristo. As palavras que um contemporâneo de Spurgeon usou a respeito deste podiam-se referir a Paulo: "O Senhor Jesus era para ele uma realidade tão inteusa e viva, ele cria tanto na sua proximidade e presença e no amor maravilhoso com o qual ele nos ama, que o ouvinte sentia que o pregador falava da experiência vívida do que tinha visto e ouvido." Paulo podia transmitir, em elevado grau, a maravilha e a certeza daquele recente acontecimento histórico — a crucificação de Cristo pelos pecados dos homens — e o espantoso fato de "Deus o ter levantado dentre os mortos", a frase do seu sermão na sinagoga, a qual ele provavelmente usou muitas vezes, pois a Carta dá a impressão de que ela era conhecida dos gálatas.

E eles ouviram e creram porque, como Paulo lhes lembrava, era o Espírito que introduzia as suas palavras no coração dos ouvintes. Os gentios voltavam-se das garras dos deuses, que não são deuses, e os judeus voltavam-se das garras da lei e da busca da justiça própria. Não importava quem fosse, gentios ou judeus, pois em Cristo, insistia Paulo, não é a circuncisão nem a incircuncisão, mas o poder do novo nascimento.

O preço que Paulo pagou foi imenso. Estes eram seus filhos espirituais e ele usou a analogia do parto (em um mundo sem anestesia) para descrever seu cuidado e oração e esforço mental.

Tão logo os jovens e idosos demonstravam sinais de uma personalidade nascida de novo, ele estava pronto a permitir que fossem batizados, assim como ele o fora por Ananias apenas três dias depois de sua conversão. Paulo tinha opiniões fortes de que a mudança de caráter é prova de conversão genuína. Se o Espírito de Cristo tivesse vindo a uma pessoa, os frutos do amor apareceriam: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio". Tais coisas eram pouco conhecidas em Antioquia, exceto o autocontrole estóico entre as classes altas. Ensinar que um escravo não devia mais mentir nem enganar era revolucionário; mais espantoso ainda era a descoberta que o escravo fazia de que ele já não queria mentir nem enganar, e que amava o seu senhor a quem temera e de quem se ressentira.

Paulo sabia muito bem que cada convertido tinha um conflito, que a nova natureza não erradicava a antiga, e ele os prevenia, como sua carta mais tarde lembraria, contra as obras da carne: "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas". Tal comportamento estava ao redor deles, esperando para levá-los de volta à lama, mas "se sois guiados pelo Espírito, não cumprireis os desejos da natureza inferior". E, assim, trabalhou duro a fim de edificá-los em Cristo. O desejo que tinham de orar era tão natural como o chorar de um bebê recém-nascido; ele mostrou-lhes como orar. A fome deles pelo conhecimento do Senhor Jesus era tão aguda quanto a do Paulo recém-convertido; ele lhes contou tudo o que sabia, e ensinou-os, quer ex-gentios, quer judeus, a tratar as Escrituras judaicas como a Palavra de Deus explicada através de Cristo.

Nada disso ocorria de modo isolado. Havia nascido em uma família, e — uma doutrina radical para os ouvintes de Paulo — cada membro tinha igual valor.

O mundo antigo estava totalmente tomado pelo ódio ou desprezo de uma classe por outras. A cor, a raça ou a religião, exceto para os judeus, tinha menos importância que sua posição; um negro ou um cinto das estepes podia conseguir riquezas, poder e cidadania romana mas, no que concernia ao Estado e aos vizinhos, o filho vencido de um rei, de pele branca, de esmerada educação, quando reduzido à escravidão tornava-se um bem descartável cujo dono podia partir-lhe o crânio ou mandar chicoteá-lo até sangrar.

Em contraste com esse estado de coisas, Paulo ensinava, e o Espírito aprovava em sua experiência, que "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Assim, à medida que Barnabé e Paulo, que estava em convalescença, iam de grupo em grupo, ora na casa de um judeu rico, ora numa chácara frigia, veriam mestres e escravos, avós e jovens, comerciantes e soldados, partilharem o cálice da bênção e o partir do pão.

Nos anos futuros, os gálatas teriam fracassos e quedas que quase quebrariam o coração de Paulo, mas nestes primeiros dias de fé eles possuíam um senso tremendo da realidade de Cristo, sua ação e presença operando neles e através deles. Cada um tinha um cuidado zeloso em servir ao seu próximo e ao seu Salvador, levando um ao outro, tendo certeza de que a confiança no Senhor Jesus era o acesso à vida completa que começava de imediato e atingia a plenitude com a morte. Portanto, enquanto ainda aprendiam dos dois apóstolos, os convertidos se espalharam até que, como escreve Lucas, "e divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região".

Paulo os encorajava. Ele esperava que o Espírito transformasse os "discípulos", aqueles que são passivos e aprendizes, em "apóstolos" ativos e proclamadores da mensagem. Parece que ele, mentalmente, tenha elevado, sem demora, os verdadeiros convertidos à posição de colegas, e por isso sofria pesar quase exagerado quando um deles falhava.

Os convertidos que não estavam sob a escravidão, subiram as montanhas, alcançaram

o grande lago onde as cabanas de palha cobriam as baías, e depois transpuseram a alta cadeia de montanhas que separava o interior da Antioquia do planalto central. Pregavam a graça de Deus e sabiam que Jesus cooperava com eles, porque de vez em quando viam a luz raiar num rosto atento. Em questão de semanas, surgia uma igreja numerosa e expansiva. Uma vez que as famílias muitas vezes se uniam à igreja como um grupo, podia haver fé rasa misturada com profunda, o joio entre o trigo, mas esses dias foram como a primavera do espírito. Pastores que vigiavam seus bodes, falariam livremente acerca de Jesus. Dentre os barcos de pesca no Limnai que voltavam no final da tarde trazendo seus peixes, via-se alguém abaixar os remos e a tripulação inclinar a cabeça em oração. Uma mulher, ao se encontrar com uma conhecida no mercado, descobria que ela também era crente. Um escravo no campo, numa grande fazenda, achava as últimas e piores horas do dia, logo antes do pôr-do-sol, mais suportáveis e curtas porque Cristo estava com ele. O soldado no muro à noite acima do penhasco tinha uma nova canção para cantarolar.

Paulo e Barnabé queriam permanecer até terem certeza de que a igreja podia prosseguir sozinha. Mas depois de dois meses na cidade, no calor crepitante de agosto, época em que o pó cobria tudo, sobreveio-lhes uma tempestade.

Durante todo esse tempo os judeus que se recusaram a crer em Cristo tinham permanecido passivos. Não podiam atacar diretamente porque os apóstolos haviam-se afastado da sinagoga, e os magistrados da cidade-colônia não queriam saber das reclamações contra estrangeiros obedientes a lei. Contudo, a influência cristã aumentava, e estes judeus já não podiam suportá-la. Portanto, instigaram duas ou três mulheres piedosas de alta posição até que suas ansiedades acerca da possível disseminação do descontentamento entre as classes inferiores se tornaram tão intensas quanto sua repugnância pelo ensino de Paulo. Em Antioquia, como por toda a Ásia Menor, a devoção pagã à Deusa Mãe, sob seus diversos nomes, havia feito que as mulheres tivessem grande influência na sociedade. Os maridos das prosélitas, romanos típicos cuja religião era a lealdade ao divino imperador, ouviram com respeito a suas esposas, e decidiram que os novos pregadores deveras não passavam de vadios que promoviam confusão.

De uma frase curta de Lucas e de uma referência de Paulo numa carta escrita na sua veíhice, podemos deduzir o que aconteceu a seguir.

Os principais da cidade se queixaram, não aos administradores provinciais, que não tinham jurisdição sobre os assuntos locais de uma colônia romana, mas aos magistrados. O propósito era expulsar a Paulo e a Barnabé, mas a expulsão sempre envolvia o castigo sumário. Quando lançaram os dois na prisão, as vítimas sabiam o que as aguardava. Paulo, porém, era cidadão romano. E possível até mesmo que ele carregasse um díptico no qual estivesse registrada sua cidadania. Ele certamente podia lançar mão do "Civis Romanus sum" e, embora expulso, escaparia da surra e das indignidades contra sua pessoa. Barnabé, não sendo cidadão romano, sofreria toda a força da lei.

Mas Paulo não tinha a intenção de escapar ao que Barnabé teria de aguentar, e ele nada disse acerca da sua cidadania.

No dia seguinte, juntamente com alguns ladrões e escravos recapturados, os apóstolos foram levados a uma cela na praça da cidade. Os magistrados tomaram seus lugares no *bema*, ou plataforma elevada. Atrás deles ficavam seus fortes lictores, cada um tendo na mão o seu *fasces*, um punhado de varas enroladas em torno de uma machadinha, símbolo da autoridade do magistrado de uma colônia romana, e o meio de sua execução.

A audiência era pública; muitos cristãos observavam tristemente dentre a multidão. Empurraram Paulo e Barnabé, manietados, para o espaço abaixo dos magistrados. Estes ouviram o caso e pronunciaram a sentença. Um lictor desceu até os apóstolos. Primeiro forçou a Paulo, e a seguir a Barnabé, até o pilar de chicoteamento. Rasgou-lhes as roupas e as jogou num monte. Nus, foram dobrados sobre o pilar e amarrados. O lictor extraiu varas do seu *fasces*. Então bateu.

Depois do castigo, doloroso mas não incapacitável, remove-ram-se as algemas; os apóstolos sangrentos vestiram as roupas rasgadas, e sem oportunidade de se recuperarem, foram escoltados até os limites da colônia e expulsos do território. Os cristãos os seguiram, mas judeus incrédulos também, van-gloriando-se do êxito da sua tramóia. Foi provavelmente por causa destes que Paulo e Barnabé solenemente executaram a ordem do Senhor a seus primeiros mensageiros: "Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sair dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles."

Capítulo 11

Apedrejado

Entre os cristãos convertidos que testemunharam o espancamento estavam Lóide, uma judia idosa, sua filha Eunice que se casara com um grego, e Timóteo, filho de Eunice. Lóide creu primeiro, a seguir a sua filha. Timóteo, com dezessete ou dezoito anos de idade, era filho na fé de Paulo, um daqueles por quem ele havia sofrido dores de parto, um laço de que ambos jamais se esqueceriam. Eram cidadãos de Listra, a próxima cidade-colônia romana cerca de 200 quilômetros a leste e, evidentemente fizeram preparação a fim de viajar para casa com os apóstolos, que, apesar da sua dor, pareciam a Timóteo surpreendentemente felizes.

A expulsão de Antioquia não tolheu a liberdade de movimento além da região circunvizinha. Paulo e Barnabé podem ter-se recuperado dos piores efeitos do espancamento e, a fim de dar instruções finais, ter permanecido um dia ou dois na casa de cristãos que viviam à margem da Via Augusta, que passava pelos morros baixos ao leste da cidade. Descobriram com prazer que, longe de ficarem desanimados ou temerosos, os convertidos regozijavam-se, certos de que o Espírito Santo não os abandonaria com a partida de seus mensageiros, e que se o castigo de Paulo era o prelúdio ao castigo deles, haveriam de perseverar. Tendo o Senhor ao seu lado, não receariam o que o homem pudesse fazer.

Assim, a pequena caravana partiu pela Via Augusta, Eunice e Lóide preocupadas com os vergões e Timóteo carregando seus apetrechos. Após dois dias de viagem e encontrando-se na região abaixo da cadeia de montanhas do norte, tinham de pernoitar em estalagens, as quais, no império romano, geralmente eram bordéis, e Paulo ansiava pelo dia em que a Galácia e a Ásia Menor — e o mundo — estivessem salpicados com lares cristãos ansiosos por alojar os viajantes crentes.

No sétimo dia de caminhada, depois de se elevar de uma planície estreita e fértil ao lado de outro lago apoiado pelo Tauro, a estrada dividia-se em duas. Pode ser que as duas mulheres tenham continuado pela estrada militar até Listra, mas Timóteo ficou com os apóstolos, que tomaram a estrada da esquerda e desceram à antiga cidade de Icônio, às margens do planalto central. Os dois apóstolos entraram sem se anunciar, mas Paulo aproveitou a primeira oportunidade para pregar na sinagoga e, como aconteceu em Antioquia, o resultado foi fenomenal. Grande número de judeus e de gregos creram, de modo que desde suas primeiras horas esta segunda igreja gálata foi para Paulo o que uma igreja devia ser: uma união de raças. Judeus de nascimento ou gentios, todos eram um em Cristo Jesus.

Os judeus que se recusaram a crer que Jesus podia ser seu Messias prometido, atacaram imediatamente: "incitaram e irritaram os ânimos dos gentios contra os irmãos". Ao passo que os convertidos estavam experimentando a nova dimensão que Paulo chamava de "vida eterna", os incrédulos estavam ocupados em propagar histórias que faziam tremer os indecisos. Assim, Icônio, com sua poeira, vento e estranhos morros gémeos que se levantam como pirâmides, tornou-se o primeiro lugar do mundo a presenciar em grande escala um padrão que se repetiria através da história: se homens e mulheres começarem a viver como Jesus Cristo, seus inimigos enegrecem-lhes o nome. "Odiados por seus crimes secretos. . . Acusados de ódio pela raça humana. . . Homens de mau caráter e merecedores do mais severo castigo." Estas frases vêm do relato que Tácito fez dos cristãos no reinado de Nero, e contudo, são quase que um perfeito eco da propaganda soviética contra os cristãos na Rússia de hoje.

E, assim como acontece na Rússia moderna, e como aconteceu na Roma antiga, da mesma forma em Icônio: a atmosfera de rejeição provou-se saudável ao evangelho da paz. Dia após dia, semana após semana, registra Lucas que Paulo e Barnabé "de-moraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça,

concedendo que por mão deles se fizessem sinais e prodígios."

Alguns teólogos ocidentais têm relegado a frase "sinais e prodígios" a uma inserção posterior, ou como evidência de que Lucas acreditava em contos de fadas, mas essa frase não perturba os crentes da África ou do Oriente. Tampouco o ocidental sensível que, sem o saber, dormiu numa casa tribal da Birmânia Superior perto do altar dos espíritos, ou que enfrentou um curandeiro no Congo, está disposto a duvidar que Lucas tenha relatado com sua costumeira exatidão. Os poderes do mal podem preferir formas sofisticadas no Ocidente, mas o restante do mundo não se apressa a relegar os "espíritos malignos" ou "demónios" a produtos da imaginação. E os "sinais e prodígios" de Icônio provavelmente foram exemplos de homens e mulheres que encontraram, através de Cristo, libertação súbita de sofrimento mental, doença nervosa ou escravidão consciente a espíritos malignos. Ele escrevia outro capítulo na história começada na Galileia: "Naquela mesma hora curou Jesus a muitos de moléstias e flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos."

Cresceu a tensão. A cidade dividiu-se entre os que eram pelos apóstolos e os que os odiavam. Embora muitas vezes atacassem a Paulo nas ruas, ele planejava passar o inverno em Icônio. Então, num dia de final de outono, ele ouviu dizer que os judeus inimigos e os gentios tinham conseguido a atenção dos administradores distritais, dispostos a fazerem vista grossa à violência da multidão. Ele e Barnabé seriam apedrejados, não mediante processo legal, mas como cães.

Decidiram fugir. O apedrejamento podia ser fatal. E o ataque com consentimento das autoridades podia provocar uma perseguição geral dos convertidos. Embora a fuga dos apóstolos significasse que os crentes teriam de se defender a si mesmos, Antioquia demonstrara que uma jovem igreja estava pronta a fiimar-se sozinha na força de Cristo mais cedo do que seus fundadores poderiam esperar. Portanto, tendo Timóteo como guia, obedeceram à instrução do Senhor: "Quando, porém, vos Perseguiem numa cidade, fugi para outra."

Cedo da manhã seguinte, assim que os portões se abriram, eles saíram na direção do sul. Seu destino era óbvio: Listra, uma cidade-colônia fora da Frigia, vizinha do distrito licaônio, aonde não chegava a jurisdição dos magistrados de Icônio. Listra era o lar de Timóteo. "Tu, porém", Paulo lembraria muito tempo mais tarde, depois de palmilharem muitas trilhas juntos "tem seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, — que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor." Numa marcha forçada através da planície, tendo à esquerda o vulto distante do monte Negro, o qual veriam até entrarem nos contrafortes do Tauro, percorreram 40 quilômetros em um dia. Finalmente avistaram a cidade de Listra, que sobressaía no início de um pequeno vale. Na frente da cidade, iluminado pela luz vespertina, ficava o templo de Zeus, que logo seria a causa de um dos episódios mais horríveis da carreira de Paulo.

Paulo e Barnabé não tinham, de modo nenhum, perdido o fervor e o zelo através das dificuldades de Antioquia e de Icônio, e em breve os convertidos novamente estavam saindo de dois em dois, levando o evangelho a pequenos povoados à beira das lagoas espalhadas pelas colinas, e através da planície na direção de Derbe. Estes convertidos eram, na maioria, gregos. Se existiu alguma sinagoga judaica não resta indícios dela na literatura ou nas ruínas (Listra ainda não foi adequadamente escavada), e os romanos, que aqui falavam latim mais do que nas colônias de Antioquia, tinham pouco interesse. Os licaônios ouviram, pois a colheita estava terminada e eles sabiam o grego, a língua do comércio, embora entre si usassem seu idioma materno.

Entretanto, poucos haviam crido até que ocorreu um incidente extraordinário à luz do sol de um dia de verão. Perto do lugar favorito de pregação de Paulo no foro, ficava um aleijado de nascença, personagem local bem conhecido que jamais fora capaz de andar porque

não possuía força nos pés e a quem amigos levavam todos os dias para a colunata. Paulo falava do Deus Todo-poderoso que ressuscitara a Cristo dentre os mortos. Seu olhar percorria a audiência. Alguns estavam indiferentes, outros intrigados, outros atentos ou esperançosos. De súbito ele percebeu o rosto do aleijado. Parou de pregar. Seus olhos se fixaram no homem. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que o homem tinha fé para ser curado, não só do espírito mas também do corpo, e que o poder que havia mandado um aleijado na Galileia tomar a sua cama e andar esperava para honrar a fé, a de Paulo e a do aleijado.

Paulo gritou: "Apruma-te direito sobre os pés."

Instantaneamente, o homem saltou e andava. Não um andar hesitante e cauteloso, mas dando pulos e fazendo movimentos vigorosos.

O efeito desse milagre sobre a multidão foi elétrico. Começaram a falar em licaônio, língua que nem Paulo nem Barnabé conheciam, mas perceberam que uma excitação intensa e reverente tomava conta do auditório. Alguns jovens saíram correndo na direção do templo de Zeus.

No passado lendário de Listra, como toda criança aprendia nos joelhos das mães, o supremo deus Zeus e seu mensageiro e arauto Hermes, haviam-se disfarçado de viajantes pobres e procurado abrigo entre os licaônios; e haviam sido rejeitados até baterem à porta de um velho casal de camponeses, Filemom e Baucis, que lhes deram abrigo e alimento. Os deuses se revelaram, transformaram as pessoas inospitais em rãs, e a cabana de Baucis num templo de ouro e mármore. Esse templo estivera em frente de Listra muitos anos antes da chegada dos romanos. Os licaônios sempre tinham aguardado o dia em que os deuses voltariam, desta vez para serem tratados com honra.

E agora tudo se encaixava. Dos dois operadores de maravilhas que haviam chegado, um era baixo e volátil e fazia pequenos discursos: obviamente era Hermes (ou Mercúrio para os romanos). O outro, alto, calmo, que dizia poucas palavras em público, mas usava seu arauto para transmitir suas mensagens, mostrava as marcas do supremo deus Zeus (ou Júpiter).

O principal dos sacerdotes de Zeus correu ao pasto do templo e trouxe bois para o sacrifício e os enfeitou com grinaldas de flores e ramos de oliveira e madeiras coloridas. Agarrou a faca, e com toques de trombetas entrou na cidade onde as multidões já se reuniam na larga praça logo dentro dos portões. No foro, licaônios cantando e dançando cercaram a Paulo e a Barnabé que não sabiam o que estava acontecendo. Formou-se uma procissão. Convidaram-nos, com profunda reverência, a subir a larga rua na direção do portão da cidade. Somente então os apóstolos perceberam, com horror, o que o cântico proclamava: "Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós." E que estavam prestes a oferecer sacrifício a fim de ganhar-lhes o favor.

Instintivamente, os apóstolos rasgaram as roupas, reação judaica à blasfêmia, e correram rua acima a fim de implorar que o sacerdote parasse. Paulo subiu na pedra sacrificial e gritou: "Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual nas gerações passadas permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria."

O sacerdote hesitou. A multidão titubeava, murmurando, temerosa de ofender à divindade, quer fosse seu ídolo, quer este Deus vivo do qual Paulo falava.

Nesse instante, chegaram estrangeiros; suas vestes mostravam que eram judeus, antagonistas de Paulo de Antioquia da Pisídia e de Icônio, os quais estariam comerciando em Listra.

Esses homens instigaram a multidão. Os murmúrios aumentaram. Com a rapidez apavorante das turbas orientais, o ambiente mudou de adoração para fúria. Um jovem apanhou uma pedra, apontou e atingiu em cheio o rosto de Paulo. Num instante, antes que

Barnabé ou seus amigos pudessem protegê-lo, ele se encontrava sob uma barragem de pedras, no queixo, no estômago, na virilha, no peito, na frente. Ele caiu duro, o sangue a correr-lhe do nariz e dos olhos. A multidão arrastou o corpo para fora da cidade e desapareceu antes que os guardas romanos do portão pudessem identificar os assassinos.

Os convertidos que presenciaram o súbito assalto, formaram um círculo ao redor do corpo, espantados e incertos.

Paulo se mexeu. Tendo cada músculo e nervo ferido, a cabeça pulsando, o estômago revoltado, ele se forçou a levantar.

Ajudaram-no a caminhar através de ruas desertas. A multidão, com medo da ação civil, havia desaparecido. Ataram-lhe as feridas, mas não era seguro permanecer na cidade mais que uma noite. No dia seguinte, quando cada osso do seu corpo clamava por descanso, ele partiu com Barnabé. Embora pudessem ter emprestado um burro para levar a Paulo, a viagem não deve ter sido menos do que tortura, enquanto seguiam pela estrada rumo ao leste, passando primeiro por uma linha de colinas, então entrando na grande planície, andando contra os ventos de inverno e ocasionais nevascas, quilómetro após quilómetro de terreno monótono, tendo o monte Negro à sua frente, o qual, como uma ilha, se aproximava vagarosamente a cada hora que passava.

Tendo atravessado a fronteira do reino de Comagene, estavam a salvos.

Há muito que eruditos indagam como Paulo poderia ter encontrado abrigo em Derbe quando Listra ficou quente demais para contê-lo, uma vez que ambas as cidades pertenciam à província da Galácia licaônia e não distava muito uma da outra, ao passo que Icônio estava a uma distância confortável de Antioquia, embora dentro do distrito da Frigia. Mas ninguém podia descobrir o lugar exato de Derbe. Finalmente, em 1941 ele foi finalmente identificado; não, como se supunha, nas encostas do monte Negro próximo a Listra, mas em Devri Sehri, ao leste, além da fronteira do estado nativo. Ela pertencera à Galaria licaônia e fora mesmo agraciada pelo imperador Cláudio, até que foi cedida, um ou dois anos antes da visita de Paulo, juntamente com Laranda, sua vizinha mais importante, ao rei Antí-oco de Comagene, que governou o território entre a Galácia e a Cilícia como vassalo dos romanos.

Aqui o Paulo contundido encontrou acolhida, compreensão e restabelecimento. Deveras, pode ter sido o povo de Derbe, que ainda se consideravam gálatas, uma vez que a transferência "e governo não passava de conveniência administrativa, que Paulo tinha em mente quando escreveu as últimas palavras de sua carta a todas as igrejas espalhadas: "E, posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo não me avelastes desprezo nem desgosto; antes me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus. . . se possível fora, eríeis arrancado os vossos próprios olhos para mos dar."

Naquele inverno os apóstolos fizeram muitos discípulos em Derbe. Enquanto recobrava sua constituição de aço, Paulo não deu descanso à sua comissão. As mesmas cicatrizes no seu corpo eram um lembrete constante da violência do homem e do pecado. Para ele, também eram símbolos da crucificação — ele as chamou de "as marcas de Jesus" — e a consciência da necessidade do homem e do amor de Deus pressionava-o quase ao ponto da neurose, uma razão pela qual ele preferia evangelizar em equipe. Um colega como Barnabé podia consolá-lo na enfermidade e impedir que ele fosse além de suas capacidades físicas.

A neve derreteu-se nas planícies e encostas, os ventos diminuíram, os apóstolos deixaram Derbe. Podiam ter seguido a rota comercial leste na direção dos portões cilicianos e chegado com certa rapidez à Síria através de Tarso. Em vez disso, tomaram a estrada que passava através das três cidades que os haviam tratado com desdém. Embora um novo ano significasse novos magistrados e o lapso das proibições impostas pelos antigos, Paulo e Barnabé eram homens marcados. Era preciso coragem para encarar mais apedrejamentos e surras.

Chegando a Listra, foram grandemente encorajados. Apesar dos problemas e dificuldades, perseguições e durezas, a igreja não se havia dissolvido nem parado de crescer.

Os apóstolos não se apressaram a sair, mas fortaleceram "as almas dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus." O tempo todo procuravam descobrir aqueles que, dentre os convertidos, deviam receber a responsabilidade da supervisão da igreja. Paulo ainda não havia definido os dons ou o caráter requerido, mas ele e Barnabé criam que podiam saber a quem o Espírito preparava, e estavam decididos que cada igreja devia ter liderança local, embora a experiência que os gálatas tinham de Cristo fosse um tanto recente.

Feita a escolha, os crentes separaram um dia para jejuns e orações, o qual culminou com uma solene ordenação, depois da qual os apóstolos encomendaram os novos presbíteros e seu rebanho "ao Senhor em quem haviam crido".

Os dois caminharam para o norte. Arados revolviam a terra vermelha nos trechos em cultivo; as árvores estavam floridas.

Ao avistarem os picos gémeos de Icônio, regozijaram-se. À sua direita, o monte Negro, com o cume coberto de neve, lembrava-lhes que os irmãos estavam orando por eles em Derbe.

Depois de fortalecer os crentes e eleger presbíteros em Icônio, retomaram a longa marcha rumo ao oeste. Ao se aproximarem de Antioquia da Pisídia, é possível que roceiros trabalhando ao longo da estrada corresse a saudá-los; logo homens e mulheres de diferentes formações se acotovelavam alegremente a fim de assegurar a Paulo que o que ele lhes havia dito era verdade, nos bons e nos maus dias. Havia descoberto por si mesmos que o Senhor Jesus era tudo o que Paulo prometera, e muito mais. Os apóstolos tiveram também a emoção de encontrar muitos que se haviam unido à igreja depois da sua partida.

Permaneceram em Antioquia uma ou duas semanas e, finalmente, se dirigiram para casa. Ao lado do lago Limnai, onde haviam andado como estranhos um ano antes, tiveram um progresso quase triunfal. Cada dia uma família de crentes os escoltava ao próximo lar cristão. Às vezes eram transportados em burros, ou percorriam um estádio de barco. À noite todos os cristãos da região se reuniam, e estaria presente entre eles o mais profundo sentimento do Senhor Jesus à medida que Paulo e Barnabé proferiam palavras de ânimo e conselho, e a seguir, ordenavam os presbíteros.

Na manhã seguinte prosseguiram a caminhada. O lago tão calmo e a atmosfera tão feliz pareciam lembrar-lhes que o Senhor "leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma." Era impossível pensar nos desapontamentos que o futuro lhes reservava.

Capítulo 12

“Resisti-lhe face a face”

Os cristãos de Antioquia da Síria, tantos quanto puderam se reunir, encheram o *atrium* da espaçosa casa da rua Singon, cujo dono hospedava a igreja. Esquecidos do mau cheiro que se levantava da cidade no final de um dia quente e do seu próprio suor, judeus e gentios, ricos e pobres, escravos e livres, sentados lado a lado, tinham um único pensamento nesta noite de fim de verão de 48 d.C: Paulo e Barnabé tinham voltado.

Chegaram sem anúncio, como todos os viajantes do mundo antigo, com exceção dos mais nobres. Navegaram de barco costeiro pelo Orontes até Antioquia e, imediatamente, mandaram chamar seus parceiros, toda a igreja. Seu importante relatório durou até tarde da noite. Os apóstolos se revezaram na apresentação que era quebrada apenas por um ocasional hino de louvor. Contaram a história desde sua chegada a Chipre até que finalmente deixaram a Antioquia da Pisídia para voltar ao lar, retornando a pé através do Tauro até Perge, onde desta vez permaneceram tempo suficiente para apresentar sua mensagem. Havia prosseguido viagem, percorrendo pequena distância ao longo da planície. Então desceram o penhasco, chegando ao porto de Atália.¹⁵ Podem ter sofrido um naufrágio, pois a viagem de Atália a Antioquia foi a mais longa que Paulo fez antes de escrever que estivera três vezes em naufrágio.

Havia percorrido mais de mil e seiscentos quilômetros a pé sessenta dias consumidos inteiramente por terra — e, quanto às brutalidades que tinham suportado, algumas das cicatrizes de Paulo eram por demais evidentes e suas pernas estavam mais tortas do que nunca. A ênfase, porém, não foi nos sofrimentos e aventuras, mas em "quantas coisas fizera Deus com eles". Acima de tudo, enfatizavam como Deus "abriria aos gentios a porta da fé". Antioquia da Síria não tinha sido um caso especial: o Sul da Galácia provava, além de qualquer dúvida, que Cristo se oferecera a todos os homens.

Então Paulo e Barnabé uma vez mais tomaram seu lugar de pregadores e mestres na vida ordenada da igreja de Antioquia. O desejo de Paulo era ir além, às províncias da Ásia e da Bitínia, e, com o tempo, entrar na Macedónia e ainda ir além, mas ele estava disposto a esperar, enquanto recuperava as forças físicas e aprofundava suas raízes espirituais. E teve de esperar mais tempo do que desejava.

Pedro chegou a Antioquia. Algumas semanas mais tarde outros judeus, que haviam permanecido fariseus apesar de serem discípulos de Cristo, também desceram a Antioquia. A controvérsia que se seguiu e que dividiu a igreja, lançando Paulo contra Pedro, foi de importância crucial para o desenvolvimento do Cristianismo. Como muitas disputas que, em retrospecto, provaram ser momentos decisivos da história, os assuntos discutidos podem parecer triviais para gerações posteriores: convites ao jantar, e uma pequena operação do órgão masculino. As questões, porém, eram profundas: primeira, se o Cristianismo não passaria de uma variedade de judaísmo; segunda, se o homem podia ser perdoado simples e instantaneamente por confiar em Jesus Cristo, ou se tal perdão era incompleto e condicional até provar haver trabalhado fiel e obedientemente até o fim da vida no cumprimento do que é certo.

Quando Pedro chegou a Antioquia — o único lugar no mundo em que ex-pagãos viviam em igualdade com os judeus cristãos — todos o observavam para ver o que ele faria. Suas palavras corajosas e seus dons de liderança tornaram-no a figura central da igreja primitiva; sua disposição em abalar os judeus, comendo com Cornélio, um romano, tinha aberto o caminho para ganhar os gentios. Contudo, em Jerusalém, onde o interesse principal dos discípulos era levar Cristo aos judeus, ele continuou a observar as leis judaicas, inclusive a segregação normal às refeições. Se, na comunidade mista da igreja de Antioquia ele sáísse a comer sozinho, estaria dando o apoio mais forte àqueles que ainda criam que o gentio, ao se

tornar cristão, primeiro tem de aceitar os caminhos e a lei judaicos e, desta forma, a nova fé permanecia como uma seita judaica liberal.

Pedro, porém, juntou-se a Paulo e a Barnabé, vivendo como gentio, arruinando, assim, sua posição aos olhos dos judeus ortodoxos. Ele já não observava os jejuns e os tabus mosaicos nem se recusava a tomar parte com os convertidos gentios na refeição comum chamada *ágape* — a "festa do amor" — que precedia a Ceia do Senhor. Ele, desta forma, tornou claro que aceitava a crença de Paulo: gentio cristão algum precisava viver como judeu.

Então chegaram os fariseus cristãos. Suas palavras e ações foram mais tarde repudiadas, mas diziam ter autoridade do reconhecido líder local da igreja-mãe, Tiago, irmão do Senhor. Ficaram chocados com a complacência de Antioquia — e de Pedro. Viram judeus comendo com gentios pecadores (para os fariseus as palavras eram sinónimas), os quais, desta maneira, eram colocados em posição de igualdade.

Descobriram que todos os crentes gentios tinham sido dispensados da necessidade, obrigatória a todos os prosélitos, de se submeterem ao rito da circuncisão. Imediatamente deram início a uma campanha. "Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés", diziam, "não podeis ser salvos." Todos os envolvidos na disputa sabiam o que eles queriam dizer: "Se, depois que crerem em Jesus, não se tornarem prosélitos, sub-metendo-se à operação, se não observarem todas as cerimónias e não fizerem as boas obras exigidas pela lei de Moisés e se não se mantiverem ritualmente limpos, além da sua confiança em Jesus Cristo, não podem ser salvos; Jesus somente não pode preparar o homem para o céu." As implicações de tal argumento iam muito mais longe do que a questão de Antioquia que permaneceu no contexto das obrigações judaicas. Paulo viu que as alegações dos cristãos fariseus divergiam por completo da verdade que ele havia compreendido desde Damasco e que explanaria mais completamente mais tarde por cartas: que o inimigo da graça era a justiça própria, não importa como fosse expressa, e não o seu complemento.

O assunto culminou com a purificação ritual. Os advogados da "circuncisão" apresentaram seus argumentos de maneira tão calorosa e inteligente que Pedro parou de comer com os gentios. Paulo ficou indignado. Pedro pode ter sido persuadido pelo argumento de que suas ações em Antioquia deviam envergonhar a seus amigos de Jerusalém em seu ministério aos judeus, mas Paulo tinha certeza de que Pedro sinceramente não acreditava que os judaizantes tivessem razão; ele se conformara com medo das más línguas deles, ou pela disposição de sacrificar o princípio pela paz e unidade. Ele fingia. Deveras, se algum apóstolo andava de modo torto esse era Pedro e não Paulo, que tinha as pernas curvadas.

A seguir, a maioria dos membros judaicos da congregação imitaram o exemplo de Pedro. Então Barnabé vacilou — Barnabé que tomara o lado de Paulo na época em que se apresentou a questão em Jerusalém durante a visita da fome, Barnabé que Unha presenciado evidências avassaladoras na Galácia de que Deus refazia os gentios em cristãos completos. Paulo decidiu falar claramente. Essa profunda brecha na igreja cristã não devia ser acobertada com o fim de preservar uma unidade espúria. A contenda não era sobre trivialidades — o corte no órgão masculino, os convites para jantar. O princípio fundamental era se a pessoa podia ser justificada pela fé somente.

Paulo não podia resistir a Pedro em particular. O dano era público, a oposição devia ser pública se ele quisesse assegurar a fé a todos os homens em todos os lugares. A mesma coragem instintiva que levou Paulo a arriscar a pele repreendendo um homem mau, Elimas, na presença do procônsul, levou-o a arriscar sua posição na igreja corrigindo um homem bom, Pedro, o grandemente amado e honrado, na presença de todos. Paulo não se importava. Embora se considerasse à vista de Deus o menor dos santos por haver perseguido a igreja, considerava--se à vista dos homens igual a qualquer apóstolo.

Ele escolheu uma ocasião em que quase toda a congregação se encontrava presente. Da maneira mais pública ele criticou Pedro em sua face, usando palavras que não somente expunham ao ridículo a incoerência, mas também enfatizava o coração do assunto: "Se, sendo tu

judeu", disse Paulo em voz alta para todos ouvirem, "vives como gentio, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?"

Foi um momento em que a igreja podia ter-se dividido em duas facções e destruído a si mesma. Mas o homem que chorara quando o Senhor, no seu julgamento, voltou-se e olhou para o discípulo que o negara com juramento, imediatamente aceitou a justiça da repreensão de Paulo. Pedro se arrependeu e, quando o assunto foi debatido novamente meses mais tarde em Jerusalém, foi o forte apoio que deu à posição de Paulo que prevaleceu. Ele tampouco se ressentiu da intervenção de Paulo.

Pedro voltou para Jerusalém. Que a questão não unha sido, de modo nenhum, trivial, e também que não estava completamente resolvida, provou-se pelas más notícias vindas da Galada a Antioquia.

Os fariseus cristãos — aqueles que saíram derrotados de Antioquia ou, mais provavelmente, outros que se apressaram à Cilícia — foram recebidos com alegria pelos gálatas, ensinaram a "circuncisão", e encontraram êxito instantâneo e geral. A primeira igreja missionária de Paulo, tão promissora e aparentemente saudável, fora levada para outro evangelho. Ex-gentios que confiaram em Cristo e se regozijaram em ser "novas criaturas", estavam transformando suas vidas em miséria, tentando guardar a lei judaica.

Ao interrogar minuciosa e rigorosamente a seus informantes, Paulo percebeu o que deve ter acontecido na Galácia. Esses falsos mestres primeiro devem ter minado as suas credenciais, ressaltando que ele jamais fora discípulo pessoal de Jesus; ele era o emissário de homens comuns dos quais havia recebido suas ideias, que não continham mais autoridade do que as opiniões humanas. Seu ensino tinha sido bom, mas incompleto. A seguir propuseram o que Paulo havia omitido: a circuncisão e a guarda da lei. Os gálatas caíram na armadilha.

Quando Paulo esteve em seu meio, aceitaram prontamente a oferta de uma graça totalmente livre e que lhes deu liberdade. A velha vida de pecado, quer da justiça própria de judeus, quer da idolatria, lascívia e temor como pagãos, havia sido substituída pela habitação de Cristo, e tudo o que desejavam era agradá-lo, modelando suas vidas ao seu padrão, mediante a força dele. Depois da partida de Paulo, alguns voltaram ao pecado. Arrependeram-se, mas acharam difícil aceitar que pudessem ser perdoados por completo, purificados e curados, e que nenhum cristão arrependido, que confia em Cristo, pudesse jamais cair no desfavor de Deus, nem necessitaria merecer a graça de volta. Seu instinto natural foi não depender da cruz de Cristo somente, mas de Cristo e de seus próprios esforços. A simplicidade mesma do evangelho foi sua pedra de tropeço.

E agora os novos "apóstolos", que faziam pouco de Paulo, ensinavam que este eslava errado e que o instinto natural dos gálatas estava certo; que através da circuncisão e da guarda da lei eles também teriam uma recompensa extra, pois já não seriam perseguidos pelos judeus.

As notícias da Galada consternaram a Paulo e Barnabé. Paulo andou por Antioquia cheio de confusas emoções. Estava indignado com os irmãos falsos e espantado com a rapidez da deslealdade dos gálatas a Cristo. Ele estava desapontado e magoado, pois embora tivesse criado uma defesa contra a malícia dos estranhos, ela não o protegia dos falsos irmãos cristãos, ou convertidos que falhavam.

Contudo, ele ansiava ajudá-los, seus filhinhos, por quem ele mesmo novamente sentia as dores de parto. E por amá-los profundamente, ele tomou a decisão de trazê-los de volta ao caminho certo. Era vital para eles, era vital para Cristo. Ele não podia suportar a ideia de a agonia de Cristo na cruz tomar um segundo lugar. Ele não podia aceitar que uma crença em Jesus, parcial e mal definida, era suficiente para tornar um homem cristão, ainda que levasse a uma igreja mais numerosa e mais popular. Nem podia ele tolerar mestres — cuja descendência espiritual está em grande evidência no século vinte — que usavam o nome de Cristo como galardão de suas próprias ideias da natureza de Deus.

Todas essas emoções e desejos explodiram numa carta.

Capítulo 13

Prezados Idiotas da Galácia

Paulo reuniu os líderes de Antioquia para que sua carta levasse a autoridade da igreja que enviara os primeiros missionários à Galácia. Ele obteve um rolo de papiro e um veloz escrevente. Tendo os líderes sentados ao seu redor, ele começou a ditar com urgência e rapidez.

"Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos meus companheiros, às igrejas da Galácia:

"Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

"Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho; o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema."

"Anátema" pode ser traduzido por "amaldiçoado". E essa frase não é forte demais para Paulo. Nesta altura seu caráter tinha forte ponta de ira controlada que podia torná-lo totalmente alarmante aos praticantes do mal, mas a ira justa facilmente leva ao pecado. Em anos posteriores ele chegou a perceber que a fúria, como arma, não pertencia ao arsenal do cristão. Porém, ao escrever aos gálatas, ele deu plena liberdade ao fogo que lhe queimava o coração. Esta primeira carta faiscou e chamejou sem nenhuma consideração para com pessoas sensíveis — ou acabamento literário. Ele sabia que ela seria lida em voz alta e os leitores teriam a impressão de que ele estivesse presente, de modo que a força do seu escrito seria duplicada pela memória da sua pregação, o motivo pelo qual ele quase sempre preferia ditar.

O que ia dizer-lhes eleja os havia ensinado em pessoa. Desta vez ele devia tornar o assunto ainda mais claro. Seu grande amor pelos convertidos, sua ardente devoção à verdade leva-ram-no a lutar mentalmente até que suas palavras pudessem resolver, com clareza cristalina, o assunto-chave da fé cristã: se o homem é perdoado mediante a graça de Deus ou por seu próprio mérito.

A primeira tarefa de Paulo era estabelecer, além de qualquer dúvida, suas credenciais de mensageiro direto de Cristo. Ele menciona novamente, de passagem, o zelo de sua perseguição e como, depois de ver a Cristo ressuscitado, tinha ido, não para Jerusalém, mas para a Arábia. Ele não havia recebido a verdade através de homem algum, mas havia tido uma revelação de Deus, assim como Pedro. Quando Pedro respondeu atabalhoadamente ao Homem Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", foi-lhe dito, como Paulo provavelmente deve ter contado aos gálatas: "não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus". Da mesma maneira, Paulo não consultou "carne e sangue", mas recebeu a mensagem diretamente de Deus.

Ele continuou a história até o recente conflito com Pedro e daí foi direto à questão central: "que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus... temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado." Paulo, como fez muitas vezes, exemplificou a verdade contando sua experiência pessoal. O antigo Paulo que lutara para conseguir entrada no céu havia morrido: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, seguiu-se que morreu Cristo em vão."

O testemunho de Paulo tem ecoado pelos séculos como uma das passagens bíblicas mais decisivas, amadas de Lutero e Bun-yan, e que abriu os olhos de Charles Wesley.

Seu pensamento era para os gálatas: "Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei, ou pela pregação da fé? Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na carne? Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se na verdade foram em vão. Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura o faz pelas obras da lei, ou pela pregação da fé?"

Ele desenvolveu seu argumento acerca da fraqueza essencial da lei: o homem que tenta ganhar aceitação mediante sua guarda deve fazê-lo totalmente ou ser rejeitado. Em contraste, "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro. . . Porque se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade seria procedente de lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que mediante a fé em Jesus Cristo fosse a promessa concedida aos que crêem."

Durante todo o tempo em que estava expondo, o espanto e a consternação de Paulo pelos gálatas continuaram a aparecer: "Como estais voltando outra vez? . . . Receio de vós tenha eu trabalho em vão para convosco. . . Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?" Sua indignação para com aqueles que haviam corrompido os gálatas foi tanta que tomou a forma de uma expressão grosseira: "Oxalá até se mutilassem os que vos incitam à rebeldia" — a qual seus leitores teriam reconhecido como referência aos dançarinos frenéticos do deus Cibele, cujo clímax era a autocastração.

Paulo percebeu que depois de tudo isto os gálatas podiam estar genuinamente confusos acerca da lei, uma vez que ele próprio os havia ensinado a respeitá-la e aprender com ela. A fim de explicar o papel da lei, ele usou analogias que seriam facilmente reconhecidas.

A lei era como um tutor exercendo estrita disciplina durante os dias de escola: os gálatas que moravam nas cidades conheciam o *pedagogos*, o escravo que cuidava de um menino e o levava à escola; não era de esperar que ficassem sob a tutela da lei durante a vida toda, mas fossem libertados. De maneira que "a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio." A lei era um guardião; os gálatas do campo, muitos deles escravos ou arrendatários nas grandes fazendas, sabiam que durante a menoridade de um herdeiro seus guardiães tinham controle total; ele devia obedecer-lhes como se fosse escravo, embora sendo dono de tudo. Assim também a lei era a guardiã da menoridade do mundo. "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus."

Paulo não podia suportar a ideia de que estes filhos de Deus estavam voltando à condição de escravos, sendo acorrentados a festivais, jejuns e regulamentos. "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão." Ele repete seu argumento várias vezes, apresentando-o ora deste ângulo, ora daquele, até que o gálata mais tolo compreendesse que se submeter à circuncisão como obrigação religiosa, e tentar guardar a lei, tornava sem valor a cruz de Cristo.

Apenas uma lei tinha importância para os que se encontram em Cristo: "A fé que atua pelo amor". Ele enfatizou esse ponto: "Irmãos, fostes chamados à liberdade: porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

O cuidado de Paulo pelo presente, pelo comportamento do homem, brilhava forte e

ardente, mas ele sabia que o presente fica amargo, a menos que a origem desse comportamento seja correta. Ele advertira pessoalmente os gálatas e de novo os adverte de que a natureza inferior, a "carne", se comporta de um modo que não pode herdar o reino de Deus: "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas. . . Mas o fruto do Espírito" — e sua mente pode ter voltado ao rico solo vermelho dos planaltos sendo arados na primavera — "é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros."

Ele estava quase no fim. Restava um problema. Ele percebeu que aqueles que haviam resistido ao erro, podiam sentir-se superiores aos que haviam caído.

"Irmãos", ditou Paulo, "se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado." (Achava Paulo ter sido muito duro ao corrigir a Pedro?) "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo."

Com mais algumas palavras teve fim o ditado, uma longa manhã de transcrição para o escrevente, de intenso pensamento para Paulo, e de cuidadosa atenção da parte de Barnabé e dos anciãos da igreja de Antioquia. Eles devem ter parado para o almoço; a seguir, Paulo pediu que o escrevente lesse toda a carta. O escrevente chegou às últimas palavras: "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé."

Paulo pegou o papiro. Ainda havia espaço no rolo. Tomando uma pena de junco, escreveu: "Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho." E enquanto reinava o silêncio na sala depois do longo ditado, ele rabiscou com a caneta, incapaz de deixar os gálatas e seus problemas: "Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constrangem a vos circuncidardes, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei, antes querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne. Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus.

"Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus.

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém."

Capítulo 14

Novo Começo

Continuando a controvérsia, a igreja de Antioquia enviou Paulo, Barnabé e alguns outros irmãos a Jerusalém a fim de procurarem um acordo acerca da "circuncisão", e resolverem a questão de uma vez por todas.

Foram por terra, sem pressa. Na Fenícia (Líbano de hoje) e pelas colinas de Samaria, onde a maioria dos discípulos não eram judeus de sangue puro e por isso foram classificados como meio cristãos, Paulo e Barnabé levaram alegria relatando tudo o que havia acontecido na Galácia. Em Jerusalém, a grande reunião de boas-vindas contrastou admiravelmente com a primeira chegada solitária de Paulo, um convertido mantido à distância até que Barnabé o resgatasse. Agora os dois amigos, mais íntimos do que nunca, aqueciam-se à atmosfera de amor e ânimo, à medida que contavam o que Deus havia feito para criar novos cristãos numa terra distante. Mas, terminado o relatório, insurgiram-se os cristãos fariseus, apresentando de novo a antiga acusação: "É necessário circuncidá-los e determinar--lhes que observem a lei de Moisés."

Os dois apóstolos dissolveram a reunião, deixando o assunto para uma discussão formal. A fim de solucionar contendas importantes os apóstolos, juntamente com os presbíteros, costumavam buscar a vontade de Deus estudando o Antigo Testamento e lembrando-se do que Jesus havia ensinado. Quanto à "circuncisão", porém, assunto sobre o qual Jesus não poderia tê-los instruídos antes da crucificação, da ascensão e da descida do Espírito Santo, não tinham uma palavra clara. Ele prometeu que seu Espírito os conduziria a toda a verdade, e agora era dever deles, na reunião, descobrir o que ele estava dizendo. Parece que seguiram o costume do Sinédrio e convidaram os membros mais jovens para apresentar suas opiniões primeiro, e o debate foi longo. Então Pedro se pôs de pé. Não foi necessário que ele falasse mais que poucas palavras para que o coração de Paulo lhe saltasse no peito.

"Irmãos", disse Pedro, "vós sabeis que desde há muito Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem. Ora, Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram."

Ele parou. Ninguém quebrou o silêncio até que Barnabé — Paulo, com grande diplomacia, assumira o segundo lugar na cidade em que seu amigo fora líder quando ele ainda era ini- migo — começou, com grandes detalhes, a recapitular os acontecimentos espantosos da Galácia. Paulo continuou a história, e as horas voaram à medida que uma vez mais se desenrolava sua narrativa épica. De novo, ninguém argumentou.

Finalmente, Tiago, como presidente da assembleia, pôs em palavras o que achava ser a conclusão geral. Tiago era homem de tal devoção que as longas horas passadas em oração deixaram seus joelhos tão calejados como os do camelo, diz a tradição e, à semelhança de Paulo, ele se convertera mediante um encontro, sozinho, com o Jesus ressurreto, seu meio irmão de cujas reivindicações ele havia duvidado. Tiago amava a lei mosaica e era tido em grande respeito pelos judeus não cristãos, mas ele desejava obedecer à vontade do seu Senhor ressurreto. Agora ele via que essa vontade — se tão-somente todos pudessem admiti-lo — tornara-se clara anos antes: quando o Espírito endossou a ação de Simão Pedro ao entrar este na casa de Cornélio. O que Barnabé e Paulo haviam dito desde então, embora houvesse persuadido a assembleia, meramente provava a opinião de Pedro. Tiago ignorou-os e referiu-se ao discurso de Pedro que, ressaltou ele com uma longa citação, estava de acordo com a profecia.

"Pelo que julgo eu", disse ele, "não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus." Entretanto, para que a nova liberdade não provasse desnecessariamente ofensiva aos judeus incrédulos, os cristãos gentios não deviam comer carne oferecida aos ídolos e vendida nos mercados, não deviam levar uma vida sexual pagã, nem comer a carne de animais sufocados, uma proibição imposta muito antes da lei, nem beber sangue.

Os presbíteros e os leigos de toda a igreja de Jerusalém endossaram a decisão do concílio e prepararam uma resposta formal à igreja de Antioquia e às suas igrejas filhas na província romana unida da Síria e da Cilícia, a qual desacreditava aqueles que "entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando as vossas almas." A carta prestava generoso tributo a "nossos amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo."

Paulo e Barnabé levaram a carta para Antioquia e todos os cristãos se regozijaram. Vieram também dois notáveis pregadores de Jerusalém e aí se demoraram algum tempo. À medida que Judas Barsabas e Silvano, familiarmente conhecido como Silas, apresentavam significado novo das Escrituras, a igreja de Antioquia ia de força em força, e Paulo e Barnabé ouviam assentados a seus pés. Paulo jamais achava não ter nada que aprender; mesmo dos jovens crentes ele esperava que o ânimo fosse mútuo.

Aquele inverno, depois que Judas e Silas regressaram a Jerusalém, o corpo de Paulo permaneceu em Antioquia mas seu coração e mente fugiam cada vez mais para a Galácia. O desejo de saber se sua urgente carta solucionara os problemas, se estavam progredindo ou fracassando cresceu no seu peito a ponto de machucá-lo. Ele disse enfaticamente a Barnabé: "Voltemos agora para visitar os irmãos por todas as cidades, nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam." Barnabé concordou com a ideia e sugeriu que levassem de novo seu parente João Marcos.

Paulo objetou. Ele não achava justo levarem o jovem que desertara em Perge. Barnabé achou que Paulo estava errado. Deviam dar nova oportunidade ao moço; Marcos, se corretamente estimulado, possuía o potencial de evangelista. Paulo recusou o risco. Durezas, decepções, oportunidades estavam pela frente, pois ele não tinha intenção de parar na Galácia — seguiria para o desconhecido. Sua equipe devia ser unida, possuir confiança total. Ele se recusou a aceitar a Marcos.

Os sentimentos se esquentaram. Lucas não oculta a humanidade dos apóstolos como tampouco o Antigo Testamento esconde a falha humana do rei Davi, o seu adultério. Ele descreve a grave disputa com uma palavra que denota violenta ira e é a raiz da palavra "paroxismo". Ambos estavam certos — Paulo certamente necessitava de uma equipe de confiança; Marcos certamente passou no teste, como o próprio Paulo com o tempo haveria de reconhecer e experimentar — a culpa foi dos dois por deixarem que a desavença chegasse a tais proporções. Algo muito errado ocorreu nessa situação que levou o amável e calmo Barnabé a usar palavras duras. Paulo, por sua vez, necessitava ainda ir longe antes de poder escrever: "O amor é paciente, é benigno. . . não procura os seus interesses".

Ambos insistiam. Tornou-se óbvio que sua parceria devia terminar.

Então Barnabé recobrou seu característico amor pela reconciliação: afastou-se, navegando para Chipre, levando consigo a Marcos. Paulo escolheu a Silas para ocupar o lugar de Barnabé. Silas traria vantagem à expedição, pois era cidadão romano; da próxima vez que fossem ameaçados com espancamento Paulo podia reivindicar para ambos "civis romanus sum". Mas Silas retornara a Jerusalém. Paulo não podia esperar, pois já estava na estação das viagens e tinha muito o que fazer no caminho. Ele enviou um recado, jamais duvidando da resposta, e partiu sozinho. Lucas é enfático ao dizer "partiu.. . passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas." A narração no plural só começa depois da chegada dele a Derbe.

Assim, na primavera de 50 d.C. Paulo entrou sozinho nas montanhas a noroeste de Antioquia e desceu pelos "portões sírios" à esplêndida baía de Alexandria (Iskenderun), onde

provavelmente encontrou uma das igrejas que desejava confirmar. Prosseguiu sua caminhada ao longo da ondulada planície costeira, perto do campo da batalha de Issus, onde Alexandre derrotou Dário, o Medo, quase quatrocentos anos antes. Ele se sentia solitário, um tanto perdido sem um companheiro, e a contenda o havia envelhecido; agora ele tinha cerca de 50 anos e a próxima carta que escreveria mais tarde, naquele ano, parece de um homem consideravelmente envelhecido desde que escrevera aos gálatas. Mas, enquanto andava, ele podia ver adiante, do outro lado do golfo onde o Levante vira para o leste e se transforma no Sul de Anatólia, as montanhas da Cilícia. Ele voltava ao lar; embora sua família o houvesse repudiado, as montanhas eram as mesmas que ele conhecera quando criança.

Não há registro de que ele tenha parado por algum tempo em Tarso ou procurado a família. Ele passou algum tempo procurando e confirmando as congregações fundadas nos seus anos ocultos, e a seguir tomou a movimentada estrada que atravessava o Tauro. Transpondo os portões da Cilícia provavelmente no início de maio — a neve, nos meados de abril, já estaria derretida na passagem e no planalto um pouco mais elevado ao norte — ele entrou no reino nativo de Comagene. Através da larga planície com seus afloramentos vulcânicos, ele seguiu a estrada romana até que finalmente avistou o monte Negro e voltou a seus convertidos em Derbe.

Evidentemente, Derbe foi o lugar do encontro com Silas, se este viajou diretamente de Jerusalém, possivelmente por mar até Tarso e daí pela estrada segura e bem frequentada. Juntos entregaram as decisões à igreja de Jerusalém, completaram a obra da própria carta de Paulo em curar brechas deixadas pela disputa da "circuncisão", e viu que uma vez mais a congregação estava crescendo dia a dia em profundidade e tamanho.

Deixando Derbe, Paulo e Silas se dirigiram a Listra. Aqui também a igreja crescia. E aqui, tão diligente como sempre, estava Timóteo.

Timóteo contava cerca de vinte e um anos. Os cristãos de Listra e de Icônio tinham grande respeito por sua fé e zelo.

Paulo convidou-o a deixar sua mãe e avó e juntar-se à equipe suas, não podia dizer quando ou se jamais Timóteo veria o lar novamente. Ele, assim, ganhou mais que um substituto para Marcos. Ganhou um filho muito amado, substituindo talvez o filho que pode ter morrido no início da vida matrimonial ou, se vivo, fora irrevogavelmente afastado com sua mãe pela conversão de Paulo.

Timóteo era um personagem complicado. Ele possuía estômago fraco, tinha uma aparência jovem e não era muito forte. Nervoso, um pouco medroso da dureza embora a suportasse sem pestanejar, era tentado ocasionalmente a se envergonhar de Paulo e do evangelho. Mas não era nenhum fracote. De sangue esquentado — Paulo teve de adverti-lo a fugir das paixões da juventude — e de igual virilidade espiritual, Timóteo tornou-se um pregador capaz que logo pôde arcar com a responsabilidade de importantes missões próprias. De seu pai grego, evidentemente um homem de cultura e riqueza mas a esta altura morto, ele havia herdado interesses intelectuais e a mente inquiridora; de sua mãe Eunice ele havia aprendido as Escrituras judaicas e, com Paulo, havia descoberto o seu segredo. Seu único desejo era servir a Cristo; Paulo mais tarde diria que de todos os seus cooperadores só Timóteo estava totalmente isento de interesse próprio.

Antes da sua conversão ao Cristianismo, Eunice havia criado a Timóteo como judeu, mas ele não fora circuncidado. Pode ser que o pai o tenha proibido a fim de evitar que o rapaz sofresse vergonha no ginásio de esportes. Paulo levou-o secretamente a um médico ou talvez ele mesmo tenha feito a operação, já que muitos rabis possuíam a necessária qualificação cirúrgica.

Esta ação de Paulo não contradiz o seu ataque aos que forçavam os cristãos a serem circuncidados. Os judeus consideravam judeu o filho de uma judia com um grego. Mas se o rapaz fosse incircunciso, viam-no como filho ilegítimo. Nas cidades gálatas, que seriam o primeiro campo de Timóteo, os seus pais eram conhecidos, e se Paulo usasse um judeu "ilegí-

timo" como assistente, estaria impedindo a obra. Ele jamais se investiu contra a circuncisão como um ritual para os judeus, embora afirmasse ser desnecessária; se Timóteo fosse gentio como Tito, nada teria induzido Paulo a circuncidá-lo "por causa dos judeus daqueles lugares".

Depois que Timóteo se recuperou da operação e antes de partirem de Listra, um culto solene de ordenação, ao qual compareceu numerosa congregação, separou-o, conclamando os dons do Espírito exigidos por sua alta vocação. Ele confessou sua fé pública e ousadamente. Um profeta, provavelmente Silas, proclamou em memorável sermão que ele lutaria com elegância, armado com fé e boa consciência.

O problema da Galácia havia convencido a Paulo de que devia mudar sua estratégia.

Seu alvo permanecia duplo: ganhar indivíduos para Cristo e formar igrejas que não somente perdurassem sem ele, mas que também enviassem missionários e repetissem o processo, até que o mundo todo fosse de Cristo. Os gálatas, porém, tropeçaram após a partida de Paulo. Ele devia permanecer mais tempo em determinado centro; não ir de um lugar para outro como fora forçado a fazer no Sul da Galácia, mas descobrir uma cidade que seria o pivô de uma missão geral.

Éfeso, capital e principal porto da rica província da Ásia, a qual incluía toda a costa da Ásia Menor banhada pelo Egeu, foi a escolha óbvia porque possuía grande população e era o ponto focal das estradas e rios que davam acesso ao interior. Uma vez que todas as estradas levavam a Roma, a estrada principal da Galácia do Sul percorria cerca de 400 quilômetros na direção oeste, indo da Antioquia da Pisídia a Éfeso, onde os mensageiros imperiais atravessavam para a Grécia ou prosseguiam para Roma. Paulo, Silas e Timóteo seguiriam sua rota. Quando Éfeso e a Ásia estivessem totalmente evangelizados, eles poderiam navegar para Corinto e trabalhar em todo o Sul da Grécia. E daí partiriam para Roma.

A tentativa de Paulo de atingir Éfeso falhou. Foram claramente "impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia". É possível que a enfermidade tenha intervindo, um novo ataque do "espinho na carne" de Paulo acompanhado de uma convicção de que ele não devia evangelizar Éfeso ainda. Ou pode ser que tenham sido forçados a voltar. Estavam certos de que aonde quer que Deus queria que fossem, ele os dirigiria a esse lugar, e se, como um pastor que conduz o seu rebanho para melhores pastagens e mediante o lançamento de pedras ele os atingisse com reveses, não reclamariam. Entretanto, circunstâncias adversas eram muitas vezes os meios de direção sem que Lucas fizesse referência específica ao Espírito, e a probabilidade é que Paulo e Silas tenham sido impedidos mediante uma palavra definida de revelação entregue por um cristão gálatas, a quem aceitavam como "profeta", assim como a congregação de Antioquia da Síria havia aceito a advertência de Agabo acerca da fome.

Continuaram a confirmar as igrejas na região frigia da Galácia. Então fizeram nova tentativa.

A outra província de certa importância da Ásia Menor que ainda faltava ser evangelizada era a Bitínia, em frente a Bizâncio, na direção do nordeste. A Bitínia era menor que a Ásia, mas possuía duas cidades gregas altamente civilizadas, Nicéia e Nicomédia, e muitos judeus. Partiram através das montanhas que ficavam acima de Antioquia da Pisídia e desceram à Ásia, para onde o Espírito não havia proibido viajar. A rota levou-o ao norte quilômetro por quilômetro, dia após dia, através da metade do verão, uma estrada cansativa e empoeirada, de posição secundária porque não levava diretamente a Roma, e serpeava de vale em vale. Em Dorialaion, à margem do rio Tembres, ou em outra cidade perto da fronteira da Bitínia, tiveram de parar. É improvável que o motivo de sua parada tenha sido ação oficial, uma vez que eram viajantes particulares desconhecidos naquelas paragens. A menos que uma perturbação civil na Bitínia tivesse fechado a fronteira a todos os estrangeiros. Lucas usa a expressão "o Espírito *de Jesus* não os permitiu" entrar na Bitínia, o que sugere uma intervenção bem distinta, uma visão do Senhor como Paulo a teve no templo e na estrada de Damasco.

Os desapontamentos uniram os missionários como nenhum êxito fácil poderia tê-lo

feito, para um propósito que ainda não estava claro: a direção mostrava apenas que não deviam permanecer em Anatólia.

Dirigiram-se para o oeste, através da Mísia, o distrito mais setentrional da província da Ásia. Seu objetivo óbvio era chegar à costa, ao porto de Alexandria Trôade, perto das ruínas da antiga Tróia. Daí, a passagem de mar ao noroeste na direção da Macedónia seria curta, ou mais longa na direção do sudoeste ao Sul da Grécia, a província da Acaia.

Capítulo 15

Por Toda a Europa

Em Trôade Lucas entra em cena.

Na melhor tradição dos historiadores, ele jamais impõe sua presença, deixando, assim, suas origens abertas à especulação. Sabe-se que ele foi médico: Paulo o chama de "médico amado", e este dedica atenção especial a detalhes médicos. Não resta dúvida de que era grego. Diz antiga tradição que ele era de Antioquia da Síria — o Texto Ocidental insere um "nós" na descrição da igreja em Antioquia, e outra evidência circunstancial, ainda que intrigante, é Lucas não fazer referência a Tito de Antioquia, apesar da importância que este teve para Paulo. Tem-se sugerido que Tito era irmão de Lucas e este não o mencionou a fim de não dar a impressão de favoritismo de família.

Ele deve ter-se encontrado com Paulo, Silas e Timóteo por acaso em Trôade, pois não tinham a intenção de se dirigir para lá. Pode ser que ele estivesse indo ao centro médico do mundo antigo, que ficava no relicário de Eusclápio, perto de Pérgamo, não muito distante de Trôade. Ou talvez ele, sendo emigrante de Antioquia, exercesse a medicina em Trôade; um cristão cujas ambições espirituais, antes da influência de Paulo, não haviam avançado além de uma pequena igreja local formada como uma nota de rodapé à fé pessoal. Outra posição é que ele era um gentio macedônio a quem Paulo converteu em Trôade.

Qualquer que seja o caso, Lucas, amadurecendo em companhia de Paulo, tornou-se homem elegante e compassivo; calmo, observando com argúcia as fraquezas; seus escritos possuem deliciosos toques de humor. Ele se interessava em especial pelos desprezados e abatidos. Sendo pessoa amável, ele usava apelidos ou diminutivos, ao passo que Paulo mantinha os nomes informais. Em comparação com Paulo, pensador brilhante e original, Lucas foi o erudito cuidadoso, investigando acontecimentos e aspectos culturais com o amor de um médico pela exatidão. A redação de Paulo derrama-se à semelhança de uma conversa, na linguagem do povo. Lucas possui elegância e estilo literários, é conciso sem ser abrupto.

Depois de examinar o caso, ele não teve dúvida alguma de que o homem chamado Jesus havia ressurgido dentre os mortos, era o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Lucas possuía senso vívido da obra de Deus em operação entre os homens e via a mão do Espírito onde outros percebiam apenas mudanças e obras do acaso.

Paulo aceitou a Lucas com gratidão. A sua pouca saúde, lutando contra uma constituição cujas forças eram mais questão de vontade indomável, clamava por um médico particular. Porém o fato de Paulo estar disposto a perdê-lo, por amor a uma igreja infante, revela o seu espírito altruísta.

Lucas escreve: "... desceram a Trôade. A noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos. Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho." Houve uma pausa, enquanto procuravam um navio, mas quando o encontraram, provavelmente na última semana de julho de 50 d.C, os próprios ventos pareceram aprovar a viagem. Um forte vento sul os levou, em dois dias, uma distância que em outra ocasião, de volta, tinha tomado cinco.

Lucas amava o mar e se lembrava de todos os incidentes, mas esta viagem foi tranquila. Saíram de Tenedo, a ilha onde os gregos construíram o seu cavalo durante a guerra troiana; passaram pela abertura de Helesponto ou Dardanelos, deixando a península do cabo Hele rebrilhando ao calor da tarde do outro lado do mar azul-profundo. Passaram a noite na ilha de Sa-motrácia e, na manhã seguinte, ainda podiam seguir na direção noroeste à frente do vento, passar pelo estreito de Thaso e chegar à praia macedônia.

Não pensaram estar saindo do continente da Ásia e entrando na Europa. Embora esses nomes estivessem em uso, ambos os lados do mar Egeu eram gregos. Tiveram, em vez disso, a

emoção de se aproximarem de uma nova província, cada vez mais perto de Roma. Sabiam que além da Macedónia podiam atingir a Acaia e a Itália, e as vastas terras da Gália, Espanha, Germânia, até mesmo a ilha sempre coberta de neblina da Britânia, que fazia pouco havia sido acrescentada ao império. Todos esses lugares, com exceção de Roma, ainda não haviam sido tocados pelo evangelho. Não levavam forças armadas nem programa político: eram apenas quatro homens — e Outro, invisível, que conheceu esses mares e praias antes de Aquiles, Agamêmnon ou Ulisses; que podia destruir impérios e cidades com o sopro de sua boca, mas que havia escolhido humilhar-se a si mesmo e vir à Macedónia tão tranquilamente, tão fracamente quanto, na carne, ele fora a Belém meio século antes.

Na segunda noite aportaram em Neápolis, um novo porto enfiado por debaixo de um braço da cadeia de montanhas Pan-geana. Subiram a encosta, no dia seguinte, através da larga Via Inácia, uma das grandes estradas que levavam a Roma. Do topo da passagem avistaram a cidade de Filipos. Além estava a estreita planície, onde o destino do mundo havia sido decidido na batalha de Filipos, quando Otávio Augusto derrotou os assassinos de César. A cidade apresentava-se compacta em sua glória de granito de ambos os lados da estrada, abaixo de uma acrópole de mais de 300 metros de altura.

Filipos, que recebeu o nome de Filipe da Macedónia, pai de Alexandre, o Grande, se tornara colónia romana depois da batalha. Era movimentado centro de atividade militar. Embora não fosse a sede da administração, era a principal cidade do leste da Macedónia e possuía governo próprio. Era uma "pequena Roma", que usava o latim em todos os negócios oficiais. Possuía um ar viril, brusco, ativo. As ruas eram cheias de jovens legionários musculosos, e veteranos duros e suas famílias, orgulhosos da águia romana no foro e na basílica. Em Filipos, cidadãos romanos eram tidos em alta honra.

Paulo e seus amigos procuraram hospedagem. Viram templos de ídolos mas não sinagogas, indicação de que em toda a cidade de Filipos viviam menos que dez judeus. O primeiro lugar de parada de Paulo na Europa, portanto, não tinha sua costureira plataforma de lançamento para o evangelho, e se houvesse algum judeu ou prosélito, estes se congregariam no sábado ao ar livre, fora dos muros, porque eram poucos demais para serem reconhecidos oficialmente como seita.

Os quatro se reuniram perto do rio por causa das abluções cerimoniais. Portanto, no sábado bem cedo, Paulo, Silas, Lucas e Timóteo, passando por carroças de camponeses que se dirigiam ao mercado, deixaram a cidade pelo portão noroeste, construído em homenagem a Augusto. Caminharam cerca de dois quilómetros à sombra de lindas árvores. Chegaram à margem do estreito rio Gangite. Ao se assentarem, perceberam, não muito distante da ponte, pequeno grupo de mulheres prepa-rando-se para oferecer louvores e orações.

De modo muito informal eles se apresentaram e travaram amizade com as mulheres filipenses. Uma delas, rica, era gentia temente a Deus de Tiatira, cidade do distrito da Lídia na província da Ásia. Ela se chamava Lídia e era vendedeira de púrpura, material pelo qual Tiatira era famosa. Várias das outras mulheres faziam parte de sua casa. No culto de sábado Paulo disse-lhes por que tinham vindo. Ele falou do Senhor Jesus, de como ele se esvaziou de sua glória, nasceu como um homem mortal e humilhou-se ao ponto de morrer como um criminoso comum numa cruz. Ele falou da ressurreição de Jesus, e de como confiar nele. Enquanto observava, Lucas viu tal compreensão se estampar no rosto de Lídia que ele sabia não ser produzida só pela força das palavras. Um milagre acontecia ante seus olhos: "o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia".

Paulo também percebeu esse fato assim que falou com Lídia. Ele a batizou na mesma hora no rio. Várias pessoas de sua casa, as quais adoravam com ela — os escravos e os vendedores de uma mulher temente a Deus recebiam o descanso do sábado — também foram batizadas. Paulo alegrou-se de terem aceito a Cristo da melhor maneira que sabiam. Aquele que começou neles a boa obra, a continuaria.

Lídia disse: "Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e aí ficai."

Paulo recusou o convite. Ele objetava fortemente contra se exporem à acusação de serem aproveitadores, como os filósofos ambulantes do dia. É verdade que o Senhor havia instruído os discípulos a permanecerem na primeira casa a que fossem convidados a entrar, pois o trabalhador era digno do seu salário, mas Paulo preferia não exercer esse direito. Lídia instou com eles até que aceitaram o convite. Filipos foi o único lugar em que Paulo aceitou hospedagem grátis. Em vista do que estava para acontecer, foi bom que o tivesse feito.

Desde o início a nova igreja manifestou forte senso de parceria com os apóstolos. O jovem Timóteo provou a autenticidade de sua vocação pela maneira com que se identificou com os filipenses; a própria felicidade de Paulo, o aroma de paz que dele emanava, seu deleite na beleza do caráter e na ação, deu-lhes um exemplo a que se esforçaram por imitar enquanto partilhavam a alegria e a força de Deus e trabalhavam juntos para espalhar e defender as boas novas. Durante os próximos vários dias foram batizados alguns escravos e alguns jovens soldados. Encontraram novas perspectivas que transformaram a monotonia da escravidão ou a dureza da vida de caserna, porque agora eram, no dizer de Paulo: "filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo; preservando a palavra da vida".

A igreja filipense, que ocupou um lugar muito especial na afeição de Paulo, não se expandiu de maneira espetacular. Contudo, pode-se avaliar sua influência até mesmo neste curto período através do rumor que se espalhou por toda a Macedônia: Paulo e seus amigos estavam transtornando o mundo.

Capítulo 16

Chicoteado em Filipos

Paulo pensou ter encontrado a cidade onde poderia permanecer e, sem pressa, lançar profundos alicerces.

Ele ia diariamente com os outros ao lugar de oração à beira do rio, que, ficando perto da estrada, sempre atraía viajantes e cidadãos locais. Paulo e Silas apresentavam e provavam as boas novas. Certo dia, provavelmente em agosto e mais ou menos no décimo segundo dia de sua chegada, estavam caminhando pela Via Inácia na direção do rio quando ouviram uma voz lúgubre, alta e fina, clamando atrás deles: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação."

Paulo ignorou o clamor. Lucas descobriu que a jovem era escrava, uma "pitonisa" de Delfos ou Pitho, o escrínio de Apolo, famoso em todo o mundo, que ficava na encosta sul do monte Parnasso e em frente do golfo de Corinto. Estadistas e embaixadores consultavam o Oráculo de Delfos; uma jovem controlada pela força do mal, qualquer que fosse ela, seria muito procurada por homens e mulheres desejosos de conhecer o futuro. O preço da jovem era tão elevado que fora comprada por um sindicato, não por um indivíduo.

No dia seguinte outra vez a voz sinistra clamou: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação." Novamente Paulo não deu atenção, embora ficasse mais perturbado; ele não tinha desejo algum de ser anunciado por um espírito mau ou por um demónio, quer fosse de Delfos quer de outro lugar qualquer.

O próprio Jesus havia ordenado que os demónios se calassem quando clamaram através dos lábios dos possessos dizendo que ele era o Filho de Deus. Aquele que o reconhecesse pela palavra de um espírito maligno seria um pseudo-discípulo e ainda estaria sob a influência demoníaca, e o último estado do homem seria pior do que o primeiro. Cada dia que a jovem clamava, Paulo ficava mais perturbado; não há registro anterior preciso de Paulo ter expulso um espírito maligno, embora os "sinais e prodígios" na Galeria pareçam sugerir tal coisa. O poder do mal representado por Delfos era muito grande. É possível que Paulo tenha hesitado por saber estar sendo confrontado por uma enormidade perante a qual até ele, que tinha visto o aleijado de Listra saltar em nome de Jesus, era fraco na fé.

No terceiro ou no quarto dia Paulo e Silas encaminhavam-se sozinhos para o lugar de oração e ainda não tinham chegado ao portão quando de novo a voz alta e fina lançou as mesmas palavras: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação." A repugnância de Paulo à exploração desavergonhada de uma jovem inocente, à paródia da evangelização procedente de seus lábios, ferveu. Voltando--se, ele disse: "Em nome de Jesus Cristo eu te mando: Retira--te dela."

A jovem de repente se descontraíu, perdeu o aspecto selvagem, e falou normalmente.

Os membros do sindicato que a possuía se enfureceram. Sabiam o suficiente para ver que ela já não era médium. De um investimento altamente lucrativo ela se tornara uma escrava comum, que só servia para lavar o chão. Como soldados antigos, reagiram a uma derrota tática com um contra-ataque imediato. Voltaram-se contra Paulo e Silas e gritaram aos transeuntes, manifestando uma presença de espírito que ganhou a multidão, ainda boquiaberta por causa do milagre. O povo começou a gritar e a correr na direção dos apóstolos, que se viram empurrados à força até o centro da cidade.

No foro, assentados no tribunal ao leste e em frente do ginásio de esportes, tendo os lictores atrás de si, os magistrados eleitos da colónia não haviam completado os processos legais do dia quando foram interrompidos por uma perturbação no fundo da praça. Uma turba, gritando, arrastava dois estrangeiros e os atirava, ofegantes, na frente do *bema*. Como ameaça ao sossego público, este caso, qualquer que fosse, devia receber atenção imediata.

O caso dos senhores da escrava, de fato, era fraco. A lei não reconhecia a perda de

poderes de um médium por influência de terceiros; é de duvidar que pudessem recuperar perdas e danos num processo civil. Mas os senhores da escrava queriam vingança, uma vingança que doesse.

"Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade."

Os magistrados podiam verificar a verdade da afirmativa, à medida que a multidão gritava e atacava a Paulo.

Os judeus sempre causavam problemas, e Cláudio recentemente os expulsara de Roma. E "uma pequena Roma" devia fazer o mesmo.

"Propagam costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos."

Isso era um pouco pior. Os magistrados tinham o dever de reprimir práticas religiosas não autorizadas a fim de não minarem a ordem pública, como estes indubitavelmente tinham feito. O caso era simples. Cada momento que a multidão passava gritando tornava mais necessária a ação; a disciplina romana estava entrando em colapso e os magistrados seriam responsáveis se tal acontecesse.

De modo muito ilegal, não perguntaram se os acusados tinham defesa. As medidas legais eram tomadas em latim. Paulo sabia latim mas não teve oportunidade de gritar que ambos eram cidadãos romanos, ou se o fez, no barulho ninguém ouviu.

Não se passou sentença formal, os lictores meramente receberam uma ordem rápida. Os donos da escrava observavam com sinistra satisfação, e a multidão se acalmou um pouco, enquanto os lictores sacavam as varas. Desceram da plataforma, um para cada missionário, e os despiram. Ao exporem ao sol as costas de Paulo, cheia de cicatrizes e vergões, ninguém mais teve dúvida. Foram atirados aos postes de flagelamento. É possível que por causa da pressa não tenham amarrados os missionários; muitos braços fortes poderiam segurá-los, se lutassem. Os lictores iniciaram o castigo.

Enquanto o sangue jorrava dos cortes, a multidão aplaudia. Quando um golpe selvagem atingia uma vértebra e Paulo, um apóstolo forte, não podia reprimir o grito, o povo se deleitava. Paulo e Silas enfrentaram a dor com oração. Os lictores, impulsionados pela multidão, vibraram as varas com vontade até que as costas dos apóstolos se transformaram numa confusão de carne e sangue. "As pancadas queimavam como fogo", escreve um mártir atual, o Pastor Richard Wurmbbrand, que com frequência sofreu o flagelo nas prisões comunistas. "Era como se as costas estivessem sendo grelhadas numa fornalha, e o choque ao sistema nervoso era imenso."¹⁴

Os magistrados mandaram parar o açoite antes que os missionários desmaiassem. Deram outra ordem. Os lictores, empurrando ou quase carregando os apóstolos, levaram-nos do foro, através da Via Inácia, à prisão construída ao lado da colina abaixo da acrópole, não muito longe do teatro. O carcereiro, outro veterano, que recebeu estritas instruções de guardá-los com toda a segurança, presumiu serem criminosos perigosos que provavelmente seriam enviados à capital da província e acabariam como escravos de galeras. Ele os empurrou, ainda nus, para o interior da prisão onde ladrões algemados e arruaceiros menores aguardavam sentença; e através de uma pequena abertura, atirou-os numa cova sem janelas. Aqui existia uma geringonça usada para segurança e tortura. Travessas de madeira eram dispostas de tal modo que as pernas do criminoso podiam ser abertas, presas, e os pulsos e até mesmo o pescoço apertados em diferentes posições, dependendo da quantidade de dor que o carcereiro desejasse infligir.

Uma vez que esta era uma mera questão de segurança, ele mandou que Paulo e Silas fossem atirados ao chão e somente seus pés fossem presos nas travessas, deixando livre o restante do corpo. Jogaram suas roupas após deles.

O sol desceu e se pôs além das montanhas do Egeu. Na casa de Lídia, Timóteo e Lucas devem ter chamado os outros para orar. Paulo parece fazer alusões a essas orações na carta aos Filipenses em um encarceramento posterior. Ele *sabia* que ia ser liberto por causa das orações deles e mediante os recursos do Espírito de Jesus Cristo.

Na caverna, Paulo e Silas estavam assentados lado a lado em estado de choque. O sangue coagulava, os músculos endureciam. Não conseguiam descansar de costas, e sentar-se era um incômodo enorme. Seus pés estavam amortecidos e a travessa de madeira pressionava-lhes os tornozelos. A roupa que enrolaram nas costas não conseguia parar o tremor, e foram forçados a deitar nas próprias fezes.

O sono não vinha. Nem podiam orar a princípio. Diminuído o choque, e minorada a dor, suas mentes procuraram resposta para o abuso, a indignidade e a injúria que os haviam engolfado, embora fossem cidadãos romanos numa colônia romana. Podem ter sofrido depressão, até mesmo uma pontada de ressentimento enquanto cada um aprendia "a viver contente em toda e qualquer situação", até que, com o passar da noite, todo resquício de miséria espiritual ou mental tivesse desaparecido, e a seguir, sobrepujado pelo conhecimento de que em todas estas coisas podiam ser mais do que vencedores através daquele que os amava. Seus braços os haviam protegido quando lhes faltou a conscientização. Ele sabia o que era sofrer. Começaram a orar. Enquanto oravam, suas orações se transformaram em louvor.

Suavemente, um pouco entrecortado a princípio, começaram a cantar. (Paulo escreve com frequência acerca de música e de cântico, e pode ter tido uma boa voz.) Não cantavam para se animar; a melodia borbulhava dos seus corações porque a Presença rapidamente se tornava mais real do que as dores, as feridas, a fome, o fedor e a nudez:

Que ao nome de Jesus
Se dobre todo joelho,
Nos céus, na terra e debaixo da terra.

Alguns pensam que a grande passagem que Paulo escreveu aos filipenses de outra prisão, acerca de o Filho de Deus ter-se esvaziado, acerca de sua morte e glória, lembrava-lhes um cântico que já conheciam. Se isso for verdade, Paulo e Silas podem ter improvisado esse cântico naquela noite, à medida que sua agonia se transformava em alegria, até que o clímax inflamado ecoasse do tronco:

... e toda língua confesse
que Jesus Cristo é Senhor,
Para a glória de Deus Pai.

Na cela principal os outro dez ou mais prisioneiros, acorrentados à parede, cada um com sua miséria particular, encarando Possível tortura, trabalho forçado ou morte, ouviam a canção.

Eles tinham visto as costas sangrentas dos homens que haviam sido atirados na caverna, mas agora esses pobres miseráveis estavam cantando, e cantando de alegria. Uma felicidade extraordinária e contagiosa, e uma paz e esperança inundaram a prisão.

O carcereiro, em sua casa, a pouca distância, dormia a sono solto.

Paulo e Silas continuaram a cantar. Os presos ouviam. De repente a prisão inteira tremeu num terremoto de fração de segundos. Tremores de terra eram comuns durante o verão macedônio, mas este foi forte o suficiente para desprender o tronco, quebrar as argolas de ferro que prendiam as correntes dos outros prisioneiros, soltar as travessas das portas internas e externas e despertar o carcereiro.

Sua reação inevitável foi pular da cama, agarrar a espada pequena e curta e correr para o pátio escuro. Ele viu que as portas estavam abertas. Seus presos deviam ter fugido e ele estava perdido: sua vida em troca da deles. Aterrado, mas sem hesitar um momento, escolheu suicidar-se a enfrentar a vergonha da execução pública. Puxou da espada. O som da bainha caindo ao chão ressoou noite adentro. Ele ouviu uma alta voz vinda das profundezas do cárcere: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!"

A essa altura seus olhos já se tinham acostumado à semi--escuridão e conseguia enxergar à luz da lua. O terremoto fora local, bem debaixo da sua porção da encosta da colina. Para os macedônios, todos os terremotos e tremores, pequenos ou grandes, eram o toque de um deus irado; este deus o havia escolhido e o carcereiro estava aterrorizado. Mais espantoso, o deus havia impedido que os presos escapassem e agora vinha essa alta voz da caverna: "Não te faças nenhum mal!" Os judeus castigados se importavam mais com seu carcereiro do que com a própria fuga. A situação toda era além da sua compreensão.

Tremendo, o carcereiro gritou a seus escravos pedindo uma luz. Estes, bem despertos e falando incoerentemente, se apressaram. A demora de cada segundo, enquanto remexiam com os archotes de pez de pinheiro, era uma agonia, pois o deus podia atacar de novo. O carcereiro deve ter ouvido algo acerca do motivo de os dois judeus estarem na cadeia: eram servos de uma divindade e falavam a respeito da salvação.

Finalmente acesos os archotes, o carcereiro, acompanhado de um escravo, entrou precipitadamente no cárcere. Vendo a Paulo e Silas em pé e tranquilos, ele se atirou aos pés deles. "Senhores, que devo fazer para que seja salvo?"

"Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa."

A esta altura seus dois ou três escravos e a sua família haviam--se amontoado na câmara da prisão. Os outros presos apertavam-se em torno da abertura da caverna, tão ansiosos quanto o carcereiro. E aí, Paulo e Silas, com o cabelo emaranhado, as costas rígidas de sangue seco, "pregaram a palavra de Deus, e a todos os de sua casa."

Depois, o carcereiro os levou para fora. No pátio havia um poço ou fonte onde, com a ajuda das mulheres e dos escravos, ele lhes lavou os vergões. Logo depois, à luz dos archotes, ele foi batizado, e a seguir toda a sua família e também seus escravos.

Depois do batismo, o carcereiro levou os apóstolos à sua própria casa para uma refeição, "e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus", de modo que chegada a aurora, ainda estavam reunidos com Paulo e Silas, indagando mais acerca de Jesus, partilhando a incrível felicidade que havia transbordado e agora emanava do seu interior.

Logo depois do nascer do sol, os oficiais de justiça chegaram com uma ordem dos magistrados para que os dois judeus fossem postos em liberdade. O espancamento e uma noite na prisão eram correção sumária suficiente; é claro, os estrangeiros chicoteados e desmoralizados, saíam da cidade. Os oficiais ficaram esperando no pátio para conduzi-los aos limites da cidade enquanto o carcereiro, contente de que o castigo estava acabado, entrou apressadamente em casa. Os oficiais não queriam saber onde ele guardava os presos, uma vez que os apresentasse quando requeridos.

"Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz."

Paulo não quis saber da história. Para surpresa e consternação do carcereiro, ele respondeu: "Sem ter havido processo formal contra nós nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles, e pessoalmente nos ponham em liberdade."

Este era um caso sério. O carcereiro não duvidou de que eram romanos. Ninguém arriscaria a pena capital reivindicando fraudulentamente a cidadania romana. Quando os oficiais comunicaram essas palavras aos pretores, sua pomposidade imediatamente se desfez. Pela *Lex Valeria*, e pela *Lex Porcia* e mais recentemente pela *Lex Júlia*, os cidadãos romanos não podiam ser espancados exceto por se recusarem a obedecer a uma ordem direta de um pretor, mas mesmo nesse caso, só depois de um julgamento completo e uma condenação formal. Ao espancarem a Paulo e a Silas em público e sem julgamento, os pretores se haviam exposto a reclamação em Roma e à ruína. Pior ainda, não tinham como saber se estes cidadãos ultrajados procurariam vingança ou não. A segurança estava somente na servilidade abjeta.

Os pretores se apressaram à prisão, entraram na casa do carcereiro e apresentaram humildes desculpas às quais Paulo e Silas não responderam, sabendo que a melhor proteção

para a jovem igreja fílipense era manter os pretores em brasas. Era também um modo seguro de dar a outra face e fazer bem aos perseguidores, pois os pretores, e também os oficiais de justiça, podiam prestar atenção ao ensino de uma igreja fundada por romanos.

Com grande honra pública, na presença de pequena multidão que teria seguido a correria para o cárcere, os pretores escoltaram os apóstolos para fora da cadeia, e rogaram que se retirassem da cidade a fim de evitarem o risco de outra perturbação do sossego público. Paulo e Silas, talvez com o próprio carcereiro, primeiro foram à casa de Lídia. Todos os cristãos que podiam deixar o trabalho correram para lá, e louvaram a Deus juntos e se reanimaram com tudo o que os apóstolos diziam. Era cedo demais para organizar anciãos e presbíteros; mas Lucas, por mais que desejasse acompanhar seus pacientes e amigos machucados, concordou em ficar para trás; ele podia dar início a um trabalho médico enquanto pastoreava a igreja.

Então Paulo e Silas, com Timóteo, apanharam pesados bastões e partiram para o nordeste, na direção da ponte e da planície.

Capítulo 17

Expulso de Tessalônica

Um judeu com o nome grego de Aristarco foi, como de costume, à grande sinagoga da poderosa minoria judaica de Tessalônica, a cidade livre situada à entrada do golfo do Thermae, na qual residia o governador da Macedônia. Neste sábado de meados de agosto os anciãos convidaram um rabino visitante para ler e expor a lei. Enquanto Aristarco ouvia no calor opressivo, pouco sabia que por amor a esse homem, em alguns anos, ele seria maltratado por uma turba, faria duas longas viagens com ele, sofreria naufrágio e partilharia a sua prisão em Roma.

Imediatamente percebeu que o homem era incomum. Com suas pernas tortas e andar rijo ele se dirigiu à mesa de leitura. De vez em quando fazia uma careta, o que sugeria dor física recente e severa. O sofrimento não o amargurara: seu rosto brilhava com uma amabilidade atraente, não prejudicada por suas sobrancelhas cerradas, mas mostrava traços de nervosismo ao se dirigir ao auditório, como se quase esperasse que o magoassem.

A surpresa de Aristarco se desfez quando ouviu a natureza controversa do sermão. O estrangeiro começou com uma passagem dada, então citou uma passagem atrás da outra provando que o Messias esperado não iria, como eles supunham, restaurar imediatamente o reino em Jerusalém pelo qual todos os mercadores judeus secretamente anelavam, ao mesmo tempo que bajulavam os fregueses gregos e romanos, mas sofreria e morreria — e voltaria a viver. As copiosas referências bíblicas do estrangeiro fizeram sentido para Aristarco. Ao falar o estrangeiro de um homem chamado Jesus, recentemente crucificado, e quando, sem polimento ou estilo, mas com uma força estranhamente compelidora, ele contou como esse Jesus fora levantado dentre os mortos, Aristarco teve certeza de que as palavras do estrangeiro eram verdade. A conclusão do sermão foi: "Este é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio."

Depois da reunião os anciãos, um tanto sem entusiasmo, foram educados e sugeriram que Paulo lhes falasse no sábado seguinte. Aristarco e vários outros o procuraram. Outro membro da congregação chamado Jasom convidou-o para sua casa com Silas e Timóteo, de modo que todo aquele que desejasse pudesse encontrá-los. Aí Paulo e Silas contaram como foram "maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio de muita luta." A caminhada de cerca de 160 quilômetros pela Via Inácia através de mais duas importantes cidades — Anfípolis, perto da embocadura do rio Strymon em forma de lagoa, guardada por seu antigo leão de pedra, e Apolónia, nas praias de um lago — restaurara a saúde de Paulo. Contudo, ao transporem os montes e descerem para Tessalônica, sabiam que teriam de fazer um esforço cômico e se arriscarem ao perigo ao lhes proclamarem o que sabiam ser as boas novas. A gratidão de Paulo, portanto, foi maior porque "tendo vós recebido a palavra de Deus que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus".

A primeira qualidade que chamou a atenção de Aristarco e de outros na casa de Jasom foi a autenticidade de Paulo e de Silas. Notaram também a integridade de seus modos e de suas palavras, virtudes que os mercadores espertos podiam reconhecer e respeitar. Os apóstolos possuíam certa pureza mental e uma ausência de truques que os diferenciavam dos profetas itinerantes. Não mostravam nenhum interesse por dinheiro ou por bens, apenas a gratidão tocante pela amabilidade de seus ouvintes.

Pode ser que o caráter de Paulo atraísse as pessoas, mas era a sua mensagem que as convencia — uma mensagem firmada na realidade. Paulo não oferecia nenhuma fantasia nebulosa, nem afirmava que o importante era a fé sem levar em conta se a vida, a morte e a ressurreição de Jesus eram realidade ou mito; sua convicção da verdade desses fatos era

avassaladora. Enquanto ouvia, Aristarco percebeu de novo algo mais do que o raciocínio levando-o a crer e a entregar-se a Jesus a quem Paulo pregava. Paulo não se surpreendeu. Ele disse que esse poder era o Espírito Santo de Deus Pai — e de Jesus. Ao se converterem Aristarco, Jasom e vários outros membros da sinagoga, Paulo recusou-se a receber o crédito.

A coragem e a convicção de Paulo e de Silas geraram convicção e coragem. Os convertidos não somente asseguravam aos companheiros judeus que Jesus era o Messias, mas também, desfazendo-se de seus preconceitos, proclamavam aos seus conhecidos comerciantes gentios e escravos — que transportavam suas mercadorias das docas — que Jesus era o Salvador de todos os homens. Desta maneira a casa de Jasom, de um modo totalmente não judaico, tornou-se o centro de um movimento que se espalhou como fogo por toda a cidade. Em poucos e espantosos dias, a "igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo", como Paulo a chamava, contava mais gregos que judeus, tanto homens como mulheres influentes e de alta posição social.

Novamente Paulo mostrou sua integridade. Ele se recusou a elogiar. Ao falar com inquisidores, não tentava disfarçar sua crença de que as próprias raízes de suas vidas estavam distorcidas, que os pequenos ídolos que adoravam nas suas casas, e os ídolos lindamente clássicos que adornavam os templos eram deuses falsos, impotentes, mortos. Ele não aceitou a esses tessalonicenses como eram; ele teria retorquido com a exclamação: "Deus nos livre!" aos teólogos radicais do século vinte, os quais negam ao homem a necessidade de um reconhecimento consciente do ressurreto Jesus de Nazaré como Senhor e Cristo.

E, assim, por ter Paulo sido honesto com os tessalonicenses, e por seu evangelho ter sido fundado em fatos históricos e não ter-lhes chegado "tão-somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção", ele podia re-gozijar-se ao escrever-lhes: "Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro".

Tessalônica ocupava posição estratégica e estava suficientemente perto de Filipos para que um sentido de unidade se desenvolvesse entre as duas igrejas. Paulo, que não cessara de orar por seus amigos filipenses, alegrou-se muito quando um mensageiro filipense chegou com fundos, e emocionou-se pelo fato de se lembrarem dele. Terminado seu trabalho em Tessalônica, ele partiu para o oeste, seguindo a Via Inácia, que podia levá-lo ao Adriático e daí a Roma. Para o sul, além do golfo, que do porto parecia cercado por terra, ele podia ver o monte Olimpo, o lar lendário dos deuses aos quais Cristo viera suplantar. Poucos gregos ainda acreditavam que os deuses moravam no Olimpo, mas a existência deles, contudo, parecia real aos que os adoravam.

Além do Olimpo estavam as planícies da Tessália e da Acaia ao sul da Grécia; navios mercantis faziam a rota constantemente, de modo que de Tessalônica o evangelho logo soaria onde quer que os viajantes cristãos comerciassem — Corinto, Pireus, ilhas do mar Egeu, Éfeso e costa da Ásia.

Uma vez mais Paulo pensou ter encontrado a cidade onde permanecer. Ele e Silas aceitaram a casa de Jasom como seu lar, mas se recusaram a ser pesados à sua hospitalidade ou a tomar refeições de graça em outras partes. "Pois vós mesmos estais cientes do modo por que vos convém imitar-nos, visto que nunca nos portamos desordenadamente entre vós, nem jamais comemos pão, de graça, à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes... ordenamos isto: Se alguém não quer trabalhar, também não coma."

Paulo voltou a fabricar tendas. Tessalônica é o primeiro lugar em que ele ou Lucas menciona que ele trabalhou para se sustentar. Na primeira viagem missionária Barnabé pode ter suprido a todas as suas necessidades, porque embora Barnabé tivesse vendido suas terras e doado a renda à igreja de Jerusalém, esta podia ter sido uma evidência deliberada de arrependimento uma vez que ele era levita, e os levitas não deviam possuir terras. Não quer dizer

que ele se houvesse reduzido à pobreza apostólica. E possível que ele tenha tido rendas das minas de cobre ou de outro negócio da família em Chipre, com as quais ele e Paulo viveram até à separação. Mas agora Paulo não tinha meios particulares de sustento.

O tempo todo que ele, Silas e Timóteo não ensinavam, eles trabalhavam — as profissões dos companheiros de Paulo não são especificadas — e enquanto trabalhavam conversavam com os convertidos ou com os curiosos. Ou oravam pelos crentes. Raramente o livro de Atos menciona Paulo orando sozinho: somente uma vez ele sai a sós e nessa ocasião ele está caminhando. Contudo, suas epístolas constantemente mencionam a oração. Parece que quando iam de uma cidade a outra os apóstolos gastavam parte de seu tempo em intercessão. Quando parados numa cidade e novamente trabalhando, oravam juntos ou com os convertidos, ou cada um a sós. As ações rítmicas da fabricação de tendas e do trabalho em couro proviam o elemento de leve distração, impedindo que sua mente divagasse.

Paulo continuou a pregar cada sábado, abrindo as Escrituras, demonstrando seu cumprimento em Jesus, debatendo depois do culto litúrgico com aqueles que disputavam esta conclusão. Ele sempre firmava seu argumento nos fatos históricos e na experiência; e sempre, quando pregava, mais alguns judeus e gentios tementes a Deus provavam as suas afirmações e descobriam que eles também se encontravam com Deus.

Durante toda a semana Paulo falava a judeus, prosélitos e gentios acerca de Cristo, e fortalecia os batizados. Estes o escutavam conscientes de que três amores se misturavam em Paulo: o amor a Deus, ao próximo e, em especial, aos seus irmãos e irmãs em Cristo. Paulo introduziu um novo conceito de amor, embora ele dissesse que era Deus quem os ensinava além de qualquer palavra que ele pudesse proferir. Onde o erotismo se encontrava nos próprios ares, até mesmo em uma cidade como a deles, não dominada pelas seitas de Apolo ou Afrodite, Paulo usava a nova palavra *ágape*, que os cristãos cunharam em substituição a *eros*, e expunha um amor que purificava e transformava. O amor, no que tinha de mais elevado e mais baixo era um tópico urgente. As cartas que Paulo escreveu logo depois de sua fuga de Tessalônica revelam que muitos rapazes e moças faziam parte da igreja. Em especial os homens, viris e lascivos, não achavam fácil permitir que Cristo controlasse seus instintos sexuais. Quando pagãos, achavam muito normal seduzir a esposa de um amigo ou fornicar com uma moça que lhes chamasse a atenção. Voltar-se conscientemente do mal para a fé nem sempre trazia conscientização imediata de como agradar a Deus neste assunto.

Paulo conduziu-os com precisão. "Por que estais inteirados de quantas instruções vos demos da parte do Senhor Jesus", ele os lembraria em sua primeira carta, "pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo, em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus".

Paulo e seus amigos não acalmavam um clube estéril de es-capistas, mas modelavam um grupo vigoroso que tinha vivido todos os seus dias numa sociedade permissiva, que admirava a proeza sexual. As encostas dos morros mostravam as consequências dessa permissividade. Estes homens e mulheres deram sua lealdade a Jesus como Rei e, com tanto ardor, que começou a circular um boato pela cidade segundo o qual Paulo tentava angariar adeptos para um rival de Cláudio. Eles queriam obedecer a este Rei Jesus; suas palavras agora eram a autoridade maior deles. Queriam ser como ele, embora seus antigos apetites revivessem em suas veias juntamente com os novos. Paulo fortalecia e dirigia os novos desejos, exaltando a sua vontade consciente de ser fiel a Jesus e imitá-lo. Ele lhes transmitiu o que Jesus havia dito e feito.

Paulo também não se limitou a questões de conduta para a vida presente. Ele falou do reino vindouro, quando Jesus há de voltar à terra para reinar sobre todos os homens.

Novamente, ele baseou suas instruções nas palavras de Jesus. As cartas aos Tessalonicenses ecoam este ensino e contêm paralelos íntimos com os dizeres de Jesus registrados por Lucas, e dão substância à tradição — embora um tanto suspeita pelos eruditos

bíblicos — de que Lucas, ao preparar o seu Evangelho, escreveu o que Paulo pregava. "Mas considerai isto", dissera Jesus, "se o pai de família soubesse em que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos. .. porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá." Paulo escreveu: "Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como o ladrão de noite." Ou, novamente: "Vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: . . .o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus." Jesus dissera: "Verão o Filho do homem descer numa nuvem com poder e grande glória."

Muito do que Paulo ensinou acerca da volta de Cristo era um quebra-cabeça para os seus ouvintes, assim como os ditos do Senhor confundiram os discípulos na época em que foram proferidos. As más interpretações que os tessalonicenses atribuíram às palavras de Paulo logo o forçariam a definir com maior clareza a sua compreensão. Convencido pela profecia do Antigo Testamento e pelas palavras de Jesus, Paulo cria que o Senhor de súbito terminaria a idade presente, tão cheia de lascívia, opressão e crimes, voltando corporeamente em majestade e poder. Os detalhes, porém, eram obscuros. E a perspectiva de Paulo um tanto curta. Ele via a segunda vinda como o homem que, ao atingir um passe na montanha, olha para o próximo pico através da planície abaixo dele: parece estar apenas a algumas horas de distância. À medida que atravessa a planície, as montanhas, em vez de se aproximarem, acenam ao longe. Assim Paulo continua a caminhar, sempre esperando que o seu Senhor volte imediatamente; contudo, grato, a cada novo dia, pela renovada oportunidade de falar a homens e mulheres acerca do Rei que tinha vindo — e estava vindo. ^ Nesse ínterim, como as cartas de Paulo também revelam, os três missionários não somente ensinaram aos tessalonicenses em grupos, mas também tomaram tempo e se deram ao trabalho de ensiná-los pessoalmente como um pai ensina a seus filhos, encorajando-os, confortando-os e resolvendo os problemas especiais de cada um. Os três homens deram completamente de si. Embora fosse mais fácil exigir obediência irrestrita, preferiram trabalhar de modo gentil e paciente, como a ama devotada entre seus bebês. Paulo envolveu-se de tal maneira com seus convertidos que, quando chegou a hora da separação, esta foi como se lhe tivesse rasgado a própria carne. E a separação chegou de repente.

Pela quarta semana ele havia ordenado anciãos que deviam encorajar, admoestar e ensinar — e levar a igreja avante.

Na visão de Paulo, a igreja não devia meramente sobreviver em seu ambiente hostil e pagão, mas também avançar. Os cristãos não deviam apresentar uma aceitação triste em ambientes difíceis, nem levar cruces pesadas com uma morbidez sinistra, cultivando um senso opressivo do pecado. Deviam ser positivos, fazendo o bem uns aos outros, e aos judeus incrédulos e aos pagãos, apesar do abuso e da injúria. "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças". Não importava quão adversas fossem as circunstâncias, seu modo de vida tinha de ser uma repreensão ao mal e um estímulo a que seus vizinhos procurassem para si esta nova e extraordinária existência; os cristãos deviam amar mais, ter maior alegria, maior consideração por aqueles que se opunham a eles, e sempre dar-lhes as boas-vindas.

Assim, a infante igreja de Tessalônica tornou-se num movimento poderoso. Refizeram-se homens, adoçaram-se relacionamentos entre senhores e escravos, e maridos e mulheres. Mas famílias também se dividiram, e vizinhanças se partiram. Dis-cutia-se acerca da nova fé, que uns elogiavam e outros infa-mavaiiii. Paulo era amado e admirado por alguns, e odiado por outros. Poucos permaneceram indiferentes.

O clímax chegou quando os judeus incrédulos não puderam conter o seu ciúme. Eles recrutaram "alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo." Não os encontrando, a turba arrastou a Jasom e a outros cristãos para fora de casa e os forçou à presença dos *politarcas*, os responsáveis pela lei e a ordem numa cidade macedónia que não era colónia romana.

Os chefes da motim gritaram: "Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui, aos quais Jasom hospedou. Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei."

A turba clamava, pedindo sangue. Os oficiais, entretanto, demonstraram sanidade muito diferente das ilegalidades apressadas dos *estrategoi* de Filipos. As acusações os perturbavam, pois devem ter ouvido falar da expulsão dos judeus de Roma, e da sua causa. Aos judeus o historiador Suetônio, no início do segundo século, atribui "motins constantes sob a instigação de certo Crestos", mais provavelmente uma referência à violência judaica contra os primeiros seguidores de Cristo em Roma. Mas a prova de sedição em Tessalônica, de recrutamento de súditos a um rival de César, provou-se inexistente. Os supostos cabeças do motim nem mesmo compareceram ao tribunal.

Os politarcas, portanto, adotaram uma política de precaução. Soltaram a Jasom e a seus amigos depois de terem recebido deles uma considerável quantia, a qual perderiam, e eles próprios seriam presos, se os estrangeiros fossem novamente vistos na cidade.

Capítulo 18

O Fugitivo

Paulo não tinha opção, a não ser fugir com Silas imediatamente. E se os acusadores pudessem inventar mais evidência incriminadora, enviariam soldados para trazê-los de volta.

Caindo a noite, os irmãos conduziram a Paulo e a Silas através do Arco de Augusto, e daí para a Via Inácia. Timóteo permaneceu em Tessalônica, mas é provável que outro tessalônio os tivesse acompanhado enquanto caminhavam rápido noite adentro até chegar, já de madrugada, ao largo rio Axios. Enquanto esperavam a barca, temiam que cavaleiros chegassem a galope com ordens para prendê-los, mas atravessaram em segurança, e caminharam pela manhã de setembro enquanto a cerração envolvia as colinas. Depois deixaram a Via Inácia e se dirigiram ao sudoeste.

Tivesse Paulo permanecido em Tessalônica o tempo que desejasse, é provável que seu próximo passo fosse rumo ao oeste, ao longo da Via Inácia, para a província costeira do Ilírico. Tendo evangelizado aí, talvez esperasse atravessar o Adriático para Roma. Agora, além de Roma estar fechada aos viajantes judaicos, ele não queria deixar os tessalonicenses defendendo--se como pudessem, pois, apesar do seu próprio ensino acerca da capacidade de o Espírito Santo cuidar deles, ele temia que esses bebês espirituais fraquejassem sob a perseguição. Portanto, ele escolheu a pequena cidade de Beréia, nas colinas ao pé do Olimpo, bem conhecida como estância de férias e refúgio para os exilados de Tessalônica. Estava perto o suficiente para uma volta rápida, caso sua expulsão fosse removida com a exposição da falsidade das acusações. Paulo queria estar de volta Para o inverno, quando fortes ventos sopravam do monte Atho e a neve obstruía as passagens macedônias.

No terceiro dia chegaram a Beréia, uma cidade pacífica em arredores majestosos, dando, de um lado para uma vista estreita do mar, e do outro para um monte de onde emergia um rio. Encontraram uma sinagoga e aí, na primeira oportunidade, Paulo e Silas pregaram.

Foram recebidos com amabilidade. Os anciãos judaicos locais não demonstraram preconceito. Paulo considerou-os, como escreveu Lucas, muito mais nobres do que os de Tessalônica, pois "receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim. Com isso muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição, e não poucos homens." Não havia necessidade de procurar um terreno neutro para evangelizar e ensinar; a própria sinagoga tornou-se o centro da fé cristã. Inesperadamente, quando o coração de Paulo doía por causa da expulsão de Tessalônica, esta pequena cidade montanhosa providencia o que ele sempre anelava — uma sinagoga que se tornasse um ponto de avanço para a causa de Cristo.

Timóteo chegou com o estímulo de que, apesar da perseguição, da qual Paulo os havia prevenido, os convertidos tes-salonicenses guardavam a fé. Mas Paulo se preocupava com a possibilidade de eles perderem o ânimo se a perseguição aumentasse, especialmente quando seus planos uma vez mais foram interrompidos depois de quinze dias em Beréia. Judeus de Tessalônica, enraivecidos com as notícias que lhes haviam chegado rapidamente, foram a Beréia para perturbar o povo. Percebendo de imediato que os líderes da sinagoga não estavam do seu lado, começaram a incitar a turba para destruir a Paulo mediante motim ou assassinato. Os cristãos perceberam que a vida do apóstolo estava por um fio e, antes que o motim tivesse início, enviou-o secretamente para fora da cidade em direção da costa, deixando Silas e Timóteo.

Paulo, que ansiava voltar a Tessalônica, esperou no pequeno porto abaixo do Olimpo enquanto um mensageiro foi à cidade para ver se sua chegada seria segura. O mensageiro voltou com más notícias. Como Paulo escreveu algumas semanas mais tarde: "Por isto quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas), contudo Satanás nos barrou o caminho."

O inverno estava chegando. Paulo não podia vagar pela Macedônia, esperando. Os irmãos bereanos persuadiram-no a permitir que eles o levassem por mar até Atenas. Aí ele estaria em segurança até que se aclarassem os seus passos seguintes.

Foram de navio¹⁵ pelo Egeu, passando pelos famosos montes da mitologia grega: Olimpo, longe da costa, mas distinto à luz da manhã; Ossa, que os gigantes amontoaram no pico vizinho de Pelion, numa tentativa de chegar ao céu. Para Paulo, se seus amigos bereanos apontassem Ossa e as florestas de Pelion, o mito representava as falsidades que Cristo viera suplantar, e Cristo estava vencendo, ainda que seus servos tivessem de fugir. No dia seguinte chegaram ao comprido golfo que separa Eubéia do continente, e o navio não precisaria de abrigo durante a noite se os ventos fossem mansos. Na manhã seguinte rodearam o ponto de Sounion, dominado pelo glorioso templo de mármore de Poseidon, deus do mar — um ceni.ro de cultos e lealdade à divindade pagã, à qual os marinheiros faziam oração enquanto passavam. Com seus sacerdotes vestidos de branco e claramente visíveis à forte luz peculiar da Grécia, o templo parecia zombar da fraqueza do viajante ferido que, do convés, o observava com uma oração diferente no coração.

A medida que adentravam a Baía de Sarônica em direção ao porto *'le Pireus*, Paulo teve seu primeiro vislumbre de Atenas — as belezas pagãs da Acrópole e o Partenon, o mármore de suas grandes colunas refletindo claramente à distância, sua arrogância fria desdenhando da audácia do apóstolo.

Os bereanos conduziram Paulo pela movimentada estrada de Pireus, por entre os muros fortificados meio em ruínas e através do portão duplo. Encontraram um quarto para alugar, mas ele estava inquieto. Seu coração permanecia na Macedônia. Ele se agitava pensando que os cristãos houvessem cedido sob pressão. Aquele que os assegurou tão fortemente de que descobririam que Cristo era verdadeiro e poderoso, não importando a malícia do homem, estava nervoso, com medo de que a perseguição contínua e severa fosse demais para eles, e se voltassem contra o Salvador e seu servo. Ele ainda não havia atingido o nível de fé no qual podia deixar a questão totalmente nas mãos de Deus.

"Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós, Pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas... Já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor." Ele persuadiu os bereanos a voltar para casa e dizer a Timóteo que visitasse Tessalônica, animasse os crentes a fim de permanecerem firmes e fortes na fé, sem se inquietarem "com estas tribulações". Depois, Timóteo e Silas deviam ir ter com Paulo em Atenas tão breve quanto possível.

Ficar sozinho em Atenas, cidade de idolatria e filosofia pagã, onde a sinagoga dos judeus não lhe deu as boas-vindas, era dor quase mais aguda do que as varas dos oficiais de justiça de Filipos. Paulo ansiava por companhia e compreensão, mas os tessalonicenses eram mais importantes. Por eles, o apóstolo estava disposto a suportar a espera de todo um outono.

Embora coisas piores o aguardassem em futuro muito próximo, embora as crises espirituais mais ferozes estivessem pela frente, o dia em que Paulo disse adeus aos bereanos foi um dos mais difíceis de sua vida.

Capítulo 19

Riso em Atenas

Tendo como fundo o céu azul de fins de setembro, a pureza das linhas e das cores do imenso paredão de rocha, encimado pelos templos mais famosos do mundo ocidental, prendia os olhos de Paulo, como prenderia os de qualquer outro visitante a Atenas.

Paulo não era cego à beleza, mas ainda que ele tenha percebido as formas requintadas da Propiléia e do Templo de Atena, Doadora da Vitória, ou o próprio Partenon, ele não subira a colina para entrar nos centros de um paganismo desregrado. A brilhante estátua de Atena era objeto de adoração, e o famoso friso que se transformaria nos Mármore de Elgin representava rituais. Enquanto a arte grega não fosse despida da religião, sua própria beleza fortalecia o repúdio de Paulo.

A intenção do apóstolo não era evangelizar Atenas. Além de não ter ajudantes e de esperar voltar a Tessalônica, ele precisava descansar. Porém, quanto mais via ídolos por todos os lugares, mais exasperado ficava. Ele andou pela movimentada *agora* ou mercado, abaixo da Acrópole ladeada pela magnificência dórica do Theseion e outros templos, onde se prestavam cultos diariamente. Até mesmo a prefeitura tinha seu fogo sagrado. Nos lugares abertos e sob os *stoas* ou pórticos, enfiados juntamente com as estátuas de atenienses ilustres e opulentos romanos, encontravam-se ídolos e altares a toda divindade conhecida ou desconhecida. Contudo, este era o centro intelectual do mundo, Para onde jovens ricos de todas as terras do império eram enviados a fim de completar sua educação mediante a escolha de ^Una filosofia. A mescla de piedade superficial com filosofias ⁹ue zombavam do sobrenatural criara uma atitude frívola, desata com exatidão por Lucas: "Pois todos os de Atenas, e os estrangeiros residentes, de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades."

A alma de Paulo se revoltava contra o mau uso das faculdades humanas, especialmente porque, como suas próprias palavras mostrariam, ele conhecia algo dos antigos esplendores da Atenas clássica e de sua busca da verdade. Mas, quando ele deu vazão a seus sentimentos na sinagoga, foi recebido com apatia; os judeus menosprezavam seus vizinhos gregos e, não se importando com a cegueira moral e religiosa destes, se contentavam em tratá-los como fregueses lucrativos. Paulo, portanto, com sua costumeira capacidade de adaptação, foi trabalhar na *agora*, e transformou-se num ateniense para os atenienses mediante o método de Sócrates: envolvendo os transeuntes e os curiosos numa sessão de perguntas e respostas. Sócrates permanecera numa única cidade, devotando-se à prática do bem, segundo o seu modo de ver. Paulo não podia restringir-se a uma única cidade. Ser humano algum na história fora tão longe ou sofrera tanto para levar a verdade aos homens. Ele não se calaria nem se deteria enquanto outros ignorassem o Caminho, a Verdade e a Vida. Todos os dias ele falava tudo acerca de Jesus e da Ressurreição, sem se deixar desanimar com a falta de resposta.

O homenzinho de pernas tortas e avidez um tanto fora de moda tornou-se suficientemente familiar ao ponto de atrair a atenção das duas principais escolas filosóficas. Os estóicos ensinavam que o homem devia esforçar-se, sem medo e com orgulho, para aceitar a lei do Universo, por mais dura que fosse, e trabalhar por um estado mundial baseado na razão. Criam que a alma sobrevivia ao corpo, ao contrário de seus rivais, os epicureus. Estes ensinavam que a felicidade, ou prazer, era o bem maior, e que a pessoa devia procurar esse bem sem a ajuda de nenhum deus. Entretanto, essa ideia se degenerara ao ponto de ser resumida na seguinte afirmativa: "Comamos, bebamos e nos alegremos, porque amanhã morreremos." Nos dias de Paulo, os discípulos de cada uma dessas escolas de filosofias haviam perdido muito de seu impulso em fazer convertidos; a crença da pessoa era assunto seu e a filosofia se transformara em elaborado exercício intelectual.

Estóicos e epicureus ouviram a pregação de Paulo, a quem tomaram por um dentre a ralé de estrangeiros que procuravam patrocinadores em Atenas, e se divertiram. Primeiro, o

tolo continuava a enfatizar que não falava por autoridade própria, sendo, assim, um falido intelectual. A seguir, em vez de oferecer uma filosofia racional, parecia recomendar uma ou duas divindades. As palavras *Jesous* e *anastasis* (ressurreição) não lhe saíam dos lábios. *Jesous* parecia mais com o nome da deusa iônica da saúde, especialmente porque Paulo o relacionava com *soter* (salvador) que, para os gregos, sugeria um deus que dava saúde física e mental. Quanto a *anastasis*, eles possuíam mitos de deuses que voltavam do mundo inferior, e este devia ser outro deles. Contudo, Paulo referia-se a uma pessoa real de carne e sangue, com a qual as pessoas conversaram, a quem observaram e ouviram, e a quem crucificaram, morte a que ninguém sobreviveria. Parecia-lhes que Paulo tentava persuadi-los de que esse homem se levantara fisicamente do túmulo.

"Que quer dizer esse tagarela?" perguntavam uns aos outros, usando a gíria comum da época para um trapaceiro que, por ser preguiçoso ou estúpido demais para ter as suas próprias ideias, procura-as no lixo ou as rouba de outras pessoas.

"Parece pregador de estranhos deuses", diziam outros.

O que Paulo pregava parecia-lhes lixo. E podia ser perigoso à moral dos atenienses que se dignassem ouvi-lo. Embora houvesse liberdade de fala em Atenas, sempre havia limites. Decidiram que ele devia expor suas ideias perante o venerando tribunal do Areópago, que tinha o direito de expulsar os filósofos inconvenientes. Chegaram-se e o convidaram a subir a ladeira de acesso à Acrópole, e daí passar à rocha íngreme, a colina de Ares, da qual o tribunal recebia o nome.¹⁶

Da Pedra da Vergonha, de onde falou, reservada à defesa de uma tese ou de uma acusação criminal, Paulo podia ver, ao fundo, o branco rosado dos relicários que a devoção religiosa e a incomparável arquitetura do homem haviam erigido. Ao nível do olho estava o portão da Boule, abaixo do pico da colina. Acima do pico ficava a Propiléia, à entrada da área sagrada, ladeada por dois templos. Embora do lugar onde estava não pudesse ver o Partenon, ele podia contemplar, acima da Pro-Piléia, o reflexo do sol no escudo, na lança e no capacete da colossal deusa Atena, exemplo supremo da arte humana proclamando a forma da divindade, enquanto tinha à sua frente, prontos a ouvi-lo, os herdeiros de Sócrates, Platão e Aristóteles, de Zeno e de Eurípedes.

O "promotor" foi até a Pedra do Orgulho, e com solene cortesia que ocultava o seu divertimento, dirigiu-se a Paulo: "Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber que vem a ser isso."

Suas palavras ocultavam um indício de ameaça; Sócrates fora sentenciado à morte por ensinar doutrinas estranhas, e embora Paulo não estivesse em perigo de envenenamento, podia ser expulso.

Paulo estava ansioso por falar acerca de Jesus perante tão augusta plateia. Ele se encontrava em seu ambiente. Às vezes, ao falar com pessoas da roça ou com os escravos, ele pode ter sentido a necessidade de abaixar seu intelecto, mas aqui ele podia invocar seu conhecimento do pensamento grego e levá-lo às alturas. Ele não estava de modo nenhum envergonhado. Como advogado, ele sabia que a ressurreição era fato histórico provado, para o qual só os mares entre Atenas e a Palestina impediam-no de chamar as testemunhas. Como pecador convertido, ele sabia que a existência do Cristo ressurreto provava a si mesma. A fé cristã não era apenas mais racional do que a dos filósofos, mas também era a verdade. Com toda a confiança ele podia adaptar-se ao seu auditório especial, dirigir-se a eles através do raciocínio, falar-lhes da ressurreição e conduzi-los a partir daí.

Ele começou, com tato e inteligência, usando uma palavra rara (traduzida por "objetos de culto"), a qual teria imediatamente despertado ecos da passagem nas *Eumênides* de Esquilo, onde Atena conta como o Tribunal do Areópago foi instituído. Mais tarde ele citou uma passagem em que Platão, do livro dez da *República*, refere-se ao grande Arquiteto do Universo que "tudo faz crescer do chão e dá vida a todas as coisas viventes". Ele também introduziu citações diretas do poeta cretense Epi-mênides e de Arato, poeta ciliciano, e um

toque de Eurípides. Mas o modo de ele usar as alusões aos gregos mostrou que ele os considerava como pálido reflexo da revelação de Deus na Bíblia dos judeus e em Jesus Cristo. Paulo foi educado, mas de forma alguma bajulador.

"O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas." É possível que Paulo tenha acenado em direção da Acrópole enquanto sua mente voltava para Estêvão, que usara essa mesma frase em seu julgamento muito tempo atrás. "Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando o possam achar, se bem que não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração."

"Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem" — novamente ele deve ter apontado para o venerado colosso de Atena. "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam." *Todos* os homens? Vários areopagitas torceriam os lábios à ideia de um filósofo, dedicado à busca da verdade, precisar de arrependimento. Mas Paulo preparava-se para o seu tema: "porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo", o *oikoumene* sobre o qual os gregos tanto falavam, "com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos."

Uma gargalhada quebrou o decoro do auditório. Burburinho e risos interromperam o apóstolo. Tinham ouvido o suficiente. Se ele realmente pensava que um homem pode voltar à vida depois de morrer e de a terra ter bebido o seu sangue, tal estultícia provava que era indigno de ser acreditado como mestre entre os sábios de Atenas. Disseram: "A respeito disso te ouviremos noutra ocasião."

Paulo sabia que estava sendo despedido. Ele se retirou, descendo da rocha de costas para a Acrópole. Certo areopagita, chamado Dionísio, seguiu-o, decidido a tomar ao pé da letra as amáveis palavras de evasiva do concílio e ouvir mais, pois, em vez de um destino irrevogável fixado por um Universo hostil, em vez do horror da sombra da morte presente nos homens, embora ninguém devesse mostrá-lo, Paulo dissera que a eternidade dependia de uma Pessoa que tinha vencido a morte.

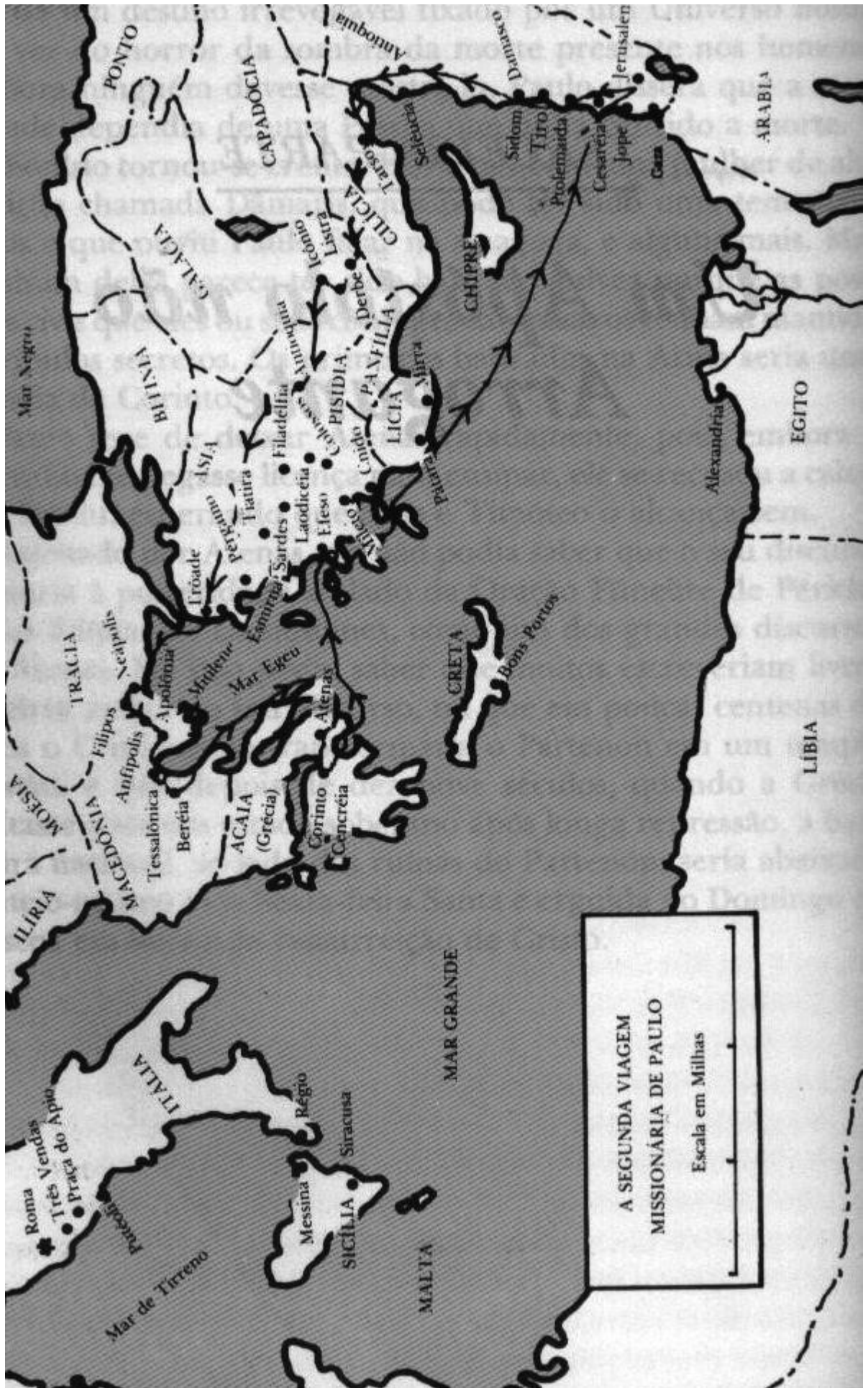
Dionísio tornou-se crente. Havia também uma mulher de alta posição chamada Dâmaris, que pode ter sido uma temente a Deus e que ouviu Paulo falar na sinagoga, e alguns mais. Mas nenhum deles parece ter sido batizado, talvez porque as posições civis que eles ou seus cônjuges exerciam os tenham mantido discípulos secretos. Os primeiros batizados na Acaia seria uma família de Corinto.

Paulo teve de deixar Atenas rapidamente, pois, embora o Concílio lhe negasse licença para ensinar, ele se recusou a calar--se. Partiu, esperando que Silas e Timóteo o alcançassem.

Rejeitado por Atenas, ele não podia saber que o seu discurso passaria à posteridade ao lado da Oração Fúnebre de Péricles e das Filípicas de Demóstenes, como um dos grandes discursos de Atenas. Ele não podia saber que muitos escreveriam livros inteiros acerca do seu discurso, ou que em poucas centenas de anos o Cristianismo transformaria o Partenon em um templo cristão; e que depois de dezenove séculos, quando a Grécia voltasse a ser um estado soberano após longa repressão, a bandeira nacional, ao lado das ruínas do Partenon, seria abaixada a meio-mastro toda Sexta-feira Santa e erguida no Domingo de Páscoa em honra da ressurreição de Cristo.

TERCEIRA PARTE

*Um Apóstolo não
Arrogante*



Capítulo 20

A Cidade de Amor Incontido

Do outro lado do istmo de Corinto, Paulo passou por escravos transportando mercadorias, e equipes inteiras suando sob o chicote do feitor, arrastando navios de um mar para o outro. Ele caminhou pelo porto de Lechaion e subiu a ladeira da entrada de Corinto, a capital da Acaia. "Quando fui ter convosco", disse ele aos coríntios, tempos depois, "anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós."

Estímulos chegaram quase de imediato. Enquanto indagava de certo fabricante de tendas e de sua esposa, recentemente chegados de Roma, dos quais soube por meio de um conhecido mútuo ou por carta, ouviu comentários convincentes de que os viajantes de Tessalônica já haviam falado intrepidamente de Cristo. Então ele descobriu os fabricantes de tendas, provavelmente numa loja típica de frente aberta numa rua perto da estrada Lechaion, os quais o receberam de braços abertos e o convidaram a morar e a trabalhar com eles.

Em Corinto Paulo descobriu dois dos melhores amigos que já teve. Áquila era judeu nascido na província do Ponto, na costa sul do mar Euxine, ou Negro. Talvez fosse mais jovem que Paulo e se tenha convertido quando a fé cristã alcançou Roma por meios jamais precisamente determinados. Sua esposa, Prisca, talvez fosse latina como sugere o nome, e de posição mais elevada que o marido. Mas sua simplicidade e hospitalidade levavam os amigos a chamá-la familiarmente de Priscila. Quando Cláudio expulsou os judeus de Roma por causa de "Cresto", Áquila e Priscila emigraram para Corinto, mas até à chegada de Paulo não pensavam ser missionários.

Os três foram à sinagoga no sábado seguinte e Paulo exerceu seu direito de rabino.

Paulo rejeita pretensões à oratória. "A minha palavra", lembrou ele aos coríntios anos mais tarde, "e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus." Conquanto certos coríntios o considerassem péssimo pregador, a pregação dele possuía excelente toque de firmeza. Cada alusão era clara como o cristal para seu auditório, mas de aplicação admiravelmente nova:

"Ora, Moisés escreveu" — e Paulo tira um texto de Levítico — "que o homem que praticar a justiça decorrente da lei, viverá por ela. Mas a justiça decorrente da fé" — e começa o corpo da exposição, uma passagem tirada de Deuterônimo, "diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, para trazer do alto a Cristo); ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, para levantar a Cristo dentre os mortos). Porém, que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração.

"Isto é, a palavra da fé que pregamos. Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz" — e agora Paulo se volta para Isaías — "Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque", agora ele vai para o profeta Joel, "Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? e como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!"

Ou será que não? Erguendo os olhos para o sul da *agora*, Paulo viu um horizonte

dominado por uma montanha de 580 metros de altura e com abismos de todos os lados, menos a oeste: o Acrocorinto, que num dia claro podia ser visto de Corinto, em cujo topo em forma de disco aparecia o grande templo de Afrodite. O culto era dedicado à glorificação do sexo. Mil garotas eram consagradas à deusa, e suas procissões, rituais e solicitude individuais despertavam tanto os devotos masculinos e determinava o caráter da cidade de tal modo que o mundo antigo descrevia a fornicção como "viver como os coríntios", uma frase cunhada pelos antigos comediantes gregos e levada à nova Corinto.

Na cidade, o templo arcaico de Apolo, o qual os romanos restauraram, e que estava à retaguarda de quem olhasse para o Acrocorinto, também glorificava o sexo, a música, o cântico e a poesia, pois Apolo era o ideal da beleza masculina. Os recessos mais interiores do templo guardavam estátuas nuas de Apolo em várias poses de virilidade que incendiavam os adoradores masculinos, levando-os a demonstrações físicas de devoção com os lindos meninos do deus. Isto também determinava a tendência geral dos coríntios.

Corinto, a maior cidade já encontrada por Paulo, era metrópole nova e ousada, e sua forma corrente havia sido fundada a menos de cem anos, depois de um século de ruínas. Quase vinte e cinco mil pessoas se apertavam numa área comparativamente pequena, entre elas encontravam-se muitos escravos engajados no incessante transporte de mercadorias. Escravos ou livres, os coríntios não tinham raízes, pois haviam sido cortados da sua criação sertaneja, tirados de raças e distritos de todo o império e, exceto pela comunidade judaica, não possuíam agrupamentos naturais: um paralelo curiosamente próximo à população das partes mais pobres das cidades do século vinte, o coração superpovoado e materialista de qualquer grande concentração urbana, com a diferença superficial de que os coríntios encobriam seu materialismo, seus apetites sexuais e suas superstições com uma capa de religiosidade. Paulo tinha visto uma igreja cristã crescer e florescer nas áreas essencialmente rurais do Sul da Galácia e nas cidades de tamanho médio que encontrara na Macedônia. Se o amor de Jesus Cristo pudesse criar raízes em Corinto, a cidade mais populosa, rica e comercial do Leste da Europa, ele devia provar-se poderoso em qualquer lugar.

Ele fez convertidos — Estéfana, a quem batizou juntamente com toda a sua casa, e Gaio, um rico temente a Deus que tinha uma grande casa. Por ser "Gaio" o primeiro nome, é provável que este seja Tício Justo, cuja casa era contígua à sinagoga. Porém, o progresso não foi sensacional e o efeito sobre a Corinto pagã muito pequeno, não dando indicação do que estaria pela frente.

Paulo sentia-se inibido por causa da ausência da sua equipe e da necessidade de ganhar a vida. Ele se impacientava pela ida de Silas e Timóteo. Quando estes chegaram, seu cálice transbordou. Durante muitas horas, no quarto em cima da loja, ele interrogou a Timóteo, e descobriu, para seu alívio, que os tes-salonicenses não somente suportaram a perseguição com fé e amor, mas também haviam crescido em profundidade e em número. Paulo, que se perturbava em Beréia e Atenas imaginando calamidades e fracassos, com as novas aprendia uma lição: o seu Senhor era perfeitamente capaz de guardar aqueles que punham nele a sua fé: "Fiel é o que vos chama".

Ele decidiu expressar seu amor e gratidão imediatamente. "Agora, porém, com o regresso de Timóteo, vindo do vosso meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor.. ." É provável que tenha sido a pena de Timóteo que escreveu o que Paulo ditava, talvez sentado ao sol de inverno no jardim de Gaio, ou nas encostas do Acrocorinto, de frente para o outro lado do golfo do monte Parnasso. ". . . E, ainda, de que sempre guardais grata lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como aliás também nós a vós outros, sim, irmãos, por isso fomos consolados acerca de vós pela vossa fé, apesar de todas as nossas privações e tribulação, porque agora vivemos, se é que estais firmados no Senhor. Pois que ações de graça podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus, orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente, e reparar as deficiências da vossa fé? Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, com

Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; a fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos."

O estilo desta primeira carta aos tessalonicenses é muito diferente das exclamações de Paulo lançadas aos gálatas. Essas cartas não foram escritas no estilo contemporâneo dos homens de letras, que usavam a forma epistolar a fim de difundir ideias, em frases cuidadosamente polidas, a leitores de cultura em todos os lugares. Paulo estava escrevendo para um grupo particular de pessoas e não se preocupava em que o estilo fosse "Paulino" ou não. Timóteo relatou que os tessalonicenses tinham problemas. Alguns crentes já haviam morrido, possivelmente por causa da perseguição, e os sobreviventes preocupavam-se, querendo saber se um dia se encontrariam novamente; certos membros da igreja eram preguiçosos, vivendo à custa dos outros e dizendo que não era necessário trabalhar porque a volta do Senhor era iminente.

Paulo, portanto, se esforçou por desenredar as más concepções e elaborações erguidas em torno de seu ensino. Ao mesmo tempo, conscienciosamente revelou seu próprio caráter ao instar com toda a congregação, a quem a carta devia ser lida, como deviam viver. Uma vez que ele despreza o engano, não esboçaria um modo de vida a que ele mesmo não aspirasse. Assim, através de pequena paráfrase tirada da exortação de sua primeira carta aos tessalonicenses, podemos fazer um retrato de Paulo no final de 50 d.C.

Paulo procurou viver em paz com os crentes — não que já houvesse muitos em Corinto. Ele repreendeu os preguiçosos e descuidados, encorajou os desanimados, apoiou os fracos e foi muito paciente com todos. Procurou não pagar mal por mal e tentou ajudar a todos, quer crentes, quer não crentes. Ele estava sempre se regozijando, orando constantemente e dando graças a Deus em todas as circunstâncias, quer difíceis, quer favoráveis, sabendo que esta era a vontade Deus revelada em Cristo. Quando outros explanavam textos ou lhe diziam que assim Deus lhes revelara individualmente, ele não os destruía, mas provava tais doutrinas através das Escrituras e da tradição oral do que Jesus ensinara, e aceitava com gratidão cada compreensão nova que passava na sua prova. Ele não pronunciava uma palavra nem praticava uma ação que sabia serem erradas.

Sua oração constante, com toda a confiança, era para que o Deus de paz o purificasse e, em meio à podridão moral de uma cidade pagã, o conservasse são de espírito, alma e corpo, irrepreensível "no dia de nosso Senhor Jesus Cristo".

Timóteo trouxe outro presente de dinheiro dos filipenses. Agora Paulo podia abandonar o tear e o trabalho em couro temporariamente e dedicar-se à pregação, auxiliado por Silas e Timóteo. Ele se concentrou na sinagoga, ansiando ver uma nobreza de espírito semelhante à dos bereanos, a qual criaria uma base firme para o avanço do evangelho entre os gentios.

Os judeus, porém, que se recusaram a reconhecer a Jesus como o Messias, reagiram como os de Antioquia da Pisídia: "opondo-se e blasfemando". E a palavra usada por Lucas não se limita ao abuso oral. É possível que Paulo tenha levado uma vez mais um chicoteamento na presença de Crispo, o dirigente da sinagoga e de toda a congregação. Se tal aconteceu, as palavras de Paulo continham uma terrível ironia quando ele, com as costas ensanguentadas, apanhou as roupas, levantou-se dolorosamente, sacudiu o pó da sinagoga num gesto simbólico que todos reconheceram, e aludiu às palavras de Ezequiel mediante as quais o mensageiro fica livre de responsabilidade da morte dos que rejeitam as suas advertências. "Sobre a vossa cabeça o vosso sangue!", exclamou Paulo. "Eu dele estou limpo, e desde agora vou para os gentios."

Seu coração doía tanto como suas costas. Ele ansiava que judeus e não judeus fossem um em Cristo, um "novo Israel". Paulo nada tinha de anti-semita. Ele ainda esperava ganhar seus "irmãos segundo a carne", e foi por esse motivo, e também por conveniência e tamanho

da casa, e não por desejar provocar aos judeus, que ele aceitou a oferta de Tício Justo de transformar a casa contígua à sinagoga em lugar para a pregação de Cristo. E o primeiro convertido a ser batizado juntamente com sua casa, depois da saída de Paulo, não foi outro senão Crispo, o principal da sinagoga. Um homem por nome Sóstenes tomou o seu lugar.

Espalhando-se pela cidade a notícia de que Paulo fora expulso da sinagoga, os coríntios gentios começaram finalmente a acorrer à igreja, até que certa manhã de domingo o gramado e os ladrilhos em volta da fonte da casa de Gaio Tício Justo se cobriram de homens e mulheres, sentados separadamente, os olhos em Paulo enquanto ele pregava e em Silas ou Timóteo enquanto batizavam os convertidos.

Na mente de Paulo, contudo, criou raiz uma semente de preocupação, que o padrão das cidades anteriores estava prestes a se repetir: rejeição da parte dos judeus, progresso entre os gentios, fúria dos judeus, expulsão pela violência da multidão ou processo legal no instante em que o evangelho começava a pegar. Crescia o temor de jamais encontrar uma cidade onde pudesse lançar um fundamento espiritual e construir sobre ele sem pressa. Certa noite, sozinho no cenáculo da casa de Áquila, quando o único ruído vindo da cidade era o latir ocasional de um cachorro ou o andar metálico de guardas nas suas rondas noturnas, a depressão, uma das características da natureza de Paulo, pareceu levar a melhor. Ele jamais conseguiria ganhar outro coríntio para Cristo, ver a fagulha da nova vida no olho de um homem. E se apavorava com a agonia física de outro apedrejamento e espancamento com varas; a desolação de ser expulso com a chegada do inverno, de enfrentar mares turbulentos, e sem ter para onde levar suas juntas rígidas e idosas, a não ser às trilhas montanhosas do Peloponeso.

E se a sua fé fosse fútil, e se Cristo jamais se tivesse levantado dentre os mortos? E se a Presença não passasse de imaginação e não houvesse nada, ninguém? Ele queria desistir, parar de pregar, sair para viver em paz, voltar ao Tauro, à Arábia, a um lugar qualquer.

De repente ele o viu. Como na estrada de Damasco, como no Templo, ele o viu, ao Senhor Jesus, que com a sua voz inconfundível, calma e confortadora lhe disse: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade."

Capítulo 21

A Casa de Gaio

Antes da aurora do primeiro dia da semana do ano 51 d.C. percebiam-se grupos de pessoas entrando na casa de Gaio, próxima à sinagoga. Uma vez que os judeus consideravam o domingo um dia de semana comum, bem como os pagãos, para os quais todos os dias eram iguais, os cristãos se reuniam numa hora em que até os escravos podiam estar presentes.

Olhando ao seu redor, à luz do amanhecer, enquanto os crentes cantavam hinos a Cristo e ao Pai, Paulo podia refletir que "não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento." Um desses poucos era Crispo, dirigente da sinagoga, e outro era Erasto, um gentio tesoureiro da cidade e provavelmente o convertido de maior influência. Em vez de sábios e poderosos, Deus chamou os simples e os fracos, aos de baixa posição, os desprezados, para envergonhar o mundo em suas pretensões, a fim de que "nenhum ser humano se gabe na presença de Deus".

Muitos membros da igreja eram escravos livres. Paulo sabia o que alguns tinham passado, quer fossem pretos, morenos quer brancos. Haviam sido separados do lar na floresta, nas montanhas além das fronteiras, arrastados em grupos numa viagem rigorosa a um dos grandes centros de escravos. Enviavam os jovens e saudáveis primeiramente ao trabalho forçado nas pedreiras ou nos campos e lá os mantinham até que seus espíritos se quebrassem; depois os conduziam a Corinto e os expunham nus aos olhos de compradores bons ou maus. A não ser que o acaso os reunissem de novo, haviam perdido para sempre pais, cônjuges e filhos.

Deus escolhera material ainda mais improvável. Paulo podia fazer uma lista mental do caráter anterior de alguns de seus amigos: adúlteros, debochados e prostitutas; ele menciona homossexuais de ambos os tipos, lindos rapazes e os sodomitas que os usavam. Havia ladrões, avarentos, bêbados, extorsionários, maldizentes e, é claro, idólatras. "Mas vós vos lavastes", clamava ele. "Mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus." Era como se o passado jamais houvesse acontecido.

As histórias que os convertidos devem ter-lhe contado em particular devem ter comovido não apenas o seu coração, mas também devem tê-lo deixado enojado. Paulo deve ter, de vez em quando, ido às escarpas mais distantes do Acrocorinto, onde o aroma das flores dos campos substituíra o fedor do lixo, e a vista dos mares e das montanhas longínquas poderia conceder-lhe refrigério enquanto orava.

Corinto tirou-lhe todas as ilusões acerca do paganismo. Foi aí, em outra visita, que Paulo escreveu na carta aos Romanos o diagnóstico que precede sua revelação de que a "justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé". "Tendo conhecimento de Deus", escreveu Paulo — e suas palavras são inconscientemente corroboradas pela evidência dos escritores pagãos seus contemporâneos — "não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.. . Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro. . .

"Cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, inso-

lentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, perversos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem."

Para tais pessoas Paulo pregou o evangelho em Corinto. "Antes de tudo", escreve ele, "vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. . . Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como um nascido fora de tempo."

Paulo disse que seu nascimento espiritual foi extraordinário — a estranha palavra que ele usa pode ser traduzida por "aborto" ou "anormal" — "Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus." Ele deu ênfase ao seu encontro com Jesus na estrada de Damasco; seus caluniadores, deveras, diziam que lhe faltava humildade. Ele os ignorou: Cristo conhecia as suas fraquezas bem demais para que as críticas de outros tivessem qualquer importância, embora o irritassem um pouco. Ele continuou a apresentar a sua mensagem. "Assim pregamos e assim crestes."

E quando creram, saltaram de sua antiga existência tão completamente quanto Paulo saltou da sua. Ele analisou para eles o que aconteceu: "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." Assim que o homem recebia essa vida nova, Paulo esperava que ele falasse a esse respeito, de modo que o evangelho se espalhou com rapidez espantosa.

Nas suas reuniões, encorajados por Paulo mas com uma atenção estrita ao decoro, os cristãos locais explanariam e testificariam. Vez por outra um incrédulo ouviria algo que tocava a sua consciência, traria a convicção e mostraria os segredos do seu coração até que, em arrependimento e fé, clamasse: "Deus certamente está no meio de vocês!" Dia a dia também, no mercado e na graciosa fonte de Peirene, onde os coríntios trocavam fofocas; nos ginásios, talvez até nos banhos públicos, Paulo os conduziu no trabalho de um evangelista. Ele via constantemente o milagre do novo nascimento, porque "a minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus."

Mas, embora rapidamente cressem e evangelizassem, demoravam a amadurecer. Paulo tinha muito que lhes ensinar, mas se entristecia porque em vez de alimentá-los com forte carne que produzisse neles músculos e ossos espirituais, ele tinha de dar-lhes, por assim dizer, leite, repetindo com frequência as simplicidades da fé. Contudo, ainda que um pouco mais lentamente do que ele desejava, eles, sem dúvida, demonstravam novas características e discernimentos, os quais Paulo disse serem dons do Espírito presente entre eles, ativo embora invisível, distribuindo habilidades diferentes a diferentes pessoas para a edificação da sua igreja.

Em particular, muitos dos crentes coríntios parecem ter entrado para uma experiência novel e satisfatória, embora perigosa: o falar em línguas. Tem-se discutido muito o significado de "línguas" ou *glossolalia* desde o seu reavivamento generalizado no século vinte. Os pentecostais, que crescem mais rapidamente que todas as outras denominações em muitas regiões damente do que todas as outras denominações em muitas regiões fervor ao uso de "línguas"; e têm-se feito descobertas espirituais similares aqui e ali nas principais igrejas históricas. Contudo, o falar em "línguas" permanece o mais intrigante dos dons espirituais descritos por Paulo, sejam elas línguas de homens ou de anjos, quer sejam uma fluência repentinamente adquirida em línguas até então desconhecidas do locutor, quer oração ou louvor em discurso extático não relacionado com uma língua humana.

Paulo recebeu o dom com alegria. Mas quando os coríntios abusaram desse dom depois da saída de Paulo, ele teve de acentuar os riscos que, como demonstra o movimento

moderno, são inerentes onde quer que as línguas sejam praticadas. Ele preveniu que o dom de línguas pode ser facilmente falsificado, e que facilmente leva ao excesso. Os que não o possuem jamais devem condenar como fanáticos os que o possuem, os quais, por sua vez, não devem taxar de menos espirituais o número bem maior dos crentes que não possuem o dom. Deve-se resistir ao grave perigo de a igreja dividir-se em facções. O falar em línguas deve ser sempre acompanhado do dom paralelo de interpretação, pois a função primária de cada dom espiritual não era consolar o seu recipiente mas edificar, animar e estimular toda a igreja. "Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós", disse Paulo. "Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua."

A igreja já era uma influência em Corinto — por causa de sua nova moralidade, que os vizinhos não podiam deixar de perceber, mesmo que fossem cegos à sua fonte.

A moralidade que Paulo ensinava e que seus convertidos demonstravam contrastava fortemente com a velha moralidade permissiva do mundo antigo. Era não convencional: mostrava um amor pelo homem sem levar em consideração sua raça, demonstrava perdão em vez de ressentimento pelo erro, alegria em vez de paciência triste na adversidade ou opressão. O escravo já não seguia as máximas proverbiais que diziam: "Ame a outros escravos e odeie a seus senhores; ame o roubo e a lascívia; jamais diga a verdade." Em vez disso, ele procurava, mediante seu comportamento e orações, ganhar o seu senhor.

Como em Tessalônica, surgiu em Corinto um novo conceito de amor. Aqui esse conceito contrastava não apenas com a promiscuidade encorajada pelo culto a Afrodite, mas também com a homossexualidade de Apolo. Mediante pura força moral os cristãos estavam introduzindo um conceito de amor totalmente diferente.

Houve fracassos também, pois as pressões sobre a jovem igreja eram enormes. A atitude correta para com o sexo era, inevitavelmente, uma questão ardente para os crentes coríntios. Paulo estava tão seguro de que o mau uso do sexo prejudicava a personalidade humana, zombava da lei divina e convidava à desgraça, que não podia permitir que seus adeptos adaptassem sua ética à situação em que eram colocados. Nem tampouco os prenderia na camisa-de-força que era a resposta judaica; eles devem aprender a viver na liberdade de Cristo, mediante a força dele.

Fracos, poucos, absurdos ao lado do poder representado pelas procissões pagãs que subiam as largas escadas, e sob as enormes colunas de templos que pareciam que iam florescer por mil anos, os cristãos estavam cercados de problemas. No açougue era difícil encontrar carne não sacrificada aos ídolos, e comprá-la implicaria reconhecimento público da divindade do ídolo. Frequentemente se realizavam jantares de família nos templos, tendo o ídolo como patrocinador. No teatro, as peças eram em essência cerimônias pagãs, as histórias geralmente eram de deuses e deusas, e a execução desenfreada; não era incomum a cópula no palco.

Não é de admirar que Paulo tivesse de escrever: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia. Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar."

Capítulo 22

A Decisão de Gálio

Igrejas surgiam em outras regiões da Acaia, e Paulo estava prestes a fazer uma visita local de encorajamento quando excelentes notícias chegaram de Tessalônica. Durante a visita ele podia gabar-se alegremente, segundo o seu costume de estimular uma igreja louvando outra, que a fé dos tessalonicenses permanecia firme sob todo o tipo de perseguição e problemas. Ela prosseguia a passos largos, e seu amor uns pelos outros sempre encontrava escoadouros mais práticos.

Também tinham problemas e desânimos e, voltando a Corinto, Paulo compôs, juntamente com Silas e Timóteo, a segunda carta aos tessalonicenses. Os sofrimentos deles, disse Paulo, tornavam-nos súditos dignos do Reino de Deus, e quando o Senhor Jesus voltasse em glória ele os recompensaria. As pessoas que o tinham rejeitado, desprezando suas boas novas e ferindo o seu povo, não escapariam da justiça, mas sofreriam a ruína eterna de ser "banidos da face do Senhor e da glória do seu poder". Ao dizer isto, ele seguia o exemplo do ensino de Jesus, que jamais hesitou em prevenir àqueles que rejeitavam o seu amor. Paulo não podia falar suavemente a respeito de uma segunda oportunidade em outra vida. Ele não tinha medo de pregar o juízo, ainda que mais tarde precisasse ampliar e esclarecer seu pensamento.

Alguns tessalonicenses tinham acreditado no rumor de que esse "Dia do Senhor" já tinha vindo, e agiam como se estivessem isentos do comportamento normal. Paulo implorou: "não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis". Ele chamou a atenção deles, breve mas com vigor, para o seu ensino oral acerca dos sinais que devem preceder o Dia, embora Parte do que ele disse seja o escrito mais obscuro de toda a literatura paulina, provavelmente porque ele ocultou certas alusões tópicas ou políticas em código a que os seus leitores originais tinham o segredo.

Ele se preocupava em particular com a origem dos rumores, especialmente porque uma fonte possível seria uma carta que diziam ter sido escrita por ele. Quando Paulo assinou a carta que estava ditando, ele se deu ao trabalho de evitar a falsificação: "A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós."

Assim, a segunda carta aos Tessalonicenses contém a menção mais antiga de que a falsificação estava sendo usada como arma para ferir a Paulo, confundindo os seus amigos. Os falsificadores podem ter sido os próprios fariseus que perturbaram a igreja no Sul da Galaria, até serem expulsos com a chegada da carta de Paulo. A carta forjada indicava que os oponentes judeus se infiltravam na igreja com o propósito de destruí-la de dentro para fora. Paulo haveria de enfrentá-los muitas vezes mais.

Nesse ínterim, ele instou a que os tessalonicenses permanecessem firmes e guardassem as "tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa". Ele deu instruções estritas de que ninguém fosse preguiçoso ou vivesse às custas de outros, mas trabalhasse para ganhar a vida segundo o exemplo dos apóstolos. A seguir, ele apresentou um princípio para a repreensão e recuperação dos recalcitrantes. Nesse princípio, frequentemente esquecido nos séculos vindouros, ele misturou firmeza com amor em porções iguais: "Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado. Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o como irmão."

E então, de modo quase casual, Paulo concluiu com uma breve oração que expressa sua crença de que os tessalonicenses podiam triunfar nas circunstâncias mais difíceis: "Ora, o Senhor da paz, ele mesmo, vos dê continuamente a paz em todas as circunstâncias. O Senhor

seja com todos vós."

Nesta segunda carta Paulo fez um pedido pessoal: "Orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague, e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós; e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos." Logo depois da chegada da carta a Tessalônica, a oração teve resposta em Corinto de um modo admirável e decisivo.

No início do verão de 51 d.C, Sóstenes, dirigente da sinagoga, substituto de Crispo, tornou-se cristão. Além disso, continuou no seu ofício, evidentemente concordando com Paulo que a sinagoga era a esfera natural para a liderança cristã. Assim, os outros principais judeus decidiram quebrar o Cristianismo em Corinto. A oportunidade surgiu com a instalação, em primeiro de julho de 51, de um novo procônsul da Acaia, Lúcio Júnio Gálio, cujo proconsulado de dois anos foi datado quase exatamente por fragmentos encontrados em Delfos em 1905. Gálio era irmão de Séneca, o grande filósofo, um dos favoritos do imperador Cláudio. "Mortal algum", escreveu Séneca, "é tão agradável para qualquer pessoa quanto Gálio o é para todos." Os líderes judaicos talvez tivessem conhecimento da reputação de Gálio e esperasse que ele lhes fosse agradável. Propuseram uma demanda contra Paulo.

Quando promotores, acusado e seus defensores se apresentaram em frente do *bema* ao ar livre, o tribunal ao sul do *agora*, Paulo tinha a promessa recebida através de uma visão noturna, de que ataque algum contra ele prosperaria. Entretanto, a decisão de Gálio seria de euprema importância tanto para a Grécia, por ser ele o governador da província principal, como para todo o império, por causa da sua influência na corte. Ele, mais do que ninguém, podia sufocar o Cristianismo ou, no dizer de Paulo, fazer com que ele se apressasse e fosse gloriosamente reconhecido.

Os judeus apresentaram sua acusação argumentando que Paulo propagava uma religião não reconhecida pelo Estado: 'Este persuade os homens a adorar a Deus, por modo contrário à lei.' Paulo deu um passo à frente. Ele ia abrir a boca em defesa Própria quando Gálio deteve o processo e se dirigiu aos judeus. A mente legal de Paulo teria compreendido imediatamente a importância enorme da sentença de Gálio, pois ele tomou a acusação judaica acerca da "lei" num sentido bem diferente do que eles pretendiam.

"Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade", pronunciou o procônsul, "ó judeus, de razão seria atender-vos; mas se é questão de palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos, eu não quero ser juiz dessas coisas!" — uma expressão legal precisa, mediante a qual o magistrado romano exercia a sua discricão em não intervir onde afirmasse não haver quebra de estatutos.

Antes que os judeus pudessem apelar, Gálio expediu breve ordem que os expulsou do tribunal à ponta das lanças militares. No momento em que se encontraram fora do recinto, os judeus readquiriram sua autoridade. Se na opinião de Gálio o assunto era interno, então agiriam baseados nessa decisão. Não podiam lançar mão de Paulo porque ele se retirara da sinagoga, mas Sóstenes ainda se encontrava lá. Agarraram-no, despiram-no e deram-lhe as quarenta chibatadas menos uma em plena vista de Gálio e do tribunal. "Gálio todavia, não se incomodava com estas coisas." Os judeus exerciam o seu direito doméstico de punir os que estavam dentro de sua jurisdição.

A decisão proconsular deixou Paulo e seus convertidos livres para pregar onde quisessem, sem perigo de ataques repentinos e encarceramentos. Roma tornou-se sua protetora.

Agricultores e pastores de bodes devem ter visto com frequência um judeu de pernas tortas, a barba salpicada de branco, a cabeça bem embrulhada contra a forte luz, caminhando destemidamente com uma equipe de jovens pelas trilhas que iam dar a alguma cidadezinha do interior. Aí, recebiam as boas-vindas de camponeses que se fizeram amigos quando foram a Corinto e ouviram a mensagem. É possível que a fé se tenha espalhado até Esparta e Olímpia, do outro lado do Golfo, e subido as encostas do Parnasso até à própria Delfos. É quase certo

que Paulo e a igreja dos coríntios pregaram o evangelho entre os atletas e os espectadores na Bienal dos jogos ístmicos no ano 51 d.C, pois sua primeira carta aos coríntios apresenta uma nota distinta de reminiscência mútua, ao empregar ele a metáfora: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado."

A longa estada em Corinto, coroada pela decisão proconsular, foi um dos pontos decisivos na vida de Paulo. O Sul da Galácia comprovava sua convicção de que os gentios podiam ser cristãos completos. Corinto provou que o Cristianismo podia lançar raízes numa grande metrópole e daí espalhar-se até às províncias. Com a liberdade ganha na decisão legal, pareceu óbvio a Paulo que o seu objetivo seguinte devia ser a outra grande metrópole do Egeu: Éfeso. Depois de Éfeso, Roma e além.

Mas, enquanto sua mente — e sua comissão — o levava a Roma, seu coração clamava: Jerusalém! Ele ainda ansiava pregar na cidade do seu povo. As palavras do salmista exilado ecoavam em seu espírito: "Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria." Decidiu então tirar umas férias e assistir à páscoa em Jerusalém antes de se acomodar em Éfeso. E, por ter permanecido judeu, resolveu festejar sua volta à cidade santa com um voto nazireu — o voto daqueles especialmente separados para o Senhor sob a antiga ordem — e deixar que o cabelo crescesse por trinta dias. Antes de partir, cortaria o cabelo, colocá-lo-ia num saco e, no templo, atirá-lo-ia solenemente ao fogo do sacrifício.

Em março de 52 ele estava pronto para partir, assim que as viagens tivessem início. Ele estivera em Corinto durante dezoito meses.

Pela última vez, reuniu-se com os cristãos na casa de Gaio. Ele sabia que desvios e erros apareceriam depois de sua partida; ele pode ter suspeitado de algumas das formas que esses tomariam. Mas, no presente, tudo era unidade, paz e amor enquanto se reuniam no *atrium* ao lado da fonte, sob tochas flamejantes, para realizar a Ceia do Senhor, conduzida de acordo com a tradição que lhe chegara através dos primeiros apóstolos, e vinda do próprio Senhor: "Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o Partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim."

Capítulo 23

Ataque em Éfeso

Quando Paulo deixou Corinto, Áquila e Priscila o acompanharam, transferindo o seu negócio de fabricação de tendas para Éfeso. Parece que esta foi uma decisão deliberada de estratégia missionária. Enquanto Paulo estivesse de férias, eles podiam preparar o terreno da missão, fazendo amigos e iniciando um negócio mediante o qual ele ganharia a vida.

Juntos, caminharam até Cencreia, o porto corintiano no Egeu, perto da região mais estreita do istmo, onde, em poucos anos, os romanos tentariam abrir um canal com trabalho de escravos. Paulo entrou na sinagoga, já que não podia fazer isso em Corinto, para se desincumbir do seu voto mediante a rapagem cerimonial da cabeça. Depois de passar uma noite na casa de uma crente chamada Febe, viajaram de navio por entre as ilhas das Cidades, lindas num mar cor de vinho. Paulo deve ter desfrutado a viagem. Desde que os Atos não dão lugar para seus sentimentos, muitos o consideram indiferente ou superior à beleza da paisagem. Contudo, ele escreve acerca da beleza das estrelas, como uma é diferente da outra em glória; ele estava consciente da beleza do corpo humano e que nas grandes casas, as quais visitava, alguns dos vasos eram obras de arte, outros meramente úteis. Ele também estava cheio dos salmos e, numa viagem como esta, poderia dar eco ao seu louvor: "Ó Senhor, quão magníficas são as tuas obras! Em sabedoria criaste a todas as coisas: a terra está cheia das tuas riquezas."

Entraram no pequeno golfo de Éfeso, que está hoje aterrado com sedimento. O visitante atual que, de costas para o mar, caminhar rumo ao interior, pode ver a paisagem que Paulo presenciou à proporção que o navio velejava na direção do porto. À sua esquerda ficavam as colinas que separavam Éfeso do golfo de Esmirna, e à sua direita o monte Coressos e parte de um circuito de muros de dez quilômetros, construído por Lisímaco trezentos anos antes, e a torre de vigia que mais tarde seria chamada de Torre de São Paulo. O navio rodeou o promontório. O malfadado dique que, embora construído para curar o estuário, aumentava-lhe a sedimentação, agora ficava à esquerda. Enquanto o navio subia lentamente o canal repleto de barcos, podia-se ver a cidade ao redor. Os passageiros deslumbravam-se à luz do sol, vendo as casas de pedra calcária e os edifícios públicos de mármore que enchiam a planície estreita e subiam algumas centenas de metros a encosta do monte Pion à frente, e do monte Coressos, ainda mais alto, à direita. Paulo podia ver, cortado na encosta do Pion, o teatro que seria o palco de um dos grandes incidentes de sua história. E na planície aluvial ao norte do Pion, ao pé de uma colina sagrada menor, brilhava o enorme templo de Artêmis, uma das sete maravilhas do mundo, o qual foi queimado pelo fanático Eróstrato na noite em que nasceu Alexandre, o Grande, na distante Macedônia, mas cuja antiga magnificência foi reconstruída, uma coroa digna da "primeira e maior metrópole da Ásia."

Paulo acomodou seus amigos, uma tarefa fácil, já que os judeus sempre podiam receber as boas-vindas de companheiros judeus numa cidade estranha. Então ele deixou Áquila e Priscila e, com todo o cuidado, não os associou com sua primeira visita à sinagoga, para não comprometê-los, caso os anciãos o rejeitassem. Pelo contrário, os anciãos demonstraram interesse no que Paulo tinha a dizer-lhes acerca de Jesus e pediram-lhe que permanecesse mais tempo em Éfeso. Paulo recusou a oferta, mas quando foram ao porto para vê-lo embarcar no navio peregrino, um ou dois dias mais tarde, ele disse: "Se Deus quiser, voltarei para vós outros."

Parece que Paulo viajou sozinho durante todo este período de férias. O navio peregrino levou-o a Cesaréia. Ele subiu a Jerusalém, um peregrino entre muitos. Celebrou a Páscoa e teve carinhosa reunião com a igreja de Jerusalém. Foi então que concebeu o plano de angariar

fundos de todas as novas igrejas na Grécia e na Ásia para enviar aos santos pobres de Jerusalém. Tal coleta, separada a cada semana com oração uniria estas igrejas distantes num empreendimento conjunto, daria ênfase à posição honrada da cidade onde Jesus fora pregado na cruz, e seria uma grande ajuda, porque a igreja de Jerusalém, não contando com membros gentios, não recebia ajudas caritativas, e não podia esperar dinheiro das obras de caridade administradas pelas autoridades do Templo. Pode ser que a esperança de Paulo fosse maior. O dinheiro podia ser usado não apenas em benefício dos idosos e dos enfermos, mas também para liberar algumas pessoas capazes de realizar trabalho missionário no Oriente, assim como ele fazia no Ocidente. Nessa ocasião a igreja de Jerusalém não possuía um espírito particularmente missionário.

Ele não se demorou em Jerusalém, mas desceu a Antioquia passando pela Galileia, onde se encontrou com muitos que tinham visto Jesus depois da ressurreição, e ouviu falar da morte de outros. Antioquia renovou-o. Era seu lar. Para um homem incansável no campo missionário, a cidade que o comissionou era o único lugar em que ele podia descontraí-se totalmente.

No final de um curto verão, Paulo iniciou, nos princípios de agosto de 52, o seu próximo turno de serviço. Ele caminhou na direção norte e fez breves mas revigorantes visitas a seus antigos retiros no Sul da Galácia, passando por Derbe, Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia, "confirmando os discípulos", e lançando o seu esquema para a coleta. O Texto Ocidental acrescenta, então, uma afirmativa curiosa que, se não autêntica, capta os sentimentos de Paulo: "Mas quando Paulo quis, segundo seu plano, ir a Jerusalém, o Espírito fez que ele voltasse para a Ásia." Uma vez mais, seu coração clamava: "Jerusalém!" ao passo que seu Senhor o conduzia para o Ocidente. Portanto, ele voltou apressado a Éfeso pela estrada direta que cortava as regiões montanhosas, em vez de seguir a principal via comercial que servia às grandes cidades do interior e pela qual vagueavam as caravanas de camelo. Antes do início do inverno, ele se encontrava em Éfeso.

As primeiras notícias que Paulo recebeu de Priscila e Aquila fô a respeito de um brilhante judeu de Alexandria chamado Apolo, a quem tinham ouvido falar na sinagoga de Éfeso.

Para o deleite do casal, Apolo havia começado a falar persuasiva e intensamente acerca de Jesus de Nazaré, descrevendo com exatidão os fatos mais gerais da sua vida, morte e ressurreição. Apolo, contudo, falava como se Jesus fosse uma figura histórica em vez de Alguém ainda vivo no mundo. O único batismo que Apo'o conhecia era o de João, que batizara os homens para o arrependimento por estar o reino de Deus às portas, e instava com eles a que fossem penitentes. Priscila e Áquila levaram Apolo para o seu lar e preencheram as lacunas, ensinando-lhe o segredo da personalidade recriada pelo Espírito do Pai e de Jesus. Seu ensino se tornou, agora, ainda mais fervoroso e persuasivo, mas ele não quis ficar em Éfeso; seu destino era a Acaia. Priscila e Áquila perceberam quão valioso tal homem seria em Corinto e, juntamente com o pequeno grupo de crentes já formado em torno deles, deu-lhe uma calorosa carta de apresentação. Eles podiam dizer a Paulo que as notícias já começavam a chegar de Corinto, de que Apolo "auxiliou muito aqueles que mediante a graça haviam crido; porque com grande poder convencia publicamente os judeus, provando por meio das Escrituras que o Cristo é Jesus."

A aristocrática e maternal Priscila e seu marido certamente não permaneceram ociosos durante a ausência de Paulo, mas o conceito que tinham do desenvolvimento de uma igreja era pequeno. Eram, principalmente, fabricantes de tendas, que amavam a Jesus e que falavam aos vizinhos a respeito de sua fé, ao passo que Paulo era obreiro de Jesus de tempo integral, que fabricava tendas para pagar suas despesas. Uma descoberta curiosa revela as limitações das atividades de Priscila.

Enquanto Paulo andava pelo *agora* ao pé do monte Pion, ou subia e descia as ruas íngremes com suas vistas repentinas do mar, ele foi dirigido por alguém que o ouviu a um

pequeno grupo que tinha uma mensagem quase igual à do apóstolo. Ele os encontrou, cerca de doze homens, evidentemente gentios, crentes, mas um tanto à maneira de Apolo antes de chegar a Éfeso. A origem desses homens é um mistério, e até mesmo numa cidade tão grande e populosa quanto Éfeso é estranho que Priscila e Áquila jamais os tivessem visto. Paulo imediatamente percebeu que a fé deles, embora sincera, era incompleta, e a pergunta que fez revela aquilo que considerava importante.

— Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?

— Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que exista o Espírito Santo.

— Em quê, pois, fostes batizados?

— No batismo de João.

— João realizou o batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus.

Imediatamente, pediram para ser batizados no Senhor Jesus. Paulo levou-os ao rio Caister e, não muito distante da magnificência do templo de Artêmis, realizou uma simples cerimônia. Depois de saírem das águas ajoelharam-se, e Paulo impôs as mãos sobre eles, orando para que cada um recebesse o Espírito Santo. Imediatamente aconteceu uma liberação extraordinária de poder. Foi como no dia de Pentecoste em Jerusalém. Falaram em línguas, louvando e proclamando as glórias do nome de Jesus, e a seguir começaram a testificar acerca das verdades que de súbito se tornaram claras para eles nas Escrituras que já conheciam. O ambiente todo estava cheio de alegria. Muitos anos mais tarde os sobreviventes leram algumas palavras na carta de Paulo aos Efésios e a outras igrejas asiáticas, as quais devem ter trazido aquele dia à memória: "Não vos embriagueis com vinho. . . mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo."

Os doze homens, com Aquila e Priscila e seus convertidos, já eram o núcleo de uma igreja cristã quando Paulo entrou novamente na sinagoga atendendo ao convite dos anciãos. Regularmente, durante os três meses daquele inverno de 52-53, Paulo (nas palavras de Lucas) "falava ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus." Os judeus de Efeso eram mais liberais do que os de Tessalônica ou Corinto; discutiam mas não se recusavam a ouvir. Muitos gentios entraram na sinagoga pela primeira vez e creram, e uma vez mais Paulo viu Cristo destruir a parede divisória hostil entre judeus e gentios.

Os judeus empedernidos, contudo, começaram a levar vantagem. No início da primavera de 53, abusaram do caminho de Cristo até ser impossível o ensino construtivo na sinagoga. Paulo ^{se} retirou, e todos os discípulos, judeus ou gentios, retiraram-se com ele, deixando muitos lugares vazios e um declínio visível nas ofertas.

Um professor de nome Tirano, talvez um apelido, embora agora ele fosse convertido e menos irascível, ou pode ser que fosse descendente de um "tirano", o governador honrado de uma cidade-estado grega, ofereceu a Paulo o espaçoso pórtico do ginásio de esportes da cidade. Tirano usava o pórtico para ensinar seus alunos nas horas normais de aulas, na fresca do dia e, segundo o Texto Ocidental, Paulo o usava das 11 às 4, horas de calor e de sesta, quando toda a cidade de Efeso estava fechada, e até mesmo os escravos podiam ir ouvi-lo. Então Tirano e os meninos voltavam nas duas ou três horas que restavam de luz, dependendo da estação, enquanto Paulo visitava casas particulares, ricas ou pobres, como mais tarde lembraria aos efésios: "Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus."

Paulo tampouco se envergonhava das lágrimas; ele chorava abertamente quando os

homens desprezavam a Cristo. Às vezes aceitava um convite e descobria uma armadilha armada pelos judeus que desejavam desacreditá-lo. Mas ele não se desanimava. "Eles nos amaldiçoam, e nós os abençoamos. Eles nos maldizem e nós, humildemente, fazemos nosso apelo."

Sua obra principal continuou na escola de Tirano. Durante parte de cada sessão ele instruía os convertidos. A carta aos Efésios não os lembra especificamente do que ele ensinou, como ele lembrou aos gálatas e aos tessalonicenses, mas deve conter ecos da voz que ouviram sentados à sombra do pórtico no calor dos dias de verão de 53 d.C: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave. . . sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor. . . maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela. . .

"Servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus... Senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus, e que para com ele não há acepção de pessoas." Vez após vez, ele acentuaria: "Pois outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor; andai, pois, como filhos da luz."

Muitas vezes ele os levaria para as águas mais profundas da doutrina cristã a fim de ajudá-los a crescer na maturidade, alcançando a estatura da natureza de Cristo. Os que sabiam escrever anotavam em pedaços de papiro o que ele lhes dizia, especialmente os fatos concernentes à vida do Senhor Jesus. À medida que os meses passavam, um convertido adquiria um punhado dessas notas e as colava. Não podiam ser transformadas em rolos, como as obras literárias do que restava da famosa biblioteca de Éfeso (a maior parte da qual fora levada para Pérgamo antes da época romana), e as páginas eram coladas umas ao lado das outras. E assim, o estilo códex, que seria universal para os livros nos séculos vindouros, começou em Éfeso e em outros lugares, simplesmente como uma forma de caderno cristão.

Paulo dava aulas como qualquer outro professor, só que não cobrava por elas. Ele também realizava reuniões abertas quando os convertidos traziam amigos gentios. Ele começou a adquirir fama na cidade. Com os convertidos, especialmente com aqueles que realmente procuravam a maturidade, formou-se um relacionamento muito especial. Os efésios conheciam-no como um homem amável, que fazia sobressair o melhor dos que o seguiam. Tampouco ressentiam do seu chamado constante: "Sede meus imitadores", pois acrescentava: "Como eu também o sou de Cristo".

Nessa época, livre de antigas tensões, Paulo era alegre. O trabalho ia bem, e Éfeso não dava indicações dos terrores que estavam por vir.

Capítulo 24

O Nome

Filemom, proprietário de terras e senhor de escravos de Colossos, pequena cidade na encosta de uma íngreme montanha ao sul do Lico, perto de onde o rio desce para um vale mais largo e se junta ao Meander, desceu a Efeso para supervisionar a venda de lã — pois Colossos era notável por sua lã negra e brilhosa — e para adorar no templo de Artêmis. O templo de Éfeso era o maior edifício do mundo Ocidental. As 117 colunas iônicas, altas e graciosas, tinham a altura de 18 metros e pesavam 15 toneladas; as bases das colunas do Pórtico Oeste possuíam, esculpidas, figuras humanas de tamanho natural. O ouro brilhava dentro e fora. Atrás do altar ficava a grande deusa Mãe, identificada pelos gregos com Artêmis, pelos romanos com Diana, um meteorito negro esculpido em forma humana, mas cujos pés e pernas se fundiam. Dezenas de seios cobriam-lhe o torso, como era digno da deusa da fertilidade, embora o culto ainda não tivesse desenvolvido tão completamente as extravagâncias sexuais associadas com a Afrodite de Corinto.

Cidades de toda a província da Ásia haviam contribuído para a construção do templo, e eram representadas na hierarquia habilmente graduada das virgens e dos sacerdotes. Os gentios de mais longe viam-na como seu centro de adoração. Assim, a religião juntava-se ao comércio, trazendo do interior fluxo contínuo de visitantes aos vales do Caister e do Meander, ou ao longo da costa norte ou sul. Comerciam, adoravam, e voltavam levando pequenas réplicas de prata ou terracota da imagem de Artêmis para vigiar os seus lares. Filemom, porém, voltou com lealdade bem diferente. Ele se encontrou com Paulo e se converteu. "Você deve sua vida a mim", Paulo o lembraria muito ^{de}Pois ao pedir-lhe um favor em benefício de outro convertido.

O proprietário de terras e o missionário se associaram calorosamente e Paulo enviou com ele um cristão recente, mas maduro, chamado Epafras, nativo de Colossos, embora membro da igreja de Éfeso. De volta a Colossos, Filemom não escondeu sua luz. Afia, sua esposa, e Árquipo, seu filho, este provavelmente ainda muito jovem, e alguns de seus escravos se converteram. Os vizinhos logo se uniram à igreja que se reunia em sua casa. Como Paulo lhes haveria de escrever: "Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também em todo o mundo está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade; segundo fostes instruídos por Epafras, nosso amado conservo, e, quanto a vós outros, fiel ministro de Cristo, o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito."

Epafras não limitou suas boas novas a Colossos. Alguns quilómetros a noroeste, num planalto que dava para um vale mais amplo, estavam as cidades gémeas de Laodicéia e Hierápolis, os centros têxteis perto do penhasco calcário petrificado que sobressai como um corte branco, visível por quilómetros. Aqui surgiram igrejas, cada uma com características próprias. As três estavam bastante próximas e tinham muito movimento. De manhã os colossenses podiam olhar para Laodicéia e Hierápolis e vê-las claramente à luz do sol, e talvez orassem pelos crentes ali. De tarde, ao sol poente, as cidades gémeas, por sua vez, podiam olhar através do vale abaixo, e talvez também orassem.

O processo de Colossos e das cidades gémeas se repetia por toda a província. Por intermédio de visitantes que voltavam de Éfeso, ou por meio de equipes de convertidos que saíam sob a instigação de Paulo, o evangelho chegou a Esmirna, à cidade real de Pérgamo,

assentada numa alta rocha e a Tiatira, local de nascimento de Lídia. De cada novo centro, ele se estendia para o interior. Lucas não exagerou ao dizer que durante dois anos "todos os habitantes da Ásia" ouviram "a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos."

Paulo ansiava visitar os crentes em todos os lugares, mas coisas demais aconteciam em Éfeso.

Se Corinto tinha obsessão com o sexo, Éfeso, como diz Shakespeare, estava cheia de "feiticeiros que operam nas trevas e que mudam a mente do homem". Mágicos entesouravam rolos e maldições e encantamentos e conheciam fórmulas terríveis para torná-los potentes. ("É vergonhoso até falar nas coisas que azem em segredo", instava Paulo com seus convertidos.) Venciam encantamentos escritos em tiras de papiro para uso junto pele, com o fim de curar dores de todos os tipos. ("Que ninguém vos engane com palavras vazias", instava Paulo.) Era famosa pelo estudo do ocultismo que faziam aqueles que se gabavam de terem ligação com os "principados e poderes" cósmicos, as forças sobre-humanas das trevas. Onde o mal andava nu e arrogante, "Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários". Segundo a estimativa de Paulo, era normal encontrar operadores de milagres e possuidores do dom de curar em toda igreja cheia com o Espírito, embora esses dons fossem menos importantes que os de apóstolos, profetas e mestres. Como de costume, não se registram milagres em sua experiência. A não ser pela cura do coxo em Listra e possivelmente (mas não com certeza) do jovem que, mais tarde caiu da janela em Trôade, os milagres são associados com Paulo somente em Pafos e Icônio, onde a oposição era ferrenha, e em Éfeso. Como os milagres de Cristo, não têm explicação. A forma dos milagres em Éfeso era exatamente o que a situação exigia.

De manhã Paulo trabalhava fabricando tendas e artefatos de couro numa pequena sala da casa de Aquila, tendo uma faixa de pano enrolada na testa e um avental de algodão preso à ontura. Alguém evidentemente implorava que ele fosse e impusesse as mãos sobre uma pessoa doente ou endemoninhada. Ele não podia ir. Mas sabia que Cristo não se limitava às mãos do apóstolo. Se na Galileia o Mestre podia curar sem contato físico quando a fé era forte o suficiente, em Éfeso Deus podia fazê-lo "muito mais do que aquilo que pedimos, ou mesmo Pensamos, por meio do poder que em nós opera", pois esse P^oder, como Paulo diria, "exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos", e o pôs acima de todos os principados e poderes. Cristo era mais forte que qualquer "principado, e potestade, e poder, e domínio", com um nome muito acima "de todo o nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro".

Tudo isto Paulo lhes disse. Mas estes ex-pagãos que uma vez usaram encantamentos próximos ao corpo precisavam de um enfoque para sua fraca fé. Paulo arrancava a faixa da cabeça e eles a levavam e a colocavam sobre o paciente, orando por ele em nome de Jesus. A pessoa era curada. Muitos outros pediam ajuda similar, e Paulo enviava um convertido, ou Timóteo que acabara de unir-se a ele, com uma faixa ou um avental de seu uso. Não que isso fosse um ato mecânico. Jesus, na Galileia, quando uma mulher desesperada, em segredo e com fé, tocou a orla de suas vestes no meio de uma multidão, ele soube instantaneamente que dele saíra forças para estancar a hemorragia dela. De modo que Paulo pagava grande preço em energia espiritual por essas curas de Éfeso, enquanto entregava todo o seu ser à oração.

Um comentário em outra carta e em outro contexto sugere que Paulo possuía o dom excepcional de entrar na própria presença daqueles por quem orava, não importando a distância, e sentir-lhes as necessidades. "Ao se reunirem, eu estou com vocês em espírito, mediante o poder do nosso Senhor Jesus presente conosco. . ." Era do Senhor Jesus presente em vez de Paulo ausente que o paciente e seus amigos teriam consciência. Cada milagre era uma reunião com Alguém que podia curar o homem inteiro.

As notícias de que Deus curava homens e mulheres e expulsava espíritos malignos espalharam-se como fogo bravo. A fofoca invadiu o porto e as lojas de que as faixas da cabeça de Paulo tinham uma potência que ia muito além de qualquer papiro de encantamentos, e que

o nome de Jesus era o melhor nome de todos. Um exorcista judeu ambulante, chamado Ceva, que se dizia sumo sacerdote e expulsava demónios juntamente com seus sete filhos, decidiu acrescentar o Senhor Jesus a seu catálogo de encantamentos. Os filhos começaram a pronuncia-lo sobre seus clientes. Por algum tempo nada aconteceu. Enta entraram na casa de um homem possesso por um demónio-

Solenemente entoaram em coro: "Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega".

Antes que pudessem dizer: "Saíam deste homem", o paciente os interrompeu. Com os olhos a saltarem das órbitas e com a voz estranha de um corpo invadido por forças malignas, ele disse: "Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?"

E saltou sobre eles, subjugou a todos, rasgou-lhes as roupas e expulsou-os da sua casa "desnudos e feridos".

O incidente sacudiu a cidade. "Veio temor sobre todos eles e o nome do Senhor era engrandecido". Ainda mais, teve efeito decisivo na jovem igreja cristã. Muitos crentes confessaram publicamente haver participado de mágica. Disseram que desejavam pôr fim aos hábitos das trevas. "Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo seus livros, os queimaram diante de todos." A medida que rolos de encantamentos e escritos cabalistas se desfaziam em fumaça, inclusive alguns pelos quais os mágicos teriam oferecido altos preços, a opinião pública calculou que os segredos profissionais destruídos chegavam à considerável quantia de 50 mil denários.

Era inevitável que o avanço rápido do evangelho provocasse contra-ataques. Como ele veio, não se tem certeza. A história de Paulo entra num período breve, mas vital, no qual os fatos são obscuros. Lucas passa a ser muito discreto. Se ele escreveu o livro de Atos durante o reinado de Nero (54 a 68 d.C.) e, especialmente, se em parte para ajudar a defesa de Paulo em Roma, era preciso que ele evitasse despertar a ira do imperador sem necessidade mediante uma referência, embora indireta, a certo acontecimento político em Éfeso que se chocava com os assuntos de Paulo, embora não prejudicasse seu caso. Paulo não tinha tal inibição, mas suas epístolas e um discurso que ele fez acerca de Éfeso são igualmente torturantes, porque seus leitores °uvintes já sabiam aquilo por que ele havia passado, e ele não °stava escrevendo uma autobiografia.

O que aconteceu deve ser reunido de pistas espalhadas pelo Novo Testamento e pela história secular. Muito depende de haver Paulo escrito Filipenses de Éfeso, e não de Roma, uma teoria que tem atraído eruditos importantes, mas que permanecerá controversa até o final dos tempos.

O biógrafo tem de escolher entre parar nesta altura num pântano de possibilidades conflitantes que jamais serão resolvidas, ou caminhar ousadamente e atravessar as pontes das conjeturas. Escolho o segundo curso e, sem desviar-me para discutir as outras alternativas, conto a história como a vejo. Os próximos dezoito meses da vida de Paulo desenrolaram-se como segue, embora o tom de certeza de minha narrativa não deve disfarçar o fato de que algumas de suas conclusões são tentativas e questionáveis.

O primeiro contra-ataque procedeu dos judeus incrédulos. Conhecendo a decisão de Gálio em Corinto, não poderiam acusar Paulo aos romanos de estar propagando uma seita ilegal, nem aplicar as leis domésticas já que ele tinha saído de sua jurisdição. Todavia, inventaram uma acusação que, se provada, podia ser fatal.

Através de vários decretos de Augusto e de outros imperadores os judeus haviam conseguido a proteção imperial para o dinheiro levantado com o fim de sustentar o Templo de Jerusalém. Qualquer pessoa que interferisse nesse processo, quer fosse oficial romano, quer indivíduo particular, incorreria nas mesmas penalidades dos sacrilégios contra templos pagãos. Es-perava-se que todos os judeus da Dispersão pagassem voluntariamente o tributo do Templo, e Efeso, como demonstra a evidência contemporânea, era o centro de envio para as coletas das sinagogas de toda a rica província da Ásia. Em 53 d.C. os tesoureiros de Efeso notaram agudo declínio e não demoraram em verificar a causa: muitos judeus de Colossos,

Esmirna, Pér-gamo e outras cidades estavam transferindo suas contribuições para o fundo dos "santos pobres de Jerusalém". Paulo não havia dito aos convertidos que parassem de sustentar o Templo, mas a maioria não possuía a convicção do apóstolo de que os cristãos judeus não deviam repudiar sua herança; aqueles a quem as sinagogas locais forçaram a sair por seguirem a Jesus Cristo não continuavam a pagar o tributo do Templo.

O declínio nas contribuições mostrava a rapidez com que o Caminho cristão se espalhara entre os judeus asiáticos. Oferecia também aos oponentes de Paulo uma nova linha de ataques.

Registraram uma acusação formal de roubo do Templo na presença do procônsul da Ásia, Marco Júnio Silano, alegando que Paulo desapropriara dinheiro que, legalmente, devia ir para o Templo de Jerusalém. Silano, membro da família imperial e, portanto, primo do imperador Cláudio e de Nero, era homem indolente, mas justo. Ele não podia ignorar uma acusação tão séria como essa; contudo, também não se apressava a ouvir o caso nem tomar uma decisão, a não ser com provas. Ele ordenou a prisão de Paulo no outono de 53.

O lento processo de levar evidências por toda a Ásia resultou em longo encarceramento preventivo. Sendo cidadão romano, Paulo foi confinado em conforto razoável, numa sala da Guarda Pretoriana, no palácio proconsular. Quando, afinal, o caso chegasse a juízo, Paulo podia esperar uma morte horrível, se julgado culpado de tal crime. Á menos que apelasse para César, ele seria atirado nas masmorras subterrâneas até os próximos jogos de gladiadores em Efeso, e então, como o último item do programa, ele e os outros criminosos, nus e desarmados, seriam conduzidos debaixo de chicote à arena. Do lado oposto bestas selvagens, sem comer durante dois dias como segurança de que estivessem famintas e furiosas, seriam soltas de suas jaulas e a diversão teria início.

Nesse ínterim, suas condições não eram opressivas. Priscila e Áquila, Timóteo e outros amigos visitavam-no frequentemente. Ele tinha permissão de andar pela cidade atado por leve corrente a um soldado, e continuar a ensinar na escola de Tirano por curtos períodos. O ritmo da vida tornou-se lento, entrou numa fase em que mais do que nunca ele tinha paz. Ele não sentia frustração alguma e podia dizer, afinal, que aprendera a viver contente em qualquer situação. Ele tinha mais tempo para orar. Passavam-se longas horas nas quais seu espírito se unia com seus amigos distantes nos campos — na Galácia, em Tessalônica, em Corinto, de onde horríveis rumores já começavam a chegar; e unia-se aos filipenses, os quais, em suas orações, haviam partilhado a prisão do apóstolo em Filipos; breve, mas violenta.

Paulo orava em voz alta. Quando se voltava para os rolos das Escrituras ele lia em voz alta, pois os antigos não tinham descoberto a tendência moderna de ler com os olhos. Mas suas orações não eram encantamentos; ele falava tranquilamente, reverentemente com Alguém presente, ainda que invisível. Assim, cada soldado em serviço tinha uma demonstração inesperada das raízes da personalidade de Paulo. Mediante sua cortesia, sua paciência, seu sorriso e sua falta de ressentimento, Paulo cativou os soldados, revelando também interesse pelos lares deles e por suas formações. Eles ouviam sua conversa com amigos e observavam que, quando seus amigos partiam, ele parecia cômico da presença de Alguém ainda na sala. De modo muito natural, os soldados começaram a falar com Paulo e assim toda a guarda e a corte proconsular rapidamente perceberam que sua prisão nada tinha que ver com o roubo do Templo, mas era por causa de Cristo. Não se passou muito tempo e apareceram cristãos no palácio, e as sentinelas de Paulo transformaram-se em seus companheiros de oração.

Em um nível mais exaltado, os asiarcas, os presidentes e os ex-presidentes do concílio provinciano, que não se teriam rebaixado ao ponto de assistir às aulas na escola de Tirano, ficaram suficientemente intrigados pela fofoca do palácio ao ponto de mandar buscá-lo. Vários se mostraram amistosos, fato que teria consequência importante. Por outro lado também, Paulo podia reconhecer que o que lhe acontecia avançava, na verdade, o evangelho. A maioria dos cristãos locais, longe de serem intimidados, resolveram preencher a lacuna deixada pelo

apóstolo.

Paulo descobriu que seu encarceramento deu à maioria dos irmãos mais confiança no Senhor, de modo que sua ousadia sempre crescia na pregação da mensagem sem temor. E, embora os cristãos falsos, cujas atividades perseguiram o apóstolo em outros lugares, se tivessem apressado para Éfeso, ao saberem do confinamento dele, e tivessem iniciado uma igreja rival, desejando criar-lhe mais problemas, Paulo não se importou. Eles causariam pouco dano enquanto ele estivesse presente. De que importava? De um modo ou de outro, em fingimento ou em sinceridade, Cristo era proclamado, e por isso ele se regozijava.

Ele era feliz. Para qualquer direção que olhasse, o futuro parecia brilhante.

Capítulo 25

A Carta Mais Feliz

Chegou um mensageiro da igreja filipense.

Seu nome era Epafrodito, e ele trouxe a simpatia dos fili-penses de forma prática, não apenas a certeza de suas orações pela libertação de Paulo, mas outro presente em dinheiro, em hora oportuna, porque o prisioneiro tinha de pagar pelo alojamento e já não podia trabalhar. Epafrodito, depois de contar todas as novas — de Lucas, do carcereiro e do resto, até que Paulo ansiasse estar com eles novamente — tornou-se servo de Paulo, aceitando as duras instalações destinadas aos escravos dos presos. Então caiu enfermo, e Paulo enviou admoestação verbal por um viajante cristão, segundo a qual talvez os fili-penses jamais chegassem a rever o seu amigo. Quando Epafrodito se recuperou, Paulo decidiu enviá-lo de volta.

E aproveitou para escrever aos filipenses agradecendo a oferta e prometendo-lhes enviar Timóteo assim que o julgamento tivesse terminado. Então, ele tinha certeza, ele mesmo seguiria. No dia seguinte, portanto, a caneta de Timóteo estava preparada para tomar a carta mais feliz que Paulo havia ditado.

"Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos, que vivem em Fi-lipos: Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

"Dou graças ao meu Deus por tudo o que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo de que aquele 9^o e começou a boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus. Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, Porque vos trago no coração. . ."

Palavras de amor e estímulo fluíam tão rapidamente quanto Timóteo podia anotá-las. A seguir, Paulo contou como o encarceramento havia cooperado para o melhor, e que o futuro não continha sombras. Ele admitiu estar em um dilema — procurar a liberdade e anos de serviço frutífero, ou a morte, e ainda mais alívio alegre. Seu único temor era trair a Cristo publicamente na agonia e humilhação da arena. Mas as orações dos filipenses e a força inesgotável do Espírito de Cristo Jesus seriam decisivas: "Segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte."

Timóteo levantou os olhos. Paulo havia colocado numa breve e imortal sentença a convicção intensa dos dois e de tantos outros, em Efeso, Filipos ou qualquer lugar: "O viver é Cristo, e o morrer é lucro." Timóteo escreveu a frase no papiro. Paulo ditava novamente, pensando em voz alta: ". . . já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne. E, convencido disto, estou certo de que ficarei, e permaneceréi com todos vós, para o vosso progresso e gozo na fé. . ."

Ele se volta para assuntos práticos, instando com os filipenses a viverem de maneira que recomendasse o evangelho aos vizinhos e a não terem pavor da oposição. A fim de torná-lo realmente feliz eles deviam ser um em amor, coração e mente, cuidando das necessidades uns dos outros, não sendo egoístas nem orgulhosos. A medida que seu tema o empolgava, como sempre acontecia, Paulo passava, sem esforço nenhum, de assuntos práticos a uma afirmação maciça da verdade cristã. Estivesse ele citando ou não um hino, improvisado por ele e Silas na cadeia de Filipos, seus sentimentos profundos se expressaram, como em outras

ocasiões, em palavras que contêm o ritmo e a clareza da poesia autêntica, e que tradução alguma poderá transmitir:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu um nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai.

A cela parecia estar cheia de música. A carta toda rebrilhava com frases douradas acerca de Cristo, forjadas para dar ênfase ou explicar os interesses do dia-a-dia: "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos" "... Tudo posso naquele que me fortalece" . . . E, agradecendo os sacrifícios que os filipenses tinham feito ao enviar o dinheiro: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades". A carta respirava afeto pelos filipenses, o qual distância alguma poderia enfraquecer, e uma alegria que as grades de prisão alguma poderiam diminuir. Durante o ditado, amigos e soldados entearam e saíram. Assim, no frio da tarde de final de outono, à medida que Paulo e Timóteo chegavam ao fim de seu trabalho, algumas dessas pessoas foram as primeiras a ouvir palavras que desde então têm aquecido e alegrado o coração de homens e mulheres em mais de mil línguas: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor. Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus.

"Finalmente, irmãos", e o chamado de Paulo aos filipenses ilumina o revestimento de sua própria mente, pois doutra forma suas palavras *não* passariam de um engano, e Timóteo e os efésios o teriam percebido, "tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo^o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há, e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco."

O "finalmente" de Paulo, o segundo da carta, não a levou ao fim. Como na carta aos Gálatas, ainda que por motivos diferentes, ele relutava a quebrar sua mensagem a "meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa". Mas, afinal, ele chegou às despedidas. "Saudai a cada um dos santos em Cristo Jesus. Os irmãos que se acham comigo vos saúdam." Os guardas cristãos de Paulo imploraram para ser incluídos, dos soldados de Efeso para os soldados de Filipos. De modo que Paulo acrescentou: "Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César.

"A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito."

No decurso da sua carta, Paulo disse: "Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. . . mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." Os próximos meses provariam a honestidade da confissão: "Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição", forçando-o a voltar a mente para coisas que não eram respeitáveis, nem puras nem amáveis, ou, com o tempo, colocando sobre ele tão grande pressão à medida que corria sua carreira, que as dificuldades passadas pareceriam triviais. A alegria, a paciência, a falta de ansiedade, o senso de paz acerca do que ele escrevera seriam testados até ao limite.

O julgamento perante o procônsul Silano no início da primavera de 54 produziu um anticlímax. A evidência coletada na província não dava prova de que Paulo houvesse

apropriado dinheiro destinado ao Templo de Jerusalém. Se os judeus preferissem contribuir para a coleta de Paulo ao tributo voluntário do Templo, isso não constituía roubo do Templo, e Silano re-cusou-se a condenar o apóstolo. Esse incidente mostra a estrita justiça romana, não o favoritismo; contudo, a liberdade *de* Paulo teve o efeito de marcá-lo como um homem protegido por Silano, fato que teria consequências imprevistas e danosas.

Nesse ínterim, Paulo enfrentava um problema imediato. Nem tudo estava bem do outro lado do Egeu, em Corinto. Quer as más notícias tivessem chegado com Apolo, que certamente esteve ao lado de Paulo um pouco mais tarde, quer por meio de alguém da corrente de viajantes entre os dois portos no processo normal do comércio, a preocupação de Paulo cresceu tanto que ele se apressou a fazer uma breve visita que deixou dolorosa impressão tanto em sua mente como neles. Ele não quis ficar até dias mais felizes; seu lugar era na Ásia, onde tinha planejado uma visita extensa, ao passo que sua praxe para com Corinto e outras igrejas era que por mais que ele se interessasse cada uma devia aprender a cuidar de si mesma. Parece até que ele levou Sóstenes, o ex-dirigente da sinagoga, cuja experiência podia ser especialmente útil em Corinto, para ajudá-lo na visita ao planalto da Ásia.

Chegados à Ásia, fluíram mais notícias adversas — de crentes coríntios emaranhados nas armadilhas daquela cidade do amor desenfreado. Paulo escreveu uma carta dando conselhos, a qual não sobreviveu. E quando Timóteo partiu em sua visita prometida a Filipos, Paulo instruiu-o, jovem como era, a destrinchar a confusão dos coríntios antes que o apóstolo passasse aí uma vez mais a caminho da Macedónia.

Paulo ainda não tinha partido quando Éfeso foi sacudida pelo assassinato do procônsul Silano.

Algumas semanas antes, Cláudio César tinha morrido, envenenado por sua prima e quarta esposa Agripina; ambos eram bisnetos de Augusto, e Cláudio havia adotado, como seu herdeiro, a Nero, filho dela de um casamento anterior. Como era intenção de Agripina, Nero foi imediatamente proclamado imperador. Agripina temia que seu primo Silvano, cujo título sanguíneo era tão bom quanto o de Nero, tramasse a vingança de Cláudio, seu irmão mais velho, cujo suicídio fora provocado por Agripina, e tomasse o trono mandando matar a mãe e o filho. Para impedir que isso acontecesse, ela fez de Silano a primeira vítima do novo reinado. Sob ordens dela, o fidalgo Públio Celer ^e, o liberto Hélio, gerentes da propriedade do imperador na Ásia, "administraram veneno ao procônsul durante um banquete", escreve Tácito, "de um modo aberto demais para es-[^]par a detenção".

Celer e Hélio tomaram o controle da província até a chegada de novo procônsul, e deram andamento à liquidação dos seus inimigos. Homem algum, por mais desligado que fosse da política, mas que tivesse sido protegido de Silano, podia ter a cabeça em segurança; e Paulo estava incluído nesse grupo.

Sua visita ao planalto da Ásia, portanto, foi acompanhada da sombra de perigo. Quando ele e Sóstenes, os macedônios Aristarco e Gaio, e possivelmente Apolo, viajaram de cidade em cidade, sofreram mais do que as durezas, o calor e a fadiga da estrada. Estavam em perigo não somente dos judeus implacáveis, dos adoradores de Artêmis que se ressentiam das conversões a Cristo, embora Paulo jamais houvesse insultado a deusa; eles também tinham de enfrentar o desprezo e a má vontade de oficiais menores ansiosos por desfazer-se da sua antiga lealdade a Silano. "Até esta hora", escreveu Paulo logo depois, "passamos fome e sede; estamos vestidos em trapos; somos surrados; vagueamos de lugar a lugar, trabalhamos duro para sustentar a nós mesmos. Quando somos amaldiçoados, bendizemos; quando somos perseguidos, perseveramos; quando somos insultados não respondemos com palavras duras." Eram vistos como a escória da terra. Mas outros ouviam. Portas estavam abertas, as oportunidades eram ilimitadas.

A excursão teve fim prematuro por causa de mais notícias graves vindas de Corinto. Paulo recebeu um relatório de que um cristão coríntio tinha cometido incesto de uma maneira repugnante até mesmo para os pagãos de uma cidade enlouquecida pelo sexo; e este homem

não fora expulso da irmandade. Paulo viu a igreja rapidamente tornando-se um escárnio para os gentios. Então chegou uma carta da parte dos anciãos de Corinto procurando esclarecimentos acerca de vários assuntos que ele apresentara na carta que não sobreviveu. Mas eles não demonstravam remorso pela miserável situação.

Corinto jamais saíra da mente do apóstolo. As durezas da vida de pioneiro não cegaram sua responsabilidade pelos distritos já trabalhados; além de tudo o mais, certa vez ele escreveu: "há a pressão diária de meu interesse por todas as igrejas". Ele agora decidiu voltar a Éfeso e dedicar os próximos dias ou semanas à composição de uma carta que trataria totalmente da situação, traria disciplina e levaria os coríntios a uma disposição melhor, antes que ele os visitasse.

Capítulo 26

O Maior Destes...

Quando Paulo chegou a Éfeso, vários coríntios, da gente de Cloé, membros de uma família de comerciantes ou de uma empresa, estavam esperando para dar-lhe um relatório ainda mais inquietante.

Um irmão estava indo ajuízo contra outro irmão nos tribunais pagãos, a igreja estava dividida por dissensões. Alguns gaba-vam-se de ser "de Paulo", outros diziam ser leais a Apolo, e ainda outros eram "de Pedro", quer fossem convertidos de uma visita não registrada, quer meramente usassem o seu nome. E um ou dois gabavam-se de que nada deviam a nenhum apóstolo. Pertencemos a Cristo, diziam. Com as lutas apareceu a arrogância, como se fossem superiores aos olhos de Deus e dos homens; e outras faltas, até que Paulo chorou. Não podia haver contraste maior entre a carta feliz aos filipenses e a dor que ele sofreu escrevendo aos coríntios: "no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida."

Corinto demonstrava o paradoxo que se encontrava no coração da atividade de Paulo. Para ele, o objetivo e a possibilidade era cada cristão moral e espiritualmente perfeito em Cristo; contudo, em cada igreja, a fraqueza humana prejudicava, o ensino falso confundia. Cristo havia advertido de que seria assim, pois ele desejava o amor de homens livres, não de marionetes, mas Paulo sentia muito quando seus convertidos preferiam a dissensão à unidade, o auto-engrandecimento ao serviço, meio amor à devoção completa, apesar da disposição de Cristo de dar toda a boa qualidade e toda a força.

Paulo acomodou-se para ditar a Sóstenes uma expressão de gratidão e fé que, nas circunstâncias, era espantosa, e a seguir foi direto a um apelo por unidade: "Acaso Cristo está dividido? foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes porventura, batizados em nome de Paulo?" Ele estava contente por não haver batizado a ninguém exceto a Crispo e a Gaio; ele acrescentou, como pensamento posterior, a casa de Gaio, mas não conseguia lembrar-se de ninguém mais. "Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo." Paulo levou o assunto um pouco além e enfatizou, como se para elevar a discussão a um plano mais alto, o contraste rígido entre as filosofias do mundo, que procuram bondade mediante a aplicação do pensamento e esforço humanos, e o evangelho, que a filosofia e o bom-senso viam como ridículo: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem, pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam a sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, o poder de Deus e sabedoria de Deus."

A loucura de Deus era mais sábia do que os homens, a fraqueza de Deus mais forte do que os homens. Terminando Paulo de desenvolver um longo argumento, ele tornou claro que homem algum podia encontrar a Deus mediante o poder do intelecto. Tivesse Paulo conhecido as maravilhas do conhecimento que emergiriam nos próximos dois mil anos, que a mente e a anatomia humanas eram infinitamente complexas, e o Universo tão vasto que a Terra não passava de mero grão de areia girando no espaço, teria dito a mesma coisa, e considerado ironia de que quanto mais os homens descobriam a insignificância do Planeta, tanto mais altos se classificavam, e tanto mais certos de que poderiam explicar tudo sem a ajuda de Deus. Eles não conheciam nada. "Falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus

preordenou desde a eternidade para nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória. . . ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois, quem", e Paulo cita Isaías, "conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo."

Tendo forçado os coríntios, com a leitura de sua carta em voz alta, a enfrentar o resto da epístola no plano espiritual e não no meramente humano, Paulo rapidamente desfez-se da questão do espírito partidário, mostrando que cada apóstolo ou mensageiro era um servo no campo do Senhor — "Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus" — ou um operário construindo seu templo. Quanto à arrogância que acompanhava o espírito partidário, "não ultrapassem o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias como se o não tiveras recebido?" Paulo passou a usar a ironia, que muito se aproximava do sarcasmo: "Já estais fartos, já estais ricos: chegastes a reinar sem nós; sim, oxalá reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco".

Em contraste, os apóstolos eram como criminosos desprezíveis, enviados à arena para morrer. "Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, vós fortes; vós nobres, e nós desprezíveis". E ele descreveu o rude tratamento que recebeu em sua viagem missionária. "Não vos escrevo estas coisas", acrescentou ele, "para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados." Ele logo estaria com eles e trataria com os arrogantes. "Que preferis? Irei a vós outros com vara, ou com amor e espírito de mansidão?"

A esta altura, parece que ele parou de ditar até o dia seguinte, mas estava claro que esta carta seria muito mais comprida do que qualquer outra já escrita por ele. Podia também ser a última, caso ele fosse engolfado na tempestade política que ameaçava desabar sobre Éfeso. Tinha ela, pois, o aspecto de um testamento.

Ele sabia que o seu escrito tinha autoridade igual à sua pregação, autoridade de apóstolo e profeta, como verdadeiramente comissionado para transmitir a palavra de Deus assim como o foram Isaías ou Jeremias. Seus oponentes diziam que essa convicção era vanglória; mas ele diria aos coríntios que não tinha nada do que se gabar: "Sou o menor dos apóstolos, indigno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus." Como apóstolo e profeta ele devia entregar-lhes a palavra de Deus. À semelhança de Isaías ou Jeremias, contudo, ele deve falar à condição imediata de seus ouvintes, e ao pensar no que dizer a fim de corrigir o abuso sexual entre os coríntios, ficou incerto. Nesta carta aos coríntios, e em nenhuma outra, ele admite que um ou dois de seus juízos não têm a autoridade de um mandamento claro dado por Jesus, e embora Paulo crê estar interpretando a sabedoria do Espírito, não irá além das frases: "Dou minha opinião como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel." A própria incerteza do apóstolo acentua a sua profunda crença de que seus escritos possuíam a mesma autoridade que impeliu seus predecessores, usando uma forma diferente, para proclamar: "Assim diz o Senhor."

Como eles, Paulo tinha uma mensagem difícil. Com total desgosto ele teve de olhar para a apostasia e impureza e desarraigá-las. A igreja de Corinto deve expulsar o homem que cometeu incesto, mandando-o de volta ao mundo onde reina Satanás. As palavras de Paulo: "Entregue a Satanás para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor", haveriam de causar confusão nos séculos vindouros, e seriam interpretadas erradamente para justificar a queima de hereges; mas a preocupação do apóstolo era igualmente a pureza da igreja e o bem do ofensor. Quando, mais tarde, ele ouviu dizer que o castigo fora eficaz, ele quase teve medo de ter sido por demais severo. "De modo que deveis,

pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza", escreveu ele em sua próxima carta. "Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor."

E todos eles deviam fugir da impureza.

À igreja de Corinto, numa cidade dominada pela licenciosidade do templo de Afrodite, Paulo decidiu acentuar a importância da pureza sexual. "Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?

Porque fostes comprados por preço; agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo."

Ele concordava com aqueles que, por meio de uma carta, perguntaram se não era melhor o homem jamais tocar em mulher. Ansioso por conciliar o grupo ascético dentro da igreja (possivelmente aqueles que se denominavam "de Cristo") e preservar a unidade, ele admitiu preferir, por causa das dificuldades presentes e por que o Senhor em breve voltaria, um estado desimpedido como o seu; mas ele se recusou a deixá-los pensar que o casamento ou as relações sexuais eram pecado. Tampouco os casais deviam pensar que poderiam servir a Deus melhor se se separassem. As palavras de Paulo sobre a castidade, o adultério e o casamento, assuntos de infinita discussão e comentário desde então, deram-lhe a fama de odiar as mulheres. Ele certamente deixa transparecer traços de impaciência para com o gênero feminino. Todavia, um estudo cuidadoso mostra sua conscientização aguda de que em todas as considerações de sexo, em sua dignidade e beleza, assim como em seu abuso, o homem e a mulher tinham importância igual. Deveras, ele apresenta uma visão exatamente oposta à daqueles que, séculos mais tarde, condenavam uma "mulher perdida" ao mesmo tempo que desculpavam o homem, se ele fosse discreto. Paulo reserva sua condenação para o homem.

Ao discutir o relacionamento entre homem e mulher, a nota principal é seu desejo de ajudar em vez de perturbar: "Estou dizendo isto porque desejo ajudá-los. Não estou tentando colocar restrições sobre vocês. Em vez disso, quero que vocês façam o que é certo e próprio e se dediquem inteiramente ao serviço do Senhor sem reservas." Os fatores decisivos aqui eram o bem de todos e a glória de Deus, e também quando ele se voltou para os problemas como o comer ou não carne consagrada aos ídolos. Em outra discussão longa e cuidadosa ele mostrou que os crentes estavam livres para fazer o que desejassem, mas tal liberdade jamais devia ofender aos outros. O ídolo não passava de um pedaço de madeira ou de pedra, porém, os pagãos — e muitos recém-convertidos — pensavam de outra forma. Portanto, se o açougueiro, ou o anfitrião dissessem claramente que a carne havia sido oferecida a um ídolo, o cristão maduro devia rejeitá-la, não por causa de sua própria consciência, mas por causa da consciência dos outros, para que o irmão mais fraco ou o pagão não pensassem que o Senhor Jesus estava em pé de igualdade com os deuses.

"Quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tão pouco para a igreja de Deus." Paulo disse-lhes que ele tentava ser útil a todos em todos os tempos, e procurava agradá-los, "não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos. Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo."

Ao responder às perguntas concernentes à forma e à ordem de uma igreja cristã, trazendo à luz suas aberrações, corrigindo e criticando, mas elogiando onde podia, seu alvo era instar com eles a edificarem a igreja e não agradarem a si mesmos. Deviam reconhecer que eram o corpo de Cristo "e individualmente, membros desse corpo". No corpo físico há diferentes funções, cada uma indispensável às outras. "Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde o olfato? . . . Contudo Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De

maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam."

Da mesma maneira Deus distribuiu os dons no corpo de Cristo, a igreja: em primeiro lugar e acima de todos, os apóstolos; a seguir, os profetas; depois, os mestres, os operadores de milagres, os dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. E alguns foram designados para funções bem humildes e deviam ser honrados por causa delas, não desprezados.

Paulo disse que todos deviam procurar os dons mais elevados. Então acrescentou: "E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente."

O ditado durara dias, pois cada passagem na carta necessitava de oração e pensamento profundos. Paulo havia tratado de muitos assuntos, apresentado ditos difíceis e passado por muitas emoções. Grande parte do seu ensino relacionava-se com o tema do amor, os problemas causados pela obsessão de Corinto com *eros*, o amor sexual. Agora ele queria deixá-los com uma compreensão verdadeira do amor mais elevado, peculiarmente cristão, a que os discípulos denominaram *ágape*. Se ele pudesse transmitir o significado desse tipo de amor eles deveras teriam um exemplo a seguir, um modo mediante o qual viver.

Sua mente voltou-se para tudo o que ele conhecia do Senhor Jesus, tanto das tradições da vida passada na Palestina como da companhia diária do Espírito Santo guiando e treinando através dos anos. "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo", Paulo havia dito aos coríntios. Em algum lugar em Éfeso, ou nas colinas que davam para o mar, sozinho com seu Mestre, Paulo olhou uma vez mais para o amor perfeito. Ele podia percebê-lo apenas obscuramente, como se através de um vidro colorido, ou refletido num espelho de metal, e ansiava o dia em que conheceria ao Senhor Jesus tão completamente como o Senhor o conhecia.

O Senhor Jesus — paciente e amável; jamais ciumento, sem inveja de ninguém. Sem soberba nem vontade de causar boa impressão; sem arrogância, sem orgulho e não dado a caprichos. Sem rudez nem descortesia. O Senhor Jesus não insistia em que as coisas fossem feitas à sua maneira, não perseguia vantagem egoísta, não reivindicava seus direitos. Não era irritadiço ou rápido para se ofender. Não meditava sobre as injustiças, não guardava rancor nem mostrava ressentimento; ele não tinha prazer nos pecados dos homens, não se sentia contente quando outros erravam, nem acatava a injustiça. Em vez disso, ele se alegrava com a bondade, tinha deleite nela, e sempre tomava o partido da verdade. Contudo, ele era lento em expor as faltas, e podia perdoá-las. Não havia limites para a sua paciência, não havia fim para a sua disposição de confiar, não havia desbotamento da sua esperança.

Com o rosto do Amor Perfeito a encher-lhe a mente, Paulo continuou a ditar, a entregar a mais bem conhecida de todas as suas obras, um poema em prosa que, além de seu profundo valor espiritual, coloca o apóstolo entre os maiores mestres da literatura.

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

"O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

"O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a

ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor."

Capítulo 27

Aflição na Ásia

Restava um dos principais problemas dos coríntios. Alguns diziam que as bênçãos de Cristo destinavam-se somente a esta vida: não havia vida após a morte, nem ressurreição para a eternidade.

Enquanto Paulo buscava as melhores palavras a fim de demolir essa dúvida que infeccionava os crentes, seu argumento parecia pertinente à sua própria situação. As nuvens da tempestade se juntavam rapidamente. Um a um aqueles a quem Silvano havia favorecido ou protegido eram assassinados ou lançados na prisão. Paulo sabia que a sua vez chegaria. Ele encarava a morte diariamente, estava em perigo a cada hora. Era como as nuvens das tempestades no alto do Coressos, as quais ele deve ter observado muitas vezes dos muros da cidade. Na mudança de estação, formaram-se nuvens negras e ameaçadoras, as quais a cada minuto que passava tomavam um aspecto ainda pior, mas não davam indicação de que a chuva torrencial passaria por ele ou o cobriria. "Uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu", disse ele aos coríntios, "e há muitos adversários." Seus oponentes esperavam a oportunidade para atacar.

Se ele se tornasse um cadáver desfigurado, um punhado de sangue e nervos a ser empurrado para fora da arena e atirado numa carroça enquanto os escravos esparramavam areia pre-parando-se para o próximo item, seria esse o fim?

Paulo viu que a pergunta estava relacionada com a ressurreição de Cristo. As duas coisas estavam entrelaçadas. Portanto, lembrou aos coríntios de que lhes havia ensinado categoricamente, como o primeiro e mais importante componente de suas boas novas, que Cristo não somente havia "sofrido pelos nossos pecados", mas que também se levantara dentre os mortos ao terceiro dia, por ocasião da Páscoa em Jerusalém, vinte e cinco anos antes. Ele fez uma relação das testemunhas que o tinham visto, "dos quais a maioria sobrevive até agora", e lembrou-lhes que ele também era uma testemunha do Cristo ressurreto, e de como o seu encontro com Cristo lhe revolucionara a vida, de modo que ele trabalhou "muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo." Se ele e as outras testemunhas proclamavam que Cristo levantara-se dentre os mortos, "como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressurgiu."

Se Cristo não tivesse, como um fato histórico preciso, ressurgido dentre os mortos então a pregação de Paulo e a fé dos coríntios eram vãs: "ainda permaneceis nos vossos pecados". Da mesma forma, se os mortos não ressuscitam, Paulo havia representado mal a Deus, e cometido perjúrio, ao jurar que Cristo havia ressurgido. E os que morreram crendo nele estavam perdidos por completo. Se tudo não passasse de uma esperança obscura, "se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida", escreveu Paulo, "somos os mais infelizes de todos os homens."

"Mas de fato Cristo ressurgiu dentre os mortos". A pura e dogmática certeza que se deixava transparecer nas palavras de Paulo apoiava-se no conhecimento que os coríntios tinham de sua integridade e de seu cuidadoso exame das evidências. Eles sabiam que um homem que odiava tanto o engano, que conscienciosamente vivia como responsável diante do Deus de verdade que a tudo via, que lhes havia ensinado novos conceitos de bondade e honestidade, não podia propagar uma mentira como um modo piedoso de explicar que Jesus sobrevivia como Espírito. Paulo cria que o Jesus assassinado saíra do túmulo.

Voltando-se Paulo para atalhar a inevitável questão: "Como ressurgem os mortos? e em que corpo vêm?" ele rejeitou o vulgar materialismo que dizia que a carne, o sangue e os ossos

podiam herdar o reino de Deus. "Insensatos!" foi sua reação a todo aquele que tivesse tal ideia. Pelo contrário, a continuidade e a transformação eram como a sementeira e a colheita. "O que semeias não nasce, se primeiro não morrer; e quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo, ou de qualquer outra semente... Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressurgem na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressurgem em poder. Semeia-se corpo natural, ressurgem corpo espiritual.. . como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial."

A contemplação de Paulo de um futuro assim tão glorioso levou-o a outra passagem sublime, tão cheia de beleza literária quanto de profecia. É uma vez mais suas palavras de conclusão, as últimas de toda a epístola, a não ser por alguns pontos práticos acerca de arranjos imediatos, possuem beleza extraordinária: "Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados. . . E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo."

"Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão."

Nos meses que se seguiram ao despacho da carta para Corinto, o próprio Paulo precisou de cada grama daquela exortação e estímulo finais.

A tempestade desabou. No fim do ano 54 ou nos começos de 55, a calamidade atingiu a vida de Paulo. Ele planejava permanecer em Éfeso até a primavera, aproveitando as oportunidades evangelísticas apresentadas por um grande festival pagão e pela infelicidade do público depois do assassinato de Silano, e depois voltaria à Macedónia. Ele abandonara a ideia de visitar Corinto logo, tendo substituído a visita pela carta; iria lá depois de sua viagem à Macedónia. Mas tudo isso fora atirado no cadinho. Uma época de terror, como Paulo jamais conhecera, levou-o à mais difícil crise da sua vida, "a tribulação que nos sobreveio na Ásia".

"Porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida." Jamais saberemos exatamente o que aconteceu. É provável que ele tenha sido preso e espancado severamente, até mesmo torturado, pois os assassinos de Silano administravam a província da Ásia arbitrariamente. Jogado num calabouço, ele talvez se sentisse terrivelmente enfermo com uma recaída do "espinho na carne", pois a recordação dessa época terrível estava fresca em sua mente na ocasião em que descreveu como o "espinho" o esbofetear, levando-o a implorar ao Senhor que o removesse.

Mais do que isto, ele entrou numa aflição mental e espiritual. A pesquisa não pode descobrir os detalhes, mas dispomos de certas pistas. Efeso era o centro de feitiçaria. Pessoa sofisticada moderna alguma ousa desfazer-se da possibilidade de que uma maldição fora posta em Paulo, causando-lhe severa agonia mental. Aqueles que têm experimentado algo dos poderes misteriosos da macumba ou a exploração mistificadora do mal em certos tipos de espiritismo, não podem eliminar esta teoria, que ajudaria a explicar a escolha de certas palavras na famosa passagem: "Quem nos separará do amor de Cristo? .." a qual Paulo escreveu dezoito meses mais tarde: "Estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor."

Quer Paulo tenha sofrido quer não por causa da feitiçaria, e também da brutalidade, parece inegável que ele tenha descido a um vale espiritual em que sua alma suportou tensões que quase o despedaçaram. Ele possuía os nervos tensos de um génio, nos quais o sofrimento

físico ou mental — dele mesmo ou de outros — raspava com uma aspereza desconhecida de homens menos sensíveis. Ele se recuava da dor, embora jamais fugisse; sentia angústia quando abusado, embora não guardasse rancor; agitava-se quando uma igreja era ameaçada por aqueles a quem havia ganho para a fé: "Quem é fraco que eu não me sinta fraco com ele? Quem tropeça que não me queime, de indignação?" Na sujeira e podridão do calabouço de Éfeso sua mente girava sem descanso: os problemas de Corinto, o problema do mal, os recursos quase ilimitados daqueles que odiavam a Cristo. Perplexo, aflito, perseguido, abatido, são algumas das palavras que ele usa. A aflição, à medida que aumenta, parece conduzi-lo à noite escura da alma e levá-lo à perda da vontade.

Em uma seção nobre da carta aos Romanos, quando os eventos em Éfeso ainda estavam recentes, ele usa termos acerca de si mesmo que, a menos que sejam tomados como alegoria, sugerem que ele havia passado por profundas águas de agonia espiritual. Embora muitas vezes tais palavras sejam tomadas como descrição da vida de Paulo antes da estrada de Damasco, estudo mais minucioso indica que se referem a Paulo como crente, e a menos que ele esteja dizendo que seu conflito mental tenha continuado infinitamente, o que o contexto nega, parece que ele tirava conclusões gerais de uma luta particular. "Nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir", escreve ele, "pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto... sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo..." Paulo tem prazer na lei de Deus; contudo, o pecado batalha contra esse deleite e o faz "prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?"

"Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?" O clamor ecoou através das noites de dor e desespero em Éfeso, até que a profunda compreensão da fraqueza levou a um impulso em direção do espírito: "Quem me livrará? Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor."

A medida que Paulo entrava no sofrimento, a uma profundidade que ele jamais conhecera, começou a aprender mais do poder de Jesus: "Então ele me disse: A minha graça te basta, Porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza." "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", escreveu ele de maneira específica acerca dessa crise de Éfeso, "o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!", de modo que Paulo podia consolar a outros em qualquer pesar, com a consolação que ele próprio havia recebido. Ele percebeu, como nunca antes, que partilhava dos sofrimentos de Cristo para que pudesse partilhar da consolação de Cristo. Ele viu o propósito de tudo por que passava, para que ele pudesse descrever a seus convertidos a realidade do extraordinário poder e amor de Cristo.

"Para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos". Deus havia livrado e livraria; Paulo jamais poderia duvidar disso novamente, como o futuro haveria de demonstrar. Contra o registro da calamidade ele podia escrever a segurança do salvamento. Contra a palavra "atribulados" ele escreveu "porém não angustiados"; contra "perplexos", "não desanimados"; "perseguidos, porém não desamparados, abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo." Ele repete: "Somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal." As dificuldades de Paulo e a sua dor na realidade ajudaram a Jesus a se manifestar, espalhar o aroma de seu amor, como o cheiro das pétalas de rosa aumenta quando amassadas.

"Por isso não desanimamos." Ele fora tentado. O desespero quase que o havia cortado antes de realizar parte de sua melhor obra. Mas agora ele podia enfrentar tudo o que viesse. "Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso bomem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas."

A libertação física, o livramento da morte certa para a liberdade incondicional veio de

algum modo através da intervenção, com grande risco, de Áquila e Priscila. Estavam prontos para morrer no lugar de Paulo. "Saudai a Priscila e a Áquila", escreveu Paulo depois de haverem retornado a Roma no ano seguinte. "Os quais pela minha vida arriscaram as suas próprias cabeças; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios". Ele apareceu antes da primavera de 55, com saúde fraca, mas de espírito puro.

Tão logo foi solto, sua vida outra vez correu perigo. Desta vez Lucas podia descrever o incidente com detalhes, pois o motim de Éfeso não se relacionava em nada com Silano, e mostrava o governo romano no que tinha de melhor.

Toda primavera os devotos da deusa Mãe convergiam a Éfeso a fim de participar do Artemísia, o grande festival que o culto, o comércio e a alegria tornavam o ponto alto do ano. As procissões saíam do templo de Diana em direção ao portão norte, desciam para o teatro, seguiam pela estrada de mármore, então subiam a colina ao lado do muro da cidade e saíam pela porta Magnésia. As multidões dominavam as ruas e era esta a oportunidade pela qual Paulo decidiu permanecer em Éfeso.

Para os ourives, esta era também a melhor época de vendas, pois as réplicas da imagem de Diana em geral estavam em grande demanda. Nesse ano de 55, porém, a venda de ídolos sofreu uma baixa, testemunho admirável do sucesso da missão de Paulo. Centenas de visitantes recusavam-se a comprar a imagem; alguns por serem crentes, tratavam Artemísia meramente como uma excursão anual, uma oportunidade de ouvir Paulo falar de novo e conhecer outros crentes, mas não para comprar deusas de prata; e outros porque foram convertidos a Cristo durante o festival.

Os ourives já tinham perdido vendas suficientes. Demétrio, um dos maiores empregadores convocou, irado, uma reunião de protesto de seus próprios artífices e outros, inclusive alguns cristãos que deram a Lucas um relato ocular. O que Demétrio pretendia realizar não está claro, pois seu discurso inflamou tanto os ouvintes que logo as coisas fugiram ao seu controle.

Ele não ocultou a razão principal da sua fúria, não importando o culto de lábios que ele prestava à deusa. "Senhores", clamou ele, "sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade, e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram."

Ouvindo isto, a audiência prorrompeu no clamor de adoração da cidade: "Grande é a Diana dos efésios!" Derramaram-se para as ruas e começaram a correr para onde os cidadãos instintivamente se convergiam em épocas de emergência — o teatro na encosta do Pion, o lugar de reunião mensal da Assembleia Popular a que todo adulto masculino podia assistir. Ao subir a multidão correndo a rua em direção da entrada no alto, gritando: "Grande é a Diana dos efésios!", as pessoas interrompiam o seu trabalho e se juntavam à turba, certas de que um grande perigo era iminente ou uma grande decisão ia ser tomada. Alguns dos ourives agarraram dois companheiros de Paulo, os macedônios Aristarco e Gaio, e os arrastaram consigo. Mais e mais cidadãos se derramavam pelos portões no lado superior do teatro e desciam correndo as plataformas até que fileira após fileira se enchesse, enquanto lá embaixo, no palco, Demétrio e seus homens giravam em torno de Aristarco e Gaio. Nos andaimos acima do proscênio (o teatro estava sendo aumentado e melhorado durante todo o período em que Paulo esteve em Éfeso) os operários abaixavam as ferramentas e olhavam espantados. Quando Paulo, em outra parte da cidade, soube do que estava acontecendo, decidiu ir ao teatro e falar à multidão. Além de intervir para salvar seus companheiros, ele via uma oportunidade suprema de alcançar a maior audiência de sua vida. O teatro enchia-se com rapidez. A acústica era maravilhosa. Uma vez que ele tivesse apaziguado o povo, e sabia que conseguiria fazê-lo, ele podia pregar acerca de Jesus.

Os discípulos imploraram que ele não fosse. Ainda quando estavam discutindo, chegaram mensageiros da parte dos asiáticos, os importantes amigos que Paulo havia feito em sua primeira prisão. Eles também pediam que ele não arriscasse a vida no teatro. O respeito de Paulo pela compreensão deles do estado da multidão levou-o, com relutância, a abandonar o plano.

Nesse ínterim, no teatro, como Lucas o descreve secamente: "Uns, pois, gritavam de uma forma, outros de outra; porque a assembleia caíra em confusão. E na sua maior parte nem sabiam por que motivos estavam reunidos." Os principais judeus, temendo uma perseguição, logo arranjaram um porta-voz, Alexandre. Sendo impelido para o palco, ele acenou com a mão, pedindo silêncio, querendo dizer que os judeus não eram os culpados e que odiavam a Paulo tanto quanto eles.

A multidão reconheceu que ele era judeu. Alguém gritou para ele: "Grande é a Diana dos efésios!" "Grande é a Diana dos efésios!", gritou a multidão. A histeria em massa invadiu as galerias. O clamor de adoração surgiu vez após vez até que todo o teatro reverberava com o cântico rítmico: "Grande é a Diana dos efésios!"

O clamor ecoou pela cidade e sobre a água, chegando até aos navios no porto e atravessando as colinas além do golfo. Podia-se ouvi-lo no templo de Diana. O cântico flutuou até aos soldados nos muros ao longo do Coressos, enquanto olhavam para baixo espantados. No próprio teatro, todas as galerias, com exceção das mais baixas, tinham uma vista esplêndida da cidade, com suas ruas largas que iam dar no portão de saída para o porto, mas não tinham olhos para isso. O trabalho perdido, os jantares despreparados, o feroz calor do sol nada significavam. O clamor monótono e agora quase sem sentido prosseguia: "Grande é a Diana dos efésios!"

O chefe executivo de Efeso, detentor do cargo político mais elevado, e responsável pela ordem, alarmou-se por completo. Os romanos não viam assembleias irregulares com bons olhos. Podiam achar que esta era um motim, e punir a cidade, cancelando parte do pequeno autogoverno que restava. Ele, contudo, era homem de bom senso. Esperou até que a força maior da multidão se exaurisse. Durante duas horas, enquanto o sol descambava ao longo da crista do Coressos, o cântico tamborilou em sua cabeça.

Então ele foi à frente, e levantou a mão. A multidão o conhecia como um oficial que, por direito, devia dirigir a assembleia popular. O barulho arrefeceu.

"Senhores, efésios", disse ele, sua voz ecoando dos vasos de bronze e de barro colocados por todo o teatro. "Quem, porventura não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana, e da imagem que caiu de Júpiter? Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos mantenhais calmos e nada façais precipitadamente; porque estes homens que aqui trouxestes não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa. Portanto, se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônsules" — uma admissão diplomática de que desde a morte de Silano os seus assassinos governavam conjuntamente, de fato procônsules — "que se acusem uns aos outros. Mas se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembleia regular. Porque bem corremos perigo de que por hoje sejamos acusados de sedição, não havendo motivo algum que possamos alegar para justificar este ajuntamento."

Havendo-os envergonhado e produzido um anticlímax total, ele declarou terminada a assembleia.

Capítulo 28

Um Tratado Para Roma

Cessado o tumulto, Paulo sabia que era tempo de prosseguir, orno fora sua intenção depois de Artemísia. Seu plano incluía ma visita à Macedónia e ao Sul da Grécia, dali para Jerusalém om alguns convertidos asiáticos e europeus, a fim de entregar a coleta. "Depois de haver estado ali, importa-me ver também Roma."

Antes do motim, temendo que sua carta a Corinto tivesse sido forte demais e desanimado seus "filhos", ele despachou o jovem Tito de Antioquia para investigar a situação, já que Timóteo estava na Macedónia. De Corinto Tito devia partir, não de volta a Éfeso, mas para Trôade, onde Paulo pretendia pregar antes de retornar à Europa. Quando Paulo chegou a Trôade, quase certamente por mar, encontrou excelente oportunidade para pregar "mas minha mente não podia descansar porque não encontrei meu irmão Tito ali. De modo que me despedi deles e prossegui para a Macedónia", a fim de encontrar Tito, que staria subindo através da Grécia.

Em Filipos, nessa primeira visita de Paulo desde o açoite, a greja passava por perseguição e profunda pobreza, porém com alegria admirável, sem que sua generosidade costumeira fosse diminuída. Mas sofriam com falsos apóstolos e falsos cristãos, de modo que para Paulo "nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro. Porém, Deus que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito". Tito trouxe boas notícias. Os coríntios entenderam a parte de castigo da carta de Paulo no espírito certo. Doeu, mas aceitaram a dor como merecida e ansiavam por se vindicar. Ansiavam ver a Paulo novamente. E trataram a Tito com tanto respeito e carinho que Paulo podia escrever-lhes: "E acima desta nossa consolação, muito mais nos alegamos pelo contentamento de Tito, cujo espírito foi recreado por todos vós. Porque, se nalguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; pelo contrário, como em tudo vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira."

A situação em Corinto não era perfeita. Ainda precisavam de repreensão e apelo. Pior, estavam tristes com o próprio Paulo. Reclamavam que, por abandonar seu plano de atravessar para a Europa diretamente de Éfeso, ele se desviava deles. Indicavam que ele não era de confiança. Paulo teve pouca dificuldade em responder a essa afirmação. "Para vos poupar, não tornei ainda a Corinto". Em vez de ir, ele havia escrito, a fim de que sua terceira visita não fosse tão dolorosa quanto a segunda.

Mais seriamente, haviam sido perturbados com a chegada de pregadores com bazófia impressionante, trazendo credenciais à primeira vista impecáveis, e que pareciam superiores a Paulo por cobrarem por seus serviços. A propaganda deles era tal que a igreja dos coríntios, fundação de Paulo, exigiu provas da comissão do apóstolo. Os novos visitantes negaram-lhe as qualidades de apóstolo verdadeiro, acentuando que ele não possuía cartas de apresentação de Jerusalém, rejeitava pagamento, não vivia como um judeu genuíno, comportava-se com exagerada humildade, era de presença fraca e de palavra desprezível. Um apóstolo devia mandar no seu rebanho, diziam. Admitiam que Paulo podia escrever cartas graves e fortes.

Paulo não estava despreparado para a chegada dessa gente a Corinto. Ele não hesitou em chamá-los de "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras." Paulo ficou espantado com algumas das coisas que afirmavam a respeito dele, mas, ao passo que havia reagido com indignação a circunstâncias

parecidas na Calácia, sua atitude agora, dez anos mais tarde, depois da crise de Éfeso, era mais de espanto. ("Não sou ninguém . . . falarei como um louco").

Não obstante, Paulo achou que devia responder ao inquérito dos coríntios acerca da sua posição. Eles o forçaram a se gloriar, de que, deveras, levava todas as marcas de um apóstolo genuíno. Ele parece consciente de que eles haviam notado uma prontidão excessiva em vindicar sua veracidade, "mas vocês me levaram a tanto"; tudo o que ele disse tinha a finalidade de edificá-los e fortalecê-los, seus amigos muito queridos, a quem ele amava mais do que nunca.

Assim, a longa segunda carta aos Coríntios, escrita na Macedónia quando Timóteo juntou-se a ele de novo, não era tanto uma defesa como um meio de demonstrar o que um apóstolo devia ser. Contém revelações pessoais íntimas da vida e caráter de Paulo, passada e presente, suas fraquezas e sofrimentos, e é a fonte de grande parte do material da sua biografia. Ela contém, também, uma *apologia* de seus motivos, e seus conceitos tanto da tarefa como da mensagem do verdadeiro embaixador de Cristo.

Paulo e os outros apóstolos não estavam proclamando sua própria excelência, mas a Cristo Jesus como Senhor, e eles mesmos como seus servos, por amor a Jesus. "O amor de Cristo nos constrange", escreveu ele, "julgando nós isto: um morreu por todos, logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu. .. E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. Ora, tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

"De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus."

Paulo decidiu não partir para Corinto de imediato. Tito, desejoso de voltar, levou a carta, e Paulo enviou dois outros cristãos, um dos quais ele chamou de "o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas". A tradição cria ser Lucas esse irmão, e que seus primeiros escritos já estavam circulando.

Paulo desejava que Corinto se acalmasse por completo antes da sua chegada. Ele não queria encontrar brigas, ciúmes, iras, egoísmos, malícias, fofocas, orgulho e desordem. Ele não queria ser forçado a exercer o papel de um juiz severo. Nem tampouco queria animá-los pessoalmente a completarem a contribuição prometida para a coleta de Jerusalém. Deviam prepará-la de bom grado, cada um de acordo com suas posses, sua generosidade determinada pela única medida verdadeira: vocês sabem quão generoso tem sido o Senhor Jesus Cristo; ele era rico, contudo, por amor de vocês se tornou pobre, para que através da sua pobreza vocês pudessem se tornar ricos.

No final da carta, depois de instar com eles: "aperfeiçoai-vos, consolai-vos, sede do mesmo parecer, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco", ele usou uma despedida que é, sem dúvida, a frase mais citada de todas as que escreveu: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós."

Despachada a carta, Paulo continuou no Norte durante um ano inteiro. Depois de encorajar as igrejas da Macedónia, ele começou a evangelizar território novo, a província vizinha do Ilírico, a terra montanhosa fronteira ao Adriático, que hoje é a Albânia e o Sul da Iugoslávia. Não chegou até nós um relato de seus movimentos, mas sua atividade deve ter sido como ele descreveu em sua recente apologia: "Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. Pelo contrário, em tudo recomendando--nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias,

nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus; pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama: como enganadores, e sendo verdadeiros; como desconhecidos, e entretanto bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e contudo eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo."

Enquanto no Norte, Paulo quase atravessou o Adriático para visitar os cristãos de Roma, mas as oportunidades do Ilírico não lhe deram tempo antes de sua viagem ao Sul, a fim de passar os três meses de inverno de 56-57 em Corinto. Quando ele chegou, em meados de dezembro, os problemas dos coríntios tinham amainado. Não se ouve uma palavra de controvérsia. Pelo contrário, num ambiente feliz, ele podia dedicar muito tempo a um novo projeto: uma carta aos cristãos de Roma, a qual seria a destilação do seu pensamento, sua tentativa mais próxima de escrever um livro, uma composição literária construída com cuidado, a qual, se ele jamais tivesse escrito ou enunciado outra palavra, o coloca ao lado de Sócrates, Platão e Aristóteles, entre os maiores intelectos do mundo antigo e, deveras, de todos os tempos.

Paulo já tinha vários amigos e parentes distantes em Roma antes da chegada de Aquila e Priscila. A facilidade de comunicação no império induzia idas e vindas constantes ao centro do mundo, e ele podia enviar saudações à sua mãe de criação em Antioquia e a Rufo, filho dela, esse excelente obreiro no serviço do Senhor, a dois judeus de sua própria tribo ou família, aos quais descreve como seus companheiros de prisão, provavelmente em Éfeso, "e estavam em Cristo antes de mim"; ao primeiro convertido na Ásia, e a outros.

Ele esperava renovar amizades, e ter a experiência alegre de desfrutar a companhia de uma igreja que ele não havia fundado. Longe de ter ciúmes, ele se emocionara ao ouvir falar da sua fé, e tinha orado por eles com regularidade. Contudo, seus planos prévios de visita- Roma tinham cedido em face de chamados ininterruptos para desbravar terrenos onde Cristo era desconhecido, continuar seguindo, para ver mais e mais homens e mulheres recebendo a graça de Deus de modo que ações de ÍP"ança e louvor fluíssem cada vez mais. Paulo estava decidido a ir aonde Cristo ainda não fora pregado; portanto, não para Alexandria e Egito, nem Cartago ou outras cidades do Norte ^{d*} África. Ele tinha os olhos na Espanha, a província altamente civilizada na fronteira mais ocidental do império, e podia parar em Roma, a caminho da Espanha. Não ficaria ali muito tempo. Sua praxe continuava sendo não construir sobre o fundamento de outros. Mas, sendo sua comissão para todos os gentios, quer civilizados quer bárbaros, quer educados quer ignorantes, ele estava ansioso para pregar as boas novas àqueles que viviam em Roma, e fazer convertidos aí. Além disso, a viagem seria mutuamente benéfica: "Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados; isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos, por intermédio da fé mútua, vossa e minha."

Nesse ínterim, uma vez que ele deve primeiro levar a coleta a Jerusalém, e talvez porque já teria uma premonição de que não chegaria a Roma tão depressa quanto esperava, ele decidiu dar-lhes o fruto de seus anos de experiência e aprendizagem ao lado de Cristo. Ele tinha agora 25 anos de cristão e se encontrava nos seus cinquenta: maduro, seguro da suprema excelência de seu Mestre em todas as mudanças e oportunidades da vida. Em contraste com suas cartas anteriores, ele não é forçado a combater aberrações ou rebater críticas, exceto uma vez, quando censura a seus caluniadores que torcem as suas palavras, afirmando: "pratiemos males para que venham bens". Só uma vez também aparece sua tendência de justificar a si mesmo, ao dizer: "Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus... coisa alguma senão daquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo". Ainda assim ele rejeita o crédito pessoal.

Em vez disso, sua carta a Roma, a mais comprida que ele já escreveu, está cheia de

calma e de confiança magisterial que a distingue das enviadas à Galácia e a Corinto. Contém alguns de seus escritos mais profundos e mais difíceis. Tema de grandes comentários que vão de Orígenes a Barth, de milhares de páginas de exposição e meditação em que suas próprias palavras são examinadas sob o microscópio teológico, filosófico e textual, tem sido um dos livros mais decisivos do mundo. Formou o canteiro da fé de Agostinho e da Reforma de Lutero. Foi ao de Lutero que João Wesley sentiu um ardor estranho no coração. "Senti que realmente confiava em Cristo, somente em Cristo, para a minha salvação; e recebi uma segurança de que ele havia levado os meus pecados, os meus próprios, e me havia salvado da lei do pecado da morte".

Tércio, escrevente de Paulo, foi quem ouviu as palavras de Paulo pela primeira vez. Terminadas as saudações e os preliminares, o tema ecoou no cómodo em Corinto onde trabalhavam: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé.. ." e Paulo anunciou o seu texto, uma citação tirada do profeta Habacuque: "O justo viverá por fé."

Paulo mostra então que o homem, tendo consciência instintiva de Deus, o rejeitou e o excluiu. Em consequência, os pagãos descambaram para a pocilga moral que se encontrava ao redor de Paulo em Corinto. Nem podiam os judeus, com todos os privilégios advindos da revelação do próprio Deus, e do seu orgulho no seu destino como o povo dele, adotar uma superioridade para com os pagãos, pois os judeus também tinham corações teimosos e rebeldes, aos quais Deus devia punir. Paulo não pode oferecer um Deus que acoita o pecado. A missão do apóstolo como missionário emerge, não do prazer de demonstrar as excelências de Cristo, mas de uma conscientização clara e terrível de que o juízo virá sobre todos os homens, pois todos pecaram. O mundo todo há de dar contas a Deus, quer a consciência dos homens os acusem, quer os desculpem: "no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho."

"Mas agora", e esta era a parte de que Paulo mais gostava, "sem lei, se manifestou a justiça de Deus... justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo". Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, mas judeus e gentios, igualmente, são justificados mediante a aceitação da graça como um dom, "mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, "o seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída".

Paulo dedica uma comprida seção, com referência especial aos judeus, à elaboração de sua tese de que o perdão não pode ser merecido; o homem só pode ser aceito como justo crendo "naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressurgiu por causa da nossa justificação". E, assim, Paulo chega à primeira grande passagem autobiográfica do tratado (capítulo 5): "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores."

Depois de uma dissertação sobre a origem do pecado, Paulo se volta para um tópico que o perturbava muito desde que escreveu a carta aos Gálatas, o qual os problemas dos

coríntios tornaram mais urgente: a resposta aos que se desviavam, como o cristão vence o pecado que continua a perturbá-lo. Agora ele explana aos romanos a sua convicção de que devem tratar a personalidade pré-cristã como morta, e perceber que uma vida de ressurreição foi criada neles quando creram. Ele troca de metáforas e diz-lhes que se vejam a si mesmos não mais como escravos sob ordens de pecar, mas escravos de Jesus. Então Paulo desnuda sua alma acerca da recente crise espiritual: "não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto", até que clama: "Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor!"

Depois disso ele pode expandir-se com vigor sobre o fato glorioso de que "se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita." Todo aquele que não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele. Mas se Cristo está nele, e Paulo se entusiasma com o tema — o seu predileto, depois da cruz — a maravilha de "Cristo em vós": como o Espírito de Cristo conduz, tira o medo, dá o desejo de orar e o dirige, e cria a conscientização de que somos filhos de Deus.

O êxtase de Paulo com a glória da vida em Cristo, agora e no porvir, aumenta até que das profundezas de sua própria experiência ele clama: "Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressurgiu, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? . . . Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor."

Numa seção posterior da carta, na qual Paulo insta com os romanos a que adorem a Deus mediante um modo de vida digno das pessoas cujas mentes foram renovadas, não se modelando pelo comportamento do mundo que os cerca, ele revela, uma vez mais, ainda que inconscientemente, muitos traços de seu próprio caráter. Como aconteceu quando ele escreveu aos tessalonicenses durante sua primeira estada em Corinto, suas exortações precisam só de ser ajustadas a um foco levemente diferente a fim de apresentar seu auto-retrato escrito.

O Paulo de Corinto em 57 d.C. estava decidido a usar cada dom espiritual até ao limite de sua fé, a qual, também, ele reconhecia como dom de Deus. Ele trabalhava pelo Senhor com esforço incansável e grande ansiedade de espírito, mantendo os fogos interiores bem acesos. Ele era firme em épocas de tensão, gloriosamente feliz em face do futuro. A oração, para ele, era tão normal quanto a respiração. Ele era um homem hospitaleiro e generoso; Paulo gostava de ajudar as pessoas, era alegre, não fazendo seus atos de bondade de modo santimônio nem piegas. Seu amor era genuíno, não simulado, e ele possuía um toque marcado de simpatia, alegrando-se com aqueles que se alegravam, chorando com os que choravam. Nem tampouco escolhia seus companheiros tendo em vista classe, riqueza ou posição; o cristão mais humilde encontrava-o disposto a sair do seu caminho para realizar uma ação generosa ou partilhar uma experiência, e Paulo tinha o dom de colocar os outros acima de si mesmo. Ele amava aos seus companheiros cristãos; deveras, quaisquer que fossem suas arestas, era um homem adorável. Ele dava grande valor à vida em harmonia com seus companheiros crentes.

Quanto aos judeus não cristãos, e aos gentios, Paulo fazia o máximo para viver em paz com eles, por mais que eles o detestassem. Ele odiava o mal e não deixava que a zombaria, o desânimo, e a malícia dos antagonistas ou impostores enfraquecessem sua compreensão do que ele sabia ser bom. Pelo contrário, ele abençoava seus perseguidores e orava por eles, como o Senhor Jesus instruiu no Sermão da Montanha, que ele cita quase por inteiro. Paulo

pagava o mal com o bem: alimentava seus inimigos, dava de beber ao sedento, não procurava vingança, mas deixava a questão da justa recompensa nas mãos do Senhor.

"Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." O alvo de Paulo era ser tão cheio de Cristo que não restasse espaço para as coisas mundanas, nele mesmo e nos que estavam ao seu redor.

QUARTA PARTE

Na Estrada Óstia



Capítulo 29

Encarando o Futuro

Enquanto escrevia aos crentes romanos, a mente de Paulo rememorava a aflição aguda dos vinte e cinco anos passados: por que os judeus, como nação, haviam rejeitado a Jesus, e recusado a reconhecê-lo como seu Cristo ou Messias?

Paulo havia debatido consigo mesmo e com seus amigos a questão se Deus tinha ou não abandonado os judeus. Ele concluiu, enfático, que tal não havia acontecido, pois ele e muitos outros judeus eram cristãos. Por outro lado, se os judeus houvessem corrido, como raça e nação, para o padrão do Jesus ressuscitado, talvez os gentios ocupassem sempre o segundo lugar na igreja cristã. Na carta aos Romanos Paulo descreve o bem que resultou do mal que foi a recusa dos judeus, e reconhece as insondáveis profundezas da sabedoria do plano de Deus: quando os gentios tiverem ido para o reino, os judeus os seguirão num dia ainda mais glorioso.

Todavia, ele não podia aceitar muito bem essa demora. Não somente ele continuou a amar a sua própria raça, mas também esse amor atingiu um auge de intensidade extraordinária que só podia comparar-se com o choro de Jesus ao contemplar o templo desde o monte das Oliveiras, ou ao seu suspiro em outra ocasião: "Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!" Paulo enuncia o seu anseio em termos que, no contexto do que Cristo significava para ele, são quase incríveis. "Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, minha própria consciência: que tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. . . Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles é para que sejam salvos." À semelhança de Moisés, ele estava disposto a ser apagado do livro de Deus como o preço da reconciliação deles.

Ele via sua próxima ida a Jerusalém para levar a coleta como a última oportunidade de demonstrar seu amor a seu próprio povo e pregar-lhes a Cristo, talvez a uma grande multidão, antes de partir rumo ao Ocidente. Ele tinha consciência do perigo. Apelou para os romanos, dizendo: "rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judeia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos". Seu desejo era chegar contente a Roma para esse período de descanso e refrigério.

A intensão original de Paulo era embarcar, como antes fizera num navio peregrino de Cencréia, em março, e chegar a Jerusalém na época da Páscoa. Os judeus de Corinto ficaram sabendo dos seus planos e arquitetaram o seguinte: todos os marinheiros de um navio peregrino seriam judeus; navegando de noite, durante a lua nova, o convés ficaria às escuras, exceto pelas luzes da navegação, e Paulo seria levado à amurada. Um golpe estonteante, homem ao mar, nenhum tumulto. . .

Paulo tomou conhecimento da trama dos judeus. Ele não tinha intenção alguma de morrer em um canto qualquer. Decidiu perder a Páscoa e ir por terra através da Macedônia, e então navegar para Trôade. Trôade seria um ponto de encontro. Pois, a pedido de Paulo, cada igreja importante selecionara seus representantes que deviam acompanhá-lo e entregar o dinheiro aos pobres e doentes de Jerusalém, e assim demonstrar a unidade essencial da igreja mundial. Timóteo de Listra e Gaio de Derbe representavam a Galácia; Aristarco e Segundo eram os tessalonicenses, e Sópater, bereano. Trófimo e Tíquico, gregos, viriam da província da

Ásia.

Paulo e seus amigos caminharam rumo ao norte através da inesquecível primavera, por estradas cercadas de íris silvestres, rosas e papoulas. Mas, em cada cidade, a reação dos líderes cristãos intensificava a premonição que tinham acerca de Je* rusalém. Aqueles que possuíam o dom de interpretar a previsão do Espírito apresentavam solenes advertências.

Em Filipos, tendo enviado seus companheiros de viagem à frente, Paulo passou a semana da Páscoa (7 a 14 de abril de 57 d.C.) com seus amigos. Então ele e Lucas navegaram do porto adjacente de Neápolis. Se os ventos o empurraram rápido para a Europa depois da visão noturna sete anos antes, agora pareciam ecoar as advertências dos macedônios. A viagem levou cinco dias, em vez de dois.

Em Trôade, na parte superior de um edifício de apartamentos de aluguel, os cristãos se reuniram na noite de sábado, a última da visita de Paulo. Ele tinha encontrado um navio e seu grupo partiria na manhã seguinte.

A pequena igreja de Trôade, fruto de suas duas breves visitas anteriores e da evangelização que se espalhara de Efeso, por certo não possuía um membro rico que convidasse os irmãos para cultuarem no seu gramado. Eles usavam o sótão que, num prédio de apartamentos, cobria os dois ou três apartamentos que formavam cada um dos dois andares inferiores, e os crentes se apertavam, homens e mulheres e os filhos que não podiam ficar em casa. O cheiro de corpos suados invadia o ar, juntamente com a fumaça que subia dos pavios de pequenas lamparinas de azeite; o calor e o abafamento aumentava, pois embora a temperatura noturna de abril fosse moderada, Trôade ficava numa planície costeira estreita e protegida.

Um jovem de nome Eutico postou-se na soleira da janela e ouvia fascinado à medida que Paulo desdobrava os mistérios da fé. Eles tinham tomado uma leve refeição, o seu *ágape*, e mais tarde partiriam o pão e tomariam o vinho da Ceia do Senhor, o princípio do dia do Senhor¹⁷. No entanto, Paulo e seus ouvintes estavam igualmente decididos a usar essa última oportunidade. Mas Eutico havia tido um dia duro de trabalho manual, pois seu amo gentio nada sabia do descanso do sábado, e enquanto ouvia começou a cochilar. A meia-noite chegou e se foi. Todos os olhos estavam fixos em Paulo, e quando Eutico adormeceu, nenhum dos outros jovens o percebeu. A voz de Paulo, cada vez mais apagada, sumiu totalmente.

De súbito, ouviu-se um baque e uma comoção abaixo. Eutico tinha caído da janela à rua estreita. Não foi uma queda muito alta, cerca de cinco metros, mas o tombo foi duro. No momento em que Paulo, seguindo a pressa agonizada dos amigos e parentes do rapaz, desceu as escadas, Lucas já havia pronunciado a morte de Eutico. Abriram alas para Paulo. Ele se ajoelhou e apertou o corpo do rapaz ao seu, e aqueles que tinham conhecimento da Escritura se lembraram de que foi isso o que Elias e Eliseu fizeram com meninos mortos. Paulo disse: "Não vos perturbeis, que a vida nele está."

Quer Paulo tivesse conscientemente usado uma forma de respiração artificial que reviveu o coração antes da morte clínica, quer tivesse fazendo como o Espírito o movia sem compreender causa e efeito, Lucas deixa a questão do milagre em aberto. É certo que Eutico permaneceu inconsciente por algum tempo depois de levado para cima; contudo, tal era a calma e a confiança de Paulo, que prosseguiram enquanto o moço se recuperava. Paulo continuou a falar, e o povo a ouvir. Partilharam o pão e o vinho. Não podiam parar de fazer perguntas. Queriam ouvir mais da Palavra. Ao romper do dia, sem haver descansado, Paulo partiu.

"Então conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortados." E pode ser que o hino que Paulo citaria em sua carta circular à Ásia (Efésios) teve sua origem naquela noite: "Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará."

Paulo escolhera um navio que não parava em Efeso. Apres-sando-se para chegar a Jerusalém na época do Pentecoste, ele não queria ser sugado pelos assuntos da vigorosa igreja de Efeso nem desejava arriscar-se a provocar novo tumulto dos judeus ou dos gentios, o que

podia acarretar prisão e atraso. Em Trôade, porém, ele embarcou o seu grupo num navio e ele mesmo foi por terra. A primeira parte da viagem era até Assôs, cerca de 48 quilômetros por terra e um pouco mais longe por mar, pois o navio devia rodear o cabo Lectum. Coisa muito incomum foi Paulo insistir em caminhar sozinho. Ele partiu ao alvorecer e podia percorrer a distância em um dia naquela época do ano.

Ele queria encarar o futuro. Em cada cidade ele tinha recebido a advertência de que perseguição e prisão o aguardavam em Jerusalém. Devia ele aceitar essas advertências como ordens divinas para voltar sobre os passos e ir direto a Roma? Suportaria ele o que lhe estava reservado na Judeia? Da planície costeira ele passou às colinas e caminhou em direção do sudoeste, até que a estrada tomou a direção leste, de acordo com a terra. Ao meio-dia, desta estrada alta, ele presenciou um dos soberbos panoramas da Ásia Menor: à sua direita, através da estreita faixa de água cor de safira, um azul escuro de colinas, a ilha de Lesbos. Em frente, as brancas nuvens da primavera faziam o sol e a sombra dançarem. Mas à distância, no fim do golfo, ele podia ver mais colinas azuis entre as quais se encontrava Pérgamo. Seu coração podia sair ao encontro dos cristãos dali, e de Esmirna, de Éfeso e das distantes Colossos e Laodicéia.

Enquanto caminhava, chegou à crise final da sua vida: voltar ou prosseguir. Imperturbado, a não ser por ovelhas e seus sinetes, e latidos de cães de guarda, e burros e um ou dois camelos, ele pôde aprender a vontade do seu Senhor e chegar à conclusão que o fortaleceria através dos tumultos que se seguiriam.

Durante as últimas horas de caminhada, à medida que o sol descia no horizonte, a luz atrás do apóstolo dava de cheio na rocha de Assôs, um grande bloco de granito que dominava a cidade e o campo e coroava um templo. Fora da vista e no fundo do penhasco estava o porto. Aqui, Lucas e os outros já o esperavam, um tanto preocupados pelo fato de Paulo estar viajando sozinho.

Quando ele se reuniu aos outros e subiu a bordo, podiam ver, pelo seu rosto, que ele se encontrava totalmente em paz.

O registro que Lucas fez da viagem marca onde eles pararam todas as noites quando o vento diminuía: Mitilene, capital de Lesbos; no dia seguinte na ilha de Quios, um bom pedaço; então outro bom pedaço até ao lado ocidental de Samos, uma grande ilha a sudoeste de Éfeso e cidade natal de Pitágoras, filósofo e matemático de 500 anos antes. Dali, pela manhã bem cedo de quinta-feira, 28 de abril, passaram pelos grandes leões de mármore que demarcavam o porto de Mileto, no estuário de Mean-der.

Descobrimo que o capitão pretendia passar dois ou três dias em Mileto, Paulo aproveitou a oportunidade para ver os anciãos de Éfeso. Um crente de Mileto partiu a toda pressa para Éfeso, que ficava a 80 quilômetros. Atravessar a baía para Priene, emprestar cavalo de um cristão, cavalgar sobre as colinas, despertar os presbíteros de Efeso no meio da noite, e levá-los a Mileto em cerca de 40 horas foi bom trabalho, mas os efésios estavam tão dispostos quanto o mensageiro a deixar tudo o que estivessem fazendo por amor a Paulo.

Reuniram-se na casa de um crente e Lucas anotou o discurso de Paulo e seu efeito.

"Vós bem sabeis", começou Paulo, "como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus. E agora, constrangido em meu espírito vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações. Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus."

"Agora eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o

meu rosto. Portanto eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus. Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos". Paulo admoestou-os, com palavras que certamente procedem das advertências de Jesus acerca do lobo que ataca o rebanho quando o mercenário foge por não ter cuidado das ovelhas, que, depois da sua partida "entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho". Até mesmo alguns dos homens que se encontravam na sua presença falariam "coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.

"Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados. De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber."

As lágrimas já apareciam no rosto de alguns. Paulo se ajoelhou e eles se ajoelharam com ele. Ele orou, com palavras por demais íntimas para o relato de Lucas, e quando Paulo parou, os homens de Efeso soluçavam. Abraçaram-no e beijaram-no entristecidos, percebeu Lucas, "especialmente pela palavra que ele dissera, que não mais veriam o seu rosto."

E acompanharam-no até o navio.

Capítulo 30

Motim em Jerusalém

Cerca de uma semana mais tarde, cena semelhante ocorreu numa praia do outro lado do Mediterrâneo, em Tiro, na costa síria.

Haviam partido em direção de Rodes e, em Pátara acharam um navio mercantil que, usando o vento oeste, passou ao sul de Chipre e chegou a Tiro. Aqui o capitão precisou de uma semana para descarregar. Paulo e seus companheiros procuraram os discípulos cristãos. Uma vez mais ele foi advertido a não ir a Jerusalém, e reconheceu que os líderes da igreja local falavam "movidos pelo Espírito". Ele não fez nenhum comentário. Surgiu caloroso afeto entre o pequeno grupo de cristãos de Tiro e os nove ou dez viajantes e, no dia da partida, foram todos à praia se despedir deles. Naquela época Tiro era uma ilha ligada ao continente por um ancoradouro protegido por quebra-mar, ao lado do qual formaram-se praias. Antes de os viajantes entrarem nos barcos a remo que os levariam ao navio, todos se ajoelharam na areia sob o límpido céu do Mediterrâneo, e oraram.

O mercador navegou 32 quilômetros e aportou em Ptole-maida, onde passou um dia. Novamente visitaram os crentes locais. Na manhã seguinte, 14 de maio de 57, chegaram a Cesaréia, capital e principal porto da província da Judeia, local em que, entre os edifícios públicos de mármore iluminados pelo sol, o palácio do procurador pode ter chamado a atenção de Paulo, ao desembarcar. A princípio as advertências cessaram. O grupo hospedou-se em casa de Filipe, notável evangelista e diácono companheiro de Estêvão, cuja influência alcançara a África. Filipe tinha quatro filhas solteiras. A família mais tarde transferiu-se para Hierápolis, perto de Colossos, onde as filhas foram minas de informação acerca dos primeiros dias do Cristianismo. Tinham também o dom de profecia. Mas nada disseram acerca do futuro de Paulo.

Alguns dias depois chegou do planalto da Judeia o famoso profeta Ágabo. A profecia de Ágabo acerca da fome na época em que visitou Antioquia foi a causa imediata da volta de Paulo a Jerusalém depois dos anos ocultos. Ele tomou o cinto de Paulo. Os viajantes olhavam com a premonição de que uma advertência profética, mediante símbolo e palavra, era iminente. Ágabo agachou-se. Atou com o cinto os pés e as mãos. "Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios."

Ágabo não tirou nenhuma conclusão ou moral; apenas afirmou o futuro de Paulo. Lucas e os outros não podiam suportar mais. "Tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém." Choraram e imploraram. Por que Paulo não ficava tranquilamente em Cesaréia enquanto o restante deles levava o dinheiro a Jerusalém e retornava, e podiam partir para Roma? Eles pensavam que ele estava errado em ignorar as advertências. Muitos comentaristas, séculos mais tarde, concordam com essa ideia, contrastando a teimosia de Paulo nesta situação com sua aceitação pronta quando o Espírito o proibiu de pregar na Ásia ou entrar na Bitínia. O alto lamento deles teve um efeito. Paulo sentiu-se espremido e esbofeteado. Ele sabia que a insistência deles procedia de profunda afeição, do desejo de protegê-lo. Contudo, ele estivera certo desde a estrada de Assôs de que o amor mais elevado do Senhor Jesus o chamava a Jerusalém. Talvez a morte aí exercesse a mesma influência decisiva para Cristo como a de Estêvão, talvez fosse o ponto de partida na reconciliação de judeu e gentio, a reconciliação mundial dos judeus com Cristo. Se, por causa do grande amor que tinha por seu povo, Paulo estava pronto a ser cortado de Cristo, ele certamente estava preparado para morrer.

"Que fazeis", clamou Paulo, "chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou

pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus."

Lucas escreve: "Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos: Faça-se a vontade do Senhor."

Os cristãos de Cesaréia não só arrumaram cavalgadas para o grupo de Paulo, e mulas que levassem os sacos de dinheiro da coleta, eles também mandaram gente na frente a fim de conseguir alojamento numa Jerusalém lotada de peregrinos por ocasião do Pentecoste. Havia arranjado hospedagem com um dos velhos discípulos de Jesus, um cipriota de nome Mnasom, cuja criação o tornava simpático para com os cristãos gentios, a quem muitos cristãos de Jerusalém desprezariam. Durante a subida de 96 quilômetros para os montes, as curvas da estrada mostravam grupos de peregrinos na frente e atrás, pois o Pentecoste atraía judeus de todas as províncias. Os peregrinos também se convergiam em outras estradas: da Pérsia, da Arábia e dos países do Sul, do Norte da África e da região superior do Nilo, todos zelosos em demonstrar devoção ao Templo e à lei dos seus pais, e regozijar-se na festa dos primeiros frutos.

Depois da feliz recepção na casa de Mnasom, os cristãos da Europa e da Ásia Menor ansiavam desfrutar as vistas. Enquanto Paulo mostrava as belezas de Jerusalém e a parede externa do templo, alguns de seus mais amargos inimigos, judeus da Ásia, viram-no nas ruas superlotadas. Reconheceram também a Tró-fimo de Éfeso. Se Paulo introduzisse qualquer de seus amigos, a não ser Timóteo que havia sido circuncidado, no Átrio dos gentios, ele seria muito tolo se o deixasse transpor a barreira baixa, a parede de separação, além das advertências, pois se um gentio avançasse mais e profanasse os átrios santos, a culpa da morte desse gentio recairia somente sobre Paulo.

No dia seguinte Paulo e os representantes das igrejas gentias foram formalmente recebidos por Tiago, irmão do Senhor, e pelos anciãos de Jerusalém. Entregaram-lhes a coleta. Pedro e os outros apóstolos estavam fora pregando o evangelho. Tomé, segundo a tradição, já havia atingido o Norte da Índia. O ascético Tiago continuou a manter uma política de precaução, de modo que os sacerdotes e dirigentes da nação tolerassem os judeus que, em grande número, reconheciam a Jesus como o Messias, enquanto observavam as tradições de seus ancestrais. Os anciãos, em sua maioria, se convenceram de que Paulo havia feito o melhor para destruir essa política por onde quer que andasse. Paulo sabia o que pensavam dele e, por meses, afligiu-se ante a possibilidade de não aceitarem a dádiva no espírito com que a Europa e a Ásia a ofereciam.

Lucas notou o grave beijo da paz entre Paulo e cada presbítero. A seguir, os delegados apresentaram seus sacos de dinheiro. Então Paulo narrou, detalhe a detalhe, "o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério". Foi um discurso missionário com uma implicação clara, que os presbíteros da congregação de Jerusalém deviam estimular o seu povo a sair e seguir a iniciativa ganha por Paulo entre os gentios, até que houvesse um rebanho sob um Pastor.

A reação foi desapontadora. Os presbíteros produziram os ruídos certos de louvor a Deus e se voltaram prontamente para um assunto muito mais urgente.

"Irmão", disseram a Paulo, "bem vêes quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei; e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos nem andar segundo os costumes da lei." Os presbíteros não ousaram sugerir que acreditavam na calúnia, nem se importavam com os gentios, pois a carta enviada pelo conselho de Jerusalém havia decidido a questão. Mas achavam que uma ação da parte de Paulo, e não um pronunciamento da parte deles, devia remover o conceito erróneo. "Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua chegada. Faze, portanto, o que te vamos dizer". Paulo devia seguir um costume corrente segundo o qual os ricos mostravam seu amor pela lei pagando as despesas e partilhando da vigília dos pobres. Tinham no seu meio quatro nazireus que haviam sofrido a profanação ritual, mas eram pobres demais para comprar as aves e os animais

sacrificiais a fim de purificarem-se e completarem o voto. "E saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei."

O desconcerto de Paulo não podia ser maior. Como eles sabiam que ele não tinha dinheiro próprio, a intenção deles era que ele usasse parte da coleta; contudo, não era a intenção dos crentes da Europa e da Ásia que seu presente fosse usado para pagar votos cerimoniais. Além do mais, eles o convidavam a fingir. Os presbíteros pretendiam explorar abertamente a sua ação, afirmando que ele guardava a lei. Porém ele não a guardava. Ele honrou a sugestão deles; ele estava pronto a ser igual ao judeu para os judeus e colocar-se debaixo da lei a fim de ganhá-los, embora ele próprio não lhe fosse sujeito, e ele mesmo havia feito voto de nazireu. Mas ele não vivia como judeu ortodoxo praticante. Portanto, ele estaria praticando uma mentira.

E tal era o seu amor pelos judeus que concordou com o plano dos presbíteros, na esperança de ajudar mais judeus a crerem em Cristo. Que o amor seja não fingido, ele havia recentemente instado com os romanos. Jamais pratique o mal para que dele advenha o bem, ensinara ele; todavia, ele estava rejeitando o seu próprio conselho. De nenhum outro modo seu amor pelos judeus se tornou mais evidente do que neste erro de julgamento em Jerusalém, no Pentecoste de 57 d.C.

Paulo saiu imediatamente da casa de Mnasom e se uniu ao restante da vigília dos quatro homens, os quais nunca tinha visto antes, por dois ou três dias, num dos átrios interiores do templo. Ele desembolsou o dinheiro, juntou-se aos rituais, fez os jejuns. O tempo todo ele sabia que estava vivendo bem na boca do leão. As multidões de peregrinos que se moviam lentamente pelo templo nos últimos dias, depois da festa, estavam no seu ponto de excitação mais elevado; não muito tempo atrás tinham-se levantado em fúria quando um aborrecido soldado romano, olhando da cidadela de Antônia, fez gestos obscenos. Judeus da Ásia e da Europa que desprezavam o próprio rosto de Paulo, podiam vê-lo e ressentir-se de sua presença no interior sagrado do templo.

A purificação se aproximava. Na manhã seguinte os quatro homens rapariam a cabeça e queimariam o cabelo no fogo sacrificial. Paulo voltaria à casa de Mnasom e em breve embarcaria para Roma.

O tráfego contínuo de peregrinos ao seu redor, num templo e numa cidade vibrantes de orgulho nacional e religioso, mais a lembrança das advertências proféticas, mantinham-no em alerta para o perigo, que chegou repentinamente. Os judeus da Ásia, os quais tinham reconhecido o ex-pagão efésio nas ruas de Jerusalém, a certa distância viram Paulo com quatro homens nos átrios interiores do templo, e imediatamente concluíram que eram gregos, como Trófimo.

"Israelitas, socorro!", gritaram. "Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado."

Os que estavam por perto correram para linchar um renegado e profanador. O tumulto trouxe outros, até que uma massa de gente cercou a Paulo. Então o arrastaram do recinto sagrado, onde não se podia derramar sangue. Paulo ouviu as portas do templo se fecharem, e o rugir da multidão que crescia. Agora, como em nenhuma outra ocasião, era a hora de provar suas próprias palavras: "Alegrai-vos sempre no Senhor. A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus."

Ele permaneceu de pé, mas era uma luta perdida. Não tardaria muito e ele estaria no chão, talvez com uma orelha partida, com os olhos machucados, com os membros torcidos e despedaçados. Morreria sem poder dizer uma palavra?

Acima do tumulto ele ouviu o barulho metálico de soldados a toda pressa no telhado do pórtico. Os guardas romanos, colocados ali para esse mesmo propósito, haviam comunicado o motim ao comandante da guarnição, Cláudio Lísias, que viu da sua torre toda Jerusalém convergindo-se para o templo naquele cego instinto oriental que reage ao perigo ou ultraje

sem saber a causa. Uma grave perturbação civil se avolumava. Ele mesmo tomou o controle da operação. Com a precisão de longo treinamento, duzentos homens partiram da fortaleza Antônia, situada no canto noroeste do templo, descendo os degraus de acesso ao telhado do templo e indo direto ao centro do problema.

A multidão cessou de espancar a Paulo e abriu caminho para os soldados. No motim anterior em que resistiram à guarnição, milhares haviam sido pisoteados até à morte na luta e no pânico. Cláudio Lísias chegou, prendeu a Paulo e ordenou que lhe atassem os punhos com cadeias. Então perguntou quem era e o que havia feito.

Uns gritavam de um modo, outros de outro, até que a gritaria tornou impossível o interrogatório. Lísias ordenou que seus homens recolhessem Paulo à fortaleza. A decisão do comandante enfureceu a multidão. Quando os soldados começaram a conduzir o apóstolo, ao lado do comandante, através do pátio em direção das escadas principais da fortaleza, a multidão, vendo que a presa lhes escapava das mãos, gritou mais alto. "Mata-o!" E causaram tanta pressão e violência que Paulo teve de ser carregado. Lísias havia decidido que o homem era um egípcio analfabeto que recentemente tinha liderado uma sublevação de consequências trágicas, induzindo milhares a portar adagas ocultas e a esfaquear oponentes políticos de toda a região, e que depois se acamparam no monte das Oliveiras na expectativa do colapso miraculoso dos muros da cidade e da derrota dos romanos. Mas os militares massacraram a ralé armada e crucificaram ou enviaram às galeras centenas de sobreviventes; o egípcio, contudo, escapara. Agora que voltara, era alvo de toda a fúria dos judeus, cujos filhos foram por ele enganados.

No topo da escada, a poucos metros da multidão uivante, Paulo, com a paz e a calma resultantes da sua prisão, perguntou na língua grega ao comandante:

"É-me permitido dizer-te alguma coisa?"

Lísias surpreendeu-se ao ouvir este ofegante, sangrento e pequeno espécime humano falar grego, e perguntou se ele não era o egípcio. Paulo, percebendo pelo sotaque que o comandante era grego, como o nome indicava, respondeu:

"Eu sou judeu, natural de Tarso, 'cidade não insignificante da Cilícia'."

Lísias surpreendeu-se ainda mais. O criminoso ferido devia ser um erudito e um cavalheiro. Por pouco acabava de escapar da morte e contudo tinha a inteligência de citar Eurípedes. Quando Paulo acrescentou: "Rogo-te que me permitas falar ao povo", Lísias deu-lhe a permissão.

Paulo virou-se para a multidão, levantou uma mão machucada e acorrentada. Lísias ficou ainda mais espantado. Mediante extraordinária autoridade o gesto de Paulo aquietou a multidão. Os gritos transformaram-se em murmúrios.

Paulo começou a falar em aramaico. É provável que Lísias soubesse o suficiente dessa língua para entender o que ele dizia. O comandante, embora tendo apenas a palavra de Paulo de que não era um rebelde procurando incitar os judeus, não interferiu. Ele talvez se maravilhasse diante de um discurso suficientemente poderoso para fascinar essa multidão faminta de sangue, feito por um homem que talvez tivesse a cabeça latejando e cada junta doendo. Mas Lísias não deve ter notado o grande tato com que Paulo escolhia suas palavras, sensível à audiência que estava decidido a conciliar e então ganhar. Com o sangue a escorrer-lhe dos lábios partidos, Paulo fazia um dos seus mais apelativos discursos, ainda que este tenha falhado.

"Irmãos e pais", clamou Paulo. "Ouvi agora a minha defesa perante vós." A fórmula provada pelo tempo e mui respeitada, juntamente com a percepção de que ele falava em aramaico, fez que guardassem ainda maior silêncio.

"Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje. Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo

sacerdote e todos os anciãos. Destes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco.. "

Paulo contou a história da sua conversão. E eles ouviram. Agora, finalmente, ele pregava para uma vasta multidão de judeus. Era a sua oportunidade, e ele a aproveitava. Ele se esqueceu da dor à medida que descrevia sua experiência súbita na estrada de Damasco, e ecoava as palavras que o haviam transformado: "Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues". Paulo falou da sua cegueira, de Ananias "piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam", do seu batismo, até chegar ao ponto que deve ter sido a parte mais difícil para eles. Ele tinha mais a dizer, mas primeiro devia explicar por que foi para os gentios. Falou de seu transe em Jerusalém, recontando seu argumento com o Senhor quando foi proibido de pregar em Jerusalém. "Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam."

"Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe aos gentios. . ."

A palavra inflamou como palha seca no fogo. O silêncio explodiu. O discurso foi afogado em gritos de "Mata-o!" "Tira tal homem da terra!" "Não convém que ele viva!"

A multidão arrojou-se rumo às escadas. Uns sacudiam as capas e lançavam poeira para o alto. Com o povo todo num frenesi de emoções, Lísias mandou que recolhessem Paulo à Fortaleza.

Intrigado, sem saber o que relatar a seus superiores, o res-ito que tinha por Paulo destruído pela violência da multidão, ísias deu ordens a um centurião e rapidamente se recolheu aos seus aposentos.

Capítulo 31

A Câmara de Torturas

Após a forte luz do sol, a fortaleza parecia escura. O ruído morreu enquanto levavam Paulo ao andar de baixo, descendo escadarias mais estreitas, entrando em porões abobadados, iluminados por tochas bruxuleantes, passando por uma arcada baixa rumo à câmara de torturas.

Tiraram-lhe as cadeias, as roupas, e amarraram seus tornozelos ao vergalhão e seus pulsos às longas correias que passaram por uma trave acima e um pouco à frente dele, e apertaram as correias até que seus braços ficassem bem esticados acima da sua cabeça, e seu corpo todo, inclinado para frente, pendesse rijo. A posição em si já era dolorosa e cada golpe caíria sobre nervos e músculos esticados. Paulo não foi curvado no poste de açoite, como se por castigo, pois o objetivo era conseguir informações; alguém estaria perto da boca do apóstolo, esperando ouvi-lo confessar, entre gritos, os seus crimes.

A esta altura Paulo sabia o que pretendiam fazer. Ele ia receber o temível *flagellum*, um chicote assassino feito de pesadas correias de couro cru entremeado de pedaços de zinco, ferro e osso. Quer para forçar a confissão dos escravos ou dos sem posição social, quer como prelúdio à crucificação que Jesus suportou, o peso e o laceramento do flagelo podiam matar. Quem sobrevivesse teria nervos rasgados e rins estragados; podia até ficar demente.

Se Paulo passasse por essa experiência ele nunca mais pregaria. Quando o centurião comandante se aproximou para verificar se tudo estava em ordem, Paulo perguntou: "Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?"

O centurião saiu imediatamente à procura de Lísias. Paulo permaneceu esticado, mas o forte escravo que segurava o *flagellum* colocou-o no chão, o escrevente encarregado de anotar os gritos agonizantes de confissão afastou-se; e o alarme do comandante da guarnição pode ser aferido pela rapidez com que desceu à câmara de torturas.

Olhando o pequeno judeu nu à sua frente, Lísias duvidou um instante, ao ver as cicatrizes deixadas por chicotes, varas e pedras.

— Dize-me, és tu romano?

— Sou.

Vieram à memória de Lísias pesados subornos pagos a intermediários. — A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão.

— Pois eu o tenho por direito de nascimento — disse Paulo. Lísias sentiu-se receoso. Paulo podia ter parentes influentes os quais lhe causariam complicações e ruína por ter mandado amarrar o homem a fim de examiná-lo com açoites. Desceram--no imediatamente. O escravo e o escrevente desapareceram de imediato, pois todos os que participaram podiam sofrer se Paulo levasse o caso ao tribunal. Ajudaram-no a vestir-se e levaram--no a uma cela livre da sevandija que infestava os calabouços gerais, e deixaram-no solto, a não ser com a leve corrente costumeira.

Lísias ainda não tinha nada que explicasse o motim. Portanto, no dia seguinte ele exerceu seu direito de, como Governador Militar de Jerusalém, ordenar uma sessão de emergência do Sinédrio a fim de certificar-se das acusações contra Paulo. O comandante já o tinha liberto das cadeias e agora o conduziu pessoalmente à corte, como que para frisar que a cidadania romana era mais honrosa que a judaica. A seguir, retirou-se da Sala das Pedras Polidas. Paulo estava no mesmo lugar que Estêvão ocupou, e entre os setenta e um juízes encontravam-se alguns da época do julgamento deste mártir. O Presidente era Ananias ben Nedebeus, sumo sacerdote desde 47 d.C, um dos homens mais gananciosos que já desonraram esse posto. Paulo não o conhecia de vista, e os danos causados pela multida dificultavam-lhe a

visão. Não haviam, porém, reduzido a força de personalidade que ele podia exercer através dos olhos. fc prendeu o Conselho com o intenso olhar que havia subjuga o cipriota Elimas tempos atrás, e aproveitou a oportunidade para abrir o processo.

"Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje."

O Presidente latiu uma ordem. Um dos introdutores deu um soco na boca de Paulo.

O velho Paulo enfureceu-se com essa atitude totalmente ilegal. Esquecendo-se do seu próprio ensino, "Quando somos amaldiçoados, bendizemos; quando somos perseguidos, perseveramos; quando somos insultados não respondemos com palavras duras", ele gritou para a figura indistinta do Presidente:

— Deus há de ferir-te, parede branqueada; tu estás aí sentado parajulgar-me segundo a lei, e contra a lei mandas agredir-me?"

Os introdutores ficaram horrorizados.

— Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus? Paulo envergonhou-se.

— Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo.

Tendo perdido a oportunidade de um argumento disciplinado, Paulo deu um golpe brilhante, mas imprudente. Ele sabia que o Sinédrio estava dividido entre os fariseus, que acreditavam na ressurreição do último dia e na existência de anjos e em seres espirituais, e os saduceus, que mantinham pontos de vistas racionalistas e materialistas. Paulo tinha certeza de que muitos dos fariseus creriam em Jesus se tão-somente o vissem como ele, um fariseu, o tinha visto na estrada de Damasco. Fé no Jesus ressuscitado era a única conclusão honesta para o verdadeiro fariseu. Ele devia levá-los a ver essa verdade.

Exclamou ao Sinédrio: — Varões, irmãos: Eu sou fariseu, filho de fariseus; no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado.

Ditas estas palavras, o Sinédrio entrou em erupção, como ocorrera com o grito de Estêvão, mas, em vez de correrem para o Prisioneiro, os juízes começaram a discutir furiosamente entre si. "Não achamos neste homem mal algum", gritaram os fariseus. "Será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?" Os saduceus, entre os quais encontrava-se o sumo sacerdote, gritaram de volta negações iradas até que os juízes partiram para os golpes, alguns até mesmo pulando para o centro da corte com a intenção de agarrar ou de proteger a pessoa de Paulo. Lísias ouviu a comoção e, temendo que despedaçassem a Paulo, ordenou que uma esquadra entrasse na Sala, retirasse-o à força e o levasse depressa à fortaleza.

Lísias não havia feito progresso algum. Ainda não tinha nada a relatar. Paulo também sentia-se frustrado. Suas tentativas de testemunhar do Senhor aos seus patrícios havia falhado e agora talvez jamais visse Roma. À medida que o dia passava e a nesga do céu de junho, vista através das grades da prisão, ia de anil para vermelho e a seguir para uma noite estrelada, ele caiu em um de seus estados de melancolia. Seus amigos não tiveram permissão para entrar no castelo. Sua única companhia era a oração.

De súbito, como em Corinto em outra época de incerteza, como em outras crises, ele viu o Senhor Jesus. O Espírito, cuja presença constante Paulo mencionara com frequência nas cartas, revelou-se a ele por uns instantes a olhos e ouvidos, de pé ao seu lado: "Coragem! pois do modo que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma."

Paulo não duvidou de haver visto a Jesus, nem de que suas palavras se cumpririam. A paz de Deus inundou-lhe o coração e mente. Ele recebeu a certeza daquilo que ensinara: que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito.

Na manhã seguinte o caminho se abriu através de uma intervenção inesperada.

Os guardas trouxeram um visitante: o filho da irmã do apóstolo a quem ele provavelmente não tinha visto desde criança. Esse jovem, que teria sido ensinado a considerar

o tio vira-casaca como morto para a família, evidentemente possuía posição de influência suficiente para entrar na fortaleza. É provável que ele estivesse presente, sem o conhecimento de Paulo, na Sala das Pedras Polidas, e possivelmente na multidão que tinha escutado o discurso inacabado de Paulo nas escadarias. A admiração, combinada com o amor de família, havia vencido o antigo preconceito. Ainda mais, a chegada do sobrinho parece ter sido o primeiro passo para uma reconciliação que incluiu a liberação do patrimônio que a família havia afastado de Paulo, pois deste ponto em diante ele tem dinheiro; deveras, é suficientemente rico para servir de fonte de subornos.

A intervenção do sobrinho forçou a situação. Ele avisou a Paulo da trama do assassinato. Quer estivesse ele presente na ocasião em que mais de quarenta jovens zelotes a conceberam, quer na reunião em que o Sinédrio a aprovou em segredo, o sobrinho arriscou o futuro, até mesmo a vida, ao relatá-la. Ele disse a Paulo que no dia seguinte apresentariam um pedido formal para que Lísias o levasse ao Sinédrio como se houvessem de inquirir mais acuradamente a seu respeito. Ele seria emboscado a caminho. Alguns dos zelotes certamente morreriam na escaramuça com a escolta, mas todos haviam feito um voto religioso solene de não comer nem beber enquanto não matassem a Paulo: matando-o, estariam prestando um serviço a Deus.

Paulo não hesitou. Chamou um centurião e pediu-lhe que levasse o sobrinho a Lísias. Os centuriões já tinham certo apego a Paulo, por ser ele cidadão romano. Lísias também demonstrou bondade imediata, tomando o jovem pela mão e levando-o aonde pudessem conversar sem serem ouvidos. Agradeceu a informação trazida, recomendou-lhe segredo absoluto, e agiu de imediato.

Às nove horas daquela noite uma força de duzentos soldados, duzentos lanceiros e setenta de cavalaria passaram marchando pelos muros novos. No centro da cavalaria, embrulhado mais como disfarce do que para se proteger do fresco ar de junho, Paulo ia a cavalo. Na manhã seguinte chegaram a Antipátride, no sopé das montanhas. Os conspiradores foram passados para trás. A estrada prosseguia através de uma planície cultivada, habitada principalmente por gentios, e a infantaria podia, pois, voltar a Jerusalém, deixando que os setenta de cavalaria escoltassem Paulo até o *praetorium* em Cesaréia, onde ele seria imediatamente levado à presença do Procurador da Judeia, António Félix, sucessor de Pôncio Pilatos.

O oficial comandante da escolta entregou a Félix uma carta de Lísias. Lucas mais tarde inteirou-se da sua mensagem mediante um dos escreventes, ou leu-a numa publicação do governo e a incorporou nos Atos, sem comentário. Seu senso de ironia deve ter extraído considerável entretenimento do que ela reivindicava, e do que, com grande tato, omitia.

"Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saúde. Este homem foi preso pelos judeus, e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevindo com a guarda, o livreí, por saber que ele era romano. Querendo "ertificar-me do motivo por que o acusavam, fi-lo descer ao Sinédrio deles; verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte, ou mesmo prisão. Sendo eu informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti, sem demora, intimando também os acusadores a irem dizer na tua presença o que há contra ele."

Félix perguntou de que província era o apóstolo, pois se fosse de um estado nativo ele devia ser enviado à jurisdição apropriada. Quando soube que Paulo era da Cilícia, devolveu-o à prisão, no *praetorium* construído por Herodes, o Grande.

Apesar de sua avançada idade, o sumo sacerdote apressou--se a Cesaréia, levando um advogado chamado Tértulo. É provável que os amigos de Paulo também tenham ido, de modo que Lucas estava presente na audiência. Ele deve ter extraído ainda mais diversão irônica ao notar a bajulação floreada do discurso de abertura da promotoria, pois Tértulo sabia muito bem que desde a nomeação de Félix, em 52 d.C, a Judeia tinha sofrido generalizado derramamento de sangue por causa das insurreições por ele provocadas, e do aumento de

assassinatos políticos depois que ele arranhou para que o ex-sumo sacerdote Jonatã fosse morto no próprio Templo. Era notória a ganância de Félix. Ele nasceu na condição de escravo, tinha subido ao poder nos ombros de seu irmão Palas, um dos favoritos de Cláudio, e Tácito bem resume o seu caráter, dizendo: "Ele exercia o poder de um rei com a mente de um escravo."

"Excelentíssimo Félix", começou ele, "tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene; e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício des e povo, sempre e por toda parte isto reconhecemos com toda gratidão. Entretanto, para não te deter por longo tempo, rog -te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco. . ." Em primeiro lugar, tinham verificado que Paulo era uma "peste", promovendo sedições entre os judeus por todo o mundo civilizado. Em segundo lugar, ele era o principal agitador da seita dos nazarenos, sendo a inferência que os romanos não reconheciam legalmente essa seita. Em terceiro lugar, tentando profanar o Templo, ele quebrou a lei judaica que Roma prometera fazer cumprir. "Nós o prendemos" — finalizou Tértulo um tanto sem jeito, dizendo que se Félix examinasse o prisioneiro ele logo veria a força das acusações.

O partido do sumo sacerdote apoiou vigorosamente o advogado de acusação, mas os judeus da Ásia que haviam dado início a toda a situação estavam conspicuamente ausentes. Félix fez sinal para que o acusado falasse.

Paulo mostrou-se inteiramente à vontade, capaz de oferecer cortesias apropriadas sem bajulação e argumentar com uma técnica legal que não murchara nos longos anos desde a época em que exercera a profissão.

"Sabendo que há muitos anos és juiz desta nação", disse Paulo, "sinto-me à vontade para me defender, visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar; e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tão pouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou fosse na cidade." Paulo havia, mui habilmente, mudado a localidade da acusação do "mundo civilizado" para Jerusalém apenas. Ainda aí não podiam provar suas acusações.

"Porém, confesso-te isto que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei, e nos escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens."

Paulo descreveu os acontecimentos que culminaram com o tumulto no Templo. Ele havia levado esmolas à sua nação. "E foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo, sem ajuntamento e sem tumulto" — Paulo fez uma pausa no meio de uma sentença, e deve ter olhado ao redor significativamente. "Os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim.

Ou estes mesmos" — indicando o sumo sacerdote e seus seguidores — "digam que iniquidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio, salvo estas palavras que clamei, estando entre eles: Hoje sou eu julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos."

Paulo deu seu caso por encerrado.

Félix já havia feito alguma investigação acerca do Caminho e provavelmente conhecia a decisão de Gálio. Ele podia reconhecer que os judeus não tinham um caso sob a lei romana e que ele devia parar. Contudo, ele aproveitou a situação para manter o sumo sacerdote em suspense e menos disposto a criar problemas; Félix era prevaricador por natureza. Ele encerrou a audiência com a desculpa de que reservaria a decisão para quando Lísias chegasse.

Ele ordenou que Paulo fosse mantido em prisão aberta, e deu instruções particulares para que seus amigos tivessem permissão de visitá-lo quantas vezes quisessem e lhe trouxessem tudo o de que ele necessitasse.

Capítulo 32

Rei, Rainha e Governador

O úmido inverno mediterrâneo cedeu lugar ao verão quente de 58, mais suportável a Paulo por causa da brisa marinha e da permissão de caminhar pela praia ou onde quisesse, acorrentado a um soldado. Aristarco de Tessalônica aceitou a condição de prisioneiro a fim de servir a Paulo. Timóteo havia partido numa viagem missionária à Europa ou Ásia Menor; agora, com cerca de 30 anos de idade, ele ainda retinha algo de sua timidez juvenil, mas possuía a determinação de Paulo. Os outros delegados também tinham retornado à Ásia e Europa, exceto Lucas, que aproveitou a oportunidade para fazer uma pesquisa completa da evidência oral e escrita tanto da vida, morte e ressurreição de Jesus, como dos acontecimentos subsequentes.

Deve ter sido fonte de ânimo para o apóstolo cada vez que Lucas voltava a Cesaréia depois de conversar com Maria, mãe do Senhor, ou com Maria Madalena, se ainda vivesse, ou com Zaqueu e com o ex-cego de Jericó. Talvez, enquanto se reunissem acompanhados pelo soldado de Paulo, o evangelista Filipe falasse dos primeiros dias depois da vinda do Espírito Santo, e descrevesse a Estêvão, fato que Paulo podia confirmar de um ângulo diferente. Dizem alguns que a Epístola aos Hebreus foi escrita nessa época. A carta não leva assinatura e sua autoria jamais será determinada. Cerca de 150 anos após os dias de Paulo, Clemente de Alexandria afirmou que Paulo a escreveu em hebraico e Lucas a traduziu para o grego, e foi essa tradução que sobreviveu. Os estudiosos modernos, porém, duvidam que essa versão possa ser uma tradução. Orígenes, sucessor de Clemente, achava que Paulo tenha apenas supervisionado a escrita da carta. Tertuliano decidiu que o autor foi Barnabé. Outros estudiosos afirmam ser ela obra de Apolo, perspectiva apoiada por Lutero e, presentemente, cada vez mais na aceitação dos eruditos.

O que quer que Paulo tenha feito nesses anos de quietude, ele teve pelo menos uma oportunidade, embora limitada, de alcançar a sua própria raça. Ele também teve dois convertidos potenciais de eminência bem ao seu lado. O Procurador Félix seduzira um membro da família real judaica, a bem jovem princesa herodiana Drusila, que se divorciou do rei de Comagene para ser a terceira esposa de Félix. Quer por causa de uma consciência culpada, de adúltera e judia que quebrara a lei ao casar-se com um gentio, quer por possuir o ingrediente da curiosidade herodiana, Drusila persuadiu a Félix mandar buscar a Paulo para uma audiência particular.

Paulo não se ressentia da autoridade de Félix. Ele não era um anarquista. Ele havia instado com os cristãos de Roma, que viviam desconfortavelmente perto de Nero, a ver a autoridade de César como procedente de Deus, e ao próprio imperador como servo de Deus. A receita de Paulo para a mudança de governos não era fomentar revoluções políticas, mas transformar o coração dos dirigentes, e quando Félix ofereceu a oportunidade, ele a aceitou com prazer. Ele falou abertamente da fé em Jesus Cristo sem temor desse governador de coração de escravo que, como seu antecessor Pilatos, achava possuir o poder de libertar e condenar, mas que, na visão de Paulo, como na do seu Mestre, não tinha poder nenhum a não ser o que lhe fora dado do alto. Félix com seus crimes políticos e sua lascívia descobriu que a pregação de Paulo atingia muito de perto a sua vida. Registra Lucas: "Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, cha-mar-te-ei."

Drusila perdeu o interesse pelo apóstolo, mas Félix mandou--o chamar muitas vezes e, se titubeasse pelo arrependimento, esperava também que Paulo lhe desse dinheiro, e o caso seria decidido a favor do apóstolo. Paulo, Lucas, Aristarco, o idoso Filipe e suas filhas devem

ter orado pela conversão do procônsul, mas Félix foi um dos fracassos de Paulo.

Na primavera de 59, depois de um motim em Cesaréia, Félix foi chamado a Roma em desgraça. A influência do seu irmão salvou-o da execução ou suicídio forçado, mas ele jamais recebeu outro emprego público. Antes de partir, ele podia muito bem ter libertado a Paulo, mas desejava assegurar o apoio dos líderes judeus. Pelo menos não queria dar-lhes motivos para acusá-lo de administrar o caso de maneira errada. Ruim até ao final, ele manteve Paulo encarcerado.

O novo procônsul da Judeia foi Pórcio Festo, homem de formação melhor e de princípios mais elevados, cujos esforços em governar a turbulenta província destruiu-lhe a saúde: ele morreu no ofício dois anos mais tarde.

Assim que se instalou, no começo de julho de 59, Pórcio Festo deixou Cesaréia para visitar Jerusalém. Inevitavelmente, entre muitas outras questões, o sumo sacerdote e o Sinédrio levantaram o problema de Paulo. Acharam que Festo gostaria de cair nas suas graças, e pediram que o julgamento fosse realizado em Jerusalém: os jovens zelotes que tinham jurado não comer nem beber enquanto não matassem a Paulo — e presumivelmente tinham andado por dois anos sob dispensa do voto — estariam esperando por ele na estrada a fim de apanhá-lo numa cilada. Festo estragou o plano, talvez sem nenhuma intenção. Apenas pensou em sua conveniência ao recusar-se a enviar Paulo a Jerusalém, e informou às autoridades judaicas que descessem a Cesaréia. Ele prometeu uma audiência para breve.

Depois de oito ou dez dias Festo voltou para Cesaréia, e na manhã seguinte assentou-se no tribunal, como chefe de justiça da Judeia. O primeiro caso foi o de Paulo. No momento em que Paulo entrou, os judeus de Jerusalém se convergiram sobre ele com a fúria reprimida de dois anos de frustração, contida apenas pela presença do Procurador. A princípio, conduziram o caso de modo a não causar boa impressão em Festo, como este próprio descreve a cena: "Levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes que eu suspeitava. Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e Particularmente a certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo." Mais tarde, levaram a acusação mais para « linhas das pomposidades de Tértulo na presença de Félix, mas não apresentaram testemunhas; embora Lucas não o diga com clareza, ele deixa subentendido que a cada acusação Festo pedia prova legal e nenhuma era apresentada.

Paulo simplesmente negou ter algo a que responder. "Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César."

Festo percebeu a força da defesa. Mas, intrigado pela briga religiosa, e não avesso a agradar seus novos súditos, prontificou-se a entregar Paulo ao Sinédrio. Dirigindo-se a Paulo, disse: "Queres tu subir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?"

Paulo sabia que ainda que chegasse a Jerusalém com vida, aí podiam desfazer-se dele com a maior facilidade. Os judeus, entretanto, haviam aberto uma via de escape: tivessem limitado suas acusações à questão local da profanação do templo, ele não poderia ter recusado a ser julgado em Jerusalém sem dar a entender que Festo não podia protegê-lo ou que ele trataria o acusado com menos justiça do que em Cesaréia. Mas agora os judeus tinham levantado a questão mais ampla de fomentar insatisfação por todo o mundo. Ambas as acusações, a religiosa e a política, levavam a pena de morte, mas embora a segunda fosse mais grave, Paulo decidiu ser julgado por ela — a questão política — a qual de modo direto tinha que ver com os romanos.

Mui deliberadamente Paulo respondeu a Festo: "Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus como tu muito bem sabes. Caso, pois, tenha eu praticado algum mal, ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém para lhes ser agradável pode entregar-me a eles. *Apelo para César.*"

Com esse apelo, apresentado dentro da lei, o costume exigia pequeno recesso no qual o procônsul consultava seus conselheiros a respeito da permissão. O cidadão romano tinha o

direito inalienável de apelar para o imperador, privilégio esse não concedido a outros provincianos, mas o governador devia determinar se o caso tinha peso suficiente para ser enviado àquele augusto tribunal.

O apelo de Paulo, embora inesperado, não foi uma decisão de momento. Nos dois últimos anos, à medida que o processo se arrastava, Paulo decidiu qual seria seu próximo passo. Ele devia ir a Roma. Este apelo fornecia o caminho. Além do mais, a decisão de Gálio de que o Cristianismo era uma seita reconhecida podia ser suplantada por outro governador. A única liberdade certa para o futuro seria uma decisão favorável do supremo tribunal em Roma, apoiada pelo próprio imperador. Era Nero o imperador. Porém, o jovem Nero de 59 d.C, apesar do modo dúbio pelo qual assumiu o trono, ainda permanecia sob a sábia influência de Séneca, irmão de Gálio, o maior filósofo da época. Nem Paulo nem qualquer outro provinciano poderia prever a degeneração horrível de Nero que o transformou no déspota cujo nome tem sido sinónimo de lascívia, crueldade e mau governo. Quanto ao alto custo do apelo para César, apesar de o processo ser tecnicamente grátis, Paulo não se perturbava. Deus supri-la a todas as suas necessidades quando estas eram simples, e continuaria a supri-las, fosse ou não mediante a recuperação do património da família.

Tudo dependia da disposição de Festo em conceder a Paulo o seu direito. Depois disso, as rodas da justiça se moveriam lentas, mas não poderiam ser interrompidas.

O tribunal reuniu-se de novo. Festo tomou o seu lugar, e a seguir proferiu a resposta legal e consagrada pelo tempo.

"Para César apelaste, para César irás."

Festo agora se encontrava num dilema. Embora houvesse decidido que o caso era digno de apelo, esse primeiro prisioneiro do seu mandato seria enviado a Roma sem acusações claras a apresentar a César, pois o próprio Festo não conseguia entendê-las. Por sorte, o rei judaico do estado nativo que os romanos estabeleceram ao Nordeste da Palestina, Herodes Agripa II, estava prestes a chegar em visita oficial. Os Herodes eram prosélitos, não totalmente judeus de sangue, mas Agripa podia aconselhar quanto à forma de indicição.

Ele tinha trinta e dois anos de idade, era filho de Herodes Agripa I, o rei da Judeia que tentou executar a Simão Pedro e morreu miseravelmente em Tiro logo depois da fuga do apóstolo. O filho era jovem demais para governar a Judeia, que ficou sob o direto governo romano. Porém, quatro anos mais tarde ele teve a permissão de suceder a um tio como rei do Pequeno reino de Caleis, a estreita planície situada entre as montanhas do Líbano e o monte Hermom. Esse pequeno reino foi gradualmente ampliado até adquirir tamanho respeitável, sob total dependência das graças romanas. Agripa era solteiro, mas de acordo com um boato, vivia em incesto com sua irmã Berenice, rainha viúva de seu tio a quem Agripa havia sucedido. Drusila, esposa do desonrado Félix, era irmã deles.

No final da visita, Festo expôs seu problema a Agripa. O rei expressou o desejo de ouvir Paulo. Combinaram uma hora para a audiência no dia seguinte. Paulo preparou muito bem o seu discurso, pois via-o menos como defesa e mais como a oportunidade de pregar a um auditório nobre e influente.

Para esta festa de estado foram convidados todos os grandes de Cesaréia, judeus e gentios, incluindo-se os generais e oficiais da guarnição militar. Muitos da casa do procônsul encontravam-se presentes no salão da audiência, cujos lados estavam abertos à brisa que preguiçosamente soprava em direção do Mediterrâneo. Lucas não teria tido dificuldade alguma em conseguir um lugar. O relato que ele dá do processo leva as marcas de testemunha ocular. Ele observou a "grande pompa" com que o rei Agripa e a rainha Berenice foram escoltados a seus tronos, com toques de trombeta, acenos de leques de pena de pavão, e continências rígidas dos generais. Sem dúvida, Lucas divertiu-se a observar Festo dar precedência a um rei que ele podia deitar abaixo com um estalar de dedos.

Paulo foi trazido. Pequeno, de pernas tortas, quase arcado, mas alerta e vigoroso. Conquanto a barba estivesse branca e ele menos magro após dois anos de conforto moderado,

a salvo de apedrejamentos, surras ou longas caminhadas de cidade a cidade, sua fragilidade e rosto cheio de cicatrizes contrastavam com o jovem e forte soldado que o conduzia, amavelmente, por uma cadeia.

Festo deu abertura ao processo, dizendo: "Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo. Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso eu o trouxe à vossa presença» e mormente à tua, ó rei Agripa, para que, feita a arguição, tenha eu alguma coisa que escrever; porque não me parece razoável remeter um preso, sem mencionar ao mesmo tempo as acusações que militam contra ele."

Festo retomou o seu lugar. Agripa disse a Paulo: "É permitido que uses da palavra em tua defesa."

Paulo estendeu a mão, não para pedir silêncio, mas em cortesia, quase que abençoando esse jovem rei cuja alma ele percebia dentro do corpo incestuoso e perfumado, e começou numa tonalidade calma.

"Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de, hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus; mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso eu te peço que me ouças com paciência.

"Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem. . ." Podiam dar testemunho, se quisessem, que ele havia vivido como fariseu, "a seita mais severa da nossa religião". E — voltando ao ponto que havia dividido o Sinédrio na audiência em Jerusalém — frisou que estava sendo julgado por esperar na antiga promessa feita por Deus a seus ancestrais. "Por que", perguntou Paulo dirigindo-se a Agripa, mas tendo em mente todos os presentes no auditório, "se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

"Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno". Paulo descreveu a violência da perseguição que desencadeou aos primeiros cristãos. Mediante testemunho pessoal, como o modo mais seguro de introduzir o evangelho aos grandes da terra, ele foi com firmeza ao coração do assunto. Ele falou da estrada de Damasco. Não mencionou Ananias, que, por ser um judeu obscuro, nada significaria para eles, e fundiu vários incidentes e mensagens divinas a fim de tornar claro que Jesus Cristo em pessoa o havia enviado a abrir os olhos de judeus e gentios, levando-os das trevas à luz, do poder de Satanás a Deus, "a fim de que" — Paulo citava as palavras de Jesus — "recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial". Continuando, ele afirmou que em Damasco, e para os judeus e gentios em todos os lugares, proclamou a mensagem — Paulo dirigiu suas palavras, claramente enunciadas, a Agripa e Berenice — "que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento."

Muitos, no distinto auditório, podem ter ficado cada vez mais embaraçados com esse ousado discurso que, se tomado seriamente, devia transtornar toda a vida particular do rei e da rainha, mas foi Festo quem interrompeu o apóstolo.

Paulo ia a todo vapor: ". . . Por causa disto alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me. Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequeno como a grande, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios."

"Estás louco, Paulo!" gritou Festo, esquecendo-se por completo de que estava na presença da realeza. Até aquele instante ele achava que estavam discutindo se Jesus estava morto, como diziam os judeus, ou se ainda vivia. De repente Festo compreendeu que Paulo na

realidade estava afirmando que Jesus tinha voltado à vida depois de ter morrido; que era sobre isto que Paulo apostava a vida. O absurdo da situação atingiu a Festo como um raio. "Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar."

"Não estou louco, ó excelentíssimo Festo", respondeu Paulo amavelmente, "pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto." E, voltando a atenção para o rei, perguntou: "Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas."

Então Agripa se dirigiu a Paulo, dizendo: "Por pouco me persuades a me fazer cristão."

Paulo respondeu: "Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias."

Agripa tinha ouvido o suficiente. À dramática resposta de Paulo, com sua tremenda convicção de que a felicidade do rei e do povo encontrava-se somente no amor de Jesus Cristo, Agripa levantou-se do seu trono, pondo fim à audiência. A rainha e os que a acompanhavam também se levantaram. A realeza e o governador se retiraram, e só depois de chegarem aos seus aposentos admitiram o quão impressionados haviam ficado, dizendo uns aos outros que Paulo nada fizera passível de morte ou de prisão e, se não tivesse apelado para o imperador, bem podia ser solto.

Agripa e Berenice continuaram a governar juntos até à Grande Rebelião, sete anos mais tarde, a qual a rainha procurou impedir. Partiram para Roma, onde Berenice veio a tornar-se a amante do imperador Tito, o general que havia capturado Jerusalém, assassinado seus habitantes e transformado o templo e a cidade em pó.

Capítulo 33

O Naufrágio

Festo entregou Paulo ao centurião chamado Júlio, da coorte imperial de Augusto, cujos oficiais e homens viajavam por todo o império prestando serviços de escolta e correio. Júlio reuniu um destacamento de cerca de doze soldados. Paulo era o único prisioneiro de influência, e recebeu permissão para levar dois assistentes, relacionados como seus escravos pessoais: Aristarco e Lucas, o médico. Os outros presos eram criminosos a caminho da morte, quer como comida de leões na arena, quer, se fortes o suficiente, como aprendizes de gladiadores. Estes iam acorrentados nos porões, mas Paulo e seus assistentes tinham liberdade de movimento, embora ele devesse sempre usar uma corrente leve, símbolo de sua condição.

No porto de Cesaréia Júlio encontrou um navio de Adramítio, a leste de Assôs na província da Ásia, que estava de partida com uma carga do Levante. Embarcaram, esperando encontrar outro navio para Roma em uma das localidades em que aportassem. Se o navio fosse por demais devagar ao ponto de passar da estação, ele podia, de Adramítio, atravessar para Neápolis, perto de Filipos, e conduzir o grupo por terra, e então atravessar o Adriático chegando a Brindisi. De qualquer modo, ele esperava tê-los em Roma no final de outubro.

Partiram de Cesaréia na última semana de agosto de 59, na frente de uma leve brisa ocidental, e aportaram por um dia em Sidom. Júlio permitiu que Paulo desembarcasse, desta forma mostrando uma bondade que era mais do que o respeito devido a um cidadão romano. Como outros militares, Júlio sucumbiu rapidamente ao charme e autoridade de Paulo. Os cristãos de Sidom ofereceram a Paulo, e possivelmente a Lucas e a Aristarco, calorosa hospitalidade e preencheram quaisquer necessidades que tivessem para a longa viagem.

O vento ocidental impediu-os de atravessar o mar aberto ao Sul de Chipre, a rota direta de uma viagem de volta de dois anos atrás, da qual Lucas se lembrava. Tiveram de manter-se entre Chipre e a costa da Cilícia. Uma vez mais Paulo avistou a cordilheira do Tauro, azulada na distância, além da planície, onde passara a infância. Quando as montanhas se aproximaram do mar, o navio apegou-se à costa, usando as brisas costeiras, a corrente ocidental, e aportando todas as noites. Lucas a tudo anotava. Ele não era marinheiro, mas descrevia suas observações com linguagem tão exata que quando, nos meados do século dezenove, um curioso escocês com um iate e grande conhecimento de navegação retracou a rota de Paulo, descobriu que os detalhes dos ventos, do mar e da costa dessa famosa viagem com seu final desastroso eram fiéis à realidade.

A viagem pela costa sul anatolina foi lenta e trabalhosa. Durante quinze dias Paulo e seus amigos não desceram à terra. O calmo e agradável clima mediterrâneo significava calor e miséria para os réus abaixo, e impaciência para os soldados confinados num navio pequeno, entre sacos de frutas secas que, provavelmente, compunham a maior parte da carga. Júlio teve oportunidade suficiente para conhecer seu principal prisioneiro; se houve conversão, Lucas é por demais discreto para mencioná-la, mas as ações subsequentes de Júlio sugerem essa possibilidade.

Atravessaram o golfo de Atália, onde, muito tempo atrás, Paulo e Barnabé estiveram na primeira viagem missionária. A frente estavam os montes da Lícia. A esta altura, nos meados de setembro, o tempo podia apresentar-se instável. Os topos das montanhas desapareciam nas nuvens, e o terreno baixo, que se estreitava até formar uma ponta, contrastava com céus ocidentais mais claros pela tarde. Paulo jamais entrara nessas montanhas, mas a fé, vinda de suas igrejas missionárias do Norte e do Leste, já devia ter-se espalhado pelos vales. Quando, afinal, o navio chegou ao porto de Mirra, cerca de um quilómetro e meio distante da cidade e à

entrada de um grande desfiladeiro, aí já podia haver uma igreja. Mirra, que hoje se encontra deserta, veio a ser importante bispado e, mediante peculiar distorção histórica e folclórica, São Nicolau de Mirra tornou-se Papai Noel.

Na baía, entre as galeras navais impelidas à força de escravos e o comércio marinho costeiro, Júlio encontrou um grande mercador que fazia a rota egípcia, o conduto vital de Roma, importando trigo sob um sistema de navios particulares comissionados para o serviço imperial. Mirra, bem ao norte de Alexandria, era um dos principais portos de escala do verão, quando os ventos não permitiam a navegação diretamente a Roma.

Júlio fez a transferência de soldados e presos. Não havia nenhum outro oficial militar a bordo e assim, de acordo com o costume romano, ele passou a ter mais autoridade que o capitão do navio ou mesmo que o dono da supercarga. Em qualquer emergência, a última palavra seria de Júlio. Seu grupo aumentou o número de passageiros para 278 almas — entre eles, comerciantes italianos e egípcios, até um hindu ou um chinês; talvez um punhado de escravos africanos do Nilo superior; veteranos militares aposentados de volta a casa, sacerdotes de Isis, animadores, eruditos da grande universidade de Alexandria, juntamente com mulheres e crianças. Com todos estes, e grande carga de trigo, o navio alexandrino devia pesar mais de 500 toneladas, de modo nenhum o maior de que se tem notícia e que era usado naquela época, e não menor do que muitos mercadores que navegavam o Mediterrâneo no tempo de Nelson e da última era da navegação.

O navio de Paulo, porém, diferia dos navios do século de-zenove em vários aspectos essenciais. Tinha apenas um mastro com enorme vela mestra, acrescentando, assim, grande pressão à madeira. A popa era parecida com a proa moderna. Era guiado por lemes destacáveis, similares a grandes pás, e o capitão não possuía bússola, cronometro nem os mapas mais rudimentares, de modo que não sabia onde se encontrava a menos que pudesse ver o sol ou as estrelas, pelos quais avaliava sua posição usando um quadrante primitivo.

O curso original do navio ao deixar Mirra era passar por Rodes, através dos arquipélagos, rodear o Sul da Grécia (hoje chamado cabo Matapan) e chegar à Itália pelo estreito de Mes-sina; e daí para Óstia, o porto de Roma. Mas quando o navio deixou a baía de Mirra, por volta de 16 de setembro, o vento,

soprando do noroeste, ainda era contrário e forte. O capitão, a fim de aproveitar águas mais tranquilas e as brisas costeiras, teve de permanecer perto da terra. "Navegando vagorosamente muitos dias", lembra-se Lucas, "e tendo chegado com dificuldade defronte de Cnido", o espaçoso porto no final de uma península estreita e montanhosa, o ponto mais ocidental da costa sul de Anatólia.

Cnido era o último porto onde tinham proteção da força total do vento contrário. Lucas escreveu: "não nos sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário". Embora Cnido tivesse ancoradouro suficiente, o capitão não quis entrar na enseada, mas prosseguiu ao sudoeste, passando pelos dodecaneses em direção das montanhas de Creta. Ele rodeou o cabo de Salmona e começou a navegar abaixo do sul de Creta, esperando que o vento mudasse antes que tivesse de seguir rumo norte. Assim, "costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia."

Haviam chegado a uma angra bem protegida pelas montanhas e ilhas, o mais distante que podiam navegar contra um vento noroeste. Logo depois de Bons Portos fica o cabo Matala, onde a costa rochosa segue em direção norte por cerca de 32 quilômetros, antes de virar novamente para o oeste. Se tivessem tentado atravessar esse golfo aberto, teriam naufragado. O capitão baixou âncora, retido por ventos contrários. Passaram-se dias. Bons Portos era agradável mas não tinha porto; pequenos grupos podiam desembarcar para visitar Laséia, mas toda a companhia do navio teria de permanecer a bordo, se resolvessem passar aí o inverno. O Dia da Expição daquele ano de 59 d.C, 5 de outubro, chegou e passou. Os dias perigosos, nos quais a navegação era arriscada mas possível, estavam-se esgotando. No dia 11 de novembro cessaria toda a navegação em alto mar, pois o céu podia permanecer nublado

por dias a fio, e sem o sol e as estrelas não podiam determinar a posição do navio. Era este e não o perigo inevitável das tempestades, o fator que fazia cessar o tráfego marítimo no inverno.

Tinham perdido toda a esperança de chegar à Itália naquela estação. Júlio convocou uma conferência a fim de decidir o melhor plano e para a qual convidou Paulo. A esta altura Júlio respeitava o julgamento e a experiência marítima do apóstolo.

O capitão instava com eles a aproveitarem a primeira oportunidade de rodearem o cabo de Matala e chegar ao porto de Fenice, que não estava muito longe; é provável que ele tivesse medo de rebelião por parte dos passageiros e da tripulação, caso passassem o inverno nos isolados Bons Portos, que tinham ainda a desvantagem, como ancoradouro, de ser aberto a quase metade da bússola, de modo que numa forte tempestade o navio podia arrastar as âncoras e encalhar na praia. Se o vento mudasse para o sul, eles conseguiriam chegar a Fenice. Ele era marinheiro experiente, como o demonstram suas ações futuras, e sabia que no outono, nestes mares, um vento sul era muitas vezes acompanhado de violento vento nordeste, chamado Euro-aquilão. O conselho dele como profissional foi tentarem prosseguir. O mestre do navio aprovou a ideia, pois enquanto o navio estivesse em Bons Portos ele era responsável por alimentar o grupo, ao passo que em Fenice os passageiros desembarcariam.

Júlio voltou-se para Paulo, que lhes disse:

— Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também das nossas vidas.

Júlio decidiu-se em favor do capitão e do mestre do navio.

Por volta de 10 de outubro o capitão percebeu que o vento tinha mudado. Lucas separa-se da reação da tripulação, como se a desaprovasse totalmente: "Soprando brandamente o vento sul e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora, e foram costeando mais de perto a ilha de Creta."

Deram volta ao cabo e começaram a atravessar o golfo, o bote bamboleando atrás do navio, como era o costume em pequenas viagens. Apesar de o sol brilhar sobre eles, uma grossa e ameaçadora nuvem pairava sobre o monte Ida, o ponto mais alto de Creta que agora se encontrava a estibordo. De súbito o vento mudou de direção. Tremenda rajada desceu rugindo do monte, atingindo-os com força total. Lucas diz que foi um "tufão de vento". O ar rodopiava e se contorcia, e uma forte chuva apagou a costa. O mastro, com toda a vela, tremia à fúria da tempestade, provando a falta de sabedoria da prática antiga de navegar com "m único mastro: a vibração era tanta que a madeira do navio Partiu e a água começou a entrar pelo casco.

Em poucos minutos o capitão soube que jamais poderia manobrar o navio nesse tufão. O Euro-aquilão estava sobre eles e li deviam agir de acordo. "Cessamos a manobra e nos fomos deixando levar." Passaram a sotavento da pequena ilhota chamada Clauda, que ficava a 40 milhas da costa, bem no caminho do vento. Não tinham esperança de chegar ao seu pequeno porto, que ficava no lado errado, nem ousavam lançar âncora, mas usaram a água temporariamente calma e o abrigo arriscado de seus penhascos a fim de se prepararem para o que vinha pela frente. Primeiro, recolheram o bote, levantando-o a bordo. Os passageiros ajudaram, e Lucas registra, com sentimento: "A custo conseguimos recolher o bote." Então usaram de todos os meios para cingir o navio, apertando a madeira, precaução comum nos tempos antigos, e ocasionalmente nos dias de Nelson, contra a pressão do vento e da água. O maior medo de todos os que se encontravam a bordo era de o navio se quebrar ou que o madeiramento vazasse e o navio se enchesse de água. A maioria dos navios antigos se perdia mais pelo naufrágio do que por qualquer outra causa.

Arriaram a verga com sua vela mestra, pois se navegassem nesse vento a todo pano, o fim — se não afundassem primeiro — seria os bancos de areia e as areias movediças da costa africana, o notório golfo de Sirte Maior, perto da Líbia. A única esperança deles era içar as velas de tempestade, apontar o lado direito do navio contra o vento e deixá-lo ir à deriva até

passar a tempestade.

Tendo passado pelo abrigo de Clauda, logo enfrentavam a agonia total de mares encapelados. Sem o peso da vela, diz Lucas que foram "açoitados severamente" — jogados ao léu como um pedaço de cortiça. A chuva e o mar impedia fogos, encharcava os suprimentos, as roupas, tudo acima e abaixo dos convés. O pouco que conseguiam comer, seus estômagos enjoados os forçavam a vomitar. As tábuas escorregadias e em constante movimento tornavam dolorido qualquer movimento. Paulo, Lucas, os suprimentos, as roupas, tudo acima e abaixo do convés. O alternava nas bombas, mas a água que entrava pelas madeiras sob pressão subia enquanto o navio abaixava. No segundo dia, a fim de aliviar o navio, o capitão ordenou que se atirasse ao mar a carga solta: todos os animais e muito mais. No terceiro dia, mandou lançar ao mar a aparelhagem sobressalente: cabos, mastreação, tudo o que não fosse essencial.

Um dia miserável após outro, uma noite pavorosa após outra, levantaram-se e caíram no mar montanhoso. A nuvem grossa e contínua impedia que o capitão determinasse a posição do navio. Para Lucas, parecia que se agitavam num curso louco, mas de fato derivavam à razão de dois quilômetros e meio por hora na direção de oito graus a noroeste. Tivessem mapas e meios de determinar sua posição, não se teriam preocupado tanto, pois não poderiam ter planejado um curso mais vantajoso — caso não fossem a pique. A principal carga de trigo havia-se molhado toda — os sacos pesados demais para serem movidos num navio que arfava e cada vez mais aumentava em peso.

O nível da água subia, o navio abaixava, até que no décimo primeiro ou décimo segundo dia da tempestade "dissipou-se afinal toda a esperança de salvamento". O naufrágio agora era inevitável — apenas questão de poucos dias, ainda que a tempestade cessasse — e significaria a perda de todos se abando-assem o navio num mar como esse.

Lucas não havia notado a Paulo. Pouco se sabe do desenho interior de navios antigos, mas todos os passageiros estariam mais ou menos amontoados, partilhando suas misérias sem a menor privacidade. Entretanto, Lucas não tinha visto o que Paulo viu, até a manhã em que Paulo, com dificuldade foi até onde Júlio, o capitão e a tripulação se empilhavam, tristes. Paulo lançou a voz acima do vento e se reuniram ao seu redor.

Suas primeiras palavras foram uma amostra do antigo Paulo com a tendência de justificar a si mesmo, mas seus ouvintes respeitavam-no demais para notar. "Senhores", disse ele, "na verdade era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha."

Na décima quarta noite desde a partida de Creta, não diminuindo o vendaval, os marinheiros de repente detectaram o som da arrebentação a sotavento. Não podiam ver nada, mas se a arrebentação era mais alta que a tempestade, deviam estar--se aproximando de uma costa rochosa. Lançaram o prumo, e acharam vinte braças. Um pouco mais tarde, acharam quinze. Se continuassem assim, logo se despedaçariam contra as rochas. Podiam ver agora as ondas, mas não a praia, pois se encontravam afastados do ponto baixo de Koura, na abertura do que agora é a baía de São Paulo. Smith descobriu que era este o lugar exato que um navio à deriva teria chegado na décima quarta noite, e que as tomadas de profundidade também eram exatas.

O capitão ordenou que lançassem quatro âncoras da popa. Então "oravam para que rompesse o dia". Nada mais havia que pudessem fazer.

Os marinheiros pensavam de outra forma. Paulo, alerta, viu o que estavam para fazer: os homens, de cuja habilidade dependia a segurança dos oficiais e dos passageiros, estavam

quietamente abaixando o bote, a pretexto de largar âncoras da proa, decididos a escapar antes que o navio se quebrasse. Paulo disse ao centurião e aos soldados: "Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos." Os soldados cortaram os cabos e o bote caiu no mar, afastando-se.

Logo antes da aurora Paulo fez outra sugestão. O capitão estivera por demais preocupado com a crise para pensar nela.

Paulo, dirigindo-se aos oficiais e a todos os que pudessem ouvi-lo, disse: "Hoje é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo."

Tomando um pão encharcado e bolorento, ele deu graças a Deus, orando na presença de todos; quebrou-o e mui deliberadamente começou a comer. Todos cobraram ânimo e organizou-se uma refeição geral. Sendo o movimento do navio menor do que nos quatorze dias passados, a alimentação de 270 pessoas não ofereceu nenhuma dificuldade. Com novas forças, jogaram o restante do trigo ao mar.

A esta altura já tinha amanhecido. O navio estava na entrada de uma baía. Não reconheceram a terra; não sabendo a velocidade nem a direção da deriva, podiam estar em algum lugar perto da Silícia ou da Tunísia. A frente estava uma costa rochosa, mas podiam ver um rio e uma praia arenosa.

O capitão executou uma manobra complicada. A tripulação, na descrição de Lucas, "levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia." O capitão tinha o navio totalmente sob controle e pouco espaço para percorrer. Logo o navio estaria encalhado e vadeariam até à praia.

Mas ele não podia perceber, quando deu a ordem, que o pedaço rochoso de terra a estibordo era, de fato, uma ilha (Salmoneta) ligada ao continente por um banco de areia, "lugar onde duas correntes se encontravam", na descrição de Lucas. Por causa disso o navio foi apanhado numa corrente cruzada e levado para o banco de areia até que a proa encravou-se na lama enquanto as ondas começaram a despedaçar a popa. A companhia começou a pular para fora do navio. Os soldados reagiram instantaneamente, pois os presos ou Paulo podiam nadar e fugir. De acordo com as ordens vigentes, pediram permissão para matar o grupo.

"Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. Quanto aos demais, que se salvassem uns em tábuas, e outros em destroços do navio. E foi assim que todos se salvaram em terra."

Capítulo 34

A Capital do Mundo

Vendo o naufrágio, os nativos correram à praia e tudo fizeram para ajudar. Acenderam uma fogueira, pois além do frio e da chuva que voltava a cair, todos os náufragos estavam ensopados da água do mar.

Os marinheiros descobriram, a esta altura, que a ilha era Malta, e que o grande porto de Valeta, com o qual muitos estariam familiarizados, não ficava muito distante. A chuva havia transformado Lucas num grego um tanto superior; ele descarta os malteses, que "trataram-nos com singular humanidade", como bárbaros por causa do seu dialeto e sotaque, embora Malta houvesse sido latinizada havia séculos. Ele ficou encantado com a reação dos nativos ao próximo incidente. Paulo, depois de aquecido e apesar da sua corrente, procurava gravetos que alimentassem o fogo. Ao atirar um feixe de gravetos na fogueira, um pedaço de pau pulou para fora e agarrou-se à mão do apóstolo — ele havia apanhado uma cobra venenosa.

"Quando os bárbaros viram a bicha pendente da mão dele, disseram uns aos outros: Certamente este homem é assassino, porque, salvo do mar, a Justiça não o deixa viver. Porém, ele, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal nenhum; mas eles esperavam que ele viesse a inchar, ou a cair morto de repente. Mas, depois de muito esperar, vendo que nenhum mal lhe sucedia, mudando de parecer, diziam ser ele um deus."

Paulo não entrou em pânico com a picada da cobra, e esteve à altura do próximo chamado. Perto do naufrágio havia um sítio pertencente a Públio, o principal magistrado de Malta, o qual imediatamente ofereceu hospitalidade temporária. A tripulação e a maioria dos passageiros foram talvez distribuídos

pelas cabanas do seu povo, enquanto Júlio, Paulo e seus assistentes recolheram-se, como convidados, à casa do chefe. Aí descobriram que o pai de Públio estava enfermo de disenteria e febre. Não foi Lucas, o médico, quem efetuou a cura, mas Paulo. "Paulo foi visitá-lo", registra Lucas com generosidade, "e, orando, impôs-lhe as mãos e o curou. À vista deste acontecimento, os demais enfermos da ilha vieram e foram curados."

Paulo e Lucas ficaram apenas alguns dias na casa do magistrado. Júlio pode ter alugado uma casa em Valeta, onde as curas e a evangelização continuaram durante todo o inverno. Os nativos demonstraram grande amor por Paulo, Lucas e Aristarco, de modo que lhes deram muitos presentes e, na sua partida, proveram-lhes suprimentos. A tradição em Malta marca a estada de Paulo como o começo de um Cristianismo ininterrupto; os malteses guardaram na memória o local do naufrágio por dezoito séculos até que Smith de Jordanhill chegou e provou que eles estavam certos.

Outro grande navio alexandrino, navegando sob o emblema dos deuses gêmeos Castor e Pólux, invernara na ilha. Quando, no início de fevereiro de 60, o capitão decidiu aproveitar o bom tempo e prosseguir viagem, embora a época da navegação ainda não tivesse começado, Júlio comprou as passagens. A viagem transcorreu sem incidentes, e finalmente Paulo entrou na baía de Nápoles, viu o Vesúvio soltando seu preguiçoso caracol de fumaça e a cidade de Pompeia, esta sem saber que lhe restavam apenas dezenove anos. O cargueiro aportou em Potéoli, na época, o maior ancoradouro da baía, onde acharam alguns cristãos. Júlio, quer desejasse que Paulo desfrutasse mais um pouquinho da sua relativa liberdade — sabendo que ele ainda não era esperado em Roma — quer por ter de pedir instruções a Roma, ou então por não admitir que seus dias em companhia do apóstolo estivessem contados, permitiu-lhe uma visita de sete dias.

Quando, finalmente, saíram ao encontro da Via Ápia, Paulo parecia um pouco nervoso e deprimido por causa do que o aguardava, tanto na presença de Nero como entre os cristãos de Roma. A estes últimos ele escrevera alegre e vigorosamente, embora não lhe devessem a fé. Na Praça de Ápio, cerca de setenta quilômetros antes de entrar em Roma, ele encontrou

cristãos que, recebendo as notícias de Potéoli, se apressaram a dar-lhe as boas-vindas. Nas Três Vendas, uma parada a cinquenta quilômetros de Roma, estava outro grupo. "Vendo-os Paulo, e dando por isso graças a Deus, sentiu-se mais animado."

Roma era a maior cidade que Paulo já vira.

Mais de um milhão de cidadãos livres e cerca de um milhão de escravos viviam entre as sete colinas. Alguns possuíam grandes casas e amplos jardins. Abaixo do palácio de Nero, no Palatino, onde hoje está o Coliseu, construía-se um lago ornamental para o prazer do imperador. Paulo quase não teve tempo para ver o foro e os edifícios públicos. Depois que Júlio entregou os presos a seu superior — e depois que os criminosos convictos foram levados a fim de serem preparados para o matadouro, por um meio ou outro — Paulo ficou sob custódia numa casa alugada por sua conta. Não era nas favelas, o labirinto de ruas estreitas e de casas pobres das quais emergia a turba em levantes periódicos. Sua casa seria de tamanho razoável, ou quem sabe pequena com jardim espaçoso, dentro dos muros perto do acampamento da Guarda Pretoriana, na colina Celiana, ao norte de Roma.

O ruído do tráfego noturno que descia e subia a rua estreita de paralelepípedo, quando se permitia que as carroças vindas dos campos trouxessem produtos para os mercados, o vozerio de pedestres durante o dia, o rugir distante de multidões excitadas no Circo Máximo, durante as corridas de carruagens ou combates de gladiadores, a fedentina de uma cidade grande mesmo no inverno, quando da chegada de Paulo, e o risco de malária no verão, não lhe permitiam descanso ou luxo. E os regulamentos exigiam a presença constante de um soldado a quem ele estava acorrentado. Mas ele não estava na cadeia; ele podia ter amigos ao seu lado e convidar a quem quisesse.

Três dias depois, ele convocou os líderes judaicos locais e eles vieram.

"Varões irmãos", disse Paulo, "nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos, contudo vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos; os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte. Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo, porém, nada de que acusar minha nação. Foi por isto que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia."

Os principais dos judeus não podiam dizer se Paulo receberia o favor e a proteção do imperador, e naquele período do reinado de Nero não tinham influência no palácio. Responderam: "Nós não recebemos da Judeia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum. Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que por toda parte é ela impugnada."

Uma vez que muitos dos cristãos romanos eram judeus de nascimento, os dirigentes sabiam mais do que admitiam, mas Paulo aproveitou a oportunidade para executar sua sequência normal de pregação ao chegar em cada cidade: primeiro aos judeus. No dia marcado, grande número veio à residência de Paulo. O apóstolo expôs e debateu desde a manhã até à tarde, "em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas." Alguns foram persuadidos, outros permaneceram céticos. Ao se despedirem, Paulo citou-lhes Isaías, o texto que Jesus usou e no qual Deus repreende a cegueira de Israel: "Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados." Paulo acrescentou: "Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão." Os judeus partiram, tendo entre si grande contenda.

Esse foi o começo de um período que, apesar de seus sessenta anos, foi tão estrénuo quanto qualquer outro na vida de Paulo. Escreveu Lucas nas palavras finais de Atos: "Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia a todos que o

procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo."

Os escritos de Paulo apoiam as palavras de Lucas. "Agora me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja; da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus: O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim."

Seus dias passaram rápido nas mesmas tarefas de Corinto e Éfeso: fazer convertidos, edificar professores e evangelistas que deviam sair e ganhar a outros e ensiná-los. A igreja de Roma era grande e vigorosa, quer Pedro tenha estado lá antes de Paulo, quer não, fato que a pesquisa de séculos tem sido incapaz de determinar com certeza; contudo, havia muitas cidades grandes e antigas edificadas sobre colinas no Sul da Itália, esperando por evangelistas, e grandes cidades nas planícies do Norte, e vilas nos apeninos. Roma, também, era porto de entrada para tantos de toda raça e cor no mundo mediterrânico, e Paulo jamais sabia quem poderia ser trazido à sua presença ou a que terra distante podiam levar a mensagem. Os romanos, grandes e pequenos, o procuraram. Diz a tradição que até mesmo Séneca, ainda poderoso estadista e filósofo, se correspondia com ele; mas suas "cartas" são uma fraude do terceiro século e nada provam.

Ninguém podia sair daquela casa alugada intocado, ainda que o toque não passasse de uma discussão acalorada. Sua atmosfera era de felicidade, cheia da música e do cântico que Paulo menciona em ambas as cartas principais que escreveu aí. Seu caráter não se tornara azedo e duro pelas dificuldades. A julgar pelo que ele achava importante, ele era amável, bondoso, perdoador, assim como Cristo o havia perdoado. Ele andava em amor, o elemento que unia suas qualidades. Ele era ainda o grande animador, recebendo com alegria um homem fraco na fé, mas recusando-se a discutir questões secundárias. Os romanos aprenderam que ele vivia como os ensinara por carta dois anos antes: "Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos. . . A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros." À semelhança do seu Mestre, ele não deu ênfase às debilidades do homem, mas a seu potencial, e não julgaria os outros a não ser que traíssem a seu Mestre através do pecado aberto. Então ele podia ser severo, mas com o objetivo de restaurar e fortalecer.

Naquela casa romana, pessoas amargas se amoleceram; ira, raiva, e clamor desapareceram. Paulo tinha, mais do que nunca, um senso de sua pequenez, de sua indignidade — "menor que o menor de todos os santos" — da maravilha de lhe ter sido confiada a comissão de pregar as insondáveis riquezas de Cristo. Ele parece deleitar-se no contraste entre a majestade da mensagem e a insignificância do mensageiro: um homem pequeno e tão gentil agora, mas forte como o aço.

Os soldados sabiam onde essa força tinha o seu contato com o infinito. Cedo de manhã o guarda acorrentado a Paulo participava por bem ou por mal das horas que ele passava ajoelhado, e ouvia as palavras de ações de graça e intercessão. O coração de Paulo encontrava-se distante, na Grécia ou na Ásia Menor. "Pai da glória", o soldado deve tê-lo ouvido orar pelos efésios e pelos colossenses e "a todos os que ainda não viram o meu rosto": "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, dê-lhes o espírito de sabedoria e revelação. Que eles venham a conhecer a esperança à qual os chamaste, quais são as riquezas da sua gloriosa herança, qual a grandeza imensurável do seu poder... Que vivam uma vida digna de ti, completamente agradável a ti, dando fruto em cada boa obra e aumentando em seu conhecimento de ti.. . Pai, de quem toda a

família no céu e na terra recebe o nome, segundo as tuas riquezas em glória concedê-lhes serem fortalecidos pelo poder no homem interior. Que Cristo habite em seus corações pela fé. Possam ser enraizados e fundados em amor, e compreendam com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade — e conheçam o amor de Cristo que ultrapassa todo o entendimento, para que sejam cheios de toda a plenitude de Deus.'

Mencionando o nome de muitos, participando de suas necessidades e problemas da melhor forma que podia, Paulo orava, às vezes sozinho a não ser pelo soldado, às vezes com Aristarco e Lucas e quem mais estivesse com ele. Suas orações eram cheias de louvor, e é provável que tenha sido um soldado, crente ou não, quem ouviu pela primeira vez em Roma a ação de graças que soaria por toda a Ásia e daí para o mundo: "Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém."

Antigos colegas iam encontrar-se com Paulo, unindo-se a Aristarco e a Lucas, o médico amado. Um deles foi João Marcos, cuja deserção em Panfília muito tempo atrás havia separado Paulo de Barnabé. Quer Marcos estivesse em Roma com Simão Pedro, quer houvesse viajado de Chipre ou de Alexandria, Paulo estava completamente reconciliado e logo descreve a sua presença como um grande consolo. Em 61 d.C. Timóteo estava ao lado de Paulo; e Tíquico também, o qual fora um delegado da Ásia na viagem a Jerusalém. Outro companheiro, Demas, talvez um macedônio de Tessalônica, teria um futuro infeliz.

Havia também um escravo fugido na casa.

Certo dia Paulo viu-se face a face com a propriedade perdida de um de seus amigos íntimos. Onésimo, o escravo, cujo nome significa "útil", fugira de Filemom, a mola mestra da igreja de Colossos. Como muitos escravos fugidos, Onésimo chegou a Roma, pois em Éfeso e em outras cidades grandes da Ásia ele poderia ser facilmente reconhecido e levado de volta para a sorte comum e horrível dos que fugiam. Quer Onésimo, em sua angústia, tenha procurado a Paulo, quer ele tenha sido descoberto por um dos companheiros do apóstolo, Paulo diz tê-lo gerado entre algemas. Ele trabalhou como servo do apóstolo, e de tal forma caiu na simpatia de Paulo que este o chama de "o meu próprio coração". Mais que isso, ele se tornou parte da equipe missionária, como "irmão caríssimo".

Então Epafros, o missionário original a Colossos, cidade que Paulo jamais alcançara, chegou a Roma. Ele alegrou o apóstolo com notícias da fé dos colossenses em Cristo e do seu amor pelos irmãos. Porém, uma heresia os perturbava. Epafros, cujo intenso desejo era que amadurecessem e tivessem plena certeza na vontade de Deus, discutiu a heresia com Paulo. Grande homem de oração, Epafros lutou no espírito e levou outros a orar por Colossos. Paulo o menciona como "prisioneiro comigo", e quer estivesse no cárcere voluntariamente, quer sob prisão similar, Epafros não podia voltar à Ásia. Paulo decidiu escrever aos colossenses e mandar a carta por mãos de Tíquico. Esta carta trataria especialmente do problema de Colossos, mas Paulo enviaria outra, mais geral, a qual Tíquico deveria entregar aos efésios para circulação entre as outras igrejas da Ásia, inclusive em cidades que Paulo nunca visitara.

Mas, ao pensar em Colossos, Paulo soube que devia devolver Onésimo ao seu dono. Onésimo, bem consciente do que poderia acontecer a um escravo devolvido a seu amo, também sabia que devia ir.

A carta aos Colossenses e a outra, conhecida como aos Efésios, emergiram com conteúdo semelhantes, mas com estilos diferentes. Pensamentos que muito ocupavam a mente de Paulo encontram-se em ambas, às vezes em frases idênticas, de modo que é até possível que ele tenha composto as duas cartas juntas, ditando parte de uma, e então parte da outra. Na que se destinava a Colossos, por ter em mente determinada igreja, ele pode incluir mensagens pessoais, ao passo que na carta a Efeso, mais formal, ele apresenta comentários biográficos íntimos, especialmente quando seu pensamento se encontra com aqueles que jamais o tinham visto.

Extraída das próprias veras das experiências de Paulo, contendo analogias entre o amor de Cristo pela igreja e o amor de um homem por sua mulher, a carta aos Efésios tem provado ser uma mina para cristãos místicos, a qual geração alguma tem conseguido esgotar.

Ambas as cartas, em sentenças admiráveis, coerentes com os antigos escritos, porém com toques novos à proporção que ele trabalha os temas de ângulos diferentes, dão ênfase ao amor de Deus e ao seu propósito. Aos efésios: "Como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós.. Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos. .."

Ele repete a mensagem: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas."

Aos colossenses ele apresenta o mesmo tema, mas dirige seu ensino à resposta do problema deles. Os heréticos que floresciam em Colossos diziam que não podiam conhecer a Deus através de Jesus Cristo somente, mas deviam recompor e expandir a mensagem à luz do pensamento contemporâneo. Queriam mudar a própria imagem de Deus como revelada por Cristo, inventar termos novos para expressar a sua realidade, e alcançá-lo por meios mais razoáveis do que aqueles entre os quais viviam. A essência das teorias deles, embora difira em detalhes, era peculiarmente parecida com os fermentos teológicos da última metade do século vinte.

Com firmeza, Paulo levou os cristãos colossenses de volta. "Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graça. Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens.. e não segundo Cristo; porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Também nele estais aperfeiçoados." Paulo não tem dúvida alguma. Cristo "é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia."

O único conhecimento de Deus, o único caminho para Deus, quer sobre a terra, quer no espaço mais remoto, é através de Jesus: "Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude, e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus."

Sobre este fundamento Paulo edifica exortação e ânimo, instando com os efésios: "Andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós", e aos colossenses: "Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto.. e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.. . Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. . ." Ambas as cartas contêm conselhos e direção, fundados em ensino espiritual claro: como a igreja deve ser guiada e como deve crescer; como seus membros, inclusive mestres e escravos, maridos e mulheres, pais e filhos, deviam agradecer a Deus da melhor maneira possível.

Ao finalizar suas cartas, Paulo usava as últimas palavras como mensagens pessoais a determinadas pessoas, e notícias de amigos em Roma. A carta aos Efésios, sendo para

circulação geral, não podia fechar-se do modo tradicional. Ele foi muito feliz no seu final, o qual pode na realidade ter sido sugestão de um de seus guardas, e por certo foi provocado pelo interesse que Paulo tinha por seus soldados. Muitas vezes ele os via exercitando-se nos campos fora dos muros, perto do acampamento da Guarda Pretoriana, além do fato de que, nos tempos em que viajava, o apóstolo familiarizara-se com o equipamento desses soldados. De modo que agora, consultando o soldado do dia, Paulo cria uma de suas famosas passagens, a armadura do crente que o capacitará a manter o terreno no maior calor da luta, desviar as flechas flamejantes, avançar brandindo uma arma de confiança. O cinto ao redor da cintura, a couraça, as sandálias, o escudo, o capacete, a espada.

"Tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade, e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos..."

Capítulo 35

Os Anos de Liberdade

Restava uma terceira carta antes que Tíquico pudesse partir para a Ásia: um bilhete que Onésimo devia entregar ao seu amo.

A única epístola de Paulo que trata de um assunto inteiramente pessoal, mostra-o numa luz muito atraente, e sem ela toda estimativa do seu caráter perde o equilíbrio. Paulo, que acaba de ser conscienciosamente a autoritativa voz do "mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito", agora demonstra o seu lado diplomático, tímido, amável, e mesmo humorístico: ele faz um jogo de palavras com o nome Onésimo que significa "útil" ou "beneficente".

Por implicação, a carta a Filemom demonstra que Paulo rejeitava por completo a escravidão como um estado compatível com o evangelho numa sociedade cristã. Paulo não foi nenhum Espártaco que tivesse chamado os escravos à revolta. O fim súbito da escravidão reduziria o império romano ao caos e ele era realista o suficiente para perceber que, procurar a abolição na sua época seria bobagem, e apenas provocaria o esmagamento dos cristãos como ameaça à lei e à ordem. Mas ele ensinou coerentemente que em Cristo não há nem escravo nem livre, já que todos são iguais à vista do seu Mestre. Tanto a carta aos Efésios quanto a epístola aos Colossenses (tendo em mente Onésimo e Filemom enquanto escrevia) dão ênfase ao novo relacionamento entre escravo e livre, no qual cada um deve considerar o outro como irmão. E agora ele devolvia Onésimo a Filemom não como propriedade perdida, mas como irmão em Cristo, honrado companheiro de trabalho.

Filemom, segundo a lei, tinha o direito de matar a Onésimo, açoitá-lo, marcá-lo ou colocá-lo em trabalho forçado a vida toda. Paulo desejava salvar a Filemom do erro, embora não esperasse que esta carta pessoal circulasse por outras igrejas. A influência dessa carta e de outras passagens sobre a escravidão, com o tempo tornou essa instituição de tal modo repugnante que, à medida que o Cristianismo permeava a sociedade, ela murchava lentamente, e por fim morreu no mundo cristão, embora muitos crentes tenham sido vendidos como escravos pelos conquistadores muçulmanos. Morreu, mas reviveu no Novo Mundo sob católicos romanos espanhóis e portugueses, com todas as angústias e problemas que se seguiram, apesar da condenação do papa e dos protestantes ingleses.

Subentende-se apenas a incompatibilidade da escravidão com o evangelho. A carta em si é uma janela que nos permite olhar o interior da casa alugada de Roma em 62 d.C. Tíquico se encontrava ausente quando ela foi escrita, e é provável que o escrevente tenha sido Timóteo. Epáfras, Marcos, Aristarco, De-mas e Lucas estavam sentados em volta (e o inevitável soldado), quando Paulo começou a ditar a Filemom e à sua família, iniciando, como nas outras duas cartas, com calorosa gratidão e promessa de oração: "...tive grande alegria e conforto no teu amor, porquanto o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio.

"Pois bem, ainda que eu sinto plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus: sim, solicito-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas." Aqui Paulo fez seu trocadilho: "Ele, antes te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim. Eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração. Eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me servir nas algemas que carrego por causa do evangelho; nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento, para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade.

"Pois, acredito que ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o possuísse para sempre, não já como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor. Se, portanto, me consideras companheiro, re-cebe-o, como se fosse a mim mesmo. E se algum

dano te fez, ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta."

Paulo agarrou a caneta e escreveu: "Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo: Eu pagarei". Devolvendo o papiro, ele acrescentou: "para não te alegrar que também tu me deves até a ti mesmo. Sim, irmão, que eu receba de ti no Senhor este benefício. Reanima-me o coração em Cristo.

"Certo, como estou, da tua obediência, eu te escrevo, sabendo que farás mais do que estou pedindo."

O próprio Paulo cheirou o ar de liberdade. As palavras finais da carta a Filemom, antes da despedida, eram confiantes. Finalmente, ele veria Colossos: "E ao mesmo tempo prepare-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído." E acrescentou uma nota às duas outras cartas acerca de seu próximo julgamento. Orem por mim, pediu ele aos efésios, "para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que em Cristo eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo."

O plano de Paulo era transformar seu julgamento em testemunho, quer César fosse o juiz, quer não. Nos primeiros sete anos de seu reinado, antes dos vinte e um anos de idade, Nero entregou a presidência dos tribunais ao Prefeito Pretoriano, Burrus ou Tigelino, que o sucedeu. Contudo, em 62 d.C. ele começou a divertir-se presidindo e, assim, no esplêndido salão da justiça do palácio com sua cúpula estrelada, pode ter ouvido Paulo explicar a justiça, a temperança e o juízo vindouro. A escalada para a extravagância e lascívia de Nero ganhava impulso. Ele se divorciou da filha de Cláudio César a fim de se casar com Popéia, a judia prosélita ex-mulher de um amigo íntimo, a qual o encorajou no vício e no despotismo. Tivesse o julgamento de Paulo demorado mais e a influência dela teria vencido a justiça e garantido a execução do apóstolo.

Em vez disso, quaisquer que tenham sido as suas reações pessoais à defesa clara de Paulo, os distintos cônsules e senadores que funcionavam como assessores aparentemente deram a maioria de votos em seu favor, e Nero — que com frequência ignorava a opinião da maioria — o absolveu. O efeito do veredicto iria confirmar a decisão de Gálio: o Cristianismo não era de modo nenhum uma seita ilegal. O evangelho podia ser pregado com toda liberdade por todo o mundo romano, pouco mais de trinta anos depois da crucificação de Cristo. Ninguém então percebia quão totalmente vazia esta tolerância se provaria.

As algemas de Paulo foram tiradas. Ele deixou o palácio do Palatino como homem livre. O resto de sua vida, provavelmente cerca de cinco anos, é conhecido apenas de modo obscuro, se não levarmos em conta as lendas e tradições recentes. A evidência é fragmentária. Três cartas sobrevivem, mas a origem de duas delas — o lugar e a sequência em que foram escritas — é incerta, e a informação acerca de seus movimentos pessoais, escassa.

Ele pode ter ido à Espanha, como planejara ao escrever a carta aos Romanos. Clemente de Roma, em sua carta aos coríntios trinta anos mais tarde, afirma que Paulo "chegou aos limites mais distantes do Ocidente". Clemente deve ter conhecido a Paulo, mas a frase é um tanto vaga. Pode significar que ele evangelizou até Cadiz, o "portão do Ocidente", que dava para o Adântico. Ou que ele evangelizou os celtas. O Cristianismo penetrou bem cedo a Gália, subindo o vale de Rhone, mas nenhuma tradição local menciona Paulo. Evidência alguma tampouco apoia a história segundo a qual Paulo aportou na Bretanha.

Vários pais primitivos da igreja criam que ele foi à Espanha, embora não haja tradição local que confirme tal fato. Uma vez que, à semelhança da Galácia, da Grécia e da província da Ásia, ele pretendia evangelizar a Espanha, sua estada aí pode ter-se estendido por quase dois anos. Então ele se encontrou de volta no Leste do Mediterrâneo: com Tito em Creta; com Timóteo em Efeso (apesar da convicção anterior de Paulo de que ele jamais veria os presbíteros novamente) e certamente, se possível, por fim subiu os vales do Meander e do Lico para desfrutar o quarto de hóspede de Filemom em Colossos, atendido por um deslumbrado Ònésimo. Em suas cartas a Timóteo e a Tito, Paulo menciona sua visita a Mileto e

revela seus planos de passar um inverno em Nicópolis, no oeste da Grécia. O quadro agora é de constante movimento em vez de trabalho demorado, embora um pouco mais lento, como se os ossos envelhecessem e o reumatismo estivesse chegando; mais lento também é o estilo de suas cartas.

O senso de urgência, porém, não diminuiu, pois sua obra estava sendo atacada de todos os lados.

No ano 64, a decisão legal favorável no julgamento de Paulo foi transformada em zombaria pelo capricho de Nero, depois do incêndio de Roma, ocasião em que ele desviou a ira do populacho de sua própria cabeça, para os cristãos. Nas famosas palavras de Tácito — que nessa época não passava de uma criança de dez anos — escritas cinquenta anos mais tarde: "Uma grande multidão não apenas foi morta, mas morta com insultos. Vestiam as pessoas com peles de animais a fim de perecerem às garras dos cães, ou então colocavam-nas em cruces para serem incendiadas ou, quando falhava a luz do dia, para serem acesas como tochas. Nero abriu o seu jardim para esse espetáculo, e apresentava uma sessão de circo misturando-se com o povo, vestido como jóquei, ou dirigindo uma carruagem." Seus excessos levaram o povo a ter dó dos cristãos, a despeito da impopularidade que adquiriram por rejeitar os deuses, pois o povo reconhecia que não estavam sofrendo tanto para o bem do estado, mas "para satisfazer à crueldade de um indivíduo".

Os soldados pretorianos que haviam aprendido a amar a Paulo encontravam-se entre os que tinham ordens de torturar os seus amigos: ex-guardas que agora eram cristãos também morriam em agonia. E o modo pelo qual os cristãos morriam era em si um testemunho: "Em meio à chama e tortura", escreveu Séneca, "vi homens que não apenas não gemiam, isso é pouco: não apenas não reclamavam, isso é pouco: não apenas não retrucavam, isso é pouco demais; mas vi-os sorrir, e sorrir de bom coração."

Os que escaparam à perseguição procuraram refúgio nas catacumbas, as cavernas e lugares de sepultamento nos arredores de Roma. No Leste da Europa, Paulo também deve ter conduzido suas viagens e pregação clandestinamente, à medida que a nova política imperial adquiria impulso. Os horrores de 64 certamente ressaltam as suas palavras escritas a Timóteo nesta época: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito."

Vários dos seus convertidos ou presbíteros de confiança naufragaram na fé. A incerteza da época—a perseguição em Roma, a Judeia fervendo com a proliferação de rumores acerca de vários messias, e a inquietação prestes a explodir na Grande Rebelião de 66 d.C. — levaram a uma fermentação de ideias novas e antigas.

Ao partir para a Macedônia, Paulo instou com Timóteo em Éfeso a que exortasse o povo a não se ocupar "com fábulas e genealogias sem fim, que antes promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé". A Tito, na Grécia, Paulo escreveu de "muitos insubordinados, palradores frívolos, e enganadores, especialmente os da circuncisão. É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância." Paulo acentuou este ponto, numa chispa do antigo fogo, citando o poeta cretense Epimênides de Knos-sos: "Foi mesmo dentre eles, um seu profeta que disse: Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos. Tal testemunho é exato."

Paulo teve de prevenir a Timóteo contra os ascetas que desaprovavam o casamento, e pessoas dadas a controvérsias que tinham o hábito de questionar a tudo e discutir acerca de palavras, fato que levava ao ciúme, à contenda e à desconfiança. Ele teve de denunciar aqueles que procuravam ganhar dinheiro mediante o serviço cristão, e cunhou sua memorável frase "o amor do dinheiro é raiz de todos os males". "E alguns, nessa cobiça", acrescentou ele, "se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. Tu, porém, ó homem de Deus", para que o próprio Timóteo não fraquejasse, "foge destas coisas; antes, segue a justiça,

a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão. Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, e de que fizeste a boa confissão, perante muitas testemunhas."

Paulo animou e aconselhou a Timóteo. Tito precisava de conselhos, mas Timóteo, o mesmo Timóteo tímido e delicado, mas às vezes voluntarioso, ainda muito jovem aos olhos do apóstolo, precisava de ânimo e de cuidado, até mesmo em assuntos de saúde: "Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades." "Ninguém despreze a tua mocidade", exortava Paulo, "pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino."

Paulo estava sempre viajando. Timóteo e Tito permaneciam mais tempo em um lugar, mas eles também estavam em movimentos frequentes, em favor de Paulo, fortalecendo os cristãos duramente tentados, refutando falsidades, restaurando o caído. Paulo não se ressentia de que longe de desfrutar uma velhice tranquila, venerada, honrada, ele tinha de batalhar até ao final, pois havia previsto essas dificuldades. "Ora, o Espírito afirma expressamente", exortava ele, "que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demónios. . . E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis, e profanos, e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam, pois alguns, professando-o, se desviaram da fé."

Era essencial edificar igrejas sadias, expandíveis sob liderança local, pois "Isto é bom e aceitável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade". As duas cartas deste período, a primeira a Timóteo e a epístola a Tito, rapidamente se tornaram clássicos da sabedoria pastoral aonde quer que o Cristianismo se espalhasse. Timóteo na Ásia e Tito em Creta receberam instruções de como selecionar e treinar presbíteros; instruções acerca da disciplina e adoração na igreja; conselhos sobre o que fazer acerca das viúvas e outras pessoas em necessidade, sobre o comportamento de jovens e escravos e de outros crentes para que os cristãos, por mais que fossem vilipendiados e abusados por Nero ou seus vizinhos, pudessem ornar "em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador. Porquanto", lembrou Paulo a Tito, "a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens." O idoso apóstolo estava mais seguro do que nunca do "evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado. Sou grato para com aquele", escreveu ele a

Timóteo, "que me fortaleceu, a Cristo Jesus nosso Senhor, **que** me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim que noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.

"Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por esta mesma razão me foi concedida misericórdia, para que em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna.

"Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos."

Capítulo 36

Nenhum Tipo de Morte

Paulo foi preso pela última vez por volta do verão de 66 d.C. Pode ter sido no Noroeste da Ásia Menor ou no Leste da Macedônia, pois deixara os seus pertences em Trôade: seu casaco de inverno de lã de carneiro, talvez um presente de Filemom na excelente lã de Colossos; rolos de papiro, que seriam notas manuscritas dos ditos do Senhor Jesus, e possivelmente cópias de suas próprias epístolas e dos escritos de Lucas, e os pergaminhos, com toda a probabilidade a Lei e os Profetas, aos quais ele havia prezado desde os primeiros dias.

Pode-se deduzir a causa imediata da prisão mediante a afirmação que Paulo fez logo a seguir: "Alexandre, o latoeiro, cau-sou-me muitos males". Fiel a seus ensinamentos em Romanos: jamais vos vingueis, Paulo citou um salmo: "o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras", mas preveniu a Timóteo contra o homem porque "ele resistiu fortemente às nossas palavras". Como que para aumentar a aflição do apóstolo, "todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Figelo e Hermógenes". Aparentemente Paulo falava por hipérbole e não apresentava fatos estatísticos, pois o contexto sugere abandono no momento de perigo, como o que Jesus sofreu no jardim do Getsêmani, em vez de rejeição deliberada e geral dos seus ensinamentos.

Contrariado, preso, desertado, Paulo teria sido levado às pressas a Roma e lançado no cárcere. Ou pode ser que ele tenha voltado a Roma antes de ser preso, já que menciona ter deixado Trófimo em Mileto e Erasto em Corinto, como se tivessem participado de uma viagem para o Oeste. Se for assim, pretendendo fazer breve visita a fim de animar a comunidade dizimada de Roma, ele se uniu à existência subterrânea dos cristãos que se desincumbiam de seus afazeres durante o dia, mas se congregavam para a pregação e oração nas catacumbas à noite. As paredes contêm vários retratos murais de Paulo: rosto e nariz compridos, expressão calma, mas ansiosa, barba branca e cabeça quase calva. Embora datem do século seguinte, tarde demais para que os próprios artistas tivessem conhecido a Paulo, esses artistas, na infância, podiam muito bem ter ouvido os velhos apresentarem-no pelas recordações de sua própria meninice.

Paulo uma vez mais foi agarrado, algemado e colocado em isolamento rigoroso em Roma, não como cidadão honrado, mas "como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada", ele podia acrescentar. Ele se encontrava entre os criminosos em Mamertine ou em um calabouço igualmente horrível, cujo acesso era só através de corda ou escada abaixada por um buraco no teto. Por cama deve ter tido pedras ásperas. O ar era pútrido; o saneamento quase inexistente.

Levaram-no a julgamento como um dos que causaram o Grande Incêndio. Se condenado, ele morreria como podia ter morrido em Efeso, como muitos cristãos de Roma já haviam morrido: forçado a entrar na arena para ser despedaçado pelos leões. O julgamento de um cidadão não podia ser sumário: Paulo tinha de comparecer à presença de César na grande basílica, no Foro, onde, além dos senadores e dos cônsules, e do depravado Nero a quem Roma inteira agora odiava, uma grande multidão de espectadores abarrotava as galerias. Paulo esperava, confiantemente, que os cristãos testificassem em seu favor. Procurou em vão. O terror os havia espantado para longe. "Na minha primeira defesa", escreveu ele a Timóteo, "ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão." Uma vez mais ele transformou uma audiência na proclamação do evangelho, e sua voz atingiu a galeria mais distante.

Ele foi absolvido da acusação de incendiário, mas voltou ao cárcere a fim de ser punido pela ofensa menos desonrável de propagar uma seita proibida. Uma acusação capital, pois subentendia traição ao divino imperador. De volta à prisão, possivelmente não mais Mamertine, ele se sentiu solitário. Um amigo de confiança desertara, e o zelo de Prulo pelo evangelho não

lhe permitiu conservar junto de si outros que pudessem fazer visitas e levar conforto: "Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Somente Lucas está comigo."

Então, um cristão asiático, que, por causa da sua posição perante as autoridades, muito tinha que perder ao associar-se com um criminoso, chegou à Itália. Onesíforo de Éfeso "muitas vezes me deu ânimo e nunca se envergonhou das minhas algemas. Antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solicitamente até me encontrar".

Agora Paulo podia escrever a Timóteo, talvez por intermédio da pena de Lucas e da mão de Onesíforo, exortando-o a apressar-se "a vir antes do inverno", e a encontrar a Marcos e levá-lo consigo, "pois me é útil para o ministério", que continuava a despeito das paredes do cárcere. Acima de tudo, ele instava com Timóteo a não se envergonhar "do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, e manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho, para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre, e por isso estou sofrendo estas coisas.

"Todavia, não me envergonho; porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia."

Ele se lembrou do serviço e sofrimentos que passaram juntos naqueles dias longínquos na Galácia durante a primeira viagem missionária, e animou a Timóteo: "Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. . Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. . Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério."

Paulo não ficou deprimido nem desanimado com a tensão circundante. Embora pudesse parecer que o Cristianismo estava em processo de extinção pelo fogo e pela espada, ou de ser transformado em um evangelho diferente, ele podia afirmar com confiança total que o fundamento de Deus permanecia seguro. A guerra temível que se tinha irrompido na Judeia podia ser o primeiro sinal da volta do Senhor à terra; e se fosse, significava que todo o Israel finalmente reconheceria ao Senhor Jesus e seria reunido. Se o Senhor demorasse a vir, o evangelho continuaria a ser pregado.

O Senhor demorou, e a obra de Paulo passou no teste do tempo. Corinto, embora sempre com suas dificuldades, tornou-se importante centro, e Éfeso foi elogiada pelo Apocalipse de João (com reservas) quase trinta anos mais tarde. Quando o império romano, em 313 d.C, reconheceu o Cristianismo, nem uma das igrejas de Paulo havia desaparecido. Contudo, sempre, como ele prevenira, o ouro da fé mesclava-se com a impureza, e na Ásia Menor contendas e ambições políticas levaram a enfraquecimento tal do que agora se gabava de ser um império cristão, que 1.400 anos depois de Paulo, o islã triunfou. Se muitas de suas igrejas caíram nas mãos de conquistadores que negavam a divindade de Cristo, os escritos do apóstolo sobreviveram a toda tentativa de desacreditá-los ou desmembrá-los. O grande pensador, intérprete de Cristo, sobressai acima de homens que gostariam de reescrevê-lo ou acusá-lo de distorcer e rebaixar as palavras e o significado do seu Mestre. Paulo havia previsto tais atividades: "e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas". Seu próprio chamado, na segunda epístola a Timóteo, permanece em toda a sua simplicidade: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho.

"Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da

justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda."

Nada se sabe do julgamento de Paulo além da tradição que diz que foi condenado por resolução do senado sob a acusação de traição contra o divino imperador. Quanto tempo Simão Pedro e Paulo passaram juntos na prisão antes de serem executados no mesmo dia, como assevera uma crença primitiva, não podemos determinar: possivelmente uns novr meses. A data do seu martírio, honrada na cidade, é 29 de junho de 67. Pedro foi pregado na cruz, em espetáculo público no circo de Nero no Vaticano, de cabeça para baixo de acordo com seu próprio pedido, e Paulo, como cidadão romano, foi decapitado num local menos público.

A antiga tradição do local da execução de Paulo é quase certamente autêntica, mas não se podem determinar os detalhes. Ao passo que podemos seguir passo a passo a Via Dolorosa de Cristo, a de Paulo permanece obscura. Ele teria preferido que assim fosse. E, uma vez que Cristo já tinha palmilhado essa estrada, a caminhada de Paulo não foi uma Via Dolorosa, porque a percorreram juntos: "Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo, e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento." "Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro."

Fizeram-no marchar para fora dos muros, passar a pirâmide de Céstio, que ainda permanece de pé, e prosseguir para a Via Óstia em direção do mar. As multidões a caminho de Óstia reconheceriam um destacamento de execução pelos *lictores* com suas *fascas* de varas, e machado, pelo carrasco carregando uma espada — que no reinado de Nero havia substituído o machado — pela escolta e pelo criminoso algemado, andando todo duro e de pernas tortas, com roupas rasgadas e imundas da prisão, mas não envergonhado nem degradado. Ele ia para uma festa, para um triunfo, para o dia da coroação em direção do qual havia lutado. Aquele que muitas vezes falara da promessa divina da vida eterna em Jesus não podia temer; ele cria, como falara: todas as promessas de Deus encontram nele o seu cumprimento. Carrasco algum iria tirar-lhe a consciência da presença de Jesus; ele não mudava de companhia, apenas de lugar do seu desfrute. Melhor ainda, ele veria a Jesus. Aqueles vislumbres — na estrada de Damasco, em Jerusalém, em Corinto, naquele navio que afundou — agora ele ia vê-lo face a face, conhecer assim como era conhecido.

Marcharam a Paulo até o terceiro marco na Via Óstia, a uma pequena clareira, provavelmente um lugar de túmulos, conhecido então como *Aquae Silviae* ou *Águas de Cura*, e agora como *Tre Fontane*, onde se ergue uma abadia em sua honra. Crê-se que ele tenha passado a noite numa pequena cela, pois este era um lugar comum de execução. Se Lucas tivesse a permissão de permanecer ao lado da janela, se Timóteo ou Marcos tivessem chegado a Roma a tempo, os sons da vigília da noite não seriam de choro, mas de cântico: "entristecidos, mas sempre alegres; como se estivéssemos morrendo e contudo eis que vivemos".

À primeira luz do dia os soldados conduziram Paulo ao pilar. O carrasco, totalmente nu, estava pronto. Os soldados despiram as roupas do apóstolo até a cintura e amarraram-no, ajoelhado, ao pilar que lhe deixava livre o pescoço. Dizem alguns relatos que os *lictores* deram nele com as varas, sendo a surra o prelúdio costumeiro à decapitação, mas nos anos recentes nem sempre infligida. Ainda que tenham administrado esta última e insana dose de dor a um corpo que logo morreria, "Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação.. . ou espada?"

"Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com" — o relampejar da espada — "a glória."

Notas

1. As palavras de 2 Coríntios 5:16: "e, se antes conhecemos a Cristo *segundo a carne*", são agora geralmente entendidas, por causa do contexto, como "embora antes conhecemos a

Cristo *de uma perspectiva humana.*"

2. W. C. van Unnik, em *Tarso oujerusalém* (1962), argumenta de modo inteligente que embora Paulo tivesse nascido em Tarso, passou a infância em Jerusalém. Esse argumento, porém, não me convence.

3. A teoria proposta pelo professor Rudolf Bultmann: os relatos de uma ressurreição corporal eram "a concretização lendária da fé que a igreja primitiva tinha no Ressur-reto, a saber, que Deus havia exaltado ao Crucificado como Senhor."

4. A recente e monumental obra do estudioso de hebraico Birger Gerhardsson (*Memória e Manuscrito*, Uppsala, 1964) tem demonstrado conclusivamente que a autenticidade básica dos ditos de Jesus, antes de serem colecionados nos Evangelhos, e largamente correntes logo após a sua morte, teria sido assegurada pela ênfase judaica à exatidão oral.

5. Perguntei a um grande oftalmologista a respeito da cegueira de Paulo e da recuperação da sua vista. Respondeu ele: "Diz a história que o apóstolo, ao abrir os olhos, não conseguia enxergar. Para mim isso desfaz a possibilidade de uma conjuntivite que lhe estivesse a colar as pálpebras. Quando Ananias o curou, vemos que imediatamente caíram dos olhos de Paulo como que umas escamas. Simplesmente não consigo entender isto. Se um paciente me dá uma resposta totalmente sem sentido como essa, tenho de refazer minha pergunta. As escamas caíram das pálpebras, da frente dos olhos ou caíram de entre as pálpebras, ou está ele querendo dizer algo completamente diferente?"

"É possível que Paulo tenha contraído catarata mediante a radiação ou um mecanismo parecido no episódio da luz brilhante, e o toque de Ananias tenha realizado uma operação, como era prática no passado em muitas partes do mundo. Neste procedimento, a lente da catarata era forçada (por alguma manobra) de volta à substância vítrea, e, desta forma, as pupilas ficavam claras. O paciente então conseguia enxergar, mas somente da maneira embaçada que o olho sem lente pode ver. E esses olhos então inevitavelmente prosseguem para um glaucoma secundário, cegueira total e dolorosa. Se foi isso o que aconteceu no caso de Paulo, fica explicada também a tradição de que o espinho na carne era a dor de olhos causada pela miopia.

"Contudo, acho que tudo isto não passa de teoria pobre que pretende chegar à compreensão do que realmente é um milagre. . . Se conseguirmos informação suficiente, podemos dizer que somos capazes de explicar o acontecimento, mas jamais poderemos nos desfazer do fato de que o que aconteceu foi um milagre! Foi de fato um milagre, pois sua expressividade é tal que somos compelidos a reconhecê-lo como obra divina. A Bíblia, porém, jamais sugere que um milagre seja um passe de mágica do qual Deus teve de lançar mão para tentar salvar uma situação em particular ou transmitir uma importante mensagem."

6. Comparar Marcos 7:14-23 com Romanos 14:14 e Gálatas 5:19-22.

7. Comparar Mateus 5:14-16 e Lucas 8:16 com Filipenses 2:16.

8. Seguindo a opinião de William Ramsay, da qual muitos estudiosos discordam, coloco a visão no templo, a que Paulo se refere em Atos 22 ("Apressa-te, e sai logo de Jerusalém"), em data posterior. Veja o capítulo VIII.

9. Nos dias de Paulo a palavra latina *paganus* ainda significava "rústico", mas ela é empregada aqui no sentido moderno.

10. Veja o capítulo XIX.

11. O livro de Philip E. Hughes *A Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios* apresenta um sumário completo das opiniões sobre as revelações e sobre o espinho na carne.

12. Atos 22.

13. A declaração de Lucas de que *desceram* a Atália e daí navegaram para Antioquia, é outro exemplo de sua extraordinária precisão de linguagem.

14. *In God's Underground* de Richard Wurmbrand e Charles Foley (W. H. Allen, & Co., Ltd., Londres, 1968).

15. Muitos eruditos, antigos e modernos, afirmam que eles foram por terra. A redação de Lucas não é clara neste ponto.

16. Há discórdia quanto a Paulo ter-se dirigido aos aeropagitas nesta pequena colina (o próprio Aerópago), onde se reuniam para julgamentos formais, ou no Pórtico Real do mercado abaixo, onde conduziam os negócios diários. A tendência dos eruditos modernos é aceitar o mercado.

17. Os judeus contavam os dias de 6 da tarde do dia anterior às 6 da tarde do dia seguinte. O primeiro dia da semana, portanto, começava na noite de sábado.

Contracapa

Muitos procuram fazer uma imagem mental de Paulo — o indefinível pequeno

judeu — cuja vida e mensagem têm influenciado dezenove séculos, mas poucos em nossos dias o conhecem tão bem quanto John Pollock, o renomado autor de biografias.

Com a finalidade de realçar o drama da vida de Paulo e sua personalidade profundamente humana, Pollock tira diretamente das Escrituras cada diálogo e descrição. Como fundamento dos tocantes detalhes da vida do Apóstolo, o Autor apresenta ricas informações históricas colhidas em suas pesquisas nas terras bíblicas e em documentos confiáveis dos principais estudiosos do mundo do Novo Testamento.